

W. Y. EVANS-WENTZ

MILAREPA

HISTÓRIA DE UM YOGÍ TIBETANO

Biografia traduzida do original tibetano
ou história biográfica de Milarepa,
de acordo com a versão inglesa do
Lâma Kazi Dawa-Samdup.



Pensamento

*Outras obras de
W. Y. Evans-Wentz:*

O LIVRO TIBETANO
DOS MORTOS

O LIVRO TIBETANO
DA GRANDE LIBERAÇÃO

A IOGA TIBETANA E
AS DOCTRINAS SECRETAS

Outras obras de interesse:

GESTOS DE EQUILÍBRIO
Tarthang Tulku

KUM NYE — TÉCNICAS
DE RELAXAMENTO (2 vols.)
Tarthang Tulku

O PODER DO PENSAMENTO
PELA YOGA
Swami Sivananda

VIVENDO COM OS MESTRES
DO HIMALAIA
Swami Rama

TANTRA NO TIBETE
Tsong-Ka-Pa

CURSO ADIANTADO
DE FILOSOFIA YOGUE
Yogue Ramacháraca

O LIVRO DO CAMINHO
PERFEITO
Lao-Tsé

OUVIDOR

MILAREPA
HISTÓRIA DE UM YOGI TIBETANO

OUVIDOR
1994-8
LIVROS NOVOS E USADOS
COMPRA - VENDE - TROCA
GAL. OUVIDOR L. SP 27/28
201-3288

Alessandra Comac - 94 Junho



OS GRANDES *GURUS* KARGYÜTPA
Descritos às pp. XX-XXIII

MILAREPA
HISTÓRIA DE UM YOGĪ TIBETANO

BIOGRAFIA TRADUZIDA DO ORIGINAL TIBETANO

JETSÜN-KAHBUM

OU HISTÓRIA BIOGRÁFICA DE JETSÜN-MILAREPA,
DE ACORDO COM A VERSÃO INGLESA DO FALECIDO
LÂMA KAZI DAWA-SAMDUP

Compilação e Coordenação

W. Y. EVANS-WENTZ

do Jesus College, Oxford, autor de
O Culto das Fadas nos Países Celtas,
O Livro Tibetano dos Mortos etc.

Tradução

MÁRIO MUNIZ FERREIRA



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Publicado em 2ª edição pela Oxford University Press
com o título de

Tibet's Great Yogī Milarepa
A Biography from the Tibetan Being the Jetsūn-Kahbum
or Biographical History of Jetsūn-Milarepa, According
to the Late Lāma Kazi Dawa-Samdup's English Rendering

Copyright © 1928 e 1951, W. Y. Evans-Wentz

Edição

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12-13-14

Ano

86-87-88-89-90-91-92-93-94-95

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 São Paulo, SP - Fone: 63 3141

Impresso em nossas oficinas gráficas.

DEDICO ESTA BIOGRAFIA DE MILAREPA
ÀQUELES QUE NÃO SE APEGAM À FÉ
BASEADOS NOS LIVROS E NA TRADIÇÃO
MAS BUSCAM O CONHECIMENTO
POR MEIO DA AUTO-REALIZAÇÃO

O CARRO DA VITÓRIA DO YOGĪ

O estado da mente bem-equipada mostrará o caminho
A todo aquele que atingiu a Fé e a Sabedoria;
Os varais são a Consciência; a Mente, o jugo;
E a Cautela, a auriga atenta;
Os arreios da Probidade, o Carro;
O Entusiasmo, o eixo; a Energia, as rodas;
E a Calma, o companheiro de trabalho da Mente bem-equilibrada;
A falta de cobiça, as cortinas.
A Benevolência e a Inofensibilidade são as suas armas,
Junto com o Desapego da Mente.
A Persistência é a armadura do exemplo,
E é para atingir a Paz que o Carro vai adiante.
E, construído pelo eu, pelo próprio ser de alguém,
Ele se torna a incomparável, a suprema carruagem;
Acomodados nela, os Sábios deixam de parte do mundo
E alcançam a Vitória.

O Buddha, do *Samyutta, Nikāya*, v., p. 6.
(Segundo a tradução de F. L. Woodward)

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

O CAMINHO PARA A SIMPLICIDADE E A LIBERTAÇÃO

“Ter poucos desejos e encontrar satisfação nas coisas simples,
eis o sinal de um homem superior” – *Preceitos dos Gurus*.¹

É o convite milenar e sempre repetido pelos super-homens, ao longo dos milênios, a uma vida simples, cheia de esforços, a que responderam Thoreau, Emerson e Whitman na América, que esta obra transmite, do Tibete, Terra das Montanhas Nevoentas, aos povos do Ocidente que exaltaram e supervalorizaram, mas não sem muitas dúvidas desconcertantes, a sua maneira complexa e industrializada de viver.

Ao passo que *O Livro Tibetano dos Mortos*, o primeiro volume de nossa Oxford Tibetan Series, descreve a arte de saber morrer corretamente e escolher um útero para nele renascer, esta obra, segundo volume da referida Série, expõe a arte de governar a vida e de dirigi-la ao objetivo que a tudo transcende da liberação da existência condicionada.

Visto que a vida, a morte e o renascimento são considerados como partes inseparáveis de um processo vital universal pelos seguidores do Buddha e pelos devotos de muitos outros credos, o primeiro volume da Série é complementar ao segundo, embora constitua um tratado yóguico distinto.

A primeira edição desta *Biografia* de Milarepa, ilustre santo budista do Tibete, suscitou a redação de muitas cartas de apreço ao Editor, enviadas não só por leigos e membros da *Sangha*, tanto do Budismo meridional como do setentrional, mas também por hindus e cristãos (católicos e protestantes, indistintamente). O Editor aproveita aqui a oportunidade para agradecer a cada um dos autores das cartas por suas palavras de apreço e de encorajamento. Todos esses correspondentes reconheceram em Milarepa as características universais da santidade, cujo monopólio nenhuma religião pode corretamente reivindicar, e que são comuns aos santos de todas as crenças. Neste sentido, Milarepa pode ser visto como mais um luminar que auxilia a dispersar as trevas da Ignorância, que, segundo disse o Senhor, encobrem o mundo; e a mesma observação que se aplica a Abraham Lincoln, ou seja, de que ele não pertence apenas ao seu país natal mas à humanidade toda, quadra com justiça a Jetsün-Milarepa.

1. Cf. W. Y. Evans-Wentz, *Tibetan Yoga and Secret Doctrines* (Oxford University Press, 1935), p. 80.

Na *Biografia* de Milarepa mostra-se que o caminho yóguico para a Transcendência está acima das fórmulas atinentes à salvação cunhadas intelectualmente e está sempre aberto à humanidade toda, independentemente do credo religioso. Na concepção de Milarepa, nenhum dos métodos mundanos de desenvolvimento intelectual é essencial à obtenção da Sabedoria; o Conhecimento Correto não se obtém, segundo ele, pelo estudo dos livros, nem pela declaração de fé. Muitos dos mais sábios e cultos santos do Tibete e da Índia eram iletrados, como se poderá observar no quarto volume da Oxford Tibetan Series, intitulado *O Livro Tibetano da Grande Liberação*. A esse respeito, o próprio Milarepa apresentou seu testemunho:

“Acostumado a meditar longamente sobre as Secretas Verdades Escolhidas, Esqueci-me de tudo o que se diz nas obras manuscritas e impressas.

“Acostumado por muito tempo a aplicar toda nova experiência ao meu próprio crescimento espiritual, Esqueci-me dos credos e dos dogmas.

“Acostumado por muito tempo a conhecer o sentido do Indizível, Esqueci-me do meio de achar as raízes dos verbos e a fonte das palavras e das frases.”²

É pela autodisciplina da mente, semelhante à maneira como se disciplina um cavalo selvagem, e pela ação de tornar a mente imune às influências obsedantes e yogicamente indesejáveis emanadas da fantasmagoria ilusória do mundo que Milarepa procurará libertar-nos de nosso presente estado de escravidão ao mundo. E por tal razão ele fala, em seu canto sobre o Cavalo da Mente, de como a mente indisciplinada é agarrada pelo Laço da Unidade de Propósito, amarrada ao Poste da Meditação, alimentada pelos Ensinamentos do *Guru* e dessedentada no Ribeirão da Consciência. O Cavalo da Mente é domado pelo Jovem de Intelecto, ao largo da extensa Planície da Felicidade, e conduzido ao Budado.

Assim como o químico que faz experiências com os elementos da matéria, Milarepa fazia experiências com os elementos da consciência; e nenhum discípulo expôs mais do que Milarepa os preceitos de seu Grande Mestre, o Buddha, ao teste da aplicação prática. Devido aos bons resultados de sua prática do Budismo, Milarepa é venerado não apenas pelos budistas de todas as Escolas em seu Tibete natal e nos países da Ásia adjacentes ao Tibete, que o consideram como um Ser Plenamente Iluminado, mas também, especialmente depois da publicação de sua *Biografia* no Ocidente, por um número sempre crescente de pessoas que buscam a verdade em todos os continentes.

Os próprios budistas, e mesmo os da Escola de Milarepa, reconhecem, com justiça, que o caminho de Milarepa, por ser um atalho para a transcendência acima das limitações da existência humana, só será trilhado pelo devoto de dotes excepcionais, cujo progresso evolutivo é condizente com o extraordinário esforço necessário à obtenção do objetivo que está muito distante do lento progresso da humanidade como um todo. Embora sejam poucos os que têm a aptidão espiritual,

2. Cf. pp. 183-84 deste volume.

a resistência física e a disposição para seguir o exemplo de Milarepa, sua descoberta de que o objetivo não é uma miragem, mas pode ser alcançado, é de suprema importância para o resto da humanidade; pois, na perspectiva de seus devotos, será encontrada na *Biografia* de Milarepa a coragem necessária para dar os primeiros passos no caminho, não importando quão longo e árduo possa mostrar-se, nem quantas vidas sejam necessárias para que seja atingido o objetivo alcançado por Milarepa numa única existência, graças à sua preparação superior.

Embora Milarepa, o Santo, nesta época de tecnologia e de utilitarismo, seja encarado com veneração por poucos, ou com indiferença crítica por muitos, é antropológicamente necessário reconhecer, como o faz o eminente historiador de Oxford, o Professor Arnold J. Toynbee, que os homens que mais fizeram para melhorar a vida do homem na Terra não foram os cientistas, com suas maravilhosas e louváveis descobertas, nem os inventores ou técnicos, os líderes da industrialização, ou os generais, os reis e os estadistas, mas os profetas e os santos:

“Quais são, portanto, os maiores benfeitores da presente humanidade? Eu diria: Confúcio e Lao-tsé; o Buddha; os Profetas de Israel e de Judá; Zoroastro; Jesus e Maomé; e Sócrates.”³

Tais foram os raros frutos das civilizações que se estendem do Pacífico ao Mediterrâneo. Nesses poucos indivíduos, a sabedoria de todas as civilizações conhecidas do passado alcançou o seu ponto máximo. Neles se encontram a coroação e a soma gloriosa dos múltiplos esforços evolutivos das inumeráveis gerações de homens que viveram em nosso planeta ao longo dos milênios das grandes culturas da China, da Índia, da Pérsia, da Síria e do Egito, da Arábia, e da Europa, representada pela Grécia. Muito certo é dizer que:

“As obras dos artistas e dos homens de letras sobreviveram aos feitos dos comerciantes, dos soldados e dos políticos. Os poetas e os filósofos têm a palma sobre os historiadores, mas os profetas e os santos superam e sobrevivem a todos eles.”⁴

Muito mais ao Ocidente do que ao Oriente (onde a simplicidade e a auto-suficiência da comunidade aldeã ainda prevalecem largamente), a *Biografia* de Milarepa revelará, talvez de modo chocante, um método de vida diferente do apego às coisas passageiras. Para Milarepa, assim como para muitos outros Sábios da Ásia, a autoconquista é melhor do que a conquista do mundo, e a renúncia ao mundo é melhor do que a acumulação de todas as suas riquezas.

Os bens materiais que Mahātmā Gandhi deixou atrás de si são comparáveis em gênero e valor intrínseco aos deixados por Milarepa. Eles consistiam sobretudo em um cajado de madeira; dois pares de sandálias; um relógio à antiga; uma mesinha de escrever, do tipo que é usado quando se está sentado no chão, com um tinteiro, uma caneta e um pouco de papel para escrever; um par de óculos antiquados;

3. Cf. Arnold J. Toynbee, *Civilization on Trial* (Oxford University Press, Nova York, 1948), p. 156.

4. Cf. *ibid.*, p. 156.

uma esteira para sentar-se em oração ou meditação; alguns livros religiosos, incluindo o *Bhagavad-Gītā*; duas tigelas; duas colheres; e algumas peças de algodão feitas em casa e utilizadas para cobrir sua nudez. Os principais bens materiais de Milarepa eram um cajado de bambu; um manto e uma túnica, ambos também de algodão caseiro; uma tigela de madeira; uma taça feita de um crânio humano oriundo de um cemitério; uma pederneira para fazer fogo; e uma colher de osso.

Embora débil fisicamente, consequência da idade e do auto-sacrifício, Gandhi, o Santo, abalou, como nenhum exército ou força marítima ou aérea poderiam fazer, o poderoso e materialmente imbatível Império Britânico. De igual maneira, quando uma delegação de altos funcionários do governo instou Milarepa a dirigir-se à presença do rei nepalês, ele, recusando a convocação real, contestou a pretensa supremacia do monarca e declarou-se, corajosamente, um poderoso rei, senhor de enormes riquezas e insuperado em grandeza e poder em todos os reinos do mundo.

Quando Gandhi foi recebido em audiência pelo rei-imperador, no Palácio de Buckingham, não trajava roupas formais, exigidas, como ensina Milarepa, pelas “tolas convenções”. Mas foi com uma simples tanga de algodão branco tecido em casa, tal como a usada pelos camponeses hindus, que Gandhi se apresentou diante de Sua Majestade no deslumbrante palácio. Quando lhe perguntaram se seus trajes sumários estavam adequados à ocasião, ele respondeu: “O Rei tinha roupa bastante para nós dois.”

Aquele que é dotado de poderes yóguicos, tais como os alcançados por Milarepa, que incluíam a habilidade yóguica de voar fisicamente pelo ar, não tem necessidade alguma de automóveis, ou de aeroplanos, ou de qualquer outro dos meios mecânicos de transporte e, correlativamente, nenhuma utilidade teria ele para uma sociedade industrializada, que agrilhoa os homens no trabalho das minas de carvão, nas fundições de aço e nas fábricas de produção em massa. Gandhi lutou contra a industrialização em seu próprio país, com relativo insucesso, por achá-la um mal evitável e desnecessário, não porque, como sugere a vida de Milarepa, a *Yoga* possa torná-la obsoleta, mas porque a industrialização destrói as artes e as técnicas que florescem com naturalidade na vida simples e comparativamente feliz de uma comunidade aldeã, impedindo, por consequência, a manifestação do Belo, que é inata a cada membro da humanidade. Para Gandhi, as comunidades aldeãs, que na Índia, assim como na China, foram durante milênios o centro da cultura nativa, florescendo independentemente dos métodos de produção em massa, representam a forma mais satisfatória e economicamente mais estável da sociedade humana. E essa forma de organização social, naturalmente simples e materialmente eficiente, que contribui para o estabelecimento da Cultura Superior, está mais de acordo com os ensinamentos de Milarepa do que a industrialização.

Milarepa era capaz de sobreviver, embora não sem sofrimentos, aos quais era *yogicamente* indiferente, no clima ártico do alto Himalaia, com um pouco de alimento, em virtude do inflexível controle de seu corpo físico e, não raro, sem nenhum outro sustento físico além do derivado, por um processo semelhante à osmose, do ar, da água e do Sol, de forma análoga ao processo pelo qual uma planta produz clorofila. Em sua caverna, não havia aquecimento central ou qualquer outro meio de calefação a não ser o que provinha da prática yóguica do *Tummo* em sua própria morada carnal. Os inúmeros e sempre crescentes produtos de uma industrialização tecnológica, que o homem ocidental acredita serem inquestio-

navelmente necessários, e pelos quais ele troca de livre vontade sua energia física e, com frequência, sua saúde e a maior parte de seu breve tempo sobre a Terra, afigurar-se-iam a Milarepa, assim como ao Buddha, simplesmente, como obstáculos à Vida Correta. Pois o objetivo da vida no corpo humano consiste, segundo ensina Milarepa, não em se chafurdar no lamaçal do conforto e da facilidade, que criam o apego ao mundo, mas evoluir para além da existência mundana, por mais luxuriante, confortável e materialmente feliz que as descobertas da ciência ocidental tornem a existência mundana.

Em seu tempo, Milarepa contemplava com piedade e compaixão, de sua caverna no Himalaia, o modo de vida dos homens fascinados pelo luxo e pelo conforto que o mundo pode dar. E ele observou, como ensina na canção sobre os Cinco Confortos, que quando o desejo do conforto, comum ao homem e aos animais, é transcendido, e quando a Liberdade é obtida, “Nada é desagradável, tudo é confortável”. Assim, ele pede àqueles que foram inspirados pela vida ascética que o poupem de sua inoportuna piedade. Sobre o conforto nos mosteiros, ele cantou:

“Acostumado por muito tempo a encarar meu corpo carnal como meu eremitério, Esqueci-me das comodidades e do conforto dos retiros nos monastérios.”⁵

Com que piedade e compaixão Milarepa não contemplaria a maneira pela qual a humanidade, hoje, vive entre as inúmeras invenções que na Europa e nas Américas são consideradas indispensáveis, e até mesmo pelos monges que ensinam a Vida Correta! Para ele, não é a exploração e a conquista física do mundo pela ciência que realmente importam, mas a conquista do eu e o rompimento de todo o grilhão que acorrenta os homens ao castigo da existência encarnada. Para Milarepa, assim como para todos os santos de todas as religiões, em todas as civilizações e épocas da história humana, o desapego e a completa renúncia ao modo de vida mundano, mais do que o desejo insaciável e a aquisição das coisas perecíveis do mundo, conduz à conquista de um padrão de vida que é o feito mais alto que se pode realizar neste planeta.

Milarepa percebeu muito cedo na vida, quando, ao contrário, a maioria dos homens só reconhece muito tarde, que:

“Todas as atividades mundanas têm um único e inevitável fim, que é a dor: os ganhos terminam em dispersão; as construções, em destruição; os encontros, em separação; os nascimentos, em morte. Sabendo disso, devemos renunciar de imediato aos ganhos, às acumulações, às construções e aos encontros e, fiéis aos preceitos de um eminente *Guru*, entregarmo-nos à tarefa de alcançar a Verdade [que não nasce nem morre]. Essa é a melhor ciência.”⁶

E, quando se aproximava o seu *Nirvāṇa*, Milarepa deu o seguinte conselho a seus discípulos:

“A vida é breve e a hora da morte é incerta, portanto, aplicai-vos à meditação, evitai

5 e 6. Cf. pp. 184 e 193 deste volume.

fazer o mal e adquirir o mérito no máximo de vossas capacidades, mesmo ao preço da própria vida. Em suma, a meta pode ser assim formulada: agi de modo que não vos sintais envergonhados e obrigai-vos firmemente a essa norma. Se assim fizerdes, podereis estar certos de que jamais desobedecereis às ordens dos Buddhas Supremos, apesar de todas as regras conflitantes que podem ser encontradas nas escrituras.”⁷

As regras de Milarepa para a Vida Correta são, por conseguinte, idênticas em essência às que foram enunciadas pelos santos de todas as épocas, na China antiga, na Índia, na Babilônia, no Egito, em Roma, e em nossos próprios tempos. São apenas esses poucos indivíduos de todas as épocas e nações que, portadores da aptidão evolutiva e da disposição para pôr em prática as regras e harmonizar-se com a Irmandade da Compaixão e da Paz, prestaram auxílio à transmissão da Tocha da Sabedoria de uma geração a outra.

Acontece, assim, que, as palavras que Rechung, o fiel discípulo de Milarepa, inscreveu no colofão da versão tibetana original da *Biografia* de Milarepa, o devoto encontrará auxílio espiritual apenas ouvindo, contemplando ou tocando a *Biografia* de Milarepa; além disso,

“Por meio do estudo e da prática desta *Biografia*, a Dinastia dos *Gurus* estará plenamente satisfeita.”⁸

O *Guru* tibetano Phadampa Sangay, que parece ter florescido à mesma época de Milarepa, e cujos ensinamentos testamentários serão publicados no quarto volume desta Série, *O Livro Tibetano da Grande Liberação*, aconselhou seus discípulos com as seguintes palavras, que, por serem pessoalmente aplicáveis a todos os leitores deste volume, são aqui apresentadas como fecho adequado deste Prefácio:

“Tal como o Sol que emerge num clarão entre as nuvens, assim é o *Dharma*: Sabei que aqui brilha esse Sol; usai-o sabiamente, ó povo de Tingri.”

W. Y. E. — W.

San Diego, Califórnia
No dia de Todos os Santos de 1950

7. Cf. p. 195 deste volume.

8. Cf. p. 235 deste volume.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Na Introdução e nas Anotações da presente obra, assim como nas do *Livro Tibetano dos Mortos*, tentei comunicar ao Mundo Ocidental e, assim, dar a público alguns aspectos dos Ensinamentos Mahāyānicos Superiores ou Transcendentais, que me foram entregues para esse propósito pelo Tradutor, o falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup, meu *Guru* tibetano. Pelos defeitos que os críticos poderão descobrir em minha transmissão — e não posso ter a esperança de havê-lo expurgado de todos os erros —, assumo plena e total responsabilidade.

Além da grande dívida que eu, como discípulo, tenho para com aquele que foi o meu preceptor, externo meus agradecimentos aos *yogīs* do Himalaia e da Índia (cujos nomes omito a pedido deles), de quem tive a boa sorte, durante minhas viagens pela Índia na condição de estudante, de recolher, em primeira mão, informações autorizadas a respeito dos mesmos antigos ideais de Ascetismo e de Renúncia ao Mundo, que Milarepa, fiel ao seu *Guru* Supremo, Gautama Buddha, havia exposto de modo tão eloquente nesta sua *Biografia*. Tais ideais ainda hoje encontram, felizmente, numerosos adeptos entre hindus, budistas, jainistas, taoístas, sufis islamitas, e mesmo cristãos nativos, por toda a Ásia.

Entre os meus mestres ocidentais, muito devo ao Dr. R. R. Marett, Professor de Antropologia Social na Universidade de Oxford e Membro do Exeter College, em particular pelo incentivo que me deu no que toca ao meu trabalho no campo, para mim até então incomum, da pesquisa antropológica, desde a ocasião em que pela primeira vez cheguei a Oxford, em 1907.

Agradeço também ao Major W. L. Campbell, C.I.E., I.A. (aposentado), ex-Conselheiro representante do Governo Britânico no Tibete, no Butão e no Sikkim, que auxiliou o Tradutor a aperfeiçoar sua versão da *Biografia*, assim como a todos os que leram esta obra e, também, ao seu Editor. A Monsieur Jacques Bacot quero expressar especial agradecimento pelo seu auxílio na transliteração e tradução de nomes próprios tibetanos aqui contidos, e pela orientação de sua interessante e muito esclarecedora tradução francesa do *Jetsün-Kahbum*, intitulada *Le Poète Tibétain Milarepa* (Paris, 1925). Muito lhe devo também pelas informações contidas em duas extensas cartas que me enviou, concernentes às versões e variantes do texto.

Ao Dr. F. W. Thomas, Professor de Sânscrito na Universidade de Oxford, agradeço as sugestões relativas à grafia e à transliteração de palavras orientais; e ao Sr. E. T. Sturdy, tradutor do *Nārada Sūtra*, que leu as provas finais da *Biografia*, o meu idêntico reconhecimento.

Ao meu colega de Oxford, o Sr. E. S. Bouchier, M. A. (Oxon.), F. R. Hist. S., autor de *Syria as a Roman Province*, *A Short History of Antioch*, etc. sou muitíss-

simo grato pelo auxílio que me prestou, lendo e criticando minha versão da tradução, tanto nos manuscritos como nas provas, facilitando, assim, a sua publicação numa época em que me foi necessário deixar a Inglaterra e retornar aos meus deveres na Índia.

Agradeço igualmente a Sj. Atal Bihari Ghosh, de Calcutá, Secretário Honorário Adjunto e a Sir John Woodroffe, da *Āgamānusandhāna Samiti*, por terem examinado criticamente o livro à luz do pensamento indiano, em especial do Bramanismo e do Tantrismo, assim como ao Sr. Sri Nissanka, de Colombo, Ceilão, por uma colaboração semelhante, mormente no que toca ao Budismo meridional; devo a todos, também, as anotações que me forneceram.

É ardente o desejo do organizador de que esta obra sirva, à sua maneira, para ajudar os povos da Europa e da América a compreenderem que os povos do Oriente são motivados pelos impulsos comuns a toda a humanidade, e apegados a ideais religiosos que nada diferem em essência das suas próprias formas de crença; que, antropológicamente, a raça humana constitui uma única Família, e que as diferenças externas conseqüentes das características raciais hereditárias, da pigmentação e do meio físico são, na verdade, absolutamente superficiais. O antigo muro divisor, edificado na Idade das Trevas e constituído pelo preconceito e pelos equívocos oriundos da falta de conhecimento científico, está de pé há muito. Quando, finalmente, a Ciência o tiver demolido, chegará então a hora de os líderes das raças e das nações trabalharem não apenas pela Federação do Mundo, mas também pela Federação da Verdade que existe em todas as Religiões.

Não posso concluir este Prefácio de maneira mais adequada, senão citando as próprias palavras do Tradutor:

“Que esta tradução da história da vida de Milarepa possa contribuir um pouco para torná-lo mais conhecido e estimado em outras terras como já o é na sua própria; esse foi o objetivo que me impeliu enquanto trabalhava em minha obra, e que permanece como minha ardente prece, enquanto deponho a pena.”

W. Y. E.—W.

Jesus College, Oxford,
21 de junho de 1928.

MILAREPA

Eu sou Milarepa, de grande fama,
Filho direto da Memória e da Sabedoria;
Mesmo assim, sou velho, desamparado e nu.
De meus lábios brota uma pequena canção,
Pois toda a Natureza que contemplo
É para mim um livro.
O bastão de ferro que tenho em mãos
Guia-me pelo Oceano da Vida Mutável.
Sou o senhor da Mente e da Luz;
E, mostrando façanhas e milagres,
Não dependo das divindades terrenas.

Milarepa, do *Gur-Bum*
(Segundo a tradução de G. Sandberg)

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	VII
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	XIII
DESCRIÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES	XX
INTRODUÇÃO	1
I. A Importância do <i>Jetsün-Kahbum</i>	1
II. Valor Histórico da Narrativa	2
III. As Escolas Tibetanas da Filosofia Budista	3
IV. A Sucessão Apostólica de Kargyüpa	5
V. Os Modernos Sucessores de Milarepa	7
VI. Os Kargyüpas Comparados com os Gnóstico-Cristãos	8
VII. Seitas Dissidentes	9
VIII. Árvore Genealógica das Seitas Lamaístas	11
IX. A Defesa do Ideal Eremita	12
X. O Problema do <i>Arhant</i>	15
XI. O Texto e Sua Tradução	18
XII. O Lugar do <i>Jetsün-Kahbum</i> na Literatura do Tibete	20
XIII. Milarepa, um dos Heróis da Humanidade	21
INTRODUÇÃO (DO TIBETANO) POR RECHUNG, DISCÍPULO DE MILAREPA	25

PARTE I O CAMINHO DAS TREVAS

CAPÍTULO I: LINHAGEM E NASCIMENTO

Narrativa dos Sonhos de Rechung, que Levaram à Redação Desta <i>Biografia</i> , e da Linhagem e Nascimento de Milarepa	33
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

CAPÍTULO II: O GOSTO DA DOR

Narrativa da Morte e da Última Vontade do Pai de Milarepa; da Apropriação Indébita da Herança Pelo Tio e Tia Paternos; e das Conseqüentes Aflições que Milarepa, Sua Mãe e Sua Irmã Tiveram de Suportar	44
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

CAPÍTULO III: A PRÁTICA DA ARTE NEGRA

- Narrativa do *Guru* de Jetsün e do Seu Domínio da Arte Negra; e de Como Jetsün Destruiu Pela Magia Trinta e Cinco de Seus Inimigos e a Rica Colheita de Cevada dos Outros 49

PARTE II O CAMINHO DA LUZ

INTRODUÇÃO 63

CAPÍTULO IV: A BUSCA DO *DHARMA* SAGRADO

- Narrativa de Como Jetsün Abandonou Seu *Guru* da Arte Negra; e de Como Jetsün Encontrou Seu *Guru* da Verdadeira Doutrina, Marpa, o Tradutor 64

CAPÍTULO V: O NOVICIADO E A PENITÊNCIA

- Narrativa de Como Jetsün Obedeceu às Ordens de Seu *Guru* Marpa, Sofrendo por Isso Estranhas e Dolorosas Experiências e Grandes Atribulações; e de Como, Desanimado, Abandonou por Três Vezes a Marpa e Buscou Outro *Guru*, Voltando em Seguida para Marpa 70

CAPÍTULO VI: A INICIAÇÃO

- Narrativa da Conclusão das Provações de Jetsün; da Iniciação de Jetsün; e das Predições de Marpa a Respeito de Jetsün 94

CAPÍTULO VII: A ORIENTAÇÃO PESSOAL DO *GURU*

- Narrativa dos Frutos da Meditação e do Estudo de Jetsün; da Última Viagem de Marpa à Índia; do Sonho Profético de Jetsün e de Sua Interpretação por Marpa; e das Incumbências Especiais de Marpa a Cada um de Seus Quatro Discípulos Principais 99

CAPÍTULO VIII: A SEPARAÇÃO DO *GURU*

- Narrativa de Como Jetsün, Guiado por um Sonho, Deixou Seu Eremitério e, Dirigindo-se ao Seu *Guru*, Obteve Permissão Para Visitar Tsa, o Local de Nascimento de Jetsün; das Instruções e Conselhos Finais do *Guru*; da Dolorosa Separação; e de Como Jetsün Alcançou Tsa 117

CAPÍTULO IX: A RENÚNCIA

- Narrativa da Desilusão que Assaltou Jetsün Quando Chegou à Sua Casa; e de Seus Votos de Viver a Vida Ascética e Praticar a Meditação em Solidão 129

CAPÍTULO X: A MEDITAÇÃO EM SOLIDÃO

- Narrativa de Como Jetsün Abraçou Solitária Meditação nas Montanhas Desoladas; das Experiências Externas e dos Resultados Psíquicos que se Seguiram; e de Suas Canções que Relembra Cada Evento 136

CAPÍTULO XI: OS EREMITÉRIOS E OS SERVIÇOS PRESTADOS AOS SERES SENCIENTES

Narrativa Sobre os Discípulos de Jetsün e Sobre os Locais de Meditação; e Sobre os Registros Escritos Concernentes a Jetsün

175

CAPÍTULO XII: O *NIRVANA*

Narrativa de Como Jetsün Veio a Tomar Coalhada Envenenada da Concubina de Tsaphuwa; da Última Assembléia dos Seguidores de Jetsün e dos Conseqüentes Prodígios; do Discurso de Jetsün Sobre a Doença e a Morte; de Seus Últimos Ensinamentos Testamentários; da Conversão de Tsaphuwa; da Última Vontade; da Passagem ao *Samādhi*, e dos Conseqüentes Fenômenos Sobrenaturais; da Chegada Tardia de Rechung e de Sua Prece a Jetsün, e da Resposta; dos Maravilhosos Eventos Relacionados com a Cremação e as Relíquias; da Execução da Última Vontade de Jetsün; e do que Concerne aos Seus Discípulos

182

APÊNDICE

231

COLOFÃO

235

ÍNDICE ANALÍTICO

237

KARMA

“Só os Buddhas e os *Arhants* descobriram a minha verdadeira natureza em sua autêntica essência, e triunfaram sobre mim. Todos os outros seres, porém, vivem sob o meu despótico governo: eu os submeto à morte e os faço viver; sou a divindade que lhes concede a prosperidade com que regozijam, e ocasiono o encadeamento das boas e más ações na humanidade. Deuses, imperadores, reis, ricos e pobres, fracos e fortes, nobres e ignóbeis, os espíritos felizes e infelizes que existem neste mundo e nos mundos inferior e superior – a todos esses elevo ou rebaixo aos seus respectivos estados. Humilho o soberbo e exalto o humilde, de acordo com suas várias obras. Por essas razões, sou, de fato, o Deus que governa este Universo [fenomênico].”

*Da Autoproclamação de Onipotência do Karma.*¹
(Tradução do Lāma Kazi Dawa-Samdup)

“Do que praticamos agora depende nosso futuro;
Como a sombra que segue o corpo, assim o *Karma* nos segue.
Todos temos, por força, de sentir o gosto do que fizemos.”

De O Rosário Dourado da História de Padma
*[Sambhava],*² Capítulo IX.
(Tradução do Lāma Kazi Dawa-Samdup)

1. O Editor original encontrou entre os papéis do falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup uma tradução inglesa que consistia em três páginas e que portava este título (mas sem o título tibetano do texto original), de onde a citação foi tirada. Ao final da tradução, há a seguinte nota: “Traduzido por Dawa-Samdup de acordo com as explicações dadas pelo Rev. Prajñā Sathi. 28-5-1917.”

2. Tib. *Padma-Thangyig-Serteng*.

DESCRIÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES

I. FRONTISPÍCIO: OS GRANDES GURUS KARGYÜTPA

p. II

Reprodução fotográfica (com cerca de metade do tamanho original) de uma aquarela, pintada pelo falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup, em Gangtok, Sikkim, durante o ano de 1920, rigorosamente de acordo com as tradições da arte monástica tibetana, que mostra os *Gurus* Principais, ou Grandes Mestres, da Escola Kargyütpa (tib. *Bkag-rgyund-pa*) do Budismo setentrional. Trata-se de um presente de despedida ofertado pelo Lāma ao Editor.

A figura superior representa o Divino *Guru*, o Celestial Buddha Dorje-Chang (sâns. *Vajra-Dhara*), o “Portador do *Dorje*” (o Raio Espiritual ou Cetro dos Deuses), de Quem deriva a Tradição Esotérica dos Kargyütpas. A Igreja Organizada não vê Nele apenas uma Emanação do Buddha Shākya Muni, mas venera-O, tal como as escolas Kargyütpa o fazem, como o Soberano dos Buddhas Celestiais, analogamente ao Ādi-Buddha, ou Buddha Primordial da Antiga Escola do Padma Sambhava. Ele traça as ricas vestes principescas tradicionalmente imputadas aos Buddhas Dhyānī (ou Buddhas da Meditação) da Ordem *Sambhoga-Kāya*, a que pertence. O fato de estar vestido como um Príncipe indica que Ele exerce domínio direto sobre os Seres Sencientes e sobre seus sentimentos morais. Ele mostra um semblante passivo e tem belas feições, porque é de natureza passiva (ou não-impulsiva), sendo também a Fonte da Virtude, da Verdade e da Justiça. Está sentado na Postura de Buddha (sâns. *Vajra-Āsana*), porque Sua mente está eternamente no estado imperturbado (ou quiescente) do *Samādhi*. O sino que segura na mão esquerda simboliza o Vazio (sâns. *Shūnyatā*) enquanto Intelecto; o *dorje* na mão direita simboliza o Método Divino e o Poder Espiritual. Está sentado num trono em forma de leão para indicar que não sofre mais o medo da Mudança, e os dois leões na base do trono simbolizam a Intrepidez. A cor azul simboliza a Sua imutabilidade e a eternidade de Sua existência, visto que é semelhante ao azul do céu eterno. Por ser o protótipo da Hierarquia *Heruka* das Divindades *Bódhicas*,¹ Ele

1. À semelhança de certas divindades do *Bardo Thödol* (ver *O Livro Tibetano dos Mortos*), o Buddha *Heruka*, representado geralmente como um ser andrógino (tib. *yab-yum*), de aspecto tanto pacífico (tib. *Z'i-wa*) como colérico (tib. *T'o-wo*), é, esotericamente, uma personificação tântrica do Poder da Salvação, o único que possibilita a obtenção da Iluminação ou do Budado. Aqui, esse Poder é expresso pela Divina Pessoa de Dorje-Chang e, em consequência, por Seus Iniciados encarnados na Terra, em especial por aqueles que são Grandes *Yogīs*, pois esses, que renunciaram ao mundo, são, num sentido esotérico, os *Herukapas*, “Os Desnudos”, referindo-se à sua “nudez”, às coisas do *Sangsāra*, de que eles se despojaram.

ostenta um colar de contas de osso, símbolo da renúncia e da conquista do *Sangsāra* (a Roda de Nascimento e da Morte). Portanto, Ele combina em Si as qualidades yóguicas tanto do Buddha *Heruka* como do Dhyānī.

À direita do Divino *Guru* está o primeiro dos *Gurus* humanos, o *Yogī* (ou Santo) indiano Tilopa, que recebeu orientação e ensinamentos diretamente do Divino *Guru*. O peixe dourado que Tilopa segura no ar em sua mão direita simboliza os seres sencientes imersos no Oceano da Existência *Sangsārica* (ou Mundana), e indica o poder de Tilopa para emancipá-los e salvá-los.² O crânio repleto de sangue que Tilopa segura em sua mão esquerda simboliza sua habilidade para conceder *siddhi lókicos* (poderes ocultos pertencentes ao mundo) em seu caráter como um *Heruka*, sendo a sua natureza *Heruka* indicada pela tiara de crânios humanos e pelos ornamentos de osso que o adornam. O trono de lótus sobre o qual está sentado indica que pertence à Ordem de Lótus dos *Gurus*. A cor vermelha das pétalas de lótus é o símbolo da *Sukhāvatī* (o Paraíso Ocidental), onde reina o Buddha Amitābha, Aquele que tem Luz Ilimitada, o Iluminador, cujo símbolo é o vermelho místico que tudo consome e purifica e o místico Elemento Fogo; acredita-se que Tilopa tenha sido uma encarnação de Amitābha. O verde da aura de Tilopa, e das outras auras na aquarela, representa a equanimidade yóguica ou a harmonia e o poder espiritual.

No lado oposto ao de Tilopa, sobre um trono de lótus, está o segundo dos *Gurus* humanos, o *Yogī* (ou Santo) indiano Naropa, soprando uma trombeta feita do chifre de um carneiro,³ proclamando a glória da sua ordem e em honra de seu *Guru* Tilopa. A tiara de crânios humanos de Naropa, como a de Tilopa, e os ornamentos de ossos sobre o corpo, além de indicarem o caráter *Heruka* de seu portador, simbolizam esotericamente o princípio ou base fundamental do Universo, o *Dharma-Kāya* (ou “Corpo da Verdade”), que é a Norma do Ser, o *Nirvāṇa* In-

2. O símbolo do peixe adotado pelos cristãos primitivos, em especial, no período das catacumbas, provavelmente de fontes orientais, sugere um significado similar em relação ao *Christos* enquanto Salvador da Humanidade.

3. Depois do surto de uma séria epidemia no gado bovino na Índia, país de origem de Naropa, não é incomum o sacerdote ou astrólogo de uma aldeia tomar uma trombeta feita do chifre de um carneiro e andar à volta do gado e da aldeia, soprando-a com o propósito de repelir ou mesmo de exorcizar a epidemia. Da mesma forma, sete sacerdotes judeus, cada qual soprando uma trombeta de chifre de carneiro, seguidos pela Arca da Aliança, andaram diariamente à volta de Jericó por seis dias sucessivos e, no sétimo, realizaram uma sétupla circumambulação, em consequência do que, depois de as sete trombetas terem longamente estrugido e as pessoas emitido um grande clamor, conforme as ordens do Senhor, as muralhas da cidade caíram e a cidade foi tomada (*Josué*, VI, 4-20).

Assim, tanto entre os antigos judeus como entre os modernos hindus, o som emitido pela trombeta de chifre de carneiro é empregado magicamente, tal como o som *mântrico* o é no *Mantra Yoga* (cf. *O Livro Tibetano dos Mortos*, na seção sobre os “*Mantras*, ou Palavras de Poder”, p. 167). Mas para os iniciados no Tantrismo esse som tem um significado esotérico. Este decorre do fato de que a trombeta de chifre de carneiro simboliza, tal como nas mãos de Naropa, o exorcismo dos Demônios da Mundaneidade, do Egoísmo e da Ignorância (sâns. *Avidyā*), graças ao qual a Ilusão (sâns. *Māyā*) da Existência *Sangsārica* é dissipada e o Caminho Nirvânico da Completa Libertação, chamado Budado, é revelado.

criado e Sobrenatural, porque significam a Vitória sobre o Nascimento e a Morte — sobre todas as Transformações. Os ornamentos *yóguicos*, tais como os trajados por Tilopa e Naropa, são comumente classificados em seis tipos: (1) a tiara de crânios, (2) as armilas, (3) os braceletes, (4) as tornozeleiras, exibidas apenas por Naropa, (5) o avental de contas de osso e o cinto combinados, que não são visíveis em nossa aquarela, e (6) a linha dupla de contas de osso que se estende dos ombros ao peito, firmando o Espelho peitoral do *Karma*, onde, segundo descreve *O Livro Tibetano dos Mortos* (p. 19), se refletem todas as ações, boas e más. Esses seis ornamentos (geralmente de ossos humanos) denotam as Seis *Pāramitā* (as “Virtudes Infinitas”), que são: (1) *Dāna-Pāramitā* (“Caridade Infinita”), (2) *Shīla-Pāramitā* (“Moralidade Infinita”), (3) *Kṣhānti-Pāramitā* (“Paciência Infinita”), (4) *Vīrya-Pāramitā* (“Esforço Infinito”), (5) *Dhyāna-Pāramitā* (“Meditação Infinita”) e (6) *Prajñā-Pāramitā* (“Sabedoria Infinita”). Para atingirmos o Budado e, como Bodhisattvas, assistirmos à salvação de todas as criaturas, devemos praticar assiduamente as Seis *Pāramitā*. Naropa, como os dois *Gurus* anteriores, está sentado em uma das numerosas posturas (ou *Āsanas*) *yóguicas*. Seu trono também é um lótus vermelho, mas menos vermelho do que o de Tilopa, e simboliza igualmente a Sukhavātī e a qualidade de discípulo de Naropa, na Ordem de Lótus dos *Gurus*.

O *Guru* Marpa, popularmente conhecido como Marpa, o Tradutor, por causa das diversas obras, principalmente de *Yoga* Tântrica, que ele recolheu em manuscritos na Índia, para onde fez inúmeras viagens, e depois por ele traduzidas para o tibetano, é representado pela figura central na base da aquarela. Ele traça vestes semileigas (isto é, roupas em parte lamaístas e em parte leigas) de um tibetano de boa família, pois, não obstante ser um famosíssimo *Guru* da Linhagem, nunca renunciou, como os demais, à vida familiar. Como Tilopa, segura um crânio humano repleto de sangue (representado no ritual lamaísta pela água-benta tingida de vermelho), indicando, assim, que ele também obteve o direito e o poder de conceder *siddhi lóxicos*. Está sentado num trono de lótus branco, que simboliza a sua qualidade de membro da Ordem do *Vajra* (tib. *Dorje*), conhecida também como a Ordem do Oriente, sendo o branco a cor atribuída ao quadrante oriental do céu.

Milarepa, mais comumente conhecido no Tibete como Jetsün-Milarepa, figura à direita de Marpa, que foi seu *Guru*, sentado numa caverna sobre uma pele de antílope, tal como a que os *yogīs* utilizam quando praticam a *Yoga*. Ele traça um simples pano de algodão, a veste dos ascetas Kargyütpa, indicando que, sem qualquer outra cobertura sobre seu corpo, ele pode suportar o frio intenso, semelhante ao das zonas árticas, que prevalece nas elevadas regiões cobertas de neve do Tibete. Como Tilopa e Marpa, Milarepa segura um crânio repleto de sangue, como símbolo de seu poder de conferir *siddhi lóxicos*. Ele canta um hino e, por isso, coloca a mão direita na orelha. A faixa vermelha sobre seu peito, comparável a um fio sagrado bramânico, é uma faixa de meditação *yóguica*, igual à que os *yogīs* tibetanos usam para prender as pernas na postura (ou *Āsana*) da meditação profunda quando estão no estado de transe do *Samādhi* (cf. p. 150, n. 15). Tilopa e Naropa trajam igualmente essas faixas de meditação. O símbolo do leão na entrada de sua caverna significa que ela se localiza na alta e isolada vastidão do Himalaia, tal como as habitadas pelo puma solitário; Milarepa é “O Leão Destemido do *Dharma* (da Verdade)” — cf. p. 28, n. 12 — e a caverna, “A Toca do Leão”.

Gampopa, à direita de Marpa, é representado usando as vestes de um *lāma*

da Irmandade Kargyütpa, sentado sobre uma almofada ricamente bordada numa tenda de pregação. Ele proclama, com a ajuda do Livro Sagrado Tibetano que segura, a Doutrina do Iluminado — o Término da Dor e o Caminho da Libertação Final. Gampopa é o quinto dos Grandes *Gurus* que assumiram a forma humana para o bem de todos, e o sexto na Sucessão iniciada pelo *Guru* Celestial Dorje-Chang, que segundo acreditam os modernos Kargyütpas, ainda confere à Irmandade na Terra a bênção espiritual, transmitida telepaticamente em “ondas de graça”, diretamente do Mundo Celeste, onde reina. De Gampopa, que foi o discípulo espiritualmente mais bem-dotado de Milarepa, até os nossos dias, a Dinastia de Mestres Kargyütpa não sofreu nenhuma quebra de continuidade.

II. MILAREPA, O *YOGĪ* (tib. *Nal-jor-pa*) OU SANTO TIBETANO

p. 24

Aqui, Milarepa (a figura do centro em torno da qual há inúmeros devotos, humanos e celestes, fazendo-lhe oferendas e prestando-lhe obediência) é representado, segundo a tradição popular, com a mão direita ao ouvido, para indicar que está cantando um hino, cercado por muitos quadros em miniatura entrelaçados, cada um dos quais ilustrando algum episódio descrito na *Biografia* (ou *Jetsün-Kahbum*), de que o nosso texto é uma tradução fiel. No primeiro plano, ao centro, por exemplo, logo abaixo de Milarepa e até a parte inferior da gravura, figuram os edifícios de diversas formas que ele construiu quando suportava severa penitência sob a orientação de seu *Guru* Marpa (cf. pp. 72 e segs. e 95-6); e à direita de Milarepa, na borda da gravura, vemos as quatro colunas encimadas por diferentes animais simbólicos, e a grande montanha em redor da qual elas estão colocadas, conforme a descrição do sonho de Milarepa sobre a Hierarquia Kargyütpa (cf. pp. 110-12). Como na figura acima descrita, Milarepa está sentado em postura *yóguica* sobre uma pele de antílope, trajando um simples pano de algodão (aqui, ricamente bordado), com a faixa de meditação sobre o peito.

Essa ilustração é uma cópia fotográfica de uma gravura que se encontra nas casas dos Leigos em todo o Tibete, e que é tão popular entre os budistas tibetanos quanto as imagens dos santos cristãos na cristandade. Tal fato sugere a veneração e o respeito que todas as classes do Tibete continuam a prestar a Milarepa, quase nove séculos depois da época em que viveu.

Com a amável permissão do Dr. L. A. Waddel, essa ilustração foi reproduzida da gravura que se encontra à frente da p. 64 da conhecida obra desse autor, *The Buddhism of Tibet, or Lāmaism*, Londres, 1895 (da qual muito aproveitamos).

III. AKṢHOBHYA, O BUDDHA DHYĀNĪ

p. 35

Conforme descrevemos em nosso texto à p. 34, Akṣhobhya (o “Imperturbável” ou “Inquebrável”) é um dos Cinco Buddhas Dhyāni, peculiares ao Budismo setentrional. Ocupa o segundo lugar na Ordem, sendo Vairochana o primeiro, Ratna-Sambhava o terceiro, Amitābha o quarto e Amogha-Siddhi o quinto; ver *O Livro Tibetano dos Mortos*, pp. 74-92, para descrições detalhadas de todos eles.

Aqui, Akṣhobhya é visto sentado com as pernas cruzadas e as plantas dos pés voltadas para cima, sendo esta a postura *yóguica* comumente atribuída a todos os Buddhas de Meditação e às suas imagens. A mão esquerda repousa sobre seu colo

na *mudrā* da meditação. A mão direita toca a Terra com as pontas dos dedos estendidos e a palma voltada para baixo; ela está no *Bhūmispārsha*, ou *mudrā* “do testemunho”, atribuído pela Escola Gandhāra do Budismo ao Buddha Gautama. para representar a Sua invocação à Terra como testemunha de que havia resistido às tentações de Mārā, o Demônio. O terceiro olho (sâns. *ūrṇā*) sobre a fronte de Akṣhobhya, próximo à junção das sobrelanceiras, indica Sua sabedoria e presciência espiritual; e a protuberância *bódhica* (sâns. *uṣṇīṣha*) sobre Sua cabeça indica o Seu Budado.

Essa ilustração e a seguinte; de número IV, são reproduções fac-similares das imagens em bronze estampadas em *The Gods of Northern Buddhism* (Prancha II, *b* e *d*), de Alice Getty, a quem o Editor agradece a permissão para aqui reproduzi-las.

IV. O GURUSUPREMO: O ĀDI-BUDDHA VAJRA-DHARA p. 105

Aqui, como na p. II, Vajra-Dhara é visto na postura *yóguica* de meditação, à semelhança de um Buddha Dhyānī. Seus braços estão cruzados sobre o peito, na postura do Buddha Supremo e Eterno (sâns. *vajra-hūṃ-kāra-mudrā*). Sua mão direita empunha o *vajra*, símbolo também da Verdade Mística (que, como o *vajra*, o relâmpago dos deuses, não pode ser destruída), ou da Sabedoria Divina, que aniquila todas as paixões e conduz ao controle da existência *sangsárica* (ou mundana). A mão esquerda segura o sino com a alça *vajra*, conhecida em sânscrito como *ghaṇṭā*. Como Akṣhobhya, Ele possui a *ūrṇā* e o *uṣṇīṣha*, símbolos de Sua Iluminação.

V. MILAREPA EXIBE SEUS PODERES OCULTOS p. 199

Aqui, Milarepa, transfigurado e provido de um halo, é visto rodeado de seus principais discípulos, sentado numa postura *yóguica*, na Caverna de Brilhe, em Chūbar pouco antes de seu *Pari-Nirvāṇa* (cf. pp. 202-03, 207 e 211). Ele exhibe os símbolos e sinais de seu domínio sobre as Ciências Ocultas, enquanto dá aos discípulos a sua bênção final. Sobre ele, vê-se uma gloriosa *Maṇḍala* figurativa e na pequena caverna adjacente estão a Roda da Lei simbólica e as Flamas da Sabedoria, magicamente produzidas. (Cf. as manifestações similares de Marpa, pp. 119-20.)

Essa ilustração é uma cópia fotográfica da reprodução de uma pintura tibetana (“Os Principais Discípulos Solicitam em Chūbar a Bênção), extraída da p. 165 de *Le Poète Tibétain Milarepa* (Paris, 1925), de Jacques Bacot, que gentilmente permitiu ao Editor a sua reprodução.

DESCRIÇÃO DOS EMBLEMAS

A BANDEIRA DA VITÓRIA p. 23

(Ver p. 27, n. 6)

O CH'ORTEN TIBETANO p. 200

(Ver p. 200)

INTRODUÇÃO

"Assim como aquele que deseja atingir uma cidade ardentemente cobiçada precisa de olhos para ver o caminho e de pés para cruzar a distância existente, do mesmo modo, aquele que deseja atingir a Cidade do Nirvãna precisa dos Olhos da Sabedoria e dos Pés do Método."

Prajñā-Pāramitā.

I. A IMPORTÂNCIA DO JETSÜN-KAHBUM

Esta *Biografia* de um dos Grandes Gênios Religiosos da raça humana apresenta-nos um vívido registro das condições sociais existentes no Tibete dos séculos XI e XII da era cristã. Nós ocidentais esquecemos com muita facilidade que a Índia, assim como a China, era altamente civilizada à época em que a Europa ainda estava numa fase de relativo barbarismo; e que o Tibete, desde o século VII, favorecido pelo influxo da cultura oriunda da China a leste e da Índia ao sul, era, no tempo em que viveu Milarepa, inferior em suas limitações medievais e, provavelmente, superior em seu notável desenvolvimento filosófico e religioso ao Mundo Ocidental da mesma época. Na Europa, a glória de Atenas e de Alexandria há muito havia sido extinta pela Idade das Trevas; as especulações científicas e filosóficas haviam sido confinadas, pelas autoridades eclesiásticas, aos estreitos limites de um pedante escolasticismo; os filósofos árabes de Córdoba e Bagdá guardavam o Saber dos Antigos até que a Europa ressurgisse para um Ano Novo na Renascença; mas, em todo o Oriente, o Fogo Prometéico jamais se apagou. Até os nossos dias, a China e a Índia preservaram intata uma cultura cujas origens se perdem no passado.¹ As civilizações da Babilônia, do Egito, da Grécia, de Roma floresceram e desapareceram, mas as da China e da Índia, a despeito dos distúrbios sociais provenientes do contato com o utilitarismo do Ocidente, sobreviveram; e, se continuarem a preservar sua extraordinária virilidade espiritual, poderão muito bem sobreviver à

1. "O Oriente, mesmo em seus dias de prosperidade material, jamais esqueceu a supremacia das coisas espirituais. Reis abandonaram seus reinos para terminar seus dias em meditação, na solidão das selvas ou das montanhas. 'Morrer no posto' era, então, e ainda é, um mal a ser evitado. Aqui reside o segredo da imperecível vitalidade do Oriente" (Sj. Atal Bihari Ghosh).

civilização materialista do Ocidente e continuar a conduzir a humanidade para mais perto do Ideal Superior da conquista do mundo pelo poder divino que existe no homem, e não por sua força animal consumida na selvageria das guerras. Pelo menos esse é o ideal em que se baseiam os ensinamentos de Milarepa aplicados aos problemas da sociedade sobre a Terra; e, neste sentido, estão de acordo com os ensinamentos de Buddha, de Cristo e de todos os Grandes Guias da Ásia, que pelo Amor e pela Compaixão contribuíram muito mais para elevar a condição da humanidade do que as inumeráveis hostes de exércitos e seus comandantes.

À época em que Milarepa meditava nos contrafortes nevoentos do Himalaia tibetano, a cultura do Islão propagava-se por todo o Hindustão. É graças a ele, assim como ao seu mestre Marpa (que empreendeu inúmeras viagens à Índia para recolher manuscritos da tradição indiana e budista), que a herança espiritual da Índia, ameaçada então de ser destruída, foi aplicada às necessidades da sociedade tibetana e preservada até hoje. Na mesma época, a Inglaterra experimentava os efeitos da Conquista Normanda. Portanto, o *Jetsün-Kahbum*,² ou *História Biográfica de Jetsün-Milarepa*, constitui um documento de suma importância tanto para o estudioso das religiões como para os historiadores.

II. VALOR HISTÓRICO DA NARRATIVA

No conjunto, a narrativa biográfica, tal como nos chegou, pode ser aceita como uma fiel narrativa das palavras e feitos de Jetsün, com a devida tolerância para certa porção de folclore e de mitologia popular que se lhe incorporou. Como um Evangelho da seita Kargyütpa, é um dos muitos Livros Sagrados do Oriente e, como tal, talvez historicamente tão exato quanto as partes do *Novo Testamento*, se não mais.

Para os estudantes orientais interessados no complexo problema da evolução das religiões tibetana e mongólica, a obra é de um valor inestimável. Para todos os que apreciam a filosofia budista, mormente em sua forma mahâyânica, ela trará novos elementos de compreensão. Para os místicos, o mundo a que ela dá acesso provará ser, como Rechung, o autor, a chamou, uma pedra preciosíssima, um tesouro que não pode ser esgotado pela mente humana e um ramalhete de preceitos que só podem ser entendidos quando passam pelo teste da prática.

Na primeira parte da *Biografia*, vemos Jetsün dominado em sua juventude, como muitos grandes santos de outras Fés, pela natureza inferior. Premido como foi por sua vingativa mãe, transformou-se, por algum tempo, num praticante profissional do Mal, um mago negro, trilhando o Caminho das Trevas. Em seguida, na segunda parte, arrepende-se e converte-se à Fé branca, que é o Budismo. Após experimentar severos sofrimentos e penitências impostos por seu *Guru* Marpa,

2. *Kah-bum* = "100.000 Palavras"; *Nam-thar*, o termo tibetano usual para *Biografia*, que significa literalmente "A Libertação Plena", aplica-se mais comumente a esta obra.

ingressa no Caminho da Luz e atinge, por fim, nas palavras da narrativa, “o maior de todos os triunfos a que pode aspirar o homem mortal”.

Para alguns leitores, muito do material contido no último capítulo poderá talvez parecer redundante. Deve-se levar em conta, no entanto, que é só nesse capítulo que Rechung nos fala como uma testemunha ocular dos eventos; em todos os capítulos anteriores, ele apenas relata o que o Mestre lhe narrou, pois Rechung só se tornou um discípulo quando Jetsün, de idade avançada, estava próximo de seus últimos dias. Para os Kargyütpas, esse capítulo final, relativo à morte de seu Mestre, é, sem dúvida, o mais importante. Nele figuram não apenas os relatos dos extraordinários fenômenos que se seguiram à cremação e de como Jetsün reanimou seu cadáver a fim de responder à fervorosa prece de Rechung (que, estando muito longe na ocasião do *Nirvāṇa* de Jetsün, demorou-se para chegar ao local das cerimônias funerárias), como também a quintessência dos preceitos do Mestre, prescritos para todos os *shishyas* (ou discípulos) pelo *Guru* (ou preceptor espiritual) vivo. Além disso, o capítulo representa um sumário dos ensinamentos mais essenciais do Budismo setentrional, aqui cantados pelos *Dākinīs* (ou Anjos), sendo, por fim, de muito interesse para o cultor do maravilhoso.

Para os seguidores de Jetsün, esses estranhos eventos, centralizados na morte do *Guru* e em sua pira funerária, são tão verdadeiros como as histórias da Transfiguração e da Ascensão de Jesus para os cristãos. Quanto ao valor histórico que se lhes deve atribuir, cada leitor deverá decidi-lo por si, depois de fazer o devido desconto dos acréscimos derivados da tradição e da fé popular.

III. AS ESCOLAS TIBETANAS DA FILOSOFIA BUDISTA³

Por todo o Tibete, estendendo-se até o Nepal, o Butão, o Sikkim, a Cachemir e partes da Mongólia, são três as principais Escolas da Filosofia budista: (1) a *Mādhyamika*, ou “Caminho do Meio”, conhecida pelos tibetanos como *Ūma-pa* (*Dbus-ma-pa*), originária da Índia, sob Nāgārjuna, durante o século II d.C.; (2) a *Mahāmudrā*, ou “Grande Símbolo” (tib. *Phyag-Ch'en*); (3) a *Ādi-Yoga*, também conhecida como a “Grande Perfeição” (tib. *Dzogs-Ch'en*).

Os adeptos da primeira são os Ge-lug-pas, os “Seguidores da Ordem Virtuosa”, conhecidos popularmente como Bonés Amarelos. Essa Escola, fundada no Tibete no começo do século XV pelo Reformador Tsong-khapa (“Nativo do País da Cebola”), da Província de Amdo, Nordeste do Tibete, nas fronteiras da China, que nasceu em 1358 e morreu em 1417, originou-se da seita dos Kah-dampas (“Os Regidos pelos Preceitos”) e é, hoje, a Igreja Regular do Budismo setentrional, exercendo, através de seu líder espiritual, o Dalai-Lāma, o Deus-rei do Tibete, tanto o poder temporal como o espiritual.

3. Como referência geral, e para maiores detalhes, remetemos o estudante para L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet* (Londres, 1895), pp. 54-75.

Os adeptos da Escola Mahāmudrā são os Kargyūtpas, os “Seguidores da Sucessão Apostólica” (ou “Seguidores das Ordens Sucessivas”), da qual Milarepa é o maior dos Apóstolos tibetanos. A história dessa seita figura no relato dado abaixo sobre a Sucessão Apostólica.

Os seguidores da “Grande Perfeição”, ou Escola Ādi-Yoga, são os Ñing-mapas, os “Antigos”, conhecidos popularmente como Bonés Vermelhos, os adeptos da Igreja Não-reformada, fundada pelo filósofo indiano Padma Sambhava, no ano 749 d.C.⁴ Padma Sambhava, mais conhecido pelos tibetanos como *Guru Rin-poch’e* (“O Precioso *Guru*”), ou como Padma Jungne (sâns. *Padma-Janma*, “O Nascido do Lótus”), foi um famoso professor de Ciências Ocultas na Grande Universidade budista de Nālanda, à época, a Oxford da Índia. O rei tibetano, Ti-song De-tsen, ao saber da fama do *Guru*, convidou-o para ir ao Tibete. O *Guru* aceitou o convite real e, ao chegar, no ano de 747, a Sam-yé, localizada cerca de cinquenta milhas a sudoeste de Lhasa,⁵ onde posteriormente fundou um mosteiro, introduziu entre os tibetanos os aspectos tântricos e mantrayânicos do Budismo mahāyāna.

4. É o seguinte o comentário de Sj. Atal Bihari Ghosh: “Mādhavāchārya, no *Sarvadarshana-Samgraha*, menciona quatro Escolas de pensamento budista, a saber, a Mādhyamika, a Yogāchāra, a Sautrāntika e a Vaibhāshika. A Escola Mādhyamika ensina que tudo é vazio ou irreal (sâns. *Sarva-Shūnyatva*); a Yogāchāra, que o universo exterior ou material é assunto de inferência (sâns. *Vahyānumeyatva*); e a Vaibhāshika, que o universo exterior ou material é real na medida em que pode ser vivenciado ou ser objeto dos sentidos (sâns. *Vāhyārtha-Pratyakshatva*). Quanto aos budistas tibetanos, eles seguem, como um todo, a doutrina Mādhyamika do *Shūnya* (ou Vazio), que é semelhante à concepção monística do Brāhman em seu aspecto *Niṣkala* (desprovido de atributos).

“A meu ver, as três principais Escolas tibetanas assinalam três estágios do Caminho da Iluminação ou do progresso espiritual. No primeiro, o *sādhaka* (ou devoto) está sujeito às injunções e proibições (sâns. *Vidhi* e *Nishedha*), i.e., ‘obrigado pelos regulamentos’. No segundo, ele adere aos caminhos tradicionais (sâns. *Pāramparya-Krama*), em que as restrições ordinárias são em certa medida relaxadas, embora o *sādhaka* não esteja totalmente livre. No terceiro, o *Ādi-Yoga*, quando, por meio das práticas da *Yoga*, a Luz é vista, não há mais qualquer restrição, pois o estado do Buddha ou *Siddha* foi atingido. Esses três estágios correspondem, grosso modo, ao que os *Tantras* chamam de *Pashubhāva* (Estado do Homem-Animal), *Vīrabhāva* (Estado do Herói) e *Divyabhāva* (Estado do Divino ou do Iluminado).

“Os ensinamentos de Padma Sambhava são ‘antigos’ no sentido de que a verdade neles contida precede todas as coisas, sempre existiu e foi comunicada no estilo ‘antigo’. É por essa razão que sua Escola era a Ādi (ou ‘Primordial’), também conhecida como Sanātana. Os mestres que sucederam a Padma Sambhava não ‘reformaram’ a substância de seus ensinamentos, mas apenas adaptaram a ‘forma’ de suas próprias instruções à capacidade limitada de seus discípulos e treinaram-nos para adquirir a habilidade (sâns. *Adhikāra*) para compreender a doutrina Ādi-Yoga. O *Pashu* (Homem-Animal) torna-se um *Vīra* (Herói) e depois um *Divya* (um Ser Divino ou Iluminado); esse é sempre o processo.”

O Editor acrescenta: Atualmente, os Bonés Amarelos se opõem à antiga Escola não-reformada dos Bonés Vermelhos e seu ilustre *Guru* e Fundador, Padma Sambhava, exatamente como os cristãos protestantes se opõem ao catolicismo romano e ao Papado. Os Kargyūtpas, no entanto, sendo um corpo semi-reformado, evitam sabiamente ambos os extremos e, neste aspecto, são entre os budistas setentrionais como os anglicanos moderados entre os cristãos.

5. Cf. Sir Charles Bell, *Tibet Past and Present* (Oxford, 1924), p. 26.

Uma quarta Escola, a Sa-kyapa (derivada de *Sa-skya*, que significa “Terra Fulva”, por causa da cor da terra no sítio de seu primeiro monastério no Tibete Ocidental), tendo iniciado como uma seita reformada, alcançou considerável importância, mas atualmente pouco difere da antiga seita do Boné Vermelho.

Além dessas três Escolas principais e de várias seitas delas derivadas, há também as ordens monásticas sobreviventes da primitiva religião pré-Budista do Tibete, chamada Bön (ou Pön), que, com sua doutrina do renascimento, forneceu um solo favorável para a propagação da semente do Budismo. A *Biografia* registra que Milarepa executou certa feita um rito Bön (cf. p. 180), indicando, assim, sua familiaridade com a antiga Fé. Em outra ocasião, ele derrotou, com sua Magia, a Magia de um famoso feiticeiro Bön (cf. p. 179). Os seguidores de Bön, ao contrário dos Bonés Amarelos e dos Bonés Vermelhos, são chamados de Bonés Pretos, pelo fato de os discípulos de cada uma das Escolas trajarem bonés e vestes dessas respectivas cores.

IV. A SUCESSÃO APOSTÓLICA DE KARGYÜTPA⁶

Um século antes da época do *Guru Padma Sambhava*, durante o reinado do primeiro rei budista do Tibete, Song-tsen Gam-po (que morreu por volta de 650 d.C.),⁷ a forma mística do Vajra-Yāna [“Caminho do Relâmpago ou Adamantino (i.e. Imutável)] do Budismo, posteriormente adotadas pelos Kargyütpas, penetrou o Tibete por duas fontes: (1) do Nepal, a terra natal de Buddha, através do casamento do rei tibetano no ano de 639 com Bhṛikuṭī, uma princesa real nepalesa; e (2) da China, através do casamento do rei com Wencheng, uma filha da Casa Real Chinesa, em 641. Posteriormente, o rei, convertido ao Budismo por suas duas esposas, enviou Sam-bhota à Índia para recolher livros budistas. Sam-bhota, como Marpa quatro séculos depois, retornou ao Tibete com uma rica biblioteca e, assim, salvou para o mundo boa parte da sabedoria indiana que depois se perdeu na terra de origem. O Tibete deve também a Sam-bhota o seu alfabeto, por ele desenvolvido a partir do alfabeto sânscrito que então predominava na Cachemir e no norte da Índia. Além disso, ele deu ao Tibete sua primeira gramática sistemática e escrita.

Contudo, foi apenas na época de Padma Sambhava, sob o reino de Ti-song De-tsen, que o Budismo se enraizou firmemente no Tibete, pois os Bönpas até então haviam-lhe oposto uma bem-sucedida resistência, no intuito de manter sua própria autoridade religiosa. Mas Padma Sambhava, como São Patrício na Irlanda, a quem os druidas fizeram oposição, conseguiu que a Nova Magia prevalecesse contra a Velha Magia.

Em 1038 d.C., Atīsha, o primeiro dos Reformadores do Lāmaísmo, chegou

6. Cf. L. A. Waddell, *op. cit.*, pp. 18 e segs., e 63-7.

7. Song-tsen Gam-po foi o Ashoka do Tibete. Sob seu governo, o Tibete alcançou o zênite de seu poder. O Turquestão e o Nepal, ao que parece, estiveram sujeitos a ele; e suas conquistas foram tão extensas na China Ocidental, que o Governo chinês foi obrigado a lhe pagar tributo para conservar a sua própria soberania. Cf. Sir Charles Bell, *op. cit.*, p. 28.

ao Tibete oriundo da Índia, e introduziu o celibato e uma moralidade superior entre o clero. Como Padma Sambhava, ele também era professor de Filosofia, esteve vinculado ao mosteiro Vikramashīla, em Magadha, e havia nascido numa família real de Gaur, Bengala, no ano de 980. A caverna em que Atīsha viveu, a dezesseis milhas a leste de Lhasa, ainda hoje é reverentemente preservada, coberta de rosas e trepadeiras selvagens.⁸

Marpa, *Guru* do próprio Jetsün, que, devido à sua erudição e às suas traduções, recebeu o nome de Tradutor, nome pelo qual é chamado na *Biografia*, passa por ter estudado com não menos de dez famosos *Gurus*. Parte da vida de Marpa é contemporânea à de Atīsha, que foi um de seus Mestres; mas sua obra principal surgiu poucos anos depois da reforma de Atīsha. Portanto, para os Gelugpas, Atīsha é não apenas o Principal *Guru* humano cuja origem atribui-se à seita Kahdampa, fundada por Atīsha, como também é, de um modo bastante notável, um dos *Gurus* da Seita Kargyütpa rival fundada por Marpa. No entanto, Atīsha não é reconhecido como um dos integrantes da Sucessão Apostólica Kargyütpa.

Muitos dos Mestres de Marpa pertenciam à antiga seita indiana dos Kusulipas, isto é, aqueles que procuram alcançar a Iluminação por meio da meditação, em contraste com os chamados Pañditas que visam atingir a Verdade Suprema, tal como está contida na Doutrina da *Shūnyatā*, ou Vacuidade, apenas por meios intelectuais.⁹ Como Atīsha não enfatizou a aplicação prática do Budismo por meio do ideal *yóguico* em que os Kusulipas insistiam, coube a um dos Grandes *Gurus*, de nome Tilopa (ou Telo), tornar-se o primeiro membro da Hierarquia Kargyütpa de Apóstolos.

De acordo com a tradição, Tilopa, que viveu por volta da metade do século X, teve conhecimento da Filosofia Mahāmudrā, base principal da Escola Kargyütpa, ouvindo-a do Buddha Celestial Dorje-Chang (tib. Rdo-rje-Hch'ang: sânsc. *Vajra-Dhara*). Tilopa, por sua vez, comunicou-a oralmente, como uma doutrina esotérica — como ainda hoje o é em sua aplicação prática — ao seu discípulo Naropa, que a transmitiu a Marpa, e este a Milarepa.

Por ser seu *Guru* Divino, os Kargyütpas passaram a considerar Dorje-Chang (Vajra-Dhara) idêntico a Ādi-Buddha, o Buddha Primordial, de modo que para eles Dorje-Chang é o Revelador da Graça do *Ādi-Buddha*, sendo dEle inseparável.

Portanto, o segundo na Sucessão Terrena é Naropa; o terceiro, Marpa; e o quarto, Milarepa. O sucessor de Milarepa na Linhagem não foi Rechung, o autor de sua *Biografia*, mas foi o primeiro dos discípulos de Milarepa, Dvag-po-Lharje, que nasceu no Tibete Oriental, conhecido também como Je-Gampo-pa. Este segundo

8. Cf. Sir Charles Bell, *op. cit.*, p. 31.

9. "Isto é ilustrado de várias maneiras nos *Tantras* bramânicos, que ensinam que o conhecimento do Brāhman deriva ou da compreensão das palavras ou da realização interna. O primeiro método, por ser meramente intelectual, não consegue dispersar a ignorância interior; só o segundo método conduz à verdadeira sabedoria. Além disso, diz-se que o *Jñāna* (Conhecimento) é de duas espécies: (1) a que provém do estudo dos *Āgamas* (Escrituras tântricas) e (2) a que deriva do *Viveka* (Discriminação Interior). Ensina-se também que, por meio da argumentação não se pode alcançar a compreensão, visto que certas verdades estão além do alcance da discussão: 'Não apliques um argumento àquilo que está além do pensamento' " (Sj. Atal Bihari Ghosh).

nome, que significa “O Senhor Gampopa”, lhe foi dado porque acreditava-se ter sido ele uma reencarnação do rei Song-tsen Gam-po, o primeiro governante budista do Tibete, que morrera cinco séculos antes. Je-Gampo-pa morreu no ano de 1152, dois anos depois de ter fundado o mosteiro de Ts’ur-lka, sede principal dos Kargyütpas, e, desde então, a Linhagem dos *Gurus Kargyütpa* permaneceu ininterrupta.

V. OS MODERNOS SUCESSORES DE MILAREPA

Neste exato momento, centenas de ascetas Kargyütpas ainda vivem nas frias solidões dos Himalaias tibetanos, alguns em cavernas na base e nas encostas do Monte Everest, onde ainda se encontram, como locais de adoração e peregrinação, as ermidas de Jetsün. Nesse local, a natureza permanece como tem sido desde as eras mais antigas da Terra e os eremitas Kargyütpas aí habitam imperturbados pela inquietação do mundo exterior, onde os antigos ideais por eles preservados não mais governam os homens e onde reina, ao contrário, a opinião de que o sucesso significa adquirir riquezas, fama e poder mundanos.

O sistema de compreensão mística, chamado em tibetano de *Ta-wa*, ensinado em vários tratados da Doutrina Mahāmudrā e praticado nas grutas das montanhas ou nas florestas solitárias, distingue os Kargyütpas de todas as outras seitas do Tibete. Por causa de seus votos de absoluto ascetismo e renúncia à vida mundana, e de sua real aplicação a eles, os Kargyütpas não são sobrepujados na firmeza de seu Budismo por qualquer outro corpo de seguidores do Grande *Yogī*, Gautama, o Iluminado.

Qualquer pequena comunidade desses místicos do Himalaia tem seu próprio *Guru*, subordinado ao *Guru* Apostólico, o Chefe da seita, que, por sua vez, está sujeito à Linhagem Celestial dos *Gurus*, e estes, de acordo com a posição hierárquica, estão sujeitos ao *Guru* Supremo, o Buddha Dorje-Chang (Vajra-Dhara).¹⁰ Tal como a eletricidade, que pode passar de uma estação receptora a outra, da mesma forma, afirmam os Kargyütpas, a Graça Divina, concedida pelos Buddhas, é transmitida por meio do Buddha Dorje-Chang (Vajra-Dhara) à Linhagem dos *Gurus* Celestiais e destes ao *Guru* Apostólico sobre a Terra e, dele, a cada um dos *Gurus* subordinados e, por eles, através da Iniciação Mística, a cada um dos neófitos.

Como se poderá observar nos hinos de Milarepa, o *Guru* Apostólico sobre a Terra é freqüentemente saudado como a própria encarnação do Buddha Dorje-Chang (Vajra-Dhara), pois cada Apóstolo vivo da Sucessão é o Portador do Poder Místico ou, literalmente, o Portador do *Vajra* (o Relâmpago Espiritual dos Deuses, simbolizado pelo cetro lamaico) — que é o sentido do nome Dorje-Chang (Vajra-Dhara). Por meio desse nome, somos inteirados de que o *Guru*, assim saudado,

10. “Os *Tantras* bramânicos referem-se às três Linhagens (sâncs. *Ogha*, *Pangkti*) de *Gurus*: (1) *Divya* (Celestial), (2) *Siddha* (Adepto) e (3) *Mānava* (Humano). Cf. o *Tantra-rāja*, Cap. I, em *Tantrik Texts*, vol. VIII, ed. por A. Avalon” (Sj. Atal Bihari Ghosh).

é o Grande Mestre das Cerimônias Esotéricas; e, como Grande Iniciador sobre a Terra, é o Transmissor do Poder Espiritual, que ele, como Prometeu, arrebatou dos Reinos Divinos do Relâmpago Espiritual e o confere à Raça dos Homens.

VI. OS KARGYÜTPAS COMPARADOS COM OS GNÓSTICO-CRISTÃOS

Como base para uma interpretação comparada deste sistema Kargyütpa de percepção mística, podemos tomar, por exemplo, o dos Gnóstico-Cristãos ("Os Conhecedores"), provavelmente o que lhe é mais semelhante dentre os sistemas conhecidos pelo pensamento europeu, e no qual deparamos com muitos paralelos notáveis.

Neste sentido, cada uma das numerosas comunidades gnósticas — embora estas não constituíssem um todo orgânico, como as comunidades Kargyütpas — parece ter tido o seu próprio *Guru* Principal (como Valentino, Marcião e Basilides) e os seus *gurus* subordinados, assim como a Sucessão Apostólica sobre a Terra teve o seu Supremo Chefe Espiritual no *Christos* que, através dos Santos e dos Aeons das Inteligências Super-Humanas, transmitiu a Seus seguidores humanos a Graça Divina do Pai. Saturnino da Antióquia, outro dos grandes *Gurus* gnóstico-cristãos (que viveu por volta de 120 d.C.), ensinava que a abstenção da carne animal e a observância de um estrito ascetismo — tal como as práticas Kargyütpas — conduziam ao Supremo, por meio do Filho, o *Christos* Aeon (ou Emanação do Pai). De acordo com algumas das principais Escolas Gnósticas, Deus, o Pai, era misticamente o Homem Primordial, o *Anthropos* (ou 'Αδάμας¹¹), comparável ao Ādi-Buddha, o Buddha Primordial dos Kargyütpas e de outras seitas do Budismo setentrional.

Em consonância com os budistas em geral, os gnóstico-cristãos não conhecem a doutrina da Expição Vicária, tal como a que os Concílios Eclesiásticos elaboraram e de que fizeram um dogma; pois, para ambas as Féis, a Libertação depende inteiramente dos esforços pessoais, visto que o Buddha e o Cristo são considerados como Guias e não como Salvadores. Há também uma similaridade entre a cerimônia de Iniciação dos gnóstico-cristãos e a dos Mahāyānistas, bem como na utilização por ambos dos *Mantras*. A *Sophia* ("Sabedoria") gnóstica e a *Prajñā* ("Sabedoria") do *Prajñā-Pāramitā* são igualmente personificadas como o Princípio Feminino da Natureza, ou *Shakti* (tib. *Yum*). O In-Criado, o Não-Ser, o Corpo de Toda a Inteligência, a Divindade Impessoal do gnosticismo cristão pode ser comparada com a Vacuidade das Escolas Mahāyānicas. E o Pleroma Supremo da Luz Inefável, da *Pistis Sophia*, não deixa de ser semelhante ao *Nirvāṇa* Sobre-natural.

Ao esboçarmos todos esses paralelos, cumpre estabelecer uma diferença

11. Cf. o Aeon Iaō (ou Jeū) da *Pistis Sophia*, um dos principais Evangelhos gnóstico-cristãos dos valentinianos. Ver a tradução de G. R. S. Mead (Londres, 1921), e os seus *Fragments of a Faith Forgotten* (Londres, 1900), pp. 535-37.

entre o ideal gnóstico-cristão de ascetismo e de renúncia e o dos eremitas cristãos não-gnósticos que habitavam os desertos do Egito e todo o Oriente Próximo¹² e dos seus sucessores nas diferentes ordens monásticas da Igreja Cristã como é agora organizada.

O cristão gnóstico, como o budista, mas não como o cristão dos Concílios Eclesiásticos, mais recente, sustentava como fundamental a doutrina do renascimento;¹³ de modo que o seu ideal mais alto era adquirir tal grau de percepção espiritual positiva e direta, enquanto estivesse na Terra, que após várias existências nele viria a se produzir a Iluminação Crística. E o gnóstico-cristão rogava que, ao alcançar o Estado de Cristo, pudesse ser habilitado a auxiliar a humanidade a atingir o mesmo Objetivo. Por outro lado, o cristão dos Concílios Eclesiásticos, estando proibido pelo Segundo Concílio de Constantinopla, de 553, de acreditar na doutrina do renascimento,¹⁴ era incapaz de manter o ideal altruísta de seu irmão gnóstico, e, assim, passou a adotar o ideal menor da salvação apenas para si, pela fé na infalibilidade dos decretos e ensinamentos da Igreja. O efeito sobre a sociedade humana do ideal altruísta do eremita gnóstico é positivo, criativo e ilimitado, ao passo que o do eremita dos Concílios Eclesiásticos é, em contraste, negativo, não-criativo e egoísta.

O gnóstico-cristão busca a Realização; e, como os Kargyütpas, e os *Yogīs* entre os hindus, e os Sufis entre os muçulmanos, rejeita essa forma peculiar de intelectualismo ocidental favorecido pelos Concílios Eclesiásticos, que conduz à formulação de profissões de fé iniciadas por um “Eu creio” e profissões de fé de anátema pela falta de crença, aferrando-se apenas ao Conhecimento Realizado ou Realizável.

Desse ponto de vista, os seguidores de Milarepa são os gnósticos (os “Conhecedores”) entre os budistas, como os seguidores de Valentino e Marcião o eram entre os cristãos; e, como todos os gnóstico-cristãos, foram também os adversários “heréticos” de todo dogma ou credo baseado intelectualmente apenas nas Escrituras e nas Tradições, como bem o mostram os ensinamentos de Milarepa contidos nesta obra.

VII. SEITAS DISSIDENTES

Marpa, o Tradutor, tibetano de nascimento, é, como vimos, o Apóstolo do

12. Cf. *The Paradise of the Holy Fathers*, traduzido do aramaico por E. A. Wallis-Budge (Londres, 1907).

13. Cf. G. R. S. Mead, *The Pistis Sophia* (Londres, 1921), p. XLV; e *Fragments of a Faith Forgotten* (Londres, 1900).

14. O édito é o seguinte: “Todo aquele que defender a doutrina mítica da preexistência da alma e a conseqüente opinião assombrosa de seu retorno, seja anatemizado.” Portanto, só depois de 553, a doutrina do renascimento se tornou uma “heresia” para o Cristianismo oficial. Antes dessa data ela foi, presumivelmente, tolerada pelos Concílios Eclesiásticos, mormente por aqueles que estavam familiarizados com a forma gnóstica do Cristianismo.

período de transição na história Kargyütpa. Ele é precedido pelos dois Apóstolos indianos, Tilopa e Naropa, e seguido por Milarepa. Em outras palavras, Marpa foi o transmissor erudito; Milarepa o santo gnóstico-budista que renuncia aos livros, em quem os Ensinamentos Kargyütpas passaram pelo teste da experimentação científica, graças ao qual o ouro foi extraído de seu metal básico. Ao passo que a reforma de Tsong-khapa foi principalmente externa e eclesiástica, e conduziu à aliança entre o Budismo e o poder temporal centralizado numa Igreja altamente organizada, a reforma de Milarepa foi interna e tendente à purificação da Fé.

A austeridade das regras de Milarepa, como se podia esperar, era impopular aos seguidores de Marpa, amantes da vida familiar, a que o próprio Marpa jamais renunciara, e também amantes da pompa do eclesiarquismo. Outros, mais inclinados à Magia Negra do que à Branca, separaram-se de Milarepa. Nasceram, assim, as quatro principais subseitas dos Kargyütpas dissidentes: (1) A Karma-pa, conhecida pelo nome de seu fundador, Karma-pa Rangchung-Dorje, pupilo de Dvago-po-Lharje, principal discípulo e sucessor apostólico de Milarepa; é a mais importante. Desde sua origem, na última metade do século XII, tem florescido no Tibete e no Sikkim. (2) A Dug-pa (de *Dug*, “Dragão do Relâmpago”, referência àqueles que pertencem à Escola do Dragão do Relâmpago), é a segunda em importância. Consiste de três ramos: a Dug-pa Inferior; a Dug-pa Média e Meridional (atualmente a Igreja Estabelecida do Butão); e a Dug-pa Superior. (3) A Di-Kung-pa, conhecida pelo nome do Mosteiro Di-kung, e (4) a Ta-lung-pa, conhecida pelo nome do Mosteiro Ta-lung, são as outras duas seitas dissidentes que sobreviveram. Essas seitas diferem umas das outras “apenas por terem adotado uma revelação diferente da revelação da seita Ñingma, como um código de adoração demoníaca, relaxando assim a pureza da primitiva prática Kargyütpa”.¹⁵

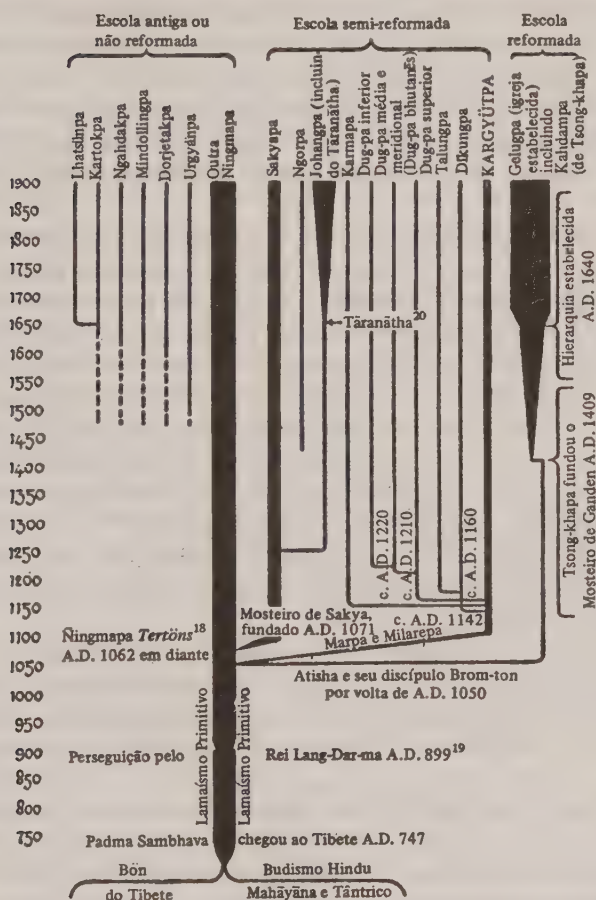
Como assinalou com justeza o Dr. Waddell, “muita confusão tem sido causada nos livros europeus devido ao uso incorreto do nome Dug-pa, utilizado como sinônimo da seita do Boné Vermelho, que é na verdade a Ñingma”.¹⁶ Além do mais, pretender, como certos críticos não-tibetanos do Padma Sambhava, que todos os Bonés Vermelhos sejam Dug-pas é igualmente errôneo. É preciso enfatizar também que, a despeito do antagonismo tradicional existente entre as seitas “Reformadas” do Boné Amarelo e as seitas “Antigas” do Boné Vermelho de Padma Sambhava, “os Lamas que pertencem às seitas do Boné Amarelo reconhecem a superioridade de seus irmãos das diversas seitas do Boné Vermelho no que toca a todas as questões mais ou menos relacionadas com a magia e as ciências ocultas”.¹⁷

A seguinte árvore genealógica das seitas Lamaístas (baseadas na que o Dr. Waddell publicou em seu *The Buddhism of Tibet*, p. 55) ajudará a corrigir esses erros. Ademais, ela indica de maneira muito concisa a origem e a interdependência de todas as seitas principais do Budismo tibetano e o importante lugar que a seita Kargyütpa ocupa entre elas.

15 e 16. L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet* (Londres, 1895), pp. 67-9.

17. A. David-Néel, *My Journey to Lhasa* (Londres, 1927), p. 181.

VIII. ÁRVORE GENEALÓGICA DAS SEITAS LAMAÍSTAS



18. Os *Tertöns*, i.e., “Extratores de *Terma* (Revelações Ocultas)”, exercem um importante papel no desenvolvimento do Lamaísmo. O *Bardo Thödol* é ele próprio um desses *Terma*; ver *O Livro Tibetano dos Mortos*, pp. 49-52.

19. Após ter apostatado do Lamaísmo, Lang-Dar-ma, ao que parece, instigou o assassinato de seu irmão, Ti-song De-tsen, famoso rei budista, em 899 d.C. Ganhando, assim, o trono, ele perseguiu o Lamaísmo por cerca de três anos e seu reinado terminou com o seu próprio assassinio, empreendido pelo Lāma Pal-dorje (Cf. L. A. Waddell, *op. cit.*, p. 34).

20. Taranātha é uma das grandes personalidades da história tibetana. Nascido em Tsang, Tibete, em 1573 d.C., morreu na Mongólia, onde havia fundado inúmeros mosteiros sob os auspícios do Imperador chinês e onde foi canonizado; seus sucessores reencarnados tornaram-se os Grandes Lāmas de Urgya (em Khalka, na província da Mongólia, a leste de Lob-Nor). (Cf. L. A. Waddell, *op. cit.*, pp. 70-1.)

IX. A DEFESA DO IDEAL EREMITA

Para o europeu e o americano comum, acostumados, talvez em demasia, ao conforto e ao luxo modernos, a vida dos eremitas Kargyūtpas, e de outros iguais a eles, sob os rigores climáticos do gelado Himalaia, trajando apenas uma fina peça de algodão e subsistindo graças a um punhado diário de cevada tostada, suplementado por raízes e ervas e, esporadicamente, por um pouco de leite de iaque trazido por leigos piedosos, libertos de todas as posses mundanas e imperturbados pelas buscas terrenas, pode, talvez, parecer a consequência de um zelo religioso irracional.

Não se deve esquecer, no entanto, que o eremita, por sua vez, encara com profunda compaixão os seus irmãos que estão mergulhados no mundo; e, enquanto estes batalham pelas ninharias mundanas, ele reza em sua intenção, suplicando que sua Ignorância (*Avidyā*) possa ser dissipada e seus pés possam trilhar o Caminho da Grande Libertação. Cheio de piedade, ele contempla a raça humana com os olhos da percepção espiritual, tal como o fez o Buddha Gautama, e observa a humanidade agrilhoada como escravos acorrentados por seus próprios hábitos — muitos dos quais são, de fato, indefensáveis. Ele vê seus semelhantes levados por seu *Karma*, resultado de suas ações anteriores, à roda dos Doze *Nidānas*, as causas mutuamente interdependentes da existência *sangsárica*,²¹ e impelidos a renascer interminavelmente, para recair, a cada vez, vitimados pela dor, pela velhice, pela enfermidade e pela morte. E contempla a chegada da hora em que será autorizado a sair e guiá-los à Liberdade.

Para o *yogī*, a vida humana é uma Rede da *Māyā* (Ilusão), na qual, como animais capturados, lutam os seres humanos; digna de desejo apenas quando dirigida para o objetivo único de alcançar, graças à sua correta utilização, o Além-Natureza, liberta de todos os estados condicionados de existência transitória e fenomenal, como alguém que cruza de barco um oceano para atingir a margem distante.

Como outrora perguntou um dos *yogīs* hindus ao autor, quando este, numa peregrinação a Badrinath, o encontrou em seu eremitério, próximo às fronteiras selvagens de Garhwal e do Tibete: “A aviação, o telégrafo sem fio e todos os seus modernos confortos podem de fato trazer alegria à Raça? Ou pode a fé cega na infalibilidade das Escrituras Sagradas conseguir a Emancipação sem o Conhecimento obtido pela prática da religião?”

Deveríamos, também, considerar seriamente se o ideal que Milarepa nos oferece não é, afinal de contas, culturalmente mais verdadeiro do que o ideal do financista de Wall Street ou do voluptuoso de Paris.

Além de seu relativo valor para a sociedade, o *yogī* ensina que todos os estágios da atividade humana, sendo *kármicos*, encontram em si mesmos a sua justificativa, pois, para ele, o mundo é uma vasta Escola de muitas gradações, estando alguns pupilos no jardim de infância, a maioria no ensino médio e uns poucos aptos a ingressar na Universidade, cuja matrícula consiste na bem-sucedida renúncia ao mundo. Os que superaram os desejos da vida mundana são para ele mais importantes à sociedade do que os que ainda estão apaixonados pelo mundo.

21. Os Doze *Nidānas* estão descritos na página 101, n. 4.

No *Gur-Bum*, ou “Cem Mil Canções”, de Milarepa, está escrito que, ao ser convidado à presença real pelo rei de Khokhom e Yerang, no Nepal, e Milarepa recusou-se a deixar o eremitério, o mensageiro que lhe entregou o convite lhe fez a seguinte pergunta: “Quando um *yogī*, que não passa de um simples homem, é convocado por um rei poderoso, não é conveniente que ele parta e vá prestar homenagem aos pés do rei?” Respondeu Milarepa: “Eu também sou um rei poderoso, mas da Roda que Gira; e um rei que abunda em riquezas não é mais sábio ou mais poderoso do que eu.” E quando os porta-vozes perguntaram onde se achava o seu reino, ele respondeu: “Ó círculo de oficiais dos Reinos do Mundo, se tivésseis servido a um Reino como o meu, vós vos teríeis transformado nos mais poderosos dos monarcas; e o poder e a riqueza de todas as coisas jorrariam para vós.”²²

Os seres humanos mergulhados na Ilusão oriunda da Ignorância, a Caverna Platônica das Sombras, e que não se esforçam para conhecer a si mesmos, foram comparados pelo *yogī* a um peixe num lago, o qual, satisfeito com o lago e com a vida de peixe, não tem nenhum desejo de deixar o mundo da água e viver no ar; ou a um cervo numa floresta que prefere continuar a ser um cervo, embora lhe ofereçam a chance de se transformar num homem.

Deve-se ter igualmente presente, ao se julgar um *yogī*, que ele afirma ter comprovado, pelo menos para si mesmo, por métodos tão cuidadosos e científicos em seu próprio reino como os conhecidos nos laboratórios do Ocidente no reino da ciência física, que os ideais mundanos não passam de ideais de uma ordem social imatura, de raças que se encontram ainda nos graus inferiores e médios da Escola do Mundo. Se lhe dão crédito ou não, sua convicção permanece inalterada. Enquanto, como ele pode assinalar, há cinco séculos, os europeus acreditavam que o mundo era chato, ele era na realidade esférico; e hoje, da mesma forma, a aceitação ou a rejeição de sua concepção da vida humana não é capaz de alterar o que quer que ela seja.

Já se disse, embora a essa afirmação não se dê muito crédito, que os santos da Europa foram no passado condutores luminosos que desviaram do Ocidente a ira de Deus. Tal crença, de certo modo, é semelhante àquela, corrente entre hindus e budistas, de que os Grandes *Rishis* foram e são os Guardiães da Raça Humana. Ainda hoje, no Ceilão, o budista ora para que seu próximo nascimento ocorra entre os Deuses do Himalaia. Um eremita bengali que renunciou a um vasto patrimônio mundano em Calcutá, na idade de vinte e cinco anos, e que, desde então, havia praticado a *Yoga* por setenta e cinco anos, no alto Himalaia, onde o encontrei, assinalou-me alguns dos montes nevoentos, na direção do Monte Kailāsa, de onde os Deuses zelam pelo crescimento espiritual de nossa Raça. Embora invisíveis aos olhos dos homens comuns, esses Seres são, acrescentou ele, visíveis aos Videntes e podem ser convocados por aqueles que têm coração puro; e, como Sentinelas Silenciosas, Eles contemplam com divina compaixão desde os Baluartes himalaianos da Terra, até que a Noite do Kali-Yuga tenha percorrido a sua longa trajetória e o Dia do Despertar desponte sobre todas as nações.

Milarepa também, como alguém que alcançara a admissão na Sociedade dos

22. Cf. G. Sandberg, *Tibet and the Tibetans* (Londres, 1906), pp. 262-63.

Iluminados, conta-nos num de seus hinos (ver p. 161) como ele — na qualidade de Grande *Yogī* — lança, como flechas, sobre o mundo, bons pensamentos, espargindo graça e poder espiritual, e como estes, recaindo sobre aqueles que são receptivos, imprimem suas bênçãos nos corações humanos.

Como de poderosas estações radiodifusoras, dinamicamente carregadas com forças mentais, os Iluminados irradiam sobre a Terra a Espiritualidade Vital, que é a única capaz de possibilitar a evolução humana; assim como o Sol sustém o homem físico, Eles sustém o homem psíquico e possibilitam à humanidade a fuga da Rede da Existência *Sangsárica*. Vinculados como estão, na Cadeia do Ser, à Humanidade da Terra e aos Iluminados situados além da Natureza, Eles desempenham entre os homens uma função muito mais importante do que a de todos os reis e soberanos. Essa é, em resumo, a crença de que partilha finalmente o *yogī* desenvolvido. O próprio Tradutor a sustenta, pois, quando era ainda um jovem no Butão, renunciou à vida mundana e ingressou no eremitério de seu *Guru*, o falecido *Guru* eremita Norbu, nas proximidades de Buxuadar, e jamais teria retornado ao mundo se seu pai, que contava então uma avançada idade e precisava de sua ajuda, não lhe tivesse pedido para voltar, casar-se e constituir família.

O homem do mundo, em sua tola sabedoria, encara o Grande *Yogī*, sentado em silenciosa meditação e em *Samādhi* nas Alturas do Himalaia, como um membro inútil da sociedade, como alguém que fugiu de seus deveres no mundo para conquistar para si mesmo uma salvação egoísta. Embora essa crítica possa caber para alguns dos eremitas dos desertos egípcios, ela não se aplica aos eremitas Kargyútpas, nem aos sinceros *yogīs* indianos que o autor encontrou.

Em nenhum lugar, no curso de suas pesquisas entre os santos vivos do Himalaia e do Hindustão, o escritor encontrou um genuíno *yogī* cujo ideal não fosse uma preparação altruísta para o serviço da Raça. Um deles, embora fosse um brâmane por nascimento, havia abandonado todas as distinções de casta e credo e, considerando todos os homens como seus irmãos, aguardava ansiosamente — embora devesse aguardar ainda muitas existências — o tempo em que estaria pronto para retornar ao mundo e proclamar a Verdade Realizável. Para ele, a Renúncia deve preceder a Conquista da Vida, tal como Jesus igualmente proclamou ao rico jovem mundano que Lhe perguntou qual era o caminho da Salvação; e a Verdade Realizada deve preceder a tarefa de ensinar e guiar uma humanidade sem luzes. Se o próprio Mestre não viu a Luz, como pode ele proclamá-la aos outros?

Assim, o objetivo superior de todo *yogī* sincero, seja ele hindu, budista, jainista, taoísta, sufí ou gnóstico-cristão, é, em primeiro lugar, habilitar-se a ser um Mestre Universal e, em seguida, retornar à sociedade humana e pôr em prática o seu Voto.²³ Para ele, uma existência não passa de um dia; embora muitos milhares de

23. O Voto de atingir o estado do Bodhisattva, ou do Grande Mestre, que conduz ao cumprimento do Caminho Superior, como na Escola Mahāyāna, é quádruplo: (1) efetuar a salvação de todos os seres sencientes, (2) efetuar a destruição de todas as paixões *sangsáricas* em si mesmo, (3) compreender e depois ensinar aos outros a Verdade, e (4) conduzir os outros ao Caminho que leva ao Budado. O Voto implica que o *Nirvāna* não será alcançado quando o adepto o assume, antes que todas as criaturas, desde as mais inferiores dos reinos subumanos deste e de outros planetas, até os maiores dos deuses incultos dos mundos celestiais e os mais decaídos dos moradores dos mundos infernais, sejam guiados em segurança do Oceano do

existências na forma carnal sejam necessários para alcançar a Iluminação, durante todo o tempo, através dos séculos, ele precisa apegar-se firmemente à vida que escolheu por sua própria vontade. E ele assim escolheu porque, nas vidas passadas, ele viveu mundanamente, casando e dando em casamento, experimentando prazeres, cheio de ambições insaciáveis e, aprendendo as lições ensinadas por essas vidas, mostrou-se digno de conquistar um lugar entre as espécies superiores de sua raça.²⁴ Tendo compreendido que a vida mundana não é o estágio superior sobre a Terra, ele a abandonou; e, assim como alguém que sai de uma caverna para a luz do dia, ele não tem mais o desejo de voltar às Trevas. O Caminho que escolheu conduz à Evolução Superior, ao Sobrenatural; seu objetivo é a libertação da personalidade limitada na Iluminação Plena, a transmutação, pela alquimia do Conhecimento Correto, do mundano no Supramundano — o *Nirvāṇa* Incognoscível, Eterno e Incrariado.

X. O PROBLEMA DO ARHANT

Tudo isso nos leva a um problema que foi discutido recentemente até mesmo entre os pensadores europeus. “Existem”, eis a pergunta que foi enviada ao autor, “membros da raça humana que alcançaram, como Milarepa acreditou ter conseguido, o cume da evolução espiritual e física admitido neste planeta, e que, sendo, por assim dizer, uma espécie à parte dos outros seres humanos, possuem um domínio sobre as forças naturais ainda não descobertas, mas provavelmente supostas, pela Ciência Ocidental?” Essa é, ao que nos parece, a questão antropológica mais importante que a *Biografia* de Milarepa suscita.

Que homens tão altamente desenvolvidos existem ainda hoje e que houve outros da mesma espécie em todas as épocas, essa é a pretensão de todos os Grandes *Rishis*, que tornaram a Índia célebre. Os budistas afirmam que o Buddha Gautama,

Saṅgśāra à Outra Margem da Libertação Eterna. A doutrina da Danação Eterna não tem lugar nesse altruísmo universal, sendo considerada — como Orígenes, o grande cristão, também a concebia — incompatível com o Amor Universal da Boa Lei. (Ver p. 112, n. 22.)

O Voto de atingir o estado do Buddha Pratyeka (ou Não-Professoral) pertence ao Caminho menor, o *Hīnayāna*. Mas, mesmo neste caminho, o Caminho, a humanidade obtém benefícios diretos, mas de outras maneiras, como, por exemplo, pela difusão silenciosa e invisível das influências espirituais sobre todas as nações, revigorando assim e auxiliando a manter em atividade a natureza superior do homem, tal como fazem os raios do Sol para o homem físico.

24. Isto, contudo, não implica que o ascetismo do *yogī* impossibilite a ajuda dele para a continuidade das espécies humanas ordinárias, pois uma parte do ideal do ascetismo no Oriente é antes o indomável controle e o uso correto de todo o organismo físico do que o mau uso que dele resulta na licenciosidade. Muitos Grandes *Yogīs*, como foi o caso de Gautama, o Buddha, abraçaram em primeiro lugar o estado do matrimônio e, depois, tendo-o ultrapassado, dedicaram altruisticamente a maior parte de sua vida a trabalhar em prol do bem-estar social. Trabalhar apenas para a família ou para a nação representa para eles uma tarefa egoísta, visto que há apenas Uma Família e Uma Nação, a Humanidade.

Ele Próprio um dos Grandes *Rishis*, é apenas Um entre muitos Buddhas, numa dinastia cujo início se perde na remota antiguidade. Os hindus afirmam o mesmo em relação aos seus *Rishis* hindus; e os modernos seguidores dos Grandes *Rishis*, que são os *yogīs*, alguns de uma Fé, outros de outra, entre as quais se contam uns poucos cristãos indianos, mantêm-se fiéis a essa idéia.

Como o Problema do *Arhant* é obviamente de grande importância, seja por si mesmo, seja em relação a Milarepa, algumas considerações a esse respeito podem ser apropriadamente incluídas nesta Introdução.

Por ser um *Arhant* definido como um Santo Perfeito sobre a Terra,²⁵ Alguém que alcançou o Objetivo da Iluminação, ver-se-á, de início, que um santo eremita, Kargyütpa ou não, não é necessariamente um *Arhant*, e pode, aliás, estar tão perto do Estado de *Arhant* quanto um chefe de família comum.²⁶ Podemos formular, no entanto, os seguintes postulados: (1) prova-se facilmente que existem eremitas no Tibete e nos países adjacentes do Himalaia; (2) é certo também que muitos deles são ascetas budistas e *yogīs* indianos praticantes, que fazem sérios esforços para trilhar o caminho do Estado de *Arhant*; (3) essa segura evidência sugere que, entre tantos aspirantes, como se poderia talvez razoavelmente esperar, há alguns, muitíssimo poucos, provavelmente não um em dez mil, em avançado estágio de santidade, que atingiram ou quase atingiram o Objetivo, tal como Milarepa, acredita-se, alcançou.

Os tibetanos, por seu lado, sustentam que é tão exequível trilhar o caminho ao Estado de *Arhant* até o seu fim, nesta nossa época, como o foi nas eras passadas; e, como justificativa, afirmam que hoje existem entre eles homens que o palmilharam, assim como Milarepa, o seu Santo Nacional, o fez no século XI.²⁷ Embora a afirmação possa não ser demonstrável a uma pessoa que não é um *Arhant*, ou que não acredita em *Arhants*, necessitando, em consequência, que a aceitem, se de algum modo, pela fé, ela pode ser literalmente verdadeira. Quantos de nós sabemos por compreensão pessoal que o Sol está a 93.000.000 de milhas de distância, ou que qualquer outro fato geralmente aceito pela ciência natural é verdadeiro? Acreditamos em tais fatos pela força de nossa psicologia social e de uma predisposição mental recentemente adquirida. Ter fé nos *Arhants* parece ser, embora de fato não seja, muito mais difícil. Talvez isso se deva ao fato de nos termos deixado

25. De acordo com a Escola Mahāyāna, um *Arhant* (ou *Arhat*) é alguém que alcançou o primeiro estágio das perfeições bodhisattvicas. De acordo com a Escola Tântrica (à exceção da Mahāyāna, com a qual está amalgamada nas práticas *yóguicas* de Milarepa), um *Arhant* é alguém que atingiu um grau tão alto de desenvolvimento espiritual que conquistou a iniciação na quarta ordem dos Iniciados Tântricos.

26. "Visto que um *Arhant* é alguém que, tendo erradicado a Luxúria, a Ira e a Ignorância, está livre da escravidão dos Doze *Nidānas* e de todos os grilhões *sangśáricos*, o estado do *bhikṣhu*, ou asceta que renunciou à vida mundana, confere a aproximação mais natural do Estado de *Arhant*. Diz-se que, se um chefe de família alcança o Estado de *Arhant*, ele renuncia ao mundo nos sete dias seguintes e se torna um monge, ou adentra o seu *Pari-Nirvāṇa*" (Sri Nissanka).

27. "Embora muitos de nossos eruditos da Escola Meridional possam não aceitar essa concepção da Escola Setentrional, eles são incapazes, no entanto, de descobrir em qualquer passagem do Cânone páli ensinamentos do Buddha em contrário. O *Satipatṭhāna Sutta* é enfático quanto à possibilidade de se alcançar o Estado de *Arhant*" (Sri Nissanka).

dominar inconscientemente de modo tão amplo pela fé científica, isto é, pela fé nos fatos físicos, que nos tornamos incapazes de conservar nossa antiga fé ancestral nos fatos que são superfísicos.

Não obstante, quanto mais o autor examinou a afirmação tibetana de que existem *Arhants*, mais se convenceu de que tal reivindicação não deve ser rejeitada superficialmente, como pode ser o caso, pelos cristãos ou mesmo pelos budistas meridionais, que, provavelmente, por não descobrirem nenhuma evidência de *Arhants* verdadeiros entre eles, estão inclinados a concluir que não podem existir *Arhants* em parte alguma, e muito especialmente entre os budistas setentrionais “heréticos” e os hindus.

Se a aplicação do Sermão da Montanha, ou o seguimento da Nobre Senda Óctupla, não fossem mais praticáveis, haveria, então — como afirmam nossos amigos *yogīs* —, boas razões para se manter essa atitude cética do europeu ou do budista meridional.

O autor, ao se aventurar em registrar aqui alguns resultados de suas pesquisas na Índia e no Tibete, pesquisas que se estenderam por mais de cinco anos, só pode, naturalmente, falar por si mesmo e deixar que suas conclusões sejam tomadas pelo que valem. Como resultado de suas pesquisas, ele tem boas razões para pensar que entre os eremitas do Himalaia (com alguns dos quais ele conversou em seu próprio meio) há possivelmente alguns — que talvez não passem de dois ou três — que, tendo abandonado a vida familiar, como o fez o Grande *Arhant*, o Verdadeiro Iluminado, alcançaram o Objetivo. Em outras palavras, o caminho ao Estado do *Arhant* parece que ainda está aberto.

Esses Iluminados alcançaram a Libertação a partir da Ignorância, do Anseio pela Existência *Sangsárica*, da necessidade *kármica* de nascimento e morte. Na Introdução de Rechung, afirma-se o seguinte a propósito de Milarepa, depois de este ter alcançado a Iluminação: “Ele era alguém que, tendo tido o benefício de mestres santos e virtuosos, acumulou o elixir vital que lhes caía dos lábios e o experimentou por si mesmo na agradável solidão dos refúgios montanhosos, obtendo dessa forma a emancipação das armadilhas da Ignorância, de modo que as sementes da Experiência e da Inspiração nele germinaram e alcançaram pleno desenvolvimento. (...) Ele foi alguém que atingiu Aqueles que habitam a Cidade da Grande Emancipação, na qual vivemos em indescritível beatitude. (...)”

Para o místico do Oriente, um *Arhant* é alguém que alcança a perfeição na Terra apenas depois de muitas existências dedicadas à maior de todas as grandes aventuras; é a quintessência de toda a instrução e progresso humano através das eras, a rara eflorescência da sociedade, o elo que une a humanidade à Cultura Superior.

Dadas as crenças do místico oriental, não é desarrazoado, e certamente não é anticientífico, acreditar que o homem comum está muito distante do alto da escala da realização espiritual; e, portanto, não apenas é provável, mas necessário, que haja, como se diz que houve, e como se acredita que haverá no futuro, dentre os milhões de seres humanos do mundo, pelo menos uns poucos que em todas as gerações mantêm aberto, como diria Platão, o Caminho Sagrado que vai das Planícies Terrestres às Alturas do Olimpo. Se não existissem esses Guardiães do Caminho Sagrado da Evolução Superior, então, de fato, o caminho ao Estado de *Arhant* seria intransponível e o Objetivo inexequível para a humanidade; toda a fuga do *Sangsāra* estaria interdita.

Se essa concepção dos Videntes indianos estiver correta, então, todos os Supremos Mestres do Mundo — que foram *Arhants* e mais do que *Arhants* — tornam-se compreensíveis para nós que ainda habitamos no *Sangsāra* pelo qual Eles passaram à Liberdade; e, assim, os vemos como nossos verdadeiros Irmãos, como Guias que exploraram, demarcaram e ainda guardam para nós o caminho, e nos convidam a segui-los.

Como afirmam os adeptos de Milarepa, na busca da Verdade, a Verdade só pode ser encontrada por meio da Realização da Verdade, no sentido gnóstico da palavra, e não pela especulação intelectual; portanto, ao decidirmos se hoje existem ou não *Arhants* no Tibete, ou em qualquer outra parte do mundo, o único procedimento válido e científico consiste em explorarmos nós próprios o caminho que conduz ao Estado de *Arhant*, tal como Milarepa nos convida a fazer.

Mesmo o cético não precisa senão de fé suficiente para acreditar na possibilidade desse caminho, a fim de descobri-lo e examiná-lo. Se não houver essa fé, então a busca será inevitavelmente inútil e o cético continuará a ser o que a Escola de Milarepa ensina que ele é — o escravo do Tempo e da Mudança. Sem a fé de que determinada experiência deve conduzir a um certo resultado, nenhum químico ou físico poderia descobrir novas verdades científicas; e nenhum homem jamais poderia esperar descobrir esse Novo Mundo, que Milarepa celebra em sua extática alegria de triunfo, a não ser que estabeleça, de início, o postulado de que há um Mundo Novo a descobrir.

Felizmente, uma grande maioria dos seres humanos ainda possui essa fé, porque acredita que a Evolução não encontra o seu fim no homem, que é, biologicamente falando, apenas o mais bem-desenvolvido dos seres animais. O hindu, o jainista, o taoísta, o cristão e o sufi muçulmano, tal como os budistas de todas as Escolas, todos eles têm seus próprios *Gurus* para indicar-lhes o Caminho.

XI. O TEXTO E SUA TRADUÇÃO

O falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup, de quem o Editor publicou um breve relato biográfico na Introdução de *O Livro Tibetano dos Mortos*, iniciou a tradução inglesa do *Jetsün-Kahbum*, na qual se baseia a nossa versão, no dia 22 de junho de 1902; trabalhando nela periodicamente em seus momentos livres — ele era o único amparo dos velhos pais, da esposa e de três filhos —, completou-a em 29 de janeiro de 1917.

Em seguida, durante o ano de 1920, quando era diretor da Escola do Internato Bhutia do Maharaja, próximo a Gangtok, Sikkim (outrora uma parte do Tibete), começou ele a preparar a tradução com vistas à publicação, auxiliado pelo Major W. L. Campbell, então Conselheiro representante do Governo britânico no Tibete, no Butão e no Sikkim, ele próprio um erudito versado em assuntos tibetanos. O Editor também estava em Gangtok, trabalhando com o Lāma na tradução de *O Livro Tibetano dos Mortos* e de outros tratados religiosos tibetanos, e presenciou os progressos realizados com o *Jetsün-Kahbum*. Por ocasião da prematura morte do Lāma, ocorrida em março de 1922, pouco depois de sua designação para a

a Cátedra da Língua Tibetana na Universidade de Calcutá, o trabalho de preparação para a publicação da *Biografia* de Jetsün estava incompleto.

Posteriormente, o Editor, durante uma visita à casa do falecido Lāma, em Kalimpong, além de Darjeeling, no ano de 1924, obteve do filho sobrevivente do Lāma a tradução manuscrita original e, no outono do ano seguinte, em Oxford, iniciou a adaptação da tradução aqui apresentada.

Esperara sempre o Tradutor poder supervisionar a publicação da tradução e, tivesse ele vivido para realizar tal trabalho, todos os erros que possivelmente devem ter se insinuado em nossa versão teriam, sem dúvida alguma, sido eliminados. Mas, em vez de protelar indefinidamente a publicação, o Editor considerou mais sábio oferecer ao mundo a tradução na forma em que ela agora é apresentada, embora seguindo fielmente o manuscrito do Tradutor.

Em sua versão inglesa, o Tradutor manteve-se tão fiel ao sentido literal do texto tibetano quanto o permitem os idiomas das duas línguas, ou quanto é ele compatível com o inglês literário, exceto em algumas poucas passagens, em que, como ele dizia, era preferível traduzir de modo um tanto quanto livre o sentido real envolvido no texto a verter literalmente termos metafísicos abstrusos e frases que — mesmo que pudessem ser adaptados ao inglês — não conseguiriam comunicar o sentido que um *lāma* iniciado teria delas deduzido no original.

Excertos e partes tanto da *Biografia* como das *Canções* (ou *Hinos*) têm ultimamente surgido aqui e ali, em traduções para várias línguas européias. O Governo da Índia publicou, por exemplo, em 1914, a primeira versão inglesa do Lāma Kazi Dawa-Samdup referente ao capítulo da *Biografia* que relata a Meditação Solitária de Jetsün e que, de acordo com a nossa edição, é o Capítulo X, para ser utilizada em relação ao exame de proficiência superior em tibetano. Durante o verão de 1925, publicou-se, em francês, uma tradução abreviada da *Biografia* feita por Jacques Bacot. Há uma versão mongólica da *Biografia* e, provavelmente, outra em chinês. Nossa versão inglesa é a primeira tradução completa a ser publicada numa língua ocidental.²⁸

Como afirmou o Sr. Bacot em suas cartas, a *Biografia* consiste num dos textos tibetanos mais geralmente aceitos e mais ou menos standardizados; contudo, nas diferentes edições, de acordo com o mosteiro em que se fez a impressão, há diferenças menores quanto à ortografia. O colofão pode igualmente diferir de acordo com o escriba que preparou o texto para a publicação. O Sr. Bacot acrescenta que nos últimos dois capítulos da versão inglesa do falecido Lāma Dawa-Samdup, cópias dos quais lhe foram enviadas pelo Major W. L. Campbell, a numeração das páginas do texto tibetano correspondente não combina com a daquele do qual ele fez

28. Além da versão do Sr. Bacot da *Biografia* e da nossa própria, as principais obras até agora publicadas na Europa e na América a respeito de Milarepa são as seguintes, de acordo com a ordem de publicação: H. A. Jäschke, *Proben aus dem tibetischen Legendenbuche; die hundert-tausend Gesänge des Milaraspa*, na *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* (Leipzig, 1869), XXIII, 543-58; W. W. Rockhill, *The Tibetan Hundred Thousand Songs' of Milaraspa*, no *Journal of the American Oriental Society* (New Haven, 1884), XI, t. 207-211; L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet* (Londres, 1895), pp. 64-7; Berthold Laufer, *Zwei Legenden des Milaraspa* (Viena, 1901), *Aus den Geschichten und Liedern des Milaraspa* (Viena, 1902); G. Sandberg, *Tibet and the Tibetans* (Londres, 1906), cap. XIII; Berthold Laufer, *Milaraspa* (1922).

a sua versão francesa. É evidente, portanto, que nossa versão e a dele se baseiam em edições tibetanas diferentes.

O Apêndice desta edição (ver p. 232) registra que Gampopa também escreveu uma Biografia de Jetsün, da qual, contudo, não temos conhecimento. Não podemos igualmente determinar se há ou não mais do que uma versão atribuída a Rechung. Em sua própria valiosa Introdução, o Sr. Bacot discutiu esses e outros problemas técnicos análogos; e para maiores informações enviamos o estudioso para o seu *Milarepa*.

Visto que o interesse do Editor é mais antropológico do que filológico, não procurou ele apresentar uma versão estandardizada, nem estaria ele apto a produzi-la se tivesse todos os dados e os materiais necessários para tanto. Essa importante tarefa caberá aos eruditos do futuro, que, como se espera, darão ao texto tibetano uma cuidadosa versão científica, facilitando assim a eliminação, em nossa versão, das incorreções que podem ter sido nela introduzidas.

XII. O LUGAR DO *JETSÜN-KAHBUM* NA LITERATURA DO TIBETE

No próprio Tibete, o *Jetsün-Kahbum* detém o privilégio de ser reverenciado tanto pelas classes cultas e letradas quanto pelo povo iletrado. Quanto a esse aspecto, o Tradutor registrou o seguinte parecer erudito, num manuscrito que serviria como parte de uma Introdução semelhante à nossa:

“Embora escrita há mais de oitocentos anos, ela é do começo ao fim vazada numa linguagem de estilo tão claro e simples, que qualquer tibetano comum de hoje que saiba ler pode lê-la com facilidade e prazer. Quando acrescentamos a isso que ela narra a biografia de um homem que é encarado e reverenciado por todos os tibetanos, de todas as seitas e escolas, como o Asceta, o *Yogī* Ideal, e que ele não é menos estimado como poeta e autor de canções, que estão nos lábios de todo o povo, à semelhança das canções de Burns na Escócia, descobrimos por que esta vida de Milarepa é um dos livros mais famosos e prediletos do Tibete. Pois ele é admirado tanto por aqueles que sabem como escrever livros, como por aqueles que só sabem lê-los quando escritos.

“Mas, nas modernas obras tibetanas, os autores parecem visar antes a deslumbrar e também a confundir o leitor por sua exibição de habilidade em modelar frases crípticas, mas ao mesmo tempo impecavelmente corretas quanto à gramática, no intuito de despertar o respeito e admiração para seus ensinamentos, do que a narrar uma história clara em palavras claras, que atingiria a mente do leitor de uma maneira mais simples e direta.

“Não obstante a simplicidade e a perfeita ausência de uma linguagem desnecessária e complicada, ela possui muitas belezas devidas à maneira pela qual é escrita, que podem ser, e o são, apreciadas por aqueles que compreendem essas coisas, mesmo que eles próprios não se sintam inclinados a imitar-lhe a simplicidade e a retidão. O que o autor diz em sua nota versificada ao fim desta obra não consiste numa vã bazófia, mas na simples verdade:

‘Esta *Biografia* ou *História* foi embelezada do começo ao fim pela linguagem ornada;
Possa ela ser uma dádiva de prazer para todos os eruditos e amantes da literatura.’

E uma dádiva de prazer ela o é, no original.

“Sendo este livro ao mesmo tempo simples e semeado de belezas literárias, ele é, no original, talvez o melhor texto disponível que um estudioso estrangeiro do tibetano pode tomar com vistas a aprender e ampliar seu conhecimento da língua. Alexandre Csoma-de-Körös, o grande erudito tibetano de origem húngara que redigiu os primeiros Dicionário e Gramática tibetanos, Jäschke e Sarat Chandra Das, todos tomaram este livro como uma das obras-modelo do tibetano ao compilar seus Dicionários. Mas, ao mesmo tempo, o estudioso descobrirá também, para sua satisfação, que está fazendo a si mesmo um benefício de outra e igualmente excelente espécie, pois descobrirá que está se familiarizando com alguém que é alinhado entre os Grandes Santos do Tibete, como Sri Kṛishṇa o é entre os da Índia, ou São Francisco de Assis entre os da Europa. E, talvez, à medida que prosseguir na leitura e no estudo, ele aprenda a amar e a admirar Milarepa. É possível também que, ao acompanhar a vida do Santo, ele possa fazer um julgamento mais benévolo da vida, da religião e dos costumes do Tibete do que a leitura de livros escritos por estrangeiros sobre o nosso país possa tê-lo induzido a formar.

“De qualquer maneira, é algo dessa espécie o que eu (o presente Tradutor) tive em mente ao fazer esta tradução. Quis mostrar aos cultos olhos ocidentais um de nossos Grandes Mestres, tal como ele realmente viveu, numa biografia sua, muito da qual é expresso pelas palavras de sua própria boca, e o restante pelas palavras de seu discípulo Rechung, que o conheceu em carne e osso.”

XIII. MILAREPA, UM DOS HERÓIS DA HUMANIDADE

A despeito das inúmeras diferenças sectárias entre as numerosas seitas do Budismo tibetano, todos os tibetanos são unânimes em conceder a Jetsün-Milarepa a máxima reverência e estima; e eles o consideram como o verdadeiro protótipo de tudo o que um Grande Santo deveria ser. Neste sentido, pode-se dizer que Milarepa não pertence a nenhuma seita ou Escola.

Milarepa, o Sócrates da Ásia, não atribuía nenhum valor ao intelectualismo, às recompensas e aos prazeres do mundo; sua busca suprema visava à descoberta pessoal da Verdade, que, tal como nos ensina, só pode ser alcançada por meio da introspecção e da auto-análise, pesando-se os valores da vida na escala da mente iluminada, da mente *Bodhi*. Nele, os ensinamentos de todos os Grandes *Yogīs* da Índia, incluindo o Maior de todos os conhecidos na História, Gautama, o Buddha, quando testados pela experiência científica, não falharam. Muitos paralelos também podem ser traçados entre os preceitos de Jetsün registrados nesta *Biografia* e os de outro Grande Mestre da Vida, bastando para isso compará-los com o Sermão da Montanha.

Como membro da raça mongólica, Milarepa, como Confúcio, é apenas mais um exemplo do fato de que o gênio não reconhece barreiras de raça, nacionalidade ou credo, sendo tão universalmente humano quanto a própria humanidade.

Possa este livro ajudar a difundir a compreensão desta lei natural da Fraternidade Universal. Possa ele constituir um humilde memorial a seu Grande Herói. E possa ele chegar às gerações ainda por nascer como um legado daquele que tornou possível sua transmissão às raças européias, o seu erudito e douto tradutor, o falecido Lâma Kazi Dawa-Samdup.



O TRANQUÍLO

Tranquilo no corpo, na palavra e na mente, ó mendicantes,
Aquele que domina perfeitamente todos os sentidos,
Que pôs de lado todos os desejos deste mundo,
Esse é chamado de "o tranquilo".

O mendicante, pleno de suprema alegria e júbilo,
Firme no ensinamento do Desperto,
Alcança as bem-aventuranças onde todas as condições cessam,
Alcança o Estado de Paz.

O Buddha, de *Dhammapada*, vv. 377, 380
(Trad. de F. L. Woodward)



A BANDEIRA DA VITÓRIA

Descrita às pp. 27 n.6, 66-7 e 194



MILAREPA, O *YOGĪ* TIBETANO

Descritto à p. XXIII

INTRODUÇÃO

(do tibetano)

por

RECHUNG, DISCÍPULO DE MILAREPA

Homenagem ao *Guru*!

Desejo narrar [aqui] a história de um Grande *Yogī*, que viveu neste elevado planalto coberto de neve do Tibete. [Ele foi] um homem que desde a sua juventude ficou profundamente impressionado com a natureza transitória e impermanente de todos os estados da existência terrena e com os sofrimentos e infelicidades em que viu todos os seres mergulhados. A vida lhe parecia uma imensa fornalha, onde todas as criaturas estavam torrando. Tal fato encheu-lhe o coração de uma dor tão pungente, que ele foi incapaz de sentir qualquer inveja, mesmo da felicidade celestial desfrutada por Brahmā e Indra nos respectivos Céus, e muito menos dos prazeres e gozos terrenos concedidos por uma vida de eminência mundana.

Por outro lado, estava tão cativado pela Visão da Imaculada Pureza, pela Casta Beleza encontrada na descrição do Estado da Perfeita Liberdade e Onisciência associadas à obtenção do *Nirvāṇa*, que pouca importância tinha para ele perder até mesmo a vida na busca idealizada, dotado como era de uma fé sólida e completa, de um intelecto sagaz e de um coração transbordante de amor e simpatia universais.

[Ele foi] um homem que, tendo o benefício de santos mestres, armazenou o elixir vital que lhes caía dos lábios, e dele provou por si mesmo na agradável solidão dos retiros montanheses, obtendo, dessa forma, a emancipação dos grilhões da Ignorância, de modo que as sementes da Experiência e da Inspiração nele brotaram e atingiram o seu máximo desenvolvimento.

[Ele foi] um homem que, tendo rejeitado tudo o que diz respeito às esperanças, ao ócio, ao nome e à fama mundanos, devotou-se resolutamente ao objetivo único de elevar a bandeira do desenvolvimento espiritual a tal altura que ela pudesse servir aos futuros seguidores do Caminho como guia, como um sinal que os salvasse dos mundanismos e dos retardamentos, e os compelissem para o Caminho Ascendente.¹

1. O Caminho Ascendente é o Caminho da Renúncia (sâns. *Nivṛitti-Mārga*) que conduz ao *Nirvāṇa*, o Nobre Óctuplo Caminho, a *Via Sacra* dos Buddhas; ao contrário, o apego às coisas do mundo é o Caminho do Prazer (sâns. *Pravṛitti-Mārga*).

[Ele foi] um homem que, favorecido pelos deuses e pelos anjos, triunfou sobre as dificuldades do Caminho, obtendo a preeminência transcendente nas verdades espirituais e tal profundidade de conhecimento e experiência nesse aspecto, que a devoção religiosa se tornou uma segunda natureza para ele.

[Ele foi] um homem que, graças à sua profunda veneração pelos *Gurus* Lineares² e à sua sincera crença neles, obteve graça e apoio espiritual da parte deles, e a indicação para ser o seu sucessor espiritual na promulgação das Verdades Espirituais, manifestando dessa forma poderes e sinais sobre-humanos de incomparável natureza e inequívoco significado.

[Ele foi] um homem que, graças à força da grandeza de seu amor e compaixão fervorosos, sinceros e altruístas, era dotado do poder e do dom de inspirar até mesmo aos zombadores e descrentes iníquos, mundanos, empedernidos pelo pecado e céticos, uma emoção involuntária da fé que comove a alma, fazendo com que cada pêlo de seus corpos se levantasse num êxtase arrepiante, e as lágrimas corressem copiosamente de seus olhos, semeando desse modo a semente da redenção e da iluminação futura e fazendo-a germinar em seus corações apenas pela pronúncia de seu nome e pelo relato de sua história. Ele era portanto capaz de regenerá-los, redimi-los e protegê-los das dores e do terror desta existência terrena inferior.

[Ele foi] um homem que, tendo dominado as ciências místicas e ocultas, ouviu das *Dākinīs*³ os quatro estados beatíficos da comunhão extática,⁴ promovendo assim o seu crescimento espiritual.

[Ele foi] um homem que se desembaraçou da Sombra Dupla [da Ilusão e do *Karma*⁵] e se elevou no Espaço Espiritual, até atingir o Objetivo em que todas as doutrinas se fundem na compensação.

2. *Gurus* Lineares são os que figuram em qualquer Escola na sucessão apostólica, sendo o próprio Milarepa o quarto na Linhagem Kargyütpa, como explicamos na Introdução. A importância da sucessão espiritual é igualmente reconhecida no Bramanismo com suas três linhas de *Gurus*, os *Divya*, os *Siddha* e os *Mānava*, uma vez que os ensinamentos esotéricos essenciais não são transmitidos pelos livros, mas de *guru* (professor) a *shishya* (discípulo). Esse processo de transmissão é conhecido em sânscrito como *Pāramparya-krama*.

3. As *Dākinī*[s] (tib. *Mkah 'gro-ma*, pron. *Kah 'gro-ma*) são fadas feéricas de várias ordens, possuidoras de peculiares poderes ocultos. Muitas delas são as principais divindades invocadas nos rituais do Tantrismo, tanto hindu como budista. Em outros contextos, o termo *Dākinīs* foi, aqui, traduzido por “anjos”.

4. Esses quatro estágios da *Dhyāna* (tib. *Bsam-gtan*) foram vertidos pelo Tradutor da seguinte maneira: (1) Análise (sânsc. *Vitarka*); (2) Reflexão (sânsc. *Vichāra*); (3) Afeição (sânsc. *Prīti*); e (4) Beatitude (sânsc. *Sukha*). Esses são os quatro estados mentais progressivos que conduzem à concentração total da mente, que produz a Iluminação extática.

5. Ilusão (sânsc. *Māyā*; tib. *Sgyūma*, pron. *Gyūma*), ou a crença animista humana e universal de que os fenômenos nos mundos, nos infernos e nos céus são reais, e de que o ego (ele próprio um aglomerado kármico de características adquiridas durante incalculáveis aeons através das experiências no *Saṃsāra* dos fenômenos) é real, é a Sombra Dupla que oculta a Realidade, a qual, sendo não-*sangsārica*, não pode ser compreendida enquanto estivermos imersos na existência sobre a Terra ou em qualquer outro paraíso além-túmulo – nem mesmo no Céu dos Cremos semitas (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo), que diz respeito ao reino dos fenômenos, das aparências, da personalidade, da sensação, das coisas. O *Nirvāṇa* está além da Natureza, além dos fenômenos. É o “Imutável, o Inato, o Incriado, o In-formado” – a Realidade Única.

[Ele foi] um homem que, tendo atingido a onisciência, a benevolência universal e o amor intenso, juntamente com a aquisição de poderes e virtudes transcendentais, tornou-se um Buddha autodesenvolvido, que se elevou acima das opiniões e dos argumentos conflitantes das várias seitas e credos, como a jóia mais elevada que adorna a Bandeira da Vitória.⁶

[Ele foi] um homem que, tendo adotado O Caminho sem par do *Vajra*,⁷ se entregou a diligente esforço e atingiu as alturas superiores da experiência e do conhecimento espirituais.

[Ele foi] um homem cuja fama de extraordinário mérito, reverenciada por deuses e anjos, preencheu todas as dez divisões do Universo⁸ com a ondulação da Bandeira da Fama e com os tons reverberantes da Melodia do Louvor.

[Ele foi] um homem cujo corpo físico foi impregnado pela bem-aventurança descendente até a ponta dos pés, e pela bem-aventurança ascendente até o topo da cabeça, onde ambas se fundem na bem-aventurança do fluido lunar, daí ricocheteando e correndo nos três nervos principais, desenroscando as espirais dos centros nervosos, expandindo, por fim, os nervos mais diminutos e transformando-os em verdadeiros nervos medianos.⁹

6. Este é um dos oito símbolos do Budismo setentrional, que recebem o nome de Oito Gloriosos Emblemas, a saber: (1) o Peixe Dourado, (2) o Guarda-Chuva Real, (3) a Trombeta da Vitória feita de Concha, (4) o Diagrama Propício, (5) a Bandeira da Vitória, (6) o Vaso, (7) o Lótus, e (8) a Roda da Lei. A Bandeira da Vitória (tib. *Rgyal-mts'an*, sânc. *Dhvaja*) simboliza a Vitória sobre o *Saṃsāra*, ou a obtenção da Iluminação Perfeita – o *Nirvāṇa*.

7. O Caminho ou Caminho Imutável (sânc. *Vajra-yāna*) é o Caminho do Misticismo conhecido pela seita Kargyütpa, na qual Milarepa é um dos *Gurus* da Grande Dinastia ou Linhagem.

8. Essas divisões são os quatro pontos cardeais, os quatro pontos medianos, o nadir e o zênite.

9. Esse parágrafo refere-se ao processo *yóguico*, como no *Kuṇḍalinī Yoga*, de desenvolvimento dos nervos psíquicos (sânc. *nāḍī*) e dos centros nervosos psíquicos (sânc. *chakra*) do corpo humano. O nervo psíquico situado na cavidade da coluna vertebral (sânc. *Brahmā-daṇḍa*) é o nervo mediano e principal (sânc. *suṣūmṇā-nāḍī*), ao qual se ligam os centros nervosos psíquicos, em que se acumula, como a eletricidade nos dínamos, a força vital (sânc. *prāṇa*) de que todos os processos psicofísicos dependem, em última análise. Assim que os centros nervosos psíquicos são despertados ou desenrolados, a começar do primeiro, conhecido como o Suporte Radical (sânc. *Mūlādhāra*) do nervo mediano, situado no períneo e no qual o vigoroso poder oculto personificado como a Deusa Kuṇḍalinī jaz enrolado como uma serpente adormecida, o *yogī* experimenta a Iluminação. O Poder de Kuṇḍalinī ou da Serpente, tendo se elevado por meio do nervo mediano e desenrolado o Suporte Radical, prossegue em seu curso ascendente, penetrando e pondo em atividade psíquica o segundo centro nervoso, chamado em sânscrito de *Svādiṣṭhāna*, que é o centro dos órgãos sexuais; em seguida o terceiro, ou centro nervoso do umbigo, o *Maṇipūra-chakra*; depois o quarto, ou centro nervoso do coração, o *Anāhata-chakra*; depois o quinto, ou centro nervoso da garganta, o *Vishuddha-chakra*; depois o sexto, o *Ājñā-chakra*, situado entre as sobrancelhas como um terceiro olho, até que atinja, como o mercúrio num termômetro, o centro nervoso psíquico do cérebro, chamado de Lótus das Mil Pétalas (sânc. *Sahasrāra-Padma*), que é o Supremo ou o Sétimo dos centros. Aqui, efetua-se uma sutil transformação, na qual o fluido lunar, ou as forças sexuais trasmutadas, são psicofisicamente muito poderosas. A beatitude divina, que surge da Iluminação, desce como ambrosia celestial para alimentar todas as partes do corpo psíquico, até mesmo as pontas dos pés. Todos os centros nervosos psíquicos são desenrolados ou postos em atividade, e o menor dos nervos

[Ele foi] um homem que era, assim, capaz de expor fluentemente os sentidos e as idéias contidos nas doze coleções de *Sūtras* e nas Quatro Escrituras e de traduzi-los em estrofes métricas a serem cantadas nos ritos e no cerimonial do Caminho do *Vajra*.

[Ele foi] um homem que, tendo todas as suas idéias e conceitos amalgamados à Causa Primordial, eliminou a Ilusão da Dualidade.¹⁰

[Ele foi] um homem que, versado na ciência da mente e do intelecto, lia os fenômenos externos como um livro.

[Ele foi] um ser ilimitadamente dotado de graça, onisciência e poder, e capaz de desenvolver e emancipar até mesmo as feras mudas, pregando para elas.

[Ele foi] um ser que ultrapassou a necessidade de observar as regras mundanas, as convenções artificiais e a lisonja, sendo reverentemente cultuado por todos os seres racionais, deuses e homens, com profunda devoção, enquanto permaneceu tranqüilo, augusto e atencioso.

[Ele foi] um ser que perseverou com muita diligência na meditação sobre o Raro Caminho, não ultrapassado mas, antes, ultrapassando todos os outros Grandes *Yogīs* e *Bodhisattvas*¹¹ de sua época, igualmente abençoados, tornando-se objeto de admiração até mesmo para eles.

Como o profundo e tonitruante rugido de um leão,¹² ele proclamou a Verdade do fato compreensível da ilusoriedade do Ego,¹³ na plena certeza de sua compreensão, aterrorizando e subjugando os seres e as criaturas de caráter maligno e egoísta, e deleitou-se em liberdade na esfera ilimitada e sem centro dos céus, como um leão selvagem que ruge livremente nas montanhas.

Tendo adquirido pleno poder sobre os estados e as faculdades mentais, superou todos os perigos dos elementos externos e canalizou-os para o proveito e uso próprios.

Tendo obtido o conhecimento transcendental no controle da natureza etérica e espiritual da mente, foi capaz de fornecer uma demonstração desse poder voando pelo céu, caminhando, descansando e dormindo suspenso [pela levitação] no ar.

Do mesmo modo, ele era capaz de produzir de seu corpo chamas de fogo e jorros de água e de transformar à vontade seu corpo em qualquer objeto desejado, convencendo dessa maneira os descrentes e conduzindo-os para ocupações religiosas.

psíquicos, comparado com seu estado não desenvolvido, é tal como nervos medianos no estado extático do corpo, como *Milarepa* comumente desfrutava.

10. A Causa Primordial é a Mente Primordial, a Unidade. Como todos os pares de opostos são apenas conceitos da mente mundana, mesmo o último par de opostos – o *Saṃsāra* e o *Nirvāṇa* –, quando observados pela Transcendência da Iluminação, se fundem na compensação, e a Dualidade é compreendida como uma Ilusão.

11. Um Grande *Yogī* (ou Santo) é alguém que atingiu o domínio das Ciências Ocultas; um *Bodhisattva* é alguém que, tendo progredido para além do Caminho da *Bodhi*, que conduz ao Budado, está destinado a se tornar um Buddha, um “Iluminado”, e a ensinar o Caminho da Iluminação aos seres não-iluminados.

12. A proclamação da Verdade por alguém que atingiu a Iluminação *Bódhica* é metaforicamente conhecida entre os budistas como o “Rugido do Leão” (sâns. *Singha-Nāda*).

13. Ver p. 30, n. 21.

[Ele foi] um ser perfeito na prática dos quatro estágios da meditação¹⁴ e, portanto, capaz de projetar seu corpo sutil de modo a estar tão presente, como *Yogī* Diretor, em todos os Vinte e Quatro Lugares Santos, nos quais os deuses e os anjos se reúnem, como nuvens, para a comunhão espiritual.¹⁵

Sendo destemido no conhecimento da natureza indestrutível da mente,¹⁶ foi capaz de dominar os deuses e os elementais das oito diferentes espécies e de fazê-los obedecer instantaneamente ao seu comando, no cumprimento das quatro classes de deveres.¹⁷

[Ele foi] um arquiteto-mestre, versado na exposição da Ciência do Claro Vazio da Mente,¹⁸ em que todas as formas e substâncias têm sua causa e origem.

[Ele foi] um médico habilíssimo, muito experiente na arte de curar as moléstias crônicas da mente não iluminada através da aplicação do remédio das Cinco Sabedorias Divinas.¹⁹

14. Trata-se dos quatro estágios da *Dhyāna*, já mencionados à p. 26, n. 4.

15. Trata-se dos Vinte e Quatro Centros de Peregrinação (cf. p. 121), conhecidos também pelo Hinduísmo. A eles se acrescentam às vezes os Oito Grandes Lugares de Cremação na Índia, nos quais, caso se efetue a cremação, pode-se obter uma liberação mais espiritual e, em consequência, um renascimento melhor do que o da própria cremação. Em conjunto, eles constituem os Trinta e Dois Centros de Peregrinação (cf. pp. 96-7), de onde se acredita que emanam forças magnéticas que auxiliam o desenvolvimento psíquico e tornam a devoção mais meritória e a comunhão, de espécie telepática, com os seres espirituais que naturalmente aí se reúnem, muito real. Aos Grandes *Yogīs* – como era o caso de Milarepa – atribui-se comumente o poder de visitar os Centros Sagrados da Terra (comparáveis aos Centros Nervosos Psíquicos do organismo humano) com um corpo invisível ou sutil, a fim de presidir os conclaves divinos ou deles partilhar.

16. Referência à doutrina *Mahāyānica* de que o estado da mente realizado na iluminação extática do Budado é a única Realidade. É além do estado da mente mundana e ilusória ou impermanente que o homem, imerso na *Māyā* dos fenômenos *sangsáricos*, tem a chance de conhecer a realidade. Por ser transcendente, ela está além da Natureza (que é a Criança da *Māyā*), além do *Sangsāra* (o Universo fenomênico) e, portanto, como não está sujeito nem à modificação nem à destruição, é o Imutável, o Indestrutível.

17. Estes são: o Amor (sâns. *Maitreya*), a Compaixão (sâns. *Karunā*), o Júbilo (sâns. *Muditā*) e a Caridade (sâns. *Upekṣhā*) – os quatro deveres de um Bodhisattva.

18. Aqui a Mente é concebida como o Vazio (tib. *Tong-pa-nyid*, sâns. *Shūnyatā*) que, no entanto, não é o vazio do nada, mas o Incriado, o In-formado primordial, que não pode ser descrito nos termos da experiência fenomênica ou *sangsárica*. Na medida em que ele é o Incriado, nenhum atributo conhecido pelo mundo ou pela mente finita lhe pode ser aplicado. Como *Dharma-Dhātu*, ou “Semente da Verdade”, é a Fonte do *Sangsāra*, ou universo dos fenômenos. Como *Dharma-Kāya*, ou “Corpo da Verdade”, é o Inqualificado. É o Isto, a Norma do ser, a Causa e Origem de tudo que constitui a finitude.

19. As Cinco Sabedorias Divinas são: (1) a Sabedoria Onisciente do *Dharma-Dhātu* ou a Sabedoria oriunda da Vacuidade, que é onisciente, simbolizada no primeiro dos Cinco Budhas *Dhyānī*, Vairocana, o Manifestador, “Aquele que em Formas Torna Visível” [o universo da matéria]; (2) a Sabedoria Especular, simbolizada por *Akṣhobhya*, o “Não-Agitado”, ou por seu reflexo *Vajra-Sattva*, o “Triunfador da Divina Mente Heróica”, o segundo dos Budhas *Dhyānī*; (3) a Sabedoria da Equanimidade, simbolizada pelo terceiro dos Budhas *Dhyānī*, *Ratna-Sambhava*, o “Nascido da Gema”, o Beatificador; (4) a Sabedoria Discriminante, que permite ao devoto conhecer cada coisa em separado e todas as coisas como uma só, personificada no quarto Buddha *Dhyānī*, *Amitābha*, “O da Luz Ilimitada”, o Iluminador; e (5) a

[Ele foi] um intérprete consumado dos bons e maus significados dos sons que são inerentes a todos os elementos externos e internos, e sabia fazê-los transformar-se em Espaço Audível.²⁰

[Ele foi] um matemático de bases sólidas que harmonizou sua própria condição mental com o nível imutável do Não-Ego,²¹ pois conhecia claramente todos os segredos ocultos e os recessos mais profundos das mentes alheias.

[Ele foi] um erudito professor de Ciência da Mente, tendo provado que, acima de qualquer dúvida, a mente é o Início e o Fim de todos os fenômenos visíveis, tanto materiais como espirituais, e que seus Raios, dotados do poder de brilhar sem obstruções, se desenvolvem, como ele sabia, na tríplice manifestação do Ser Divino Universal por obra de seu próprio poder inerente e livre.²²

Sabedoria Realizadora, que confere perseverança e ação infalível nas coisas espirituais, simbolizada no quinto Buddha Dhyānī, Amogha-Siddhi, o “Conquistador Todo-Poderoso”, o Dispensador do Poder Divino. Entre os Cinco Buddhas Dhyānī repousa o Caminho que leva à compensação no *Dharma-Kāya*, à Perfeita Iluminação do Budado, ao *Nirvāṇa* – que é a emancipação espiritual da roda dos nascimentos e das mortes através da aniquilação da Chama do Desejo.

20. Este parágrafo refere-se ao domínio de Milarepa sobre a ciência oculta dos *Mantras*, ou Palavras de Força, baseada na lei física da vibração. De acordo com a Escola Mantrayāna (“o Caminho do *Mantra*”), a cada objeto e elemento da natureza e a cada criatura orgânica, subumana, humana e super-humana, incluindo as ordens superiores de divindades – visto que todas, por serem *sangśáricas*, estão sujeitas à lei natural – se associa uma velocidade particular de vibração. Se tal velocidade é conhecida e formulada como som num *Mantra* e utilizada com sabedoria por um *Yogī* perfeito, exatamente como o era Milarepa, ela é capaz de desintegrar o objeto ou elemento de que é a nota tônica, ou num acorde vibratório; ou, no caso dos seres espirituais, é capaz de forçar as divindades e elementares menores a aparecerem, e as divindades superiores a emitirem telepaticamente sua influência divina em raios de graça. N’O *Livro Tibetano dos Mortos* (p. 114), figura a seguinte passagem, referente aos seis sons silábicos – *Om Ma-ṇi Pad-me Hūm* (pron. *Ōm Mā-ṇi Pāy-mē Hūng*) do Mantra de Chenranzi (sâns. *Avalokiteshvara*), o Divino Protetor Nacional do Tibete, por meio do qual ele é invocado:

“Quando o som natural da Realidade reverbera como milhares de relâmpagos, Possam eles ser transmutados nos sons das Seis Sílabas.”

21. Segundo a concepção budista, a teoria de que existe um eu, ou ego pessoal, eterno, permanente e imutável, é errônea. A realidade implica a consciência transcendente indiferenciada, incompatível com a consciência individualizada do ego. A consciência transcendente é a Consciência de Tudo; em comparação com ela, a consciência limitada, como inculca a hipótese da alma, é incalculável e obviamente inferior. Aqui reside a diferença fundamental entre a Igreja animista dos Concílios Eclesiásticos e o Budismo metafísico.

22. A Mente Transcendente, sendo a Única Realidade, é a Fonte da Natureza (ou o *Sangśāra*), que, por ser totalmente fenomênica, é em si mesma não-real. Se os Raios, ou a Luz Interior, são capazes de dominar o homem, a mente mundana transmuta-se na Mente Transcendente, que tem três aspectos ou manifestações: (1) *Dharma-Kāya*, “Corpo Divino da Verdade”, o Corpo da Iluminação Completa; (2) *Sambhoga-Kāya*, “Corpo Divino da Perfeita Dotação”, o reflexo primário do *Dharma-Kāya* e (3) *Nirmāṇa-Kāya*, “Corpo Divino da Encarnação”, o reflexo secundário do *Dharma-Kāya*. O primeiro é o Corpo de todos os Buddhas no *Nirvāṇa*; o segundo, de todos os Bodhisattvas nos Mundos Celestiais; o terceiro, de todos os Grandes Mestres sobre a Terra.

Neste contexto, o “Ser Divino Universal” não é considerado como o Deus Supremo e Pessoal dos Cremos semitas, mas antes como uma personificação figurada de todas as forças, poderes ou influências transcendentais que emanam do Vazio, do Inqualificado, do Incriado,

[Ele foi] um adepto perfeito do conhecimento e dos poderes sobrenaturais, sendo capaz de atravessar e visitar todos os inúmeros Paraísos e Céus dos Buddhas sagrados, onde, por virtude de seus atos redentores [de insuperável devoção], os Buddhas e os Bodhisattvas que aí presidem o favoreceram com discursos sobre o *Dharma*, e por sua vez, o ouviram, de modo que ele santificou os próprios Mundos Celestes com suas visitas e estadas.

Aparecendo às criaturas dos Seis *Lokas*²³ em formas e aspectos adequados e especialmente adaptados, em várias ocasiões, de acordo com seus méritos kármicos, ele lhes ensinou verdades espirituais, com adequação à capacidade intelectual e à disposição de ânimo de seus ouvintes, envolvendo essas verdades em parábolas e metáforas que estavam em perfeita consonância com a Sabedoria dos Vitoriosos,²⁴ propiciando-lhes a emancipação por meio de seus Ensinamentos.

Em suma, [ele foi] um ser que, no espaço de uma única existência, obteve a Quádrupla Personalidade²⁵ e as Cinco Perfeições²⁶ que constituem o Estado Onipresente do Grande Vajra-Dhara.²⁷

[Ele foi] um homem cuja graça e misericórdia contínuas foram espargidas sobre as multidões incontáveis de seres sencientes, para cujo bem continuou a pôr a Roda sem par da Verdade em movimento, redimindo-os, assim, da angústia e do desgosto indizíveis do *Sangsāra*.²⁸

[Ele foi] um homem que alcançou Os que habitam a Cidade da Grande Emancipação,²⁹ onde todos vivem em indescritível beatitude, obtendo e desenvolvendo ao mesmo tempo o Quádruplo Princípio da Imortalidade.

do-In-formado, e possibilitam à humanidade a fuga ao *Sangsāra*, à Natureza. N'Ele estão contidos, em indescritível unidade, todos os Grandes de Todas as Épocas, os Plenamente Iluminados, os Buddhas, os Salvadores da Humanidade. Nenhum conceito da mente humana limitada pode se Lhe aplicar; somente por Sua Realização Ele pode ser compreendido. Esse é o ensinamento da Escola de Milarepa, e de todo o Budismo esotérico do Lamaísmo Superior, do qual os europeus não-iniciados pouco conhecem, mas sobre o qual muito dogmatizam.

23. Os Seis *Loka* [s] (ou “Planos”) da Existência *Sangsárica* são: (1) o Mundo dos Deuses (ou *Devas*); (2) o Mundo dos Titãs (ou *Asuras*); (3) o Mundo da Humanidade; (4) o Mundo dos Animais; (5) o Mundo dos Fantasmas (ou dos *Pretas*). Infelizes; e (6) os diversos Infernos.

24. Isto é, os Buddhas, que venceram o *Sangsāra*, ou a roda do nascimento e da morte.

25. A personalidade (ou princípio) quádrupla consiste em (1) Inibição dos maus pensamentos; (2) Supressão (ou Aniquilação) dos maus pensamentos; (3) Encorajamento de bons pensamentos; e (4) Desenvolvimento (ou Aperfeiçoamento) dos bons pensamentos.

26. As cinco perfeições são aquelas que emanam das Cinco Sabedorias Divinas dos Buddhas Dhyānī, esboçadas na p. 29, n. 19.

27. Tib. *Rdo-rje-ch'ang* (pron. *Dorje-Chang*), sâns. *Vajra-Dhara*, que significa “O Indestrutível (ou Inabalável) Mantenedor do Poder Místico”, é um dos dois reflexos Bodhisat do Dhyānī Buddha Akṣhobhya, sendo o outro o Vajra-Sattva (“O de Mente Indestrutível”, ou “O Adamantino”). Ambos são divindades esotéricas. Vajra-Dhara é também o nome do Buddha Ādi (ou Primordial) do Gelugpa, a Igreja Estabelecida do Budismo tibetano; para a Ñingmapa, a Igreja “Antiga”, Samanta-Bhadra é o nome do Ādi-Buddha.

28. *Sangsāra*, ou a roda da morte e do nascimento, tal como é conhecida pela humanidade prisioneira do Círculo da Natureza.

29. Isto é, o *Nirvāṇa*, conhecido em tibetano como “O Estado sem Dores” (*Mya-nan-med*).

Esse foi o Grande Ser que brilhou mais do que todos os Grandes Seres, de nome Glorioso Jetsün-Mila-Zhadpa-Dorje,³⁰ resplandecendo como o Sol e a Lua juntos o brilho de seus feitos e o esplendor de seu nome.

Embora o valor intrínseco dos favores que prestou àqueles com quem encontrou não possa ser descrito ou limitado, tentei, não obstante, apresentar um breve elogio de seus vários feitos. A *História* ou *Biografia* será dividida em duas partes: a primeira, que trata de sua vida mundana, e a segunda, que trata de sua vida religiosa, desde o início até o tempo em que ele atingiu o *Nirvāṇa*.

No começo, tentarei relatar alguns detalhes referentes ao sobrenome Mila e sua origem, aos seus ancestrais e às circunstâncias de seu nascimento. Relatarei, em seguida, a perda de seu pai durante a infância, perda que transformou seus parentes em inimigos que roubaram todo o patrimônio dos órfãos e da viúva, mergulhando-os em grande dor e que serviu para imprimir indelevelmente a verdade da existência da Dor no coração de Milarepa. Narrarei, a seguir, seus estudos na Arte Negra, que lhe permitiu matar seus inimigos, conforme as ordens de sua mãe.

Desses três pontos narrarei, agora, com alguma extensão, o primeiro, a saber, os detalhes concernentes ao seu nascimento e à sua linhagem.

30. Esta é uma combinação abreviada de Jetsün-Milarepa, o nome comum, e Pal-Zhadpa-Dorje, o nome iniciático (conforme a p. 97, e segs.).

PARTE I: O CAMINHO DAS TREVAS¹

CAPÍTULO I

LINHAGEM E NASCIMENTO

Narrativa dos Sonhos de Rechung, que Levaram à Redação Desta Biografia, e da Linhagem e Nascimento de Milarepa.

Outrora, assim ouvi, o Grande *Yogī*, a Gema dos *Yogīs* — da *Escola Vajra-Yāna Anuttara*² —, Jetsün-Mila-Zhadpa-Dorje viveu durante muito tempo na Caverna semelhante a um Estômago de Nyanam,³ hoje um lugar muito sagrado de peregrinação. Nesse local, encontravam-se os Ilustres Iluminados, Rechung-Dorje-Tagpa, Shiwa-Wöd-Repa, Ngan-Dzong-Repa, Seban-Repa, Khyira-Repa, Bri-Gom-Repa, Lan-Gom-Repa, Sangyay-Kyap-Repa, Shan-Gom-Repa, Dampa-Gya-Phūpa e Tönpa-Shākya-Guna.⁴ Esses foram os seus discípulos da ordem superior,

1. Todos os cabeçalhos da *Biografia*, tanto nas partes como nos Capítulos, e a sinopse no início de cada capítulo foram acrescentados pelo Editor, no intuito de proporcionar maior clareza ao leitor, porquanto o texto tibetano não apresenta esses títulos, embora os sugira.

2. Ou “Escola do Caminho (ou *Vajra*) Imutável do *Anuttara [Tantra]*”. Esta é claramente uma das Escolas Esotéricas do Budismo Mahāyāna, baseada principalmente sobre um dos dois *Tantras* Superiores de nome *Anuttara Tantra*. O outro dos *Tantras* Superiores é o *Yoga Tantra*. Milarepa foi um mestre prático de ambos os *Tantras*. (Ver p. 219, n. 82.)

3. Nyanam é uma cidade, ainda existente, na fronteira tibetana com o Nepal, cerca de cinquenta milhas a nordeste da capital do Nepal, Katmandu, e quase à mesma distância a sudeste do berço do Jetsün, Kyanga-Tsa, nas proximidades da moderna Kirong (cf. p. 42, n.28). Foi na Caverna Semelhante a um Estômago de Nyanam que Jetsün narrou a matéria principal do nosso texto (cf. p. 180).

4. Na ordem em que figuram, esses nomes podem ser traduzidos da seguinte maneira: (1) Pequeno Manto como um *Dorje* (o cetro lamaísta que simboliza o Relâmpago dos Deuses e a Imutabilidade), (2) Repa, a Luz da Paz, (3) Repa de Ngan-Dzong, (4) Repa de Seban, (5) Repa, o Caçador, (6) Repa, o Eremita de Bri, (7) Repa, o Eremita de Lan, (8) Repa, o Protegido de Buddha, (9) Repa, o Eremita de Shan, (10) Santo de Poderoso Alento, (11) Mestre Shākya-Guna. (Cf. J. Bacot, *Le Poète Tibétain Milarépa*, Paris, 1925, p. 34.) O termo tibetano *Repa* (*Ras-pa*, “o vestido de algodão”) dado a oito desses discípulos, como ao próprio Milarepa, indica que eles são seus seguidores, vestidos, como ele, com um traje de tecido de algodão branco. Graças ao “Calor Vital”, gerado por meio de um peculiar controle *yóguico* da respiração, eles eram capazes de suportar as temperaturas extremas de frio e calor e, assim, não precisavam vestir nenhuma outra roupa, mesmo no inverno ártico das grandes altitudes do Tibete.

todos profundamente experientes na *Yoga* e possuidores de tranqüilidade mental. Encontravam-se, ainda ali, Lesay-Būm e Shen-dormo, duas noviças, além de inúmeros crentes leigos de ambos os sexos. Achavam-se também ali as Cinco Deusas Imortais da ordem superior das fadas, que depois evoluíram para anjos, além de numerosos *yogīs* e *yoginīs* altamente dotados, alguns seres humanos, alguns super-humanos, possuidores de conquistas superiores.⁵ Em meio a essa congregação, Jetsūn colocou em movimento a Roda do Budismo Mahāyānico.

Uma noite, estando Rechung sentado em sua cela meditando, teve ele o seguinte sonho:

“Eu caminhava por uma terra que diziam ser a Terra Ocidental de Urgyan, habitada por anjos de ambos os sexos. O país era delicadamente belo e agradável, e as casas e palácios eram feitos de ouro, prata e pedras preciosas. Ao passar pela capital desse país, percebi que seus habitantes trajavam vestes de seda e estavam adornados com grinaldas de jóias e metais preciosos e ornamentos de osso, e que todos eram muito belos. Olhavam-me com semblantes sorridentes e olhares de aprovação, mas ninguém ousava falar comigo.

“Entre eles, encontrei uma velha conhecida, com quem travara conhecimento no Nepal, na ocasião em que ela era discípula de Tiphupa, um de meus *Gurus*. Vestida de vermelho, ela dirigia a congregação, e me abordou com palavras de boas-vindas, dizendo: ‘Sobrinho, muito me agrada a tua vinda’. Conduziu-me em seguida para uma soberba mansão repleta de tesouros, onde muito me regalei. Ela então disse: ‘O Buddha Akṣhobhya⁶ está no momento pregando a Doutrina nesta Terra de Urgyan. Se tu, meu sobrinho, quiseses ouvir sua pregação, obterei dele a permissão para tanto’. Eu desejava ardentemente ouvi-lo e respondi: ‘É muita gentileza de tua parte’.

“Acompanhando-a, cheguei ao centro da cidade, onde vi um imenso trono feito de metais e pedras preciosas, e sobre ele, sentado, o Buddha Akṣhobhya, muito mais belo e majestoso do que a figura que eu havia imaginado para meditar. Ele pregava o *Dharma* a uma vasta congregação, que parecia tão grande quanto o oceano. Ao ver tudo isso, enchi-me de tal regozijo e beatitude extática, que quase desfaleci. ‘Fica aqui, sobrinho, enquanto tento obter a permissão do Buddha’, disse a senhora. Obtendo-a de imediato, ela voltou para me conduzir à Sagrada Presença, e, enquanto me aproximava, prestei homenagem ao Buddha, e recebi a Sua bênção. Sentei-me, então, para ouvir o sermão religioso, e por um instante o Abençoado me olhou com um semblante sorridente, benigno e um olhar de infinito amor.

“O assunto sobre o qual Ele pregava era a linhagem, o nascimento, os feitos

5. No Apêndice (pp. 231-33), damos uma lista mais completa dos nomes dos diversos discípulos.

6. Tib. *Mi-bskyod-pa* (pron. *Mi-kyöd-pa*), sâncs. *Akṣhobhya* (que significa “O Inabalável”), o Dhyānī Buddha da Orientação Oriental. Os quatro outros Dhyānī Buddhas são: Vairocana, do Centro; Ratna-Sambhava, do Sul; Amitābha, do Oeste; e Amogha-Siddhi, do Norte.



AKṢHOBHYA, O BUDDHA DHYĀNĪ

Descrito às pp. XXIII-XXIV e 34-6

e os incidentes relacionados com os diversos Buddhas e Bodhisattvas do passado. A narrativa me inspirou uma profunda fé. Por fim, Ele relatou as histórias de Tilopa, Naropa e Marpa,⁷ muito mais extensamente do que eu estava acostumado a ouvir de Jetsün, e tais narrativas comunicavam a cada pessoa presente uma profunda admiração acompanhada de fé. Ao concluir Seu discurso, Ele disse que queria narrar a história de Jetsün-Milarepa, a qual ultrapassaria em prodígio a de qualquer um dos seres acima mencionados, e convidou-nos a todos para ouvi-la.

“Alguns dos presentes disseram que nada poderia ser mais maravilhoso do que já ouvíramos e que, se algo pudesse mesmo ultrapassar esses prodígios, deveria ser de fato algo assombroso. Outros disseram: ‘As histórias que acabamos de ouvir são de pessoas que aniquilaram suas más ações e adquiriram mérito durante várias existências anteriores, mas Milarepa foi alguém que adquiriu mérito e alcançou uma iluminação não inferior à de qualquer um desses em apenas uma existência.’ Outros disseram ainda: ‘Oh, se essa história for tão interessante, será realmente um pecado da nossa parte, como discípulos, se não aproveitarmos a oportunidade de ouvi-la, desistindo de pregar o que poderia ser narrado em benefício de todos os seres. Deveríamos fazer tudo para ouvi-la.’ Alguém perguntou: ‘Onde está Milarepa agora?’ Outro respondeu: ‘Ele está em ‘*Og-min*⁸ ou em *Ngön-gah*’.’ Eu (Rechung) pensei: ‘Ora, Milarepa vive agora no Tibete, mas essas pessoas parecem estar sugerindo que eu deveria pedir ao próprio Milarepa para contar a história de sua vida; pois é isso mesmo o que farei.’ Nisso, a senhora segurou minha mão e, apertando-a gentilmente, disse: ‘Sobrinho, compreendeste?’

“Então eu (Rechung) despertei e descobri que já era dia; nessa manhã, minha mente estava muito clara e minhas devoções foram cordiais e sinceras. Relembrando o sonho e refletindo sobre ele, pensei que era muito auspicioso sonhar ter estado na Terra de Urgyan e ter ouvido a pregação do Buddha Akṣobhya, e que eu tinha boas razões para me congratular por ter encontrado Jetsün-Milarepa na vida real. Meu atual privilégio de ouvir a pregação do Buddha, embora apenas em sonhos, devia-se, segundo pensei, a uma graça de Jetsün. Reprovi minha falta de verdadeira fé e de percepção espiritual quando, ao lembrar os pensamentos que havia tido, ouvi as pessoas dizerem que Jetsün poderia estar em ‘*Og-min* ou em *Ngö-gah*. Compreendi que foram os sentimentos irreverentes de familiaridade com o meu *Guru* que me haviam feito considerá-lo apenas um ser humano,¹⁰ ao pensar que ele estava no Tibete. Que estúpida e insensível pessoa eu era! Não sabia eu que

7. Quanto a esses três Grandes *Yogīs*, dos quais originou-se a seita Kargyütpa, ver. pp. 5-7, e XIII-XIV.

8. ‘*Og-min* (sâns. *Akanīṣṭha*), o Céu do Ādi-Buddha, por meio do qual o *Nirvāṇa* pode ser alcançado sem retorno à encarnação na Terra, como sugere o sentido de ‘*Og-min* (“Não-Para baixo”, ou “Sem Retorno Para baixo”).

9. *Ngön-gah* (sâns. *Amarāvātī*), o Céu de Indra, a Leste, equivalente ao Céu de Akṣobhya, o Dhyānī Buddha da Orientação Oriental. *Ngön-gah* (*Mgon-dgah*) significa “Feliz por conhecer”, i.e., o Reino cujo pensamento nos enche de bem-aventurança.

10. “Passagem paralela à do ditado tântrico: ‘*Gurung na martyang budhyeta*’, i. e., ‘Jamais penses no *Guru* como um mortal’. O Bramanismo ensina que a forma humana é simplesmente o veículo pelo qual o *Guru* se manifesta” (Sj. Atal Bihari Ghosh).

Jetsün havia obtido a perfeita iluminação, que era de fato um Buddha e que era capaz de reproduzir sua forma em números inconcebíveis?!¹¹ Além disso, onde quer que Jetsün pudesse estar habitando, não se tornava esse lugar igualmente sagrado, tanto quanto *'Og-min* ou *Ngön-gah*? Tomei meu sonho com a senhora e com a multidão que ouvia a pregação como uma injunção divina para escrever uma biografia de Jetsün, e decidi resolutamente conseguir que o próprio Jetsün me relatasse todos os passos de sua vida. Nessa disposição de espírito, enchi-me de um sentimento de profunda e exaltada fé verdadeira em meu *Guru*, à qual dei expressão em fervorosas preces. Minha mente ficou então tranqüila por algum tempo.

“Em seguida, adormeci profundamente e tive outro sonho, embora este não tenha sido tão vívido quanto o primeiro. Nele existiam cinco belas donzelas, respectivamente branca, azul, amarela, vermelha e verde,¹² da Terra de Ugyan, que vieram juntas à minha presença, e uma delas disse o seguinte: ‘Amanhã será narrada a história da vida de Milarepa; deixa-nos ouvi-la!’, depois do que, outra perguntou: ‘Quem vai pedir-lhe para narrá-la?’ Uma terceira respondeu: ‘Os discípulos principais de Jetsün é que lhe vão pedir!’ Enquanto isso, todas me lançavam olhares de soslaio e sorriam. Disse uma delas: ‘Este será um sermão tão excelente que todas teremos o prazer de ouvir. Não deveríamos juntar também as nossas preces, para que isso ocorra?’ Respondeu outra: ‘Cabe aos discípulos pedirem pela dádiva, e será nosso o encargo e o prazer de difundir e proteger a Fé.’ Nisso todas desapareceram, tal como desaparece o arco-íris. Ao despertar, descobri que o Sol já ia alto e compreendi que meu sonho era um sinal das Cinco Irmãs Imortais.”¹³

Tendo partilhado sua refeição matinal nesse alegre estado de mente, Rechung buscou a presença de seu *Guru* Jetsün e descobriu que o grupo de discípulos e seguidores já se havia sentado. Rechung então se prostrou em adoração diante de Jetsün e, perguntando-se como se sairia, com o joelho direito no chão e as palmas das mãos juntas, dirigiu-lhe as seguintes palavras: “Seria do agrado de nosso gracioso Mestre e Senhor obsequiar-nos com um relato dos eventos de sua vida em benefício dos presentes, e que servirá como exemplo para os futuros discípulos e seguidores? Os Buddhas do passado narraram também as histórias de Seus Doze Grandes Feitos¹⁴ e fizeram outros relatos para o bem dos seres sobre a Terra, que

11. Este poder *yóguico*, atribuído a Milarepa, de assumir múltiplas personalidades e corpos é ilustrado no Capítulo XII, em que Jetsün o exhibe quando está prestes a passar para o outro mundo. (Ver pp. 202-03.)

12. Estas donzelas são deusas tântricas, conhecidas também como *Dākinīs*, e a cor de cada uma tem um significado esotérico.

13. Essas *Dākinīs* de cinco cores são as Cinco Encarnações da Deusa Durgā, que têm sua morada no Himalaia tibetano, segundo algumas tradições, na região do Monte Kailāsa, segundo outros, no Monte Everest, sagrado para Milarepa como local de sua meditação. (Cf. p. 232.)

14. Os doze grandes feitos (ou regras de vida) de um Buddha encarnado na Terra (sâns. *Dvādashā-avadhūta-guṇah*) são os seguintes: (1) trajar roupas usadas (ou rasgadas); (2) trajar apenas três espécies de vestes, a saber, o manto externo, como o de um viajante, e o manto e a saia interna para o uso diário; (3) utilizar um cobertor nas regiões frias; (4) mendigar alimento

contribuíram para a difusão e a prosperidade geral da Fé budista. Tilopa, Naropa, Marpa e muitos outros grandes santos, ao deixarem suas autobiografias, muito auxiliaram o desenvolvimento de seus afortunados seguidores.

“Do mesmo modo, Ó Senhor Jetsün, tua biografia também conduziria grandemente ao desenvolvimento de muitos seres, para cujo benefício rogamos ao nosso Senhor que nos agracie com um relato de sua vida.”

Assim instado, Jetsün sorriu e disse: “Ó Rechung, já estás bem familiarizado com a história de minha vida, mas, como fazes esse pedido para proveito dos outros, não vejo mal algum em fazer o que me pedes. Sou do ramo dos Josays (Descendentes de Nobres), do Clã de Khyungpo (Águia), e meu nome pessoal é Milarepa.¹⁵ Em minha juventude realizei alguns feitos negros, em minha maturidade alguns feitos brancos; mas agora superei todas as distinções entre o negro e o branco.¹⁶ Tendo cumprido a tarefa principal, sou agora alguém que não precisa lutar por mais nada no futuro.¹⁷ Se me pusesse a descrever com extensão os acontecimentos de minha vida, a narrativa de alguns deles faria as lágrimas correrem, ao passo que de outros provocaria hilaridade; mas, como isso seria de pouco proveito, prefiro que permitas a este velho ficar em paz.”

Rechung levantou-se novamente e, curvando-se, fez a seguinte súplica ao Mestre: “Ó gracioso Senhor, a narrativa do modo como obtiveste as Verdades Transcendentais, e dos grandes sofrimentos e sacrifícios que te custaram para descobri-las, e de como meditaste sobre elas sem cessar até teres dominado a natureza real da Verdade Eterna e alcançado o Objetivo Superior de todo o conhecimento espiritual, e do caminho no qual foste capaz de voar para além da rede das forças kármicas e impedir a manifestação do *Karma* futuro,¹⁸ será muito interessante e de grande proveito a todos os que acalentam esperanças e aspirações semelhantes. Sendo o teu Clã o de Khyngpo (Águia) e o teu ramo o dos Josays (Descendentes de Nobres), como vieste a ser chamado pelo sobrenome de Mila? Além disso, como chegaste a realizar feitos negros em tua juventude e o que te levou a realizar

(ou viver de esmolas); (5) desfrutar apenas uma refeição diária – ao meio-dia ou antes; (6) abster-se de refrescos líquidos após o meio-dia; (7) meditar na floresta; (8) sentar-se (ou habitar) sob as árvores – e não numa casa; (9) habitar ao ar livre – onde não houver árvores; (10) habitar nos cemitérios (ou nos locais de cremação) – com vistas à meditação sobre a impermanência da vida; (11) dormir numa postura sentada, sem se reclinar; e (12) praticar todas as regras acima voluntariamente (ou de bom grado) – e não por coerção.

15. Que significa “Mila, O Vestido de Algodão”. (Ver pp. 150 e 228, n. 92.)

16. Graças à Suprema Iluminação do Budado, Jetsün pôde realizar o estado da não-dualidade, em que todos os opostos, até mesmo o Bem e o Mal, são vistos como uma unidade, ou como oriundos de uma única fonte, que é a Mente.

17. Alcançado o objetivo, todos os esforços, até mesmo a morte e o nascimento, estão superados.

18. Se, como também ensina o *Bhagavad-Gītā*, o Mestre da Vida realiza ações neste mundo sem qualquer interesse e para o bem do seres sencientes, nenhum *Karma* futuro – tal como o que conduz ao renascimento neste ou em qualquer outro reino do *Sangsāra* – se produzirá, e a morte e o nascimento estarão normalmente perto de seu fim. O Conquistador retorna, então, se assim o quiser, numa reencarnação voluntária, como uma Encarnação Divina, ou *Avatāra* – um Buddha, um Kṛishṇa ou um Cristo.

feitos brancos durante o período em que, segundo disseste, há vários acidentes que despertarão o riso e alguns tão penosos que farão correr as lágrimas? O conhecimento de todas essas coisas será de inestimável valor para as gerações futuras. Portanto, por compaixão de mim e destes meus colegas, anima-te, Ó Senhor, a pôr de lado tua aversão, e condescende a tudo nos narrar em detalhes. Peço a todos os meus amigos e irmãos de Fé que se juntem a este meu apelo.”

Imediatamente, todos os presentes se ergueram e, prostrando-se várias vezes, disseram: “Juntamos também nossas súplicas às do Reverendo Rechung, e te pedimos, Ó Senhor, que ponhas a Roda do *Dharma* em movimento.”

Disse então Jetsün: “Bem, se todos o desejam, vou satisfazer-vos, porquanto nada há em minha vida que precise ser ocultado.

“No que diz respeito ao meu clã e ao meu ramo, posso acrescentar que, na parte norte do país, chamada Urū, havia uma grande tribo de nômades que possuía gado e carneiros. Dentre eles havia um, pertencente ao Clã da Águia, que, tendo-se devotado ao estudo religioso, tornou-se um *Lāma* da seita Níngmapa, à qual o seu pai também pertencera. Esse pai era um Josay (um filho de nobre). O jovem veio de Urū em peregrinação juntamente com alguns outros companheiros. Ele havia desenvolvido certos poderes sobrenaturais, tendo-se tornado adepto da invocação de certas divindades tutelares e alcançado grande habilidade na magia. Após sua chegada à Província de Tsang, num lugar chamado Chūngwachī, seus poderes mágicos de curar as enfermidades e de exorcizar as pessoas obsedadas por demônios foram muito requisitados, de modo que muito grande se tornou sua fama.

“Nesse lugar, onde passou vários anos, ele ficou conhecido pelo nome de Khyungpo-Josay (Filho Nobre do Clã da Águia), e toda vez que alguém estava enfermo ou perturbado por um mau espírito sua presença era imediatamente requisitada. Mas havia uma família nesse lugar que não acreditava nele. Certa ocasião, aconteceu que essa família veio a ser atormentada por um terrível mau espírito, que jamais ousara se aproximar de Khyungpo-Josay, mas que não podia ser exorcizado por ninguém. Embora a família aflita recorresse a outros *Lāmas* e estes tentassem os seus exorcismos, o demônio replicava ironicamente às tentativas de expulsá-lo e, zombando da família, torturava-os e tiranizava-os cada vez mais, até que eles cessaram seus esforços, que se tinham mostrado todos ineficazes.

“Por fim, alguns parentes dessa descrente família aconselharam-na a chamar Khyungpo-Josay, citando o provérbio: ‘Usa a gordura de um cão se só ela cura a ferida.’ O chefe da família disse: ‘Sim, façamo-lo vir por todos os meios.’ Consequentemente, Josay foi convidado e, ao se aproximar do demônio, disse três vezes em tom ameaçador: ‘Eu, Khyungpo-Josay, vim para comer a carne e beber o sangue de todos os demônios. Espera! Espera!’, investindo rapidamente contra ele. O pobre demônio foi tomado de tamanho terror, antes mesmo de Khyungpo-Josay estar perto dele, e gritou: ‘*Apa! Ama! Mila! Mila!* (Ó homem, és meu pai, Ó homem, és minha mãe!)’¹⁹ Quando Josay se aproximou dele, o demônio disse: ‘*Mila! Eu jamais me aproximaria do lugar em que estás; poupa a minha vida!*’ Então Josay,

19. *Apa* significa literalmente “pai”; *Ama*, “mãe”; e *Mila!*, “Ó homem!”

tendo feito o demônio jurar que jamais voltaria a afligir quem quer que fosse, permitiu-lhe que partisse. Em seguida, o demônio se achegou a uma família que costumava adorá-lo, e lhes disse: ‘*Mila! Mila!* Eu nunca sofri tanto como dessa vez!’ Ao lhe perguntarem o que lhe havia causado tanto sofrimento, ele respondeu que Khyungpo-Josay havia lhe inflingido uma dor tão excruciante que quase o matara e, por fim, havia lhe arrancado um juramento. Desde então, Josay foi chamado de *Mila*, como forma de exaltar seus extraordinários poderes mágicos e, assim, seus descendentes vieram a ser chamados pelo sobrenome *Mila*.²⁰ Quando viram que o demônio, de fato, não atormentava mais ninguém, todos concluíram que o demônio havia sido morto, ou melhor, havia transmigrado para outra forma de existência.

“Khyungpo-Josay casou-se, então, e teve um filho que, por sua vez, teve dois filhos; o mais velho deles foi chamado de Mila-Dotun-Sengé (Mila, o Leão que ensina os *Sūtras*), e o filho mais velho deste veio a se chamar por sua vez Mila-Dorje-Sengé (Mila, o Leão Imutável). Desde então, essa família foi notória por ter apenas um sucessor masculino em cada geração.

“Mila-Dorje-Sengé era um exímio e apaixonado jogador, que costumava ganhar vultosas apostas. Ocorreu que havia um homem naquela parte do país que era ainda mais exímio na arte de jogar, e que tinha muitos parentes e relações pelo lado paterno. Esse homem procurou Mila-Dorje-Sengé no intuito de testar-lhe a habilidade e o desafiou a uns poucos jogos por pequenas apostas e, jogando com ele, logo obteve uma nítida idéia da força de seu jogo. Nesse dia, o homem jogou como se a própria sorte o estivesse vigiando e venceu inúmeras partidas de Mila-Dorje-Sengé. Tal situação tornou-se intolerável para este, que pediu então ao seu oponente uma revanche para o dia seguinte, com o que ele concordou. No dia seguinte, as apostas aumentaram e o astuto homem, para seduzir Dorje, perdeu três vezes. Por sua vez, então, ele pediu revanche com o que Dorje concordou, após estabelecer as apostas. Elas consistiam em todas as propriedades que cada um possuía, terras, casas, dinheiro, e bens domésticos; ambos assinaram um compromisso desse teor, a fim de que nenhum deles pudesse fugir de suas obrigações por petição ou rogo. Eles então jogaram, com o resultado, que poderia ter sido previsto, de ter o adversário de Mila vencido a partida. Os parentes masculinos do homem tomaram, então, posse de todos os bens móveis e imóveis de Mila-Dorje-Sengé, e os dois Milas, pai e filho, Dotun-Sengé e Dorje-Sengé, tiveram que deixar tudo para trás e, vagando na direção da província de Gungthang, no Tibete, junto à fronteira com o Nepal, chegaram a um lugar chamado Kyanga-Tsa, onde se fixaram.

“O pai, Dotun-Sengé costumava passar seus dias lendo as Escrituras. Ele exe-

20. Em sua versão francesa (p. 40, n. 2), o Sr. Bacot considera plausivelmente “*Mila!*” como uma interjeição antiga e mais ou menos regional que denota terror ou medo. O falecido Lāma Dawa-Samdup traduziu “*Mila!*” como “Ó homem!”. Como uma designação dada popularmente a uma pessoa, ela sugeriria, em seu primeiro sentido, que seu portador — como é sem dúvida o caso de Josay, o Águia — tem o poder de aterrorizar e, portanto, de exorcizar os maus espíritos.

cutava também cerimônias de exorcismo para a prevenção de chuvas de pedra;²¹ preparava encantamentos para a proteção de crianças²² e fazia muitas outras coisas semelhantes. Em consequência, tornou-se muito popular como um *Lāma* que realizava cerimônias. Entrementes, seu filho Dorje-Sengé se pôs a caminho, com olhos no algodão do Sul durante o inverno, alcançando as pastagens do Norte, no verão. Ele também viajava constantemente de Mang-Yül a Gungthang em jornadas mais curtas. Dessa maneira, pai e filho acumularam muitas riquezas.

“Por essa ocasião, Dorje-Sengé travou conhecimento com a filha favorita de uma das famílias do lugar. Apaixonaram-se e, unidos pelo matrimônio, tiveram um filho, que recebeu o nome de Mila-Sherab-Gyaltzen (Mila, o Troféu da Sabedoria). Enquanto o menino estava sendo educado, seu avô morreu, e as cerimônias fúnebres foram realizadas com grande pompa.

“Mila-Dorje-Sengé, dando continuidade à sua profissão de comerciante, adquiriu mais riquezas do que nunca. Pagando um bom preço em ouro e em mercadorias do Norte e do Sul, adquiriu um campo fértil de forma triangular, situado nas proximidades de Kyanga-Tsa, de um homem chamado Worma, e o chamou de ‘Worma Tosoom (Triângulo de Worma)’.²³ Fazendo fronteira com esse campo, havia um antigo sítio que pertencia a um vizinho, e que ele também adquiriu, nele construindo uma grande casa. Foi em seu vigésimo aniversário que Mila-Sherab-Gyaltzen se casou com uma jovem que pertencia a uma boa família do povo de Tsa,²⁴ da raça real de Nyang, chamada Karmo-Kyen (Guirlanda Branca). Ela era uma jovem muito bela, inteligente e enérgica, que sabia como tratar os amigos e os inimigos, de acordo com os deveres apropriados, com amor ou com ódio; e assim, recebeu o nome de Guirlanda Branca de Nyang. Em adição à casa acima mencionada, Mila-Dorje-Sengé construiu um edifício de três andares, com anexos e cozinhas, apoiado sobre quatro colunas e oito pilares. Era uma das melhores casas de Kyanga-Tsa, e ficou conhecida como ‘As Quatro Colunas e os Oito Pilares’. Nessa casa, ele, sua esposa e o pai viveram opulentamente.

“Entrementes, os antigos parentes de Mila-Dotun-Sengé, os que viviam em Chüngwachī ouviram que ele e o filho estavam prosperando em Tsa. Então um

21. Nos altos vales do Tibete, em que as chuvas de pedra são muito freqüentes, constituindo um perigo para as culturas, especialmente à da cevada, o principal cereal produzido, existem ainda hoje, como no tempo de Milarepa, muitos *Lāmas* cuja tarefa é repelir as tempestades. Nas encostas ou nas montanhas, vigiando todas as alturas, todos os vales cultivados, há pequenas torres de observação em que esses *Lāmas* exorcistas habitam durante a estação do cultivo, até o término da colheita. Tão logo se vê uma nuvem negra pressagiando uma tempestade sobre os picos das montanhas e se aproximando dos campos, os *Lāmas*, de sentinela, lançam ao mesmo tempo poderosos exorcismos, acompanhados de punhados de bolas de argila para expulsar a tempestade. Um relato adicional desse exorcismo figura mais adiante, nas pp. 60-1 e 85-7.

22. O Sr. Bacot traduz essa frase da seguinte maneira: “Protegia crianças ameaçadas por vampiros” (p. 42).

23. O Sr. Bacot observa que o campo foi assim chamado de acordo com o costume tibetano de dar a campos, casas, cavalos e mulas adquiridos o nome de seu primeiro possuidor (p. 42, n. 2).

24. Forma abreviada de Kyanga-Tsa.

primo de Mila-Dorje-Sengé, de nome Yungdung-Gyaltzen (A Bandeira Svastika da Vitória), juntamente com sua família e uma irmã de nome Khyung-tsa-Palden (Demonstradora da Nobreza dos Descendentes das Águias) mudou-se daquele lugar e veio para Kyanga-Tsa. Dorje, que gostava de seus parentes, acolheu-os em sua chegada com sincero prazer e boa vontade. Ensinou-lhes tudo aquilo que estava ao seu alcance para que pudessem comerciar, e eles também puderam acumular muitas riquezas.

“Por essa ocasião, a Guirlanda Branca de Nyang viu-se grávida, durante uma estação em que Mila-Sherab-Gyaltzen estava viajando a negócios pelas Montanhas Taktsi ao Norte, com uma grande variedade de mercadorias do Sul, no curso da qual ele se atrasou consideravelmente.

“Foi no ano do Dragão de Água Masculino,²⁵ 1052 d.C., no primeiro mês do outono²⁶ e no vigésimo quinto dia,²⁷ sob uma estrela propícia, que eu nasci;²⁸ e nem bem minha mãe me havia dado à luz, por um mensageiro foi enviada a meu pai uma carta que dizia: ‘O serviço do outono está se aproximando, e eu dei à luz um filho. Vem o mais rápido que pudes, para dar nome à criança e para executar a cerimônia do batismo.’ O mensageiro que levava a carta comunicou-lhe as novas verbalmente. Meu pai ficou muito feliz e disse: ‘Ó, muito bem! Meu filho já recebeu seu nome. Minha raça só produz um único sucessor masculino, e estou feliz por ter recebido a notícia de que a criança é um menino. Chama-o Thö-pa-ga (Agradável de Ouvir). Como meus negócios já terminaram, posso voltar para casa imediatamente.’

25. O sistema cronológico tibetano, derivado dos sistemas chinês e hindu, baseia-se nos ciclos de doze anos e de sessenta anos do planeta Júpiter. No ciclo de doze anos, empregado para medir pequenos períodos de tempo, cada ano leva o nome de um dos doze animais cíclicos, que são: (1) Rato, (2) Boi, (3) Tigre, (4) Coelho, (5) Dragão, (6) Serpente, (7) Cavalo, (8) Carneiro, (9) Macaco, (10) Galo, (11) Cão e (12) Porco. No ciclo de sessenta anos, os nomes desses animais são combinados com os nomes dos cinco elementos – Madeira, Fogo, Terra, Ferro e Água – e a cada um desses elementos é atribuído um par de animais, considerando-se macho o primeiro animal e fêmea o segundo. Por exemplo, o ano de 1900 d.C. foi um ano Rato-Ferro e o trigésimo quarto do ciclo de sessenta anos; sendo o ano de 1867 d.C., um ano Coelho-Fogo, o primeiro do último ciclo de sessenta anos, o ano de 1928 é o segundo de um novo ciclo de sessenta anos. O ano Dragão-Macho-Água, em que nasceu Milarepa, é o vigésimo sexto ano do ciclo de sessenta anos.

Como o ano tibetano é lunar, de 360 dias nominais, a diferença com o ano solar é corrigida adicionando-se sete meses intercalados a cada dezenove anos. O ano começa com o surgimento da Lua nova em fevereiro. A semana tibetana, de acordo com o sistema ariano, é de sete dias, recebendo os nomes do Sol, da Lua, de Marte, de Mercúrio, de Júpiter, de Vênus e de Saturno. (Cf. L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet, or Lāmaism*, Londres, 1895, pp. 451-55.)

26. Ou, de acordo com o ano tibetano, que se inicia em fevereiro, o sétimo mês, i.e., agosto.

27. Sendo lunar o ano tibetano, esse é o vigésimo quinto dia da Lua.

28. O Sr. Bacot e o Tradutor concordam em seus cálculos com o fato de Milarepa ter nascido no ano de 1052, mas, de acordo com o cálculo do Dr. Waddell, o ano foi o de 1038. (Cf. L. A. Waddell, *op. cit.*, p. 65, n. 5.) O lugar de nascimento de Milarepa, Kyang-Tsa, na Província de Gungthang, localiza-se na fronteira tibetana com o Nepal, poucas milhas a leste da moderna Kirong, cerca de cinquenta milhas ao norte de Katmandu, a capital do Nepal.

Assim dizendo, retornou ao lar, e meu nome foi fixado como Thö-pa-ga, realizando-se a cerimônia do batismo com grande pompa e ostentação. Durante minha infância, fui educado com grande desvelo. Com o correr do tempo, ganhei uma bela voz e as pessoas que a ouviam ficavam tão encantadas que costumavam dizer que me haviam chamado apropriadamente de ‘Agradável de Ouvir’.

“Quando eu tinha por volta de quatro anos, minha mãe deu à luz uma menina que veio a se chamar Gön-ma-kyit (Protetora Afortunada), embora também a chamássemos pelo carinhoso apelido de Peta, motivo pelo qual ela ficou conhecida como Peta-Gönkyit. Lembro-me ainda hoje de que ambos, Peta e eu, costumávamos ter os cabelos trançados com ouro e turquesa. Éramos muito poderosos, pois estávamos ligados por casamentos com as famílias mais ricas da região; e estávamos na posição de considerar as pessoas pobres que estavam sob a nossa influência quase que como nossos inquilinos ou vassalos, tanto que os nativos do lugar costumavam dizer em voz baixa: ‘Não existe em nenhuma parte colonos intrépidos mais industriais e ricos do que essas pessoas. Olha para o exterior da casa! Olha para a mobília e a riqueza de seu interior! E os ornamentos para ambos os sexos! Eles são dignos de admiração de todos os pontos de vista.’

“Ao tempo em que éramos, assim, objeto da inveja de todos, meu pai, Mila-Sherab-Gyaltzen, morreu, e as cerimônias relacionadas com seu funeral foram executadas com grande magnificência.”

Esta é a primeira parte da história que narra o nascimento de Jetsün.

CAPÍTULO II

O GOSTO DA DOR

Narrativa da Morte e da Última Vontade do Pai de Milarepa; da Apropriação Indébita da Herança Pelo Tio e Tia Paternos; e das Conseqüentes Aflições que Milarepa, Sua Mãe e Sua Irmã Tiveram de Suportar.

Disse, então, Rechung: “Ó Mestre, conta os detalhes de teus sofrimentos e das desgraças que se seguiram à morte de teu pai.”

Jetsün prosseguiu: “Quando eu estava com a idade de sete anos, meu pai, Mila-Sherab-Gyaltzen, contraiu gravíssima enfermidade. Os médicos e *lâmas* que o atenderam não lhe deram esperança alguma de cura, prevendo para breve o seu fim. Todos os seus parentes estavam cômicos de seu estado, e o próprio paciente perdera a esperança de viver, resignando-se com a própria morte. Meu tio e minha tia, e outros parentes e amigos, e todos os vizinhos se reuniram e, na presença de todos, meu pai deu a conhecer suas últimas vontades, confiando a proteção de sua viúva e dos órfãos a meus tios, assim como o controle de todo o seu patrimônio. Por fim, redigiu um testamento, que foi lido, assinado e selado na presença de todos.

“Disse ele, então, as seguintes palavras: ‘Sei muito bem que não sobreviverei a esta enfermidade. Como meu filho ainda é uma criança, eu o confio à proteção de todos os meus parentes, especialmente aos seus tios. Todos os meus bens, incluindo os rebanhos de gado, ovelhas e pôneis que estão nos pastos das montanhas; meus campos, incluindo o ‘Triângulo de Worma’, e vários outros campos menores; minhas vacas, cabras e asnos que estão aqui na casa; meus utensílios domésticos de ouro, prata, cobre e ferro; meus ornamentos pessoais e meu guarda-roupa; minhas turquesas, as sedas e vestes; meus celeiros e, em suma, todos os meus bens, em face dos quais a ninguém preciso invejar, deixo para trás. Que uma parte de tudo isso seja gasta em minhas cerimônias fúnebres. Quanto ao resto, confio a proteção dos bens a todos vós, que aqui estais reunidos, até a época em que meu filho for capaz de tudo gerir por si mesmo. Confio especialmente esta propriedade à proteção dos tios de meu filho. Quando ele estiver com a idade apazada, que se case com Zesay, que lhe foi prometida em matrimônio na infância e, quando a noiva tiver sido recebida na casa, que o casal assuma toda a propriedade, governando-a por si mesmo, seguindo o exemplo de seus pais. Mas, enquanto meu filho não atingir a idade madura, eu confio tudo a vós, meus parentes, e especialmente a ambos, tio e tia de minhas crianças. Cuidem para que nada sofram! Estais certos de que vos vigiarei do reino dos mortos!’ Ao dizer isto, meu pai expirou.

“Quando as cerimônias fúnebres de meu pai haviam chegado ao fim, todos os parentes disseram: ‘Que Guirlanda Branca de Nyang assuma ela mesma a proprie-

dade, e que cada um de nós, de tempos em tempos, lhe prestemos a ajuda que ela possa necessitar.’

“Mas meu tio e minha tia disseram: ‘Podeis dizer o que vos agradar, mas somos os parentes mais próximos e cuidaremos nós mesmos para que a viúva e os órfãos nada sofram. Quanto à propriedade, nós cuidaremos dela.’ E, a despeito de tudo o que meu tio materno e o pai de Zesay pudessem dizer, a propriedade pessoal de meu pai foi dividida entre meu tio e minha tia da seguinte forma: meu tio apoderou-se dos ornamentos e das roupas masculinas, ao passo que minha tia se apropriou de todos os pertences femininos; o resto da propriedade foi dividido igualmente entre eles, e fomos obrigados a viver alternadamente com cada um deles. Ficamos, dessa forma, privados de todos os nossos direitos sobre a propriedade, e não apenas isso, mas forçados a trabalhar no verão como camponeses para o meu tio e no inverno como fiandeiros e cardadores de algodão para a minha tia. A comida que nos davam era tão ordinária que só os cães podiam apreciá-la. Nossas roupas eram farrapos miseráveis que prendíamos ao corpo com uma corda por cinto. Obrigados a trabalhar sem descanso, nossas mãos e pés ficaram cobertos de gretas e bolhas. A insuficiência de alimentos, aliada à sua má qualidade, tornou-nos miseravelmente emaciados e pálidos. Nossos cabelos, outrora adornados com ouro e turquesas, tornaram-se duros e grossos, infestados de piolhos.

“As pessoas de bom coração que nos haviam conhecido nos nossos dias de prosperidade não conseguiam conter as lágrimas à nossa passagem. Conversas sussurradas sobre a infame conduta de meus tios corriam por toda a vizinhança, mas eles não lhes davam atenção. Minha mãe, minha irmã e eu mesmo fomos reduzidos a tal estado de miséria que minha mãe costumava assim se expressar a respeito de-minha tia: ‘Ela não é Khyung-tsa-Palden (Demonstradora da Nobreza dos Descendentes das Águias), mas uma *Dumo-Takden* (um demônio feminino que exhibe a natureza de um tigre)’, e assim minha tia ficou conhecida pela alcunha de ‘Tigre-Demônio’. Minha mãe costumava também dizer que o provérbio ‘Confia a posse aos outros e transforma-te no cão que guarda a porta’ provara ser verdadeiro, em nosso caso. ‘Veja’, dizia ela, ‘quando teu pai Mila-Sherab-Gyaltzen era vivo, todos observavam nossas faces para ver se sorriamos ou se franzíamos as sobrancelhas. Mas agora, que os usurpadores agem como reis, todos observam os sorrisos e as carancas de nossos tios’. Minha mãe também ouviu os cumprimentos que as pessoas sussurravam: ‘Rico esposo, hábil esposa! algodão macio, manta fina!’ Quão verdadeiro é esse ditado nessa situação. Vejam o que acontece quando um homem perspicaz não está mais à testa dos negócios. Antigamente, quando seu esposo era vivo, Guirlanda Branca de Nyang costumava ser chamada de dona-de-casa modelo, por causa de sua energia e habilidade; sua mão tinha o nome de ‘nutritiva’. Mas agora sua energia e habilidade foram postas à prova, e sua fraqueza se revelou. Assim, quanto mais sofríamos, mais desagradáveis eram as coisas que diziam a nosso respeito, e as pessoas comuns, anteriormente inferiores a nós, não perdiam a oportunidade de nos execrar pelas costas.

“Os pais de Zesay costumavam fornecer-me uma peça de roupa ou um par de sapatos de tempos em tempos. Eles me diziam: ‘Enquanto os homens não se transformam na propriedade, a propriedade não é estável; ela é como o orvalho nas folhas da relva. Portanto, não debes lamentar em demasia a perda de tuas riquezas. Teus pais e teus ancestrais conquistaram essas riquezas por seu próprio esforço e

perseverança. Eles não foram sempre ricos e só recentemente acumularam muitas riquezas. E tempo virá em que tu também serás rico'. Era assim que eles costumavam me consolar.

"Por volta dos meus quinze anos, minha mãe possuía um pequeno campo chamado 'Tepe-Tenchung (Pequeno Tapete de Penúria)', que, embora não tivesse um nome muito auspicioso, produzia uma safra de cereais de muito boa qualidade. Esse campo era cultivado por meu tio materno e sua renda se acumulava. Com parte dela, ele comprava estoques de alimentos e a cevada marrom era transformada em *chhang*¹ e a borra branca em polvilho.

"Correram então as novas de que Guirlanda Branca de Nyang e seus filhos iriam dar uma festa a fim de recuperar seu patrimônio. Muitos tapetes foram emprestados de todas as partes e se esparramaram sobre o chão de nossa grande casa. À festa foram convidados todos os nossos vizinhos, especialmente aqueles que haviam estado presentes à morte de meu pai e que conheciam suas últimas vontades, e todos os nossos parentes chefiados por meus tios. Meus tios ganharam um carneiro e os outros convidados receberam quartos, pernas, costeletas e costelas, de acordo com sua posição e o grau de parentesco conosco. Serviram-se taças cheias de *chhang* e o banquete teve início.

"Minha mãe ergueu-se então no meio da assembléia e disse as seguintes palavras: 'Peço aos honoráveis hóspedes aqui reunidos que me deixem explicar por que solicitei sua presença, pois, como reza o ditado, 'O nascimento de um filho exige uma cerimônia do batismo; e a oferta de *chhang*, um discurso.' Tenho umas poucas palavras a dizer a respeito das últimas vontades de meu falecido esposo, Mila-Sherab-Gyaltsen, o pai dessas crianças — um assunto que todos vós, anciãos deste lugar, chefiados pelos tios, conheceis. Ouvi, então, por favor, o testamento que aqui vai ser lido.' Meu tio materno pôs-se então a ler em voz alta o testamento. Quando terminou, disse minha mãe: 'Todos aqui estão a par do testamento oral pronunciado em sua presença por meu falecido esposo, de modo que não vou aborrecê-los repetindo-o. Mas, para ir direto ao assunto, nós, mãe e filhos, estamos profundamente agradecidos por tudo o que devemos aos nossos tios e por todo o seu cuidado em nos assistir até o presente. Mas agora que meu filho já é capaz de cuidar sozinho de uma casa, solicito que a propriedade nos seja devolvida. Peço também a todos que lhe propiciem o casamento com Zesay, e que ela seja devidamente instalada na casa comum, de acordo com a vontade de meu falecido esposo.'

"Depois que minha mãe falou assim, meu tio e minha tia, embora em desacordo em todos os assuntos, uniram suas forças, pois ambos, de comum acordo, haviam se apropriado indevidamente de meu patrimônio para seu próprio uso. Além disso, eu era filho único, ao passo que meu tio tinha diversos filhos. Meu tio e

1. O *chhang* é uma bebida de baixíssimo teor alcoólico, derivada da cevada caseira e produzida nas regiões mais elevadas do Tibete, no Sikkim e em outros países de menor altitude, tributários do Tibete ou, anteriormente, parte dele, como o Sikkim. O *chhang* é produzido, na maioria das vezes, derramando-se água fervente sobre painço fermentado. O chá chinês, no qual se dissolve manteiga à hora da infusão, ou o *chhang*, são as bebidas cerimoniais oferecidas aos visitantes por todos os tibetanos; as exibições de hospitalidade aos viajantes ou peregrinos não serão completas se faltar uma das duas bebidas.

minha tia, de acordo com um plano para nos defraudar, replicaram: ‘Onde estão os haveres de que falas? Quando Mila-Sherab-Gyaltzen era vivo, ele nos tomou emprestados as casas, os campos, o gado, os pôneis, o ouro e a prata. Tudo pertencia a nós, e ele nos devolveu os bens apenas na hora de sua morte. Houve, portanto, apenas uma devolução dos bens aos seus verdadeiros proprietários. Onde está qualquer partícula de tua riqueza, uma medida de cevada, um rolo de manteiga, uma peça de tecido ou mesmo uma cabeça viva de gado? Jamais vimos coisa alguma. E agora tendes a audácia de dizer tal coisa! Quem escreveu esse testamento? Ficai contentes por não deixarmos criaturas miseráveis como vós morrerem de fome. O ditado ‘Antes tentar medir um rio a palmos do que prestar favores a pessoas más’ aplica-se perfeitamente a todos vós.’

“Zombando de nós, eles se levantaram abruptamente, sacudiram as vestes e, batendo os saltos dos sapatos no chão, disseram: ‘Se isso realmente aconteceu, até esta casa em que estamos é nossa. Fora daqui, órfãos ingratos, fora!’ Nisso, bateram em nossas faces com as pontas de suas longas mangas.² E tudo o que minha mãe podia dizer era: ‘Ó Mila-Sherab-Gyaltzen! Olha o que temos de suportar, tu que disseste ‘Eu vos vigiarei do reino dos mortos!’ ‘Este é seguramente o momento de fazê-lo.’ E, caindo num acesso de choro histérico, desmaiou. Eu e minha irmã nada mais podíamos fazer do que chorar.

“Meu tio materno, vendo que meu outro tio tinha muitos filhos, não ousou opor-se a ele. Os outros vizinhos que estavam a nosso favor juntaram suas lágrimas às de minha mãe, dizendo: ‘Pobre viúva! Pobres órfãos!’ Muitos soluçavam e eram poucos os que não derramavam lágrimas.

“Meus tios prosseguiram: ‘Vós requereis nossa riqueza, mas não parece que vos faltem bens, pois fostes capazes de convidar todos os vossos vizinhos e amigos para esse grande banquete. Nada vos devemos, pois nada tomamos de vossas riquezas, digais o que quiserdes. E mesmo que o tivéssemos feito, nada devolveríamos. Fazei como bem entenderdes, órfãos miseráveis! Se fordes bastante fortes em número, combatei-nos! Se fordes muito poucos, amaldiçoai-nos!’

“Dizendo isto, saíram. Os que estavam do seu lado seguiram-nos, minha mãe ainda chorava e só nosso tio materno e a gente de Zesay, mais uns poucos que estavam do nosso lado, ficaram para consolá-la. Eles continuaram a beber o que sobrara do *chhang*, dizendo: ‘Oh, não chores! Isso de nada serve.’ Propuseram estabelecer uma subscrição para todos os que tinham estado no jantar, oferecendo-se para dar sua parte, e esperando que nossos tios paternos também fossem instados a participar com uma contribuição pelo menos razoável. Com a soma levantada, propuseram que eu fosse educado em outra cidade. Meu tio materno disse à minha mãe: ‘Sim, sim, façamos isso e enviemos o menino para aprender alguma coisa. Quanto a ti e a tua filha, vinde morar comigo enquanto cultivais vossos campos pelo vosso próprio esforço. Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para envergonhar esses tios.’

“Mas, disse minha mãe: ‘Visto que não recuperamos nossos próprios bens, não creio ser possível sustentar meus filhos com a riqueza obtida pela caridade alheia. Além disso, não há a menor possibilidade de os tios nos devolverem sequer uma

2. Isto é, as longas mangas do hábito nacional tibetano, que, desdobradas, cobrem as mãos e, assim, as protegem do frio.

parte de nossos bens. Quanto ao meu filho, ele precisa, é claro, ser educado. Após essa recusa de devolver o que é nosso, os tios farão tudo o que puderem para nos expor à vergonha de estarmos novamente submetidos a eles. Eles nos tratarão muito pior do que antes; e seremos como um tambor em seu estrado ou como a fumaça em vôo.³ Ficaremos aqui e trabalharemos nosso campo.'

"Dessa maneira, fui enviado a um lugar em Tsa, chamado Mithong-gat-kha (O Outeiro Invisível), e fui confiado à tutela de um *lāma* da Seita Vermelha de nome Lu-gyat-khan (Oito Serpentes), um mestre muito popular do local.

"Durante esse período, nossos parentes contribuíram com um pouco de dinheiro para a nossa manutenção. Os pais de Zesay foram especialmente caridosos; de tempos em tempos eles nos mandavam farinha e manteiga e até mesmo combustível, e muitas vezes a própria Zesay vinha ao lugar em que eu estava estudando para me consolar. Meu tio materno fornecia a minha mãe e a minha irmã os alimentos necessários, de modo que elas não foram forçadas a pedir nem a servir outras pessoas; e ele costumava ter em sua casa algodão para fiar e tecer, desobrigando, assim, minha mãe de ir de porta em porta para pedi-lo. Desse modo, ele nos auxiliou grandemente a ganhar a vida e a conseguir um pouco de dinheiro. Minha irmã, por sua vez, ao fazer as tarefas de que a incumbiam, graças a um duro trabalho, amealhou algum dinheiro para cuidar de si mesma [na medida em que isso implicava ter ou não dinheiro]. Mas, a despeito de tudo, só podíamos dispor de comida grosseira, e tínhamos de nos contentar com roupas surradas. Tudo isso me fez sofrer muito; nesses anos, não conheci nenhuma alegria, por menor que fosse."

Quando a narrativa cessou, todos os que a ouviam estavam, sem exceção, profundamente cheios de dor e aflição. As lágrimas corriam por suas faces e por um instante todos ficaram em silêncio.

Esse é o relato da parte de sua vida em que Jetsün teve uma experiência real da existência da dor.

3. Isto é, impelidos a correr quando o tambor soa, ou levados como a fumaça ao vento – expressão idiomática equivalente à frase "à disposição de todos, da manhã à noite".

CAPÍTULO III

A PRÁTICA DA ARTE NEGRA

Narrativa do Guru de Jetsün e do Seu Domínio da Arte Negra; e de Como Jetsün Destruiu Pela Magia Trinta e Cinco de Seus Inimigos e a Rica Colheita de Cevada dos Outros.

Mais uma vez, dirigiu Rechung as seguintes palavras a Jetsün: “Ó Jetsün, tu nos disseste que anteriormente praticaste algumas obras negras. Quais foram essas obras e como foram elas praticadas?”

Jetsün respondeu: “Pela magia negra, e pela produção de tempestades de pedra, acumulei pilhas de demérito.”

Rechung então perguntou: “Como chegaste a produzir tais coisas? O que te levou a fazê-las?”

E Jetsün replicou: “Certa feita, acompanhei meu preceptor a um banquete dado na aldeia de Tsa, no qual ele era, dentre os presentes, a pessoa mais importante, tendo ocupado o assento principal de todo o grupo. Os convidados deram-lhe muita bebida e, bebendo licor em excesso, ficou num estado de considerável excitação. Nessa altura, fui enviado para casa à frente de meu preceptor, com os presentes que ele havia recebido.¹ Estando eu próprio um pouco bêbado e tendo visto várias pessoas cantarem na festa, fui tomado por um irresistível desejo de cantar, animado, assim, pelo desejo de mostrar minha bela voz, da qual muito me orgulhava.

“Fui cantando por todo o caminho. A estrada ao ‘Outeiro Invisível’ cruzava a frente de nossa casa e, mesmo quando já estava bem próximo dela, eu ainda continuava a cantar. Minha mãe, que estava torrando um pouco de cevada dentro de casa, ao ouvir minha voz, mal podia acreditar em seus ouvidos, embora minha voz, devido à sua incomum doçura, dificilmente pudesse ser esquecida. Todavia, pensou ela, não era possível que eu estivesse cantando numa época em que nossa situação era tal que podiam nos considerar as mais infelizes das criaturas vivas. Mas, ao perceber que de fato era eu, ela ficou profundamente espantada.

“Ela largou sua tenaz à direita e a vassoura de torrar à esquerda e, deixando a cevada queimar na panela, veio em minha direção com uma vara na mão direita

1. Referência ao costume de dar presentes aos preceptores, neste caso, de alimentos, para serem utilizados em casa. Nessa época, o preceptor de Milarepa era um *lāma* comum, provavelmente o mestre-escola da aldeia. Fosse ele um *lāma-guru*, de grande evolução espiritual, Milarepa teria sido protegido do deplorável pecado da bebida, que, de acordo com os ensinamentos budistas, é deplorável por produzir um mau *Karma*.

e um punhado de cinzas na esquerda. Correndo e saltando, ela se aproximou e jogou as cinzas em minhas faces e, batendo-me com a vara, várias vezes, na cabeça, exclamou: 'Ó Mila-Sherab-Gyalsen, vê o filho que geraste! Não é o teu sangue que corre nas veias desse vagabundo! Vê o que temos de suportar!' Em seguida, caiu desfalecida no chão.

"Nesse instante, chegou minha irmã, dizendo: 'Ó irmão, o que pensas estar fazendo? Vê nossa mãe!', e irrompeu em lágrimas. Tal cena me fez recuperar os sentidos e, sentindo a justiça da reprimenda, também chorei. Depois, por algum tempo, ambos procuramos puxar as mãos de nossa mãe, chamando por seu nome em nossa angústia.

"Algum tempo depois, ela voltou a si e, fitando-me com um olhar fixo e ofendido de suas faces cobertas de lágrimas, disse: 'Filho, estavas feliz o bastante para cantar? Quanto a mim, penso que somos as criaturas mais infelizes de todos os seres infelizes que existem no mundo, e a única coisa que eu posso fazer é chorar de dor e pesar.' E todos os três caímos novamente em profundo pranto.

"Então, eu disse: 'Mãe, tens razão, mas não te aflijas. Prometo solenemente fazer o que quer que seja que mais desejes de mim. Qual é a tua vontade, minha mãe?'

"Disse minha mãe: 'O que mais gostaria é ver-te trajando uma cota de malha e montado num corcel, arrastando teus estribos sobre o pescoço de nossos inimigos; mas essa seria uma tarefa muito difícil de realizar e, também, muito perigosa. Mas o que eu desejo é que aprendas profundamente a Arte Negra, de modo que te tornes capaz de matar esses nossos inimigos, principalmente teu tio e tua tia, que nos causaram tanta dor e miséria, extirpando-lhes a raiz da posteridade até a nona geração. Vê se podes fazer isso para mim.'

"Prometi-lhe fielmente que tudo faria para cumprir seu desejo, desde que ela pudesse me dar os honorários dos *Gurus*² da Arte Negra, e também o suficiente para me pôr a caminho e para me sustentar durante o tempo dos estudos.

"Minha mãe, então, vendeu metade do campo chamado 'Pequeno Tapete de Penúria' em troca de uma esplêndida turquesa de nome 'Estrela Radiante' e de um pônei branco de nome 'Leão Desbridado', muito conhecido na região. Ela também conseguiu juntar dois fardos de garança para tintura e dois fardos de açúcar grosso. O açúcar eu empreguei para satisfazer minhas necessidades presentes e, pondo-nos a caminho, chegamos no devido tempo a Gungthang. Nesse lugar, havia uma hospedaria chamada 'Estalagem do Perfeito', e aí ficamos alguns dias, à espera de companheiros — viajantes que poderiam estar fazendo o mesmo caminho que eu. Logo chegaram de Ngari-Döl, nas fronteiras com Ü e Tsang,³ cinco filhos favoritos

2. O título *Guru* (Preceptor ou Mestre Espiritual) aplica-se tanto ao que segue o Caminho da Esquerda, da Magia Negra, como ao que segue o Caminho da Direita, da Magia Branca. Até certo ponto, o processo de desenvolvimento psíquico do *shishya* é o mesmo em ambos os Caminhos. Mas, em seguida, o vasto golfo que separa a Magia Negra da Branca se deve inteiramente à intenção do *shishya*, ou do *Guru*, e à utilização que fazem de seus poderes psíquicos; na Magia Negra, o objetivo e a prática são egoístas e malignos; na Magia Branca, são altruístas e geradores de benefícios para todos os seres sencientes.

3. As províncias de Ü e Tsang, mencionadas com frequência em toda esta *Biografia*, são conhecidas pelos tibetanos como Pöd, i.e., o próprio Tibete. Suas respectivas capitais, Lhãsa e

de boas famílias, para aprender alguma coisa tanto de religião como de Magia Negra. Eu lhes disse que tinha o mesmo objetivo e lhes perguntei se poderia acompanhá-los, com o que concordaram. Eu os acompanhei à parte baixa de Gungthang e aí os obsequiei com os melhores alimentos e refrescos disponíveis.

“Entrementes, minha mãe os chamou de lado e lhes disse: ‘Jovens, meu filho não é muito propenso aos estudos e não possui muita perseverança. Por isso, peço-vos que o façam estudar e tornar-se proficiente. E quando retornardes, saberei como mostrar minha gratidão e retribuir vossa gentileza para com ele.’

“Quando os dois fardos de material para tintura foram postos sobre o pônei e quando guardei em segurança a turquesa, pusemo-nos a caminho. Minha mãe nos acompanhou durante boa parte do caminho e a cada parada nos servia *chhang*; enquanto caminhávamos, e também durante as paradas, ela não cansava de pedir a meus companheiros que olhassem por mim. Eu era o seu único filho e era duro para ela afastar-se de mim; segurou minhas mãos e derramou muitas lágrimas. Por fim, levando-me de lado, deu-me os seguintes conselhos, em voz baixa entrecortada de soluços: ‘Meu querido filho, considera em que estado de miséria nos encontramos e realiza o objetivo que tens à frente. Deverás mostrar teu poder aqui neste lugar, realizando alguma destruição. O estudo de magia que farás não é igual ao destes jovens; para eles é um meio para adquirir reputação, mas, para nós, é algo de imensa necessidade. Se retornares sem a habilidade de realizar alguma manifestação visível de teu poder, juro que me matarei em tua própria presença.’

“Tendo assim me admoestado, ela nos deixou; mas, para mim, foi duro suportar a partida; meu coração estava profundamente apegado a minha mãe. Voltei diversas vezes a vista para ela e não podia segurar as lágrimas que caíam espontaneamente por minha face, a despeito de tudo o que eu fazia para detê-las. Minha mãe sofria dor igual. Sendo eu o seu único filho, ela sentia intensamente a angústia da partida. Eu podia vê-la a me olhar enquanto ainda estávamos à vista; e um desejo quase irresistível de voltar e vê-la uma vez mais me assaltava, mas, por um esforço quase sobre-humano, eu o dominei. Esses últimos eventos fizeram-me ver que essa era uma premonição do que estava por ocorrer — o pressentimento de que eu jamais veria minha mãe com vida novamente. Quando estávamos totalmente fora de vista, minha mãe voltou em prantos para a aldeia. Poucos dias depois, correu o rumor de que o filho de Guirlanda Branca de Nyang havia partido a fim de aprender a Magia Negra, no propósito de vingar as injustiças que sofrera.

“Eu e meus companheiros avançamos pela estrada de Ü-Tsang, até que chegamos a um lugar chamado Yakde, em Tsang-rong. Aí, vendi meu pônei e meu material de tintura a um homem de posses e recebi o pagamento em ouro, que tratei de esconder. Cruzando o rio Tsangpo (Purificador), dirigimo-nos à província de Ü, chegando a um lugar chamado Thön-luk-rakha (Redil de Ovelhas de Thön), onde encontramos vários *lāmas* provenientes de Ü. Perguntados sobre quem era o adepto mais famoso da Arte Negra, capaz de produzir morte e destruição da propriedade por meio de tempestades de pedra, um deles respondeu que havia um famoso

Tashi-lhünpo, são as principais cidades do Tibete. A primeira é a sede do Dalai Lāma; a segunda, a sede do Tashi Lāma.

feiticeiro de nome Lāma Yungtun-Trogyal (Irado e Vitorioso Mestre do Mal), de Nyak, numa aldeia chamada Yarlung-Kyorpo, que era afamado por seus feitos na arte de produzir morte e destruição por meio da Arte Negra, e do qual o próprio Lāma informante era um discípulo. Assim, todos nos dirigimos em busca do Lāma Yungtun-Trogyal.

“Ao chegarmos a Yarlung-Kyorpo e ao encontrarmos o Mago Negro, vi que todos os meus companheiros lhe ofertaram apenas uma parte de seu dinheiro; mas, quanto a mim, ofertei-lhe tudo o que eu tinha — todas as minhas peças de ouro e a turquesa e, ademais, o meu próprio eu, corpo e vida, rogando-lhe apenas que ele me ensinasse a Magia Negra para que eu pudesse demonstrar meus feitos de modo inequívoco, operando algum dano àqueles que me haviam roubado o patrimônio. Pedi-lhe, além disso, que me concedesse alimento e roupas até que eu adquirisse a proficiência na Arte. O Lāma sorriu e disse: ‘Atenderei ao teu pedido.’

“E assim começamos todos nós os estudos, que, contudo, não eram de uma espécie realmente efetiva. Aprendemos alguns ramos da Magia Negra que levam títulos altissonantes, tais como aquele que afirma conceder o poder de unir céu e terra, e também um método de distribuir a morte e, além disso, alguns outros de espécie benéfica.

“Permanecemos durante quase um ano nesse tipo de estudos e, ao final, meus companheiros começaram a pensar em voltar para casa. Como presente de partida, nosso Mestre ofereceu a cada um de nós um manto de fino tecido de lã, tecido na Província de Ü. Mas eu estava muito longe de me sentir satisfeito. Eu pensava que a ciência mágica que havíamos aprendido até então dificilmente poderia produzir qualquer efeito real em minha aldeia. E eu sabia que se não fosse capaz de fazer algo extraordinário, minha mãe, certamente, se mataria na minha presença. De modo que eu não podia pensar em voltar para casa. Observando minha relutância, meus companheiros perguntaram se eu não desejava regressar. Repliquei que eu ainda não havia aprendido coisa alguma, ao que responderam: ‘O que recebemos é mais do que suficiente; tudo agora depende de nossa aplicação e perseverança. Devemos seguir esses métodos. Nosso Mestre nos diz que ele não nos pode ensinar nada melhor e nós sabemos que isso é verdade. Contudo, se desejas ficar, então faz isso e vê se consegues aprender um pouco mais.’ Em seguida, eles se prostraram diante do Mestre e, oferecendo-lhe os presentes que consideravam adequados, puseram-se no caminho de volta.

“Colocando o manto que o Mestre me dera, acompanhei-os por uma distância de um passeio matinal, até vê-los desaparecer, e então, despedindo-me deles, retornei à casa de meu Mestre. No caminho, recolhi na prega de minha roupa uma boa quantidade de estrume que se achava na estrada. Como meu Mestre tinha um belo jardim, cavei um buraco no terreno e aí enterrei o adubo. Do sótão de sua casa, o Mestre, vendo o que eu havia feito, disse aos discípulos que o cercavam naquele momento: ‘Entre todos os discípulos que já tive, nunca encontrei ou encontrarei um que seja mais afetuoso e diligente do que esse rapaz. A razão por que ele não veio se despedir de mim esta manhã deve-se ao fato de que ele não vai me deixar. Lembro-me que, ao chegar, ele falou de alguns parentes que o maltrataram e que desejava aprender a magia de modo a poder dar uma demonstração de suas habilidades em sua terra natal, oferecendo-me ao mesmo tempo o corpo e a vida. Que estudante singular! Se o que ele diz é verdade, seria uma vergonha, ou melhor,

uma absoluta crueldade recusar-lhe o ensino da Arte.' Um dos jovens discípulos contou-me mais tarde essas palavras e enchi-me de alegria com a perspectiva de ser favorecido com uma instrução realmente efetiva.

"Ao me encontrar na presença do Mestre, ele me disse as seguintes palavras: 'Bem, Thöpa, por que não partiste?' Eu havia dobrado a roupa com que ele havia me presenteado e a ofereci como um novo presente. Em seguida, curvando-me num gesto de reverência à sua frente e tocando seus pés com minha fronte, disse: 'Ó Venerável *Guru*, sou um órfão, com uma mãe viúva e uma irmã. Fomos privados de nosso patrimônio por nossos parentes, chefiados por nossos tios paternos, e maltratados cruelmente. Como não tínhamos nenhum poder para obter nossos direitos ou para nos vingar, minha mãe me enviou para aprender a Arte Negra e, se eu voltar sem a capacidade de nos vingar daqueles que nos maltrataram, minha mãe se matará na minha presença. De modo que não ouse regressar e, agora, vos peço para me ensinar a Arte de modo que ela seja realmente efetiva.' O *Guru* pediu-me então para que eu lhe narrasse toda a história de nossos maus tratos e de como fomos roubados. Conte-lhe tudo o que acontecera desde o dia da morte de meu pai e o modo como fomos maltratados por nossos tios, interrompendo a minha narrativa com meus soluços, enquanto as lágrimas jorravam dos meus olhos.

"Ao ouvir toda a história, o meu Mestre também foi incapaz de reter as lágrimas que, como eu podia ver, rolavam por suas faces. Ele então me disse: 'Se o que dizes é verdade, foste de fato tratado com muita crueldade e injustiça. Eu mesmo poderia vingar-te com a minha Arte, mas não devo fazê-lo sem uma boa razão, após um amplo interrogatório. Muitas pessoas me pediram que lhes ensinasse esta minha incomparável Arte. Quantidades ilimitadas de ouro e de turquesas da Província de Ngari, sedas e pacotes de chá de Kham e Amdo, cereais, manteiga e fardos e fardos de peças de lã das Províncias de Ü e Tsang, gado e pôneis aos milhares das Províncias de Dzayul, Tagpo e Kongpo me foram ofertadas em troca desta Arte. Mas ninguém ainda me ofereceu como tu o corpo e a vida. De modo que investigarei o teu caso.'

"Meu Mestre tinha um discípulo que era mais rápido do que um cavalo e mais forte do que um elefante. Esse discípulo foi enviado à minha terra natal, com a incumbência de colher informações sobre os fatos de meu caso; e poucos dias depois ele voltou com a informação de que todas as minhas afirmações eram perfeitamente corretas e que parecia apenas um ato de justiça conceder-me a Arte.

"Disse-me, então, o *Guru*: 'Eu te recusei a Arte no início porque temia que pudesses utilizá-la estupidamente, sem ter um bom motivo para o seu emprego.⁴ Mas agora que estou convencido de tua honestidade, vou ensinar-te toda a Arte. Deverás, porém, aprendê-la em outro lugar. Outrora, eu possuía uma peça muito destrutiva de Magia Negra, chamada Zadong-Marnak (Basilisco Púrpura), potente o bastante para paralisar e matar, que ensinei a Khulung-Yöntön-Gyatso (Oceano da Virtude de Khulung), de Nub-Khulung, no vale de Tsangpo. Ele era um médico e também

4. Reza até hoje a regra inviolável que nenhum *Guru*, de qualquer escola, seja da Magia Branca como da Negra, deve comunicar ao discípulo os ensinamentos essenciais até estar certo de que eles não serão utilizados erroneamente.

um tantrista.⁵ Ele conhecia a arte de suscitar tempestades de pedra e de guiá-las com a ponta dos dedos, arte essa que me ensinou. Juramos então fraternidade um ao outro e combinamos que todo aquele que o procurasse para aprender a arte de suscitar tempestades deveria ser enviado para mim, ao passo que aqueles que me procurassem para aprender a arte de causar a morte deveriam ser enviados a ele, com as minhas recomendações. Deverás, portanto, procurá-lo para aprender a arte que desejas.’

“Depois, ele me presenteou e a seu filho mais velho, de nome Darma-Wang-chuk (Jovem Poderoso), com um saco de comestíveis e com presentes, que consistiam em finos trajes de lã, e, tendo também recebido dele uma carta de recomendação atada por uma fita,⁶ pusemo-nos a caminho e no devido tempo chegamos a Nub-Khulung, no vale de Tsangpo. Cada um de nós deu-lhe de presente uma peça de fina roupa de lã e apresentou-lhe a carta; relatando novamente todos os eventos, pedi-lhe que pudesse ser favorecido com a instrução na Arte.

“Khulung-Yöntön-Gyatso disse: ‘Meu amigo é fiel e mantém suas promessas. Dar-te-ei sem dúvida a instrução que desejas. Constrói uma sólida cela que não possa ser facilmente derrubada com as mãos, na base daquele contraforte’, e apontou o local indicado. ‘Ela deverá ter três pavimentos e mais um andar, acima dos três, que deverá ser construído com vigas sólidas estreitamente unidas. Nos ângulos externos, deverá ser coberta com pedras da largura do corpo de um iaque. Ela deverá ser tão bem-construída que ninguém será capaz de descobrir-lhe a entrada, ou de forçar-lhe a abertura.’ Ele, então, deu-me as necessárias instruções [da prática da magia].

“Após eu ter praticado as instruções durante sete dias, meu Mestre me chamou e disse: ‘Normalmente, sete dias são suficientes para produzir resultados, e eles deverão também bastar no presente caso.’ Mas, como eu estava muito distante do país em que eu desejava operar, pedi-lhe que me concedesse outros sete dias e meu pedido foi aceito.

“Na noite do décimo quarto dia, meu Mestre me chamou novamente e disse: ‘Esta noite, na base de teu altar [ou círculo de oferendas], verás o signo de teu sucesso e a realização de teus desejos.’ E, de fato, nessa mesma noite, as Divindades Tutelares fizeram a sua aparição, trazendo consigo as cabeças e os corações ensangüentados de trinta e cinco pessoas e, empilhando os troféus, disseram: ‘Não são esses os objetos de teus desejos, pelos quais nos chamas sem cessar nesses últimos dias?’

“Na manhã seguinte, meu Mestre me chamou novamente e disse que havia mais duas pessoas que deveriam ser sacrificadas, perguntando-me se eu desejava ou não matá-las. Roguei que fossem poupadas com o propósito de me vangloriar

5. Isto é, alguém versado na tradição ritual e oculta da Escola Tântrica.

6. Nenhuma apresentação ou oferenda ritual estará completa, no Tibete e nos países vizinhos, assim como na Mongólia, sem o acompanhamento de uma fita; isto se aplica tanto aos personagens mais elevados como aos mais humildes, desde o camponês ao Dalai Lâma, e os próprios europeus se conformam a esse costume. A fita geralmente é branca, exceto na Mongólia, onde costuma ser azul. (Cf. The Earl of Ronaldshay, *Lands of the Thunderbolt*, Londres, 1923, pp. 120-22.)

e de citá-las, no futuro, como exemplos do meu poder. Por essa razão, meus dois piores inimigos, meu tio e minha tia, foram poupados da destruição geral. Ofereci minhas homenagens às Divindades Kármicas e Tutelares e deixei meu retiro. O lugar dessa cela ainda hoje pode ser visto em Khulung.

“Chegamos agora à fase prática da realização de minha vingança, por meio da Arte Negra; se quisesdes saber como ela revelou-se aos outros, ela ocorreu assim: O filho mais velho de meu tio paterno estava prestes a se casar e todos os que se bandearam para o lado de meu tio paterno haviam sido convidados para o banquete nupcial. Estavam também presentes na casa os outros filhos desse tio, a noiva, e as mesmas pessoas que mais nos haviam maltratado, trinta e cinco pessoas ao todo. Alguns dos convidados, dos quais muito estiveram entre os que se inclinavam para o nosso lado, se dirigiam ao banquete, conversando entre si e diziam: ‘Essas pessoas agem exatamente de acordo com o provérbio: ‘Confia aos outros a posse de tua casa e dela serás expulso.’ Mesmo que os esforços de Thöpa, para a vingança por meio da Magia Negra, não tiverem resultado, já é tempo de o efeito do *Karma* os alcançar.’

“Assim, caminhando e conversando tranqüilamente, eles chegaram às cercanias da casa, mas não tiveram tempo de entrar, quando uma serva, que outrora era nossa, mas, agora, era de nosso tio, saiu da casa para buscar água. Quando passou pelo curral, onde havia um bom número de pôneis, ela não pôde ver nenhum deles; mas, ao contrário, todo o local parecia estar infestado de escorpiões, aranhas, cobras, rãs e lagartos e, no meio de todos eles, um monstruoso escorpião⁷ cravava suas garras no pilar principal da casa, puxando-o e forçando-o para fora. A criada ficou aterrorizada e mal teve tempo de fugir, quando vários potros e éguas, que haviam sido amarrados embaixo da casa, ficaram excitados e provocaram uma grande agitação. Alguns potros, soltando-se, atacavam as éguas. Todo o grupo caía numa extrema confusão, os potros relinchavam e as éguas escoiceavam, até que um deles investiu contra o pilar principal com tal força que este quebrou e caiu, e toda a casa veio abaixo, com tremendo estrondo.

“Ao todo, morreram trinta e cinco pessoas, entre elas a noiva e todos os filhos de meu tio. Nuvens de fumaça e poeira escureceram o céu. Os corpos de homens, mulheres, crianças e pôneis enchiam as ruínas.

“Um lamento de partir o coração brotou dos que estavam fora da casa e foi ouvido por minha irmã, que, ao ver o que havia acontecido, correu até sua mãe, gritando: ‘Ó, mãe, vem ver! A casa de nosso tio caiu e muitas pessoas foram mortas.’

“Minha mãe levantou-se e foi ver o que acontecera, duvidando bastante que aquilo realmente pudesse ser verdade. Mas ao ver a casa caída coberta de nuvens de poeira e ao ouvir os gritos lamentosos e pungentes que enchiam o ar, ela foi tomada de espanto, mas também de uma cruel alegria. Colocando alguns farrapos na ponta de uma longa vara e levantando-a como uma bandeira, ela gritou: ‘Glória suprema aos Mestres e aos Deuses! Ó, parentes, vede agora se Mila-Sherab-Gyaltzen gerou ou não um filho digno e se eu me vinguei ou não. Embora eu tenha sido

7. A versão do Sr. Bacot reza: “um escorpião tão grande quanto um iaque” (p. 64), sendo o iaque um grande búfalo lanudo, utilizado como animal de carga no Tibete.

obrigada a comer alimentos ordinários e a vestir farrapos, vede se isso não é bem digno de nossos sacrifícios. Vede se o desafio do tio paterno teve ou não uma resposta — ele que disse: ‘Lutai, se fordes fortes, e amaldiçoai, se fordes fracos!’ A maldição dos fracos fez agora muito mais do que a força de muitos seria capaz de fazer. Vede, vede os seres humanos em cima e os animais embaixo! Vede os tesouros e as provisões arruinadas! Que adorável visão o meu filho pôs diante de meus olhos para abençoar minha velhice! Feliz estou por estar viva e gozar tal cena! Oxalá todos os outros momentos de minha vida fossem iguais a esse, de triunfante alegria!’

“Lançando exclamações como essas, minha mãe se deleitou com o cruel espetáculo, ouvida por todos os vizinhos. Alguns deles disseram que ela estava certa; outros, que estava indo longe demais — que era suficiente ter conseguido sua vingança e que não deveria dar vazão a tal excesso de malignidade.

“As novas da alegria de minha mãe chegaram aos ouvidos das pessoas que haviam perdido seus parentes na catástrofe e elas começaram a dizer: ‘Ela não só foi a causa da desgraça, mas deu vazão ao seu triunfo maligno numa linguagem que é inadmissível. Vamos torturá-la e arrancar-lhe o perverso coração.’ Os mais velhos e os mais prudentes disseram: ‘Que vantagem teremos matando-a, visto que seu filho poderá fazer a mesma coisa novamente e matar-nos a todos? Cacemos o filhote primeiro e o matemos no ato; depois, poderemos fazer o que quisermos com a mãe.’ Todos concordaram.

“Meu tio paterno, ao ouvir o plano, disse: ‘Ai! Não tenho mais filhos ou filhas para perder; a morte será bem-vinda!’ e saiu disposto a matar minha mãe imediatamente. Mas os vizinhos o seguraram e disseram: ‘Ouve! Foi por termos te apoiado que essa calamidade caiu sobre nossas cabeças. Tu és a causa principal e, agora, estás novamente pronto a fazer algo da mesma espécie. Se não te sujeitares ao plano de ação que traçamos, de primeiro buscar o filho e depois matar a mãe, iremos brigar, pois estamos dispostos a te desobedecer neste assunto.’ Meu tio não teve então outra escolha, senão submeter-se a eles.

“Entrementes, eles maquinaram um plano contra a minha vida e acharam que era mais adequado enviar algumas pessoas para me procurar e matar. Quando rumores de seu plano chegaram aos ouvidos de meu tio materno, procurando minha mãe, ele censurou-a severamente por sua temeridade. ‘Tua imprudência’, disse ele, ‘só pôs em perigo tua vida e a de teu filho. Os vizinhos estão conspirando contra ti. Que benefício tiveste em dar vazão à tua alegria maligna daquela maneira? Não foi suficiente a destruição que os atingiu?’ E assim ele a repreendeu por muito tempo.

“Minha mãe apenas chorava e dizia: ‘Ó meu querido irmão e tio de meus filhos, compreendo a justiça e o bom-senso de tua reprimenda, mas põe-te em meu lugar e pensa no que tive de suportar! A propriedade, grande e extensa como era, roubada de mim por fraude, e eu sujeita às indignidades e aos maus-tratos! Poderia algum mortal evitar os sentimentos que tive?’

“Respondeu meu tio: ‘Tens alguma razão por teu lado, mas temo por ti. Olha as portas — fecha-as bem —, os assassinos podem chegar.’ Assim que ele partiu, minha mãe cerrou cuidadosamente as portas e sentou-se para pensar no que deveria fazer em seguida.

“A serva que escapara da catástrofe, suspeitando da trama contra nós e in-

capaz de suportar a idéia de que os órfãos de sua querida ex-patroa e de seu falecido senhor fossem massacrados, enviou uma mensagem secreta informando minha mãe da conspiração e exortando-a a avisar-me do perigo que corria.

“Minha mãe, compreendendo que, por algum tempo pelo menos, sua vida estava a salvo, decidiu o que fazer. Vendeu a parte que ainda lhe restava de seu campo, o ‘Pequeno Tapete de Penúria’, obtendo por ele sete peças de ouro. Mas, vendo que não havia ninguém no lugar em quem ela pudesse confiar o encargo de me entregar o ouro e, sendo incapaz de encontrar um mensageiro confiável em qualquer outra parte, decidiu ela própria me entregar as sete peças, assim como me advertir sobre o perigo iminente.

“Contudo, por sorte, um peregrino originário de Ü, que estivera em peregrinação pelos lugares sagrados do Nepal⁸ e que voltava à sua casa, bateu-lhe à porta para pedir esmolas. Ela o convidou para entrar e, fazendo-lhe habilidosamente muitas perguntas a respeito de sua casa e de outros assuntos, descobriu que ele seria a pessoa adequada, a quem poderia confiar uma mensagem para mim. Ela o convidou para demorar alguns dias em sua casa, contando-lhe que tinha um filho em Ü ou Tsang, a quem desejava enviar uma mensagem. Durante o tempo em que ele lá ficou, ela o tratou da melhor maneira que podia e procurou dar-lhe o máximo de conforto.

“Acendendo uma candeia e dirigindo uma prece às Divindades invocadas e adoradas por mim, ela lhes pediu que lhe dessem um sinal se sua mensagem seria ou não entregue em segurança e se seus desejos seriam realizados. Caso ela devesse ter sucesso, então a lâmpada, assim ela pedia, deveria continuar a queimar por longo tempo, mas se seu plano não conseguisse êxito, então a lâmpada deveria apagar-se rapidamente. Ocorreu que a lâmpada continuou a queimar por um dia e uma noite. Certa de que sua mensagem não se perderia, ela deu ao peregrino algumas peças de couro curtido para servir de sola às suas botas surradas e lhe pediu que as colocasse quando delas tivesse necessidade.

“O peregrino tinha uma velha capa de lã e minha mãe, oferecendo-se para remendar-lhe os rasgões e os buracos, pegou-a, pôs-lhe um grande remendo no forro e, sem que o seu dono o soubesse, escondeu as sete peças de ouro no remendo. Costurou sobre ele outro remendo de cor negra e de forma quadrada e o ornamentou com uma estrela cuidadosamente trabalhada em grosso bordado branco. Ao fazer isso, prendeu as sete peças de ouro, costurando-as em toda a volta, de modo a desenharem um grupo de seis estrelas, uma em cada ângulo da grande estrela circundante, e uma ao centro,⁹ mas todas menos proeminentes que a grande estrela. Ela entregou então ao peregrino uma carta selada que ele deveria me entregar e, ofertando-lhe um gentil presente, encarregou-o de me passar a carta em segurança.

“Quando o peregrino-devoto partiu, minha mãe, desejando inculcar medo

8. O Nepal, como a Índia, ainda é um local de muitas peregrinações, para os budistas tibetanos.

9. Ou “o desenho representava a constelação das sete estrelas conhecidas como as Plêiades”.

na mente de seus vizinhos, instruiu minha irmã Peta a dizer a algumas pessoas que o peregrino havia trazido uma carta minha. A carta, que, naturalmente, era um simulacro, dizia o seguinte: 'Espero que minha mãe e minha irmã estejam bem e que tenham visto os resultados dos meus poderes mágicos. Terá alguém ousado intimidar-vos, ou procurado maltratar-vos? Se de fato o tiverem feito, só tendes de me enviar o nome de tal pessoa e o de sua família, juntamente com as causas de seu comportamento, e eu simplesmente o aniquilarei. Posso fazê-lo com facilidade. É, aliás, mais fácil para mim matar uma pessoa que dar graças às refeições. Matarei não apenas uma, duas ou três pessoas, mas cortarei pela raiz gerações inteiras até a nona geração. Se toda a aldeia vos tratar mal, dissei-mo, e eu simplesmente devastarei toda a região, não deixando nenhum traço de sua existência. Vivo aqui com muito conforto. Não vos preocupeis comigo. Passo os meus dias estudando a Arte.'

"Essa carta foi assinada e selada de modo a parecer que provinha de minha parte, e foi mostrada a todos os que sabíamos estar do nosso lado e, por fim, foi entregue ao nosso tio materno, para que pudesse ser exibida a todos. Esse estratagemma teve o efeito esperado de fazer as pessoas iradas abandonarem o seu plano de recorrer a meios desesperados. Elas se reuniram e induziram meu tio paterno a devolver o campo chamado 'Triângulo de Worma', meu patrimônio, à minha mãe.

"Entrementes, o peregrino-mensageiro foi de lugar em lugar, perguntando sobre o meu paradeiro e, sabendo que eu estava em Nub-Khulung, foi até lá; descobriu-me, contou-me as novas a respeito do bem-estar de minha mãe e de minha irmã e me entregou a carta de minha mãe, parte da qual dizia o seguinte: 'Meu querido filho Thöpaga, espero que estejas bem de saúde. Estou muito satisfeita contigo; provaste ser digno do nome de teu pai, o nobre Mila-Sherab-Gyaltzen, e meus desejos foram realizados. As manifestações de teu conhecimento da Magia Negra foram vistas aqui de forma impressionante. Trinta e cinco pessoas foram mortas numa casa que caiu sobre elas. Mas, tal acontecimento exasperou as pessoas contra nós; elas nos odeiam e não têm boas intenções. Peço-te agora para lançar uma terrível tempestade de pedra. Ouvi que há nove diferentes espécies de tais tempestades. Lança uma sobre eles. Isso completará a satisfação de tua velha mãe. As pessoas aqui conspiram contra as nossas vidas. Elas falam em enviar alguns homens para matar-te e, depois de ti, a mim. Portanto, para a segurança de ambos, cuida-te bem. Se te faltarem os meios, procura um vale voltado para o Norte, eclipsado por uma nuvem negra e iluminado pelas estrelas chamadas Minddok (as Plêiades). Aí encontrarás sete de nossos parentes. Pede-lhes e obterás o que desejares no que concerne às provisões. Se não conseguires descobrir o vale, saibas que o peregrino-devoto que leva a presente vive nesse vale. Nada fales sobre isso a quem quer que seja.'

"Era de fato um enigma. Eu não conseguia descobrir o significado da carta. Meu desejo de retornar e ver minha mãe era muito grande. Eu tinha pouco dinheiro e precisava dele urgentemente, mas não sabia onde esses parentes viviam. Nada sabia do vale. Minhas faces se encheram de lágrimas. Interroguei o peregrino a respeito dos parentes, que ele, conforme dizia a carta, deveria conhecer. Perguntei-lhe quem eram e onde viviam; perguntei-lhe também onde ele vivia. Ele respondeu que pertencia a Ngari-Gunthang. Quando lhe perguntei sobre o paradeiro de meus

parentes mencionados na carta e também sobre ele e suas viagens, disse-me que havia estado em muitos lugares, mas não sabia onde morava nenhum de meus parentes nem tinha qualquer informação a respeito deles. Ele era nativo de Ü. Pedi-lhe para esperar um momento até eu voltar. Saí e mostrei a carta ao meu *Guru*, contando-lhe ao mesmo tempo as novas que obtivera de viva voz do mensageiro.

“Meu *Guru* deu uma olhadela na carta e disse: ‘Thöpa, tens, ao que parece, uma mãe muito vingativa. Tantas pessoas morreram e, no entanto, ela te pede que suscites tempestades de pedra! Que parentes tens no Norte?’ ‘Nunca soube que os tivesse’, repliquei, ‘e a carta tem palavras muito obscuras. Interroguei o peregrino, mas ele nada sabe sobre esses parentes.’

“A esposa de meu *Guru* era uma mulher dotada de uma inteligência sobrenatural, sendo a encarnação de uma *Ḍākinī*. Ela leu a carta e me ordenou que chamasse o peregrino. Fiz o que me pedira, e ela preparou um bom fogo, serviu *chhang* e fez o peregrino tirar o manto que vestia. Então, assumindo um ar brincalhão, ela pôs o manto às costas e pavoneando-se para cima e para baixo no quarto, disse: ‘Felizes as pessoas que conseguem ir a toda parte vestidos apenas com este manto!’ Depois, dançou um pouco e saiu do quarto com o manto nas costas. Ganhando o sótão da casa, ela descosturou o remendo, retirou as peças de ouro, refez o remendo como antes e, ao voltar à sala, devolveu o manto ao peregrino. Deu-lhe em seguida algum dinheiro e o enviou para outro quarto.

“Vendo o peregrino alojado em segurança, a mulher me chamou, e disse: ‘Thöpa, teu Mestre te pede que vá vê-lo.’ Indo ao seu encontro, ela me deu as sete peças de ouro. Ao lhe perguntar onde havia encontrado o ouro, ela respondeu que fora no manto do peregrino, e prosseguiu: ‘Thöpa, debes ter uma mãe muito astuta. O vale voltado para o Norte era o manto do peregrino, pois, assim como o Sol não brilha num vale voltado para o Norte, assim também o manto do peregrino não pode ser atravessado pelos raios do Sol. A nuvem negra referia-se ao remendo negro quadrado. A constelação era o bordado sobre o remendo e os sete parentes referiam-se às sete peças de ouro. Sua observação ambígua de que não devias fazer nenhuma pergunta, exceto ao peregrino, referia-se ao fato de que o peregrino estava trajado com o manto e a própria observação visava a dirigir tua atenção para a sua pessoa, que devias analisar.’ Meu Mestre ficou grandemente reconhecido e disse: ‘Vós, mulheres, sois proverbialmente atiladas e argutas, e isso é uma boa prova do que digo.’

“Do total que me chegou às mãos, dei ao peregrino um décimo de uma peça, o que muito o agradou. Ofereci também à mulher sete décimos e ao meu Mestre dei três peças, em troca do aprendizado da arte de suscitar tempestades de pedras, conforme o desejo de minha mãe. Para o conhecimento do Encanto da Tempestade, ele, por sua vez, me remeteu ao meu primeiro *Guru*, o Lāma Yungtun-Trogyal. Provido com a carta e a fita necessários, que recomendavam a realização de meu desejo, retornei a Yarlung-Kyorpo.

“Ao encontrar meu primeiro *Guru*, apresentei-lhe a carta e a fita enviados por Khulung-Yöntön-Gyatso e lhe ofertei as três peças de ouro que ainda me restavam. Ele me perguntou sobre os meus sucessos nos estudos anteriores. Disse-lhe que eu tinha tido muito êxito; que trinta e cinco pessoas haviam sido mortas, e que eu recebera uma carta pedindo uma praga de tempestades e que, assim, lhe

pedia para realizar o meu desejo. ‘Muito bem’, disse ele, e imediatamente me comunicou o Encanto, ordenando-me que completasse as cerimônias correlatas numa velha e escondida cela [de um eremitério].

“Ao cabo de sete dias, vi as nuvens se reunindo na cela e lançando chispas e ouvi o rugir de um trovão. Pensei então que poderia dirigir o curso de uma tempestade de pedra com o meu dedo, com o que o meu Mestre concordou, dizendo: ‘Agora és capaz de suscitar tempestades de pedra’, perguntando-me, ao mesmo tempo, em que altura estaria a cevada naquela ocasião.

“Disse-lhe em que ocasião a semente é normalmente semeada, em que época os brotos germinam e quando estão altos o bastante para esconder os pombos e, finalmente, em que estação se deve fazer a capina. Meu Mestre me ouviu e disse que era ainda muito cedo. Mais tarde, ele novamente me fez perguntas sobre as estações da cevada. Eu lhe disse quando as espigas aparecem e quando estão cheias. Ele, então, me disse que era hora de partir e de suscitar a minha tempestade de pedra e, juntamente comigo, enviou o discípulo forte e veloz, já mencionado.

“Disfarçamo-nos de peregrinos e, ao chegar à minha aldeia, vi que a colheita daquele ano era tão abundante que mesmo as pessoas mais velhas do lugar não podiam se lembrar de outra igual. Por tal razão, haviam combinado que naquele ano ninguém poderia colher a cevada quando bem entendesse; uns poucos dias mais e todos começariam a colheita ao mesmo tempo.¹⁰

“Montei então o aparato necessário à execução do meu encanto, nos picos sobre o vale, e comecei a cantar o Encanto, mas nem mesmo uma nuvem do tamanho de um pardal se mostrou. Invoquei, então, os nomes das divindades e, recitando a história de nossos sofrimentos e da crueldade dos nossos parentes, golpeei a terra com o meu manto pregueado e chorei amargamente.

“Imediatamente, uma imensa e pesada nuvem negra surgiu no céu e, quando ela baixou, uma violenta tempestade de pedras estalou sobre o campo, destruindo cada espiga de cevada. Três tempestades se seguiram e abriram grandes buracos nas encostas das montanhas. As pessoas da região, privadas assim de sua colheita, lançaram um grande grito de aflição e angústia.

“A tempestade de pedras foi seguida por um pesado aguaceiro e por fortes ventos, que nos fizeram a ambos sentir muito frio. Procuramos uma caverna que desse para o Norte e, tendo feito uma fogueira de pequenos arbustos, estávamos empenhados em nos aquecer, quando ouvimos as vozes de algumas pessoas do lugar que estavam caçando para celebrar a usual ação de graças da colheita. Eles diziam uns aos outros: ‘Oh, esse Thöpag afligi a região de modo como nunca haviam feito. Vede quantas pessoas ele matou! E agora essa rica colheita, como nunca vimos igual, está toda destruída! Se ele caísse em nossas mãos neste momento,

10. No Tibete, assim como em outras terras de costumes primitivos, os camponeses estão acostumados a cultivar e a colher seus campos em comum.

As datas exatas para semear e colher a safra são fixadas pelo astrólogo da aldeia, que, após examinar as posições relativas dos planetas e das constelações, profere predições quanto à possibilidade de chuvas, ao passo que os camponeses mais velhos e mais experientes predizem quando as chuvas começarão, examinando o estado do solo. Essas predições não são menos precisas do que as dos nossos modernos serviços de meteorologia.

cortá-lo em pedaços e dividir sua carne em bocados, com o sangue pingando em gotas, não bastaria para satisfazer nossa vingança.’

“Enquanto assim falavam, passaram bem à frente de nossa caverna, e uma das pessoas mais velhas disse: ‘Silêncio! Falem baixo! Vejo fumaça na caverna acolá. Não sabemos o que possa ser.’ Um dos jovens disse: ‘Com certeza, deve ser Thöpagá. Ele não deve nos ter visto. Vamos correr para a aldeia e reunir mais homens para cercá-lo e matá-lo, pois, do contrário, ele fará mais danos à aldeia.’

“Assim dizendo, voltaram à aldeia; disse, então, meu companheiro: ‘Foge primeiro, que eu representarei teu papel e os enganarei.’ Combinamos de nos encontrar na quarta noite, na hospedaria de Tingri. Sabendo quão veloz e forte ele era, não tive receio em deixá-lo e, quanto mais eu desejava ver minha mãe, mais eu tinha de esquecer meus desejos. Por causa de meus inimigos, eu tinha de fugir o mais rápido possível e rodear pelo Passo de Nyanam. No caminho, fui mordido por um cachorro, o que me atrasou um pouco e me impediu de chegar a Inn no tempo aprazado.

“Entrementes, meu companheiro havia sido cercado, mas fugira através da própria linha daqueles que procuravam matá-lo e, enganando-os, correndo velozmente quando eles se aproximavam, e caminhando lentamente quando estavam muito distantes, conseguiu desmorteá-los. Quando eles começaram a atirar-lhe flechas e lanças, ele respondeu arremessando uma grande pedra sobre eles, dizendo ao mesmo tempo: ‘Cuidado, patifes! Destruirei por meios mágicos todo aquele que eu julgar meu inimigo. Não tenho motivos para sentir o prazer de ter matado tantas pessoas antes de vocês? Como se deleita o meu coração! Além disso, destruí toda essa rica colheita anual de modo tão completo que não restou um grão de milho para colher. Não é isso esplêndido? No futuro, se não tratarem adequadamente minha mãe e minha irmã, lançarei uma maldição sobre suas montanhas e uma praga sobre seus vales e tornarei os que restarem de vós estéreis e malditos até a nona geração. Transformarei essa região num deserto desolado! Vejam se não sou capaz.’ E enquanto caminhava dizendo tais palavras, seus perseguidores ficaram aterrorizados e começaram a dizer uns aos outros: ‘Foste tu que causaste isso’, e assim por diante, e todos retornaram.

“Ocorreu que meu companheiro, tendo chegado antes de mim a Tingri, perguntou ao estalajadeiro se um peregrino que correspondia à minha descrição havia chegado a Inn. O estalajadeiro respondeu: ‘Não.’ E acrescentou: ‘Vós, peregrinos, não tendes objeção alguma em beber quando a oportunidade se vos oferece. Se prosseguires a viagem, descobrirás uma festa de casamento, onde serás bem recebido. Se não tens uma tigela, eu te darei a minha, e poderás utilizá-la. Queres ir?’

“Meu companheiro disse, naturalmente, que sim, e pegou a tigela, que era tão grande quanto a cabeça de Shinje,¹¹ funda e vasta, informe e rústica. Com tal

11. Tib. *Gshin-rje* (pron. *Shin-je*), o Rei e Juiz da Morte, conhecido também por seus nomes sânscritos como *Yama-Rāja* (“Rei da Morte”) e *Dharma-Rāja* (“Rei da Verdade”). Ele se chama *Yama-Rāja* porque governa e julga com repressão (sânc. *Sangyama*), e *Dharma-Rāja* porque julga e administra a punição em estrito acordo com os méritos *kármicos* de cada um dos mortos, ou de acordo com a Verdade (sânc. *Dharma*).

objeto nas mãos, ele se dirigiu à casa do banquete, onde eu já estava, sentado em uma das fileiras de trás. Meu companheiro se aproximou e me perguntou: 'Por que não chegaste ao lugar combinado mais cedo?' Respondi: 'Eu estava pedindo esmolas uma manhã quando um cachorro me mordeu a perna e isso me atrasou.' Ele disse: 'Não faz mal!' E, assim, nos pusemos a caminho.

"Quando chegamos a Yarlung-Kyorpo, disse o nosso *Guru*: 'Tivestes ambos êxito e boa sorte.' Como não era possível que alguém o alcançasse antes de nós e o informasse, ficamos espantados, e perguntamos: 'Quem vos contou? Ninguém nos ultrapassou para vir vos informar.' Ele respondeu que as divindades haviam surgido à sua frente com semblantes que irradiavam luz como a Lua cheia e que ele já havia realizado as devidas cerimônias de agradecimento. No conjunto, ele parecia grandemente satisfeito.

"Foi dessa forma que cometi ações negras, vingando as injustiças que os meus inimigos me haviam feito, lutando com eles até a morte."

Essa foi a primeira ação feita por Jetsün — a ação mundana de destruir seus inimigos.



A VIDA NO CAMINHO

"Observei tudo o que ele disse e deixei o mundo
E todas as suas preocupações para trás, e me pus
A seguir os caminhos que ele apontava e a compreender
A vida no Caminho, fadada a um grande destino.
Agora, todas as minhas dores foram cortadas, arrancadas,
Extirpadas para sempre,
Já que posso entender e perceber
A base sobre a qual eram construídas as minhas misérias."

Vāsītṭhī, um Bhikkunī.
Salmos dos Primeiros Budistas, I.li.
(segundo a trad. de Mrs. Rhys David)

PARTE II: O CAMINHO DA LUZ

INTRODUÇÃO

Aqui se narram as ações que o levaram a atingir o Estado Perfeito do Budado, e que são as seguintes:

Primeira: A ação de seu arrependimento e de sua sincera busca de um *Guru* talentoso e realizado [para guiá-lo ao *Nirvāṇa*].

Segunda: A ação de sua resoluta aquiescência em cumprir todas as ordens de seu *Guru*, uma vez encontrado, a despeito das dores, da angústia e do desânimo de que fosse acometido, para poder expiar seus pecados.

Terceira: A ação de obter as Verdades que lhe proporcionaram o desenvolvimento espiritual e a Emancipação Final.

Quarta: A ação de meditar sob a tutela pessoal de seu *Guru*, a partir da qual os renovos da experiência e do conhecimento começaram a crescer.

Quinta: Dado que as Verdades começaram a tomar seu próprio curso de desenvolvimento, a ação de obter as Verdades finais ocultas e sussurradas ao ouvido quando, levado por uma instrução recebida num sonho, ele deixou o seu *Guru*.

Sexta: A ação de seu impulso para fazer o voto de dedicar toda a sua vida à obtenção do Objetivo Supremo, depois de ter sido impressionado por alguns infelizes eventos da trivialidade das buscas mundanas.

Sétima: A ação de realizar as ordens de seu *Guru*, por uma aplicação imperturbada à devoção ascética num lugar totalmente recluso, no topo de uma montanha, muito distante dos centros humanos, rejeitando todos os pensamentos de fama mundana, com infinita energia e infatigável perseverança.

Oitava: A ação de adquirir o Conhecimento e a Experiência Transcendentais como resultado dessa devoção, graças à qual ele foi capaz de proporcionar grandes benefícios para todos os seres sencientes.

Nona: Sua ação final, a da dissolução de seu corpo mortal no Espaço Cósmico, no intuito de comunicar, pelo exemplo, o seu derradeiro ensinamento acerca de tudo, para que todos os seres sencientes possam nisso encontrar um impulso para viver a vida religiosa.

CAPÍTULO IV

A BUSCA DO DHARMA SAGRADO

Narrativa de Como Jetsün Abandonou Seu Guru da Arte Negra; e de Como Jetsün Encontrou Seu Guru da Verdadeira Doutrina, Marpa, o Tradutor.

Disse Rechung: “Ó Mestre, fizeste menção de alguns feitos brancos por ti executados que naturalmente devem significar devoção ao *Dharma* Sagrado. Como e por que foste levado a buscar a religião e como chegaste a encontrá-la?”

Disse Jetsün: “Arrependi-me profundamente da destruição e dos danos que executara pela feitiçaria, na matança de tantos inimigos e na produção de tempestades de pedra. Eu desejava tanto a religião que esquecia de comer. De dia, desejava estar sentado enquanto caminhava, e caminhar quando estava sentado. De noite, era incapaz de dormir. Eu estava cheio de remorso e arrependimento e, no entanto, não podia me resolver a pedir a meu Mestre que me permitisse adotar uma vida religiosa. Assim, continuei a servi-lo, mas durante todo o tempo desejava sinceramente uma oportunidade para pedir-lhe permissão para partir e aprender a Sagrada Doutrina.

“Por essa ocasião, um rico e devoto patrono leigo de meu Mestre caiu seriamente doente e meu Mestre foi chamado com urgência para cuidar do enfermo. Três dias depois, meu Mestre retornou com a fisionomia triste e abatida. Perguntei-lhe a razão, e ele respondeu: ‘Quão transitórios são todos os estados da existência! Na noite passada, aquele excelente homem morreu, e só posso lamentar profundamente a sua perda. Compreendo a miséria de toda a existência mundana. Desde minha juventude gastei todo o meu tempo na prática da feitiçaria, dedicando-me à Arte Negra de produzir a morte e suscitar tempestades de pedra. E tu também, meu filho, desde a tua juventude te dedicaste a essa Arte pecaminosa e já conseguiste uma boa quantidade de mau *Karma*, que recairá todo, pesadamente, sobre mim, visto que sou responsável pelo que fizeste.’¹

1. O *Guru*, seja ele do Caminho da Esquerda ou da Direita, torna-se espiritualmente responsável pelas ações que incita o discípulo a cumprir – colhendo um mau *Karma* dos atos maus assim realizados, e um bom *Karma* dos atos bons.

Sj. Atal Bihari Ghosh acrescenta, neste sentido, a seguinte observação: “Os termos sânscritos *Vāma* (Esquerda) e *Dakṣiṇa* (Direita) têm também um significado superior, sendo o primeiro o Caminho da Renúncia (sânc. *Nivṛtti-Mārga*) e o segundo o Caminho da Aquisição e dos Prazeres Mundanos (sânc. *Pravṛtti-Mārga*). Essa é a distinção primária, tal como a entendem o doutos da Índia.”

“Perguntei-lhe se não era verdade que todos os seres sencientes mortos por obra da feitiçaria não eram de alguma maneira salvos e enviados a estados superiores de existência. Ele replicou: ‘Compreendo que todos os seres sencientes possuem um raio do Eterno e que podemos trabalhar por sua salvação e desenvolvimento. Também conheço os rituais que se devem praticar para esse fim, mas tudo depende de uma verdadeira compreensão do sentido do ritual, assim como do significado das palavras empregadas. Não me sinto, contudo, seguro de que este conhecimento superficial poderá resistir à prova de um perigo real. Desejo por isso me dedicar agora a essa profunda doutrina que permanecerá firme e sólida em face de tudo que possa constituir perigo. Quanto a ti, fica aqui e age como guardião de meus filhos e discípulos; partirei e trabalharei por tua salvação ao mesmo tempo que pela minha. Ou, então, parte, aprende e pratica o *Dharma* Sagrado em meu favor, assim como por ti, para me salvar e me propiciar um nascimento em minha próxima existência, favorável ao meu progresso no Caminho da Emancipação. Eu te darei todo o apoio material de que necessitares.’

“Era exatamente isso o que eu desejava e assaltou-me grande alegria. Pedi-lhe imediatamente que me permitisse abraçar a vida religiosa. Meu Mestre deu seu consentimento, dizendo: ‘Certamente. És jovem e magnificamente dotado de energia, abundante perseverança e fé. Serás um devoto sincero. Vai e vive uma vida de puro estudo religioso.’

“Ele me presenteou com um fardo de fino tecido de lã de Yarlung, um iaque, e me enviou a um lugar no Vale de Tsang de nome Nar, onde vivia um famoso Lâma, da velha seita mística chamada Rongtön-Lhaga. Esse Lâma, ao que diziam, havia adquirido faculdades sobrenaturais na doutrina chamada “A Grande Perfeição”, da seita Níngma. Meu Mestre pedira-me que eu aprendesse a doutrina desse *Guru* e a praticasse convenientemente. De acordo com seus desejos, fui a Nar, no Vale de Tsang, e procurei pelo Lâma.

“Lá, encontrei a esposa do Lâma e alguns de seus discípulos, que me informaram que ali se localizava a sede do mosteiro principal, mas que o Lâma não se achava ali no momento e, sim, num mosteiro secundário em Rinang, no Vale de Nyang. Por minha vez, disse-lhes que havia sido enviado pelo Lâma Yungtun Trog-yal e que desejava recompensar àquele que me conduzisse ao Lâma. A senhora enviou, então, um de seus discípulos como meu guia.

“Em Rinang, encontrei o Lâma e lhe ofereci o iaque e o fardo de roupas de lã como um presente, dizendo-lhe que eu era um grande pecador oriundo das Montanhas Ocidentais em busca de uma doutrina que conduzisse à libertação de toda a existência *sangsárica* em uma única vida, e pedi-lhe que a ensinasse para mim.

“O Lâma disse: ‘Minha doutrina, chamada ‘A Grande Perfeição’, é a própria perfeição. É excelente na raiz, no tronco e nos ramos,² proveitosa àquele de quem foi obtida e àquele que a obteve, é excelente em seu fruto, que é o conhecimento da *Yoga*. Aquele que medita sobre ela num dia é libertado no curso desse

2. Frase paralela à sentença do Buddha, segundo a qual Sua doutrina é “perfeita no início, perfeita no meio e perfeita no fim”.

dia e o mesmo ocorre àquele que medita sobre ela numa noite. Aos dotados, àqueles a quem o *Karma* favorece, a mera audição da doutrina é suficiente para lhes propiciar a Libertação, eles não precisam meditar sobre ela. Esta é uma doutrina que se dirige aos intelectos mais bem-desenvolvidos. Eu a ensinarei a ti.' Ele me iniciou no mesmo instante e me deu as necessárias instruções.

"Brotou-me então o pensamento de que, anteriormente, enquanto estava ocupado em aprender a feitiçaria para propósitos assassinos, levava catorze dias para realizar meu desejo e, no que diz respeito a suscitar tempestades de pedra, precisara de sete dias; ao passo que, agora, encontrara uma doutrina que me emanciparia a qualquer hora, de dia ou de noite, desde que eu me dispusesse a meditar sobre ela, e que, aos dotados e aos especialmente favorecidos por seu bom *Karma*, a mera audição da doutrina seria suficiente para libertá-los. Disse a mim mesmo: 'Ora, eu próprio posso ser uma dessas pessoas favorecidas e dotadas!' Enchi-me, assim, de tal orgulho, que não podia meditar e, ao contrário, vim a adormecer durante o trabalho, de modo que falhei ao submeter a doutrina ao teste da prática.

"Poucos dias depois, o Lâna me procurou e disse: 'Disseste que eras um grande pecador oriundo das Montanhas, e nisto foste muito sincero. De minha parte, contudo, fui pródigo demais nos meus louvores à minha doutrina. De qualquer modo, vejo bem, agora, que não serei capaz de te converter. Há um mosteiro de nome Dowo-Lung (Vale do Trigo), em Lhobrah, onde atualmente vive um piedoso discípulo de Naropa, o grande Santo indiano. Ele é o mais digno de todos os dignos, um verdadeiro príncipe entre os tradutores — um homem que obteve um conhecimento extraordinário nas novas Doutrinas tântricas, inigualável nos três mundos; seu nome é Marpa, o Tradutor. Há entre ele e ti um vínculo kármico contraído em vidas passadas. Deves procurá-lo.'

"Ao ouvir o nome de Marpa, o Tradutor, minha mente se encheu de inexprimível sentimento de alegria e um arrepio percorreu todo o meu corpo, eriçando todos os meus pêlos, enquanto as lágrimas jorraram de meus olhos, tão forte foi o sentimento de fé que em mim despertou. Pus-me, então, a caminho com o propósito único de encontrar esse *Guru*, levando apenas uns poucos livros e alguma provisão para a jornada. Durante todo o caminho, fui possuído por uma única idéia: 'Quando verei o meu *Guru*? Quando poderei ver-lhe a face?'

"Na noite anterior à minha chegada ao Vale do Trigo, Marpa sonhou que seu *Guru*, o grande Santo Naropa, o procurara e realizara a Cerimônia da Iniciação, dando-lhe um *dorje* feito de lápis-lazúli, de cinco pontas e ligeiramente manchado e, também, um pote de ouro para conservar água sagrada cheio de elixir; ordenara-lhe ademais que lavasse o *dorje* sujo com o elixir do pote e o pendurasse numa Bandeira da Vitória. Acrescentou que isso contentaria os Vitoriosos do passado e que agradaria a todos os seres sencientes, cumprindo, assim, tanto os nossos próprios desejos como os dos outros. Ao dizer isso, o Santo subiu novamente para o Mundo Celeste.

"Em seu sonho, Marpa viu que executava as instruções de seu *Guru*; lavando o *dorje* com o elixir sagrado, como fora ordenado, e pendurando-o numa Bandeira da Vitória. O *dorje* irradiou, então, um fulgor tão brilhante que invadiu todos os mundos com a sua luz e, recaindo sobre os seres sencientes que vivem nos Seis *Lokas*, dispersou todas as suas aflições e tristezas, enchendo-os, ao contrário, de uma beatitude imaculada pela dor, de modo que em seu regozijo todos olharam para

Marpa e sua Bandeira da Vitória com transbordante fé e reverência, alguns venerando, outros cantando hinos e ainda outros fazendo oferendas. Em seguida, ele viu em seu sonho que os Vitoriosos deram bênçãos à Bandeira e realizaram a cerimônia da consagração, e que ele próprio estava um tanto alegre e orgulhoso. Então, despertou, sentindo-se muito feliz.

“Quando sua esposa veio lhe servir o desjejum, ela disse: ‘Ó Mestre, sonhei esta noite que duas mulheres, que diziam vir da Terra Ocidental de Urgyan, traziam em suas mãos um relicário de cristal³ que estava um pouco sujo, e me pediam para dizer-te que teu *Guru* Naropa solicitava que consagrasse o relicário, com as devidas cerimônias de uma consagração adequada, e o colocasses no topo de uma montanha. E tu dizias que ele já havia sido abençoado pelo grande Santo Naropa, mas que todas as ordens dele deviam ser obedecidas e, portanto, lavaste o relicário com água sagrada das urnas, realizaste a cerimônia de consagração e o colocaste no topo de uma montanha. Ele, então, emitiu uma luz brilhante como o Sol e a Lua e, ademais, reproduziu vários outros relicários similares, que depôs no topo das montanhas vizinhas, e duas formas femininas agiam como guardiãs. O que isso significa?’

“Embora interiormente feliz com a coincidência de propósitos de ambos os sonhos, Marpa disse apenas: ‘Não conheço o sentido de sonhos que não têm causa. Vou pegar a estrada para arar o campo. Veste-te.’ Disse a esposa: ‘Mas, tens tantos lavradores que trabalham para ti. O que dirão as pessoas se tu, um grande Lâma, trabalhar nos campos como um lavrador comum? Isto causará grande escândalo. Fica em casa, por favor, não vás!’ Mas, a despeito de todos os seus pedidos, Marpa foi ao campo, dizendo apenas: ‘Dá-me uma boa quantidade de *chhang*!’ A esposa trouxe uma jarra e lha entregou; mas ele disse: ‘Isto basta apenas para mim; traz um pouco mais para os visitantes.’ Outra jarra foi trazida, e ele a colocou no chão; cobrindo-a com seu chapéu e sentando-se ao lado da jarra, bebeu alguns goles de *chhang* e se dirigiu para a lavoura.

“Entrementes, eu me aproximava pela estrada, perguntando a todos que encontrava: ‘Onde vive o Grande *Yogī* Marpa, o Tradutor?’ Mas ninguém podia me dar a informação que eu desejava. Perguntei a outra pessoa mais, e ela me disse que um homem de nome Marpa vivia nas cercanias, mas que não havia ninguém ali que tivesse um título tão elevado quanto o de Grande *Yogī* Marpa, o Tradutor. Indaguei onde se achava o Vale do Trigo. Ela o indicou e disse: ‘É lá.’ Perguntei-lhe quem vivia nesse lugar, e ela respondeu que era a pessoa de nome Marpa. ‘Ele não tem outro nome?’, perguntei, ao que ela retrucou que algumas pessoas o chamavam, também, de Lâma Marpa. Isso dissipou minhas dúvidas e soube, então, que essa devia ser a residência do Marpa que buscava. Perguntei o nome da cordilheira em que me achava e fui informado de que seu nome era *Chhö-la-gang* (Cordilheira do *Dharma*). Pensei comigo mesmo que era um bom augúrio ter visto pela primeira vez a morada de meu *Guru* dessa cordilheira.

“Não obstante, enquanto seguia pela estrada, continuava ainda a perguntar por Marpa. Encontrei alguns pastores e lhes fiz a mesma pergunta. O mais velho

3. Trata-se de um relicário na forma de um *stūpa* em miniatura. Compare-se com ele o relicário de cristal trazido pelas *Dākinīs* à época do traslado de Milarepa, p. 219.

deles respondeu que eles não conheciam ninguém com esse nome. Mas, um rapaz de fisionomia esperta, bem vestido e bem adornado, de cabelos untados e bem penteados, disse: ‘Deves estar procurando meu pai e Senhor, que costumava fazer comércio de ouro em nossa casa, e que foi e voltou da Índia com muitos rolos de papel. Se é ele quem procuras, ele está lavrando seu campo hoje — coisa que nunca fez antes.’ Ponderei que essa bem poderia ser a pessoa que eu buscava, mas muito duvidei de que um grande tradutor pudesse ser encontrado na lavoura.

“Assim pensando, caminhava pela estrada, quando encontrei um *lāma* de sólida estatura, um tanto propenso à obesidade, de olhos grandes, mas de aparência muito digna. Estava lavrando a terra. No instante em que meus olhos caíram sobre ele, fui invadido por um sentimento de inexprimível beatitude extática, com o que perdi toda a consciência de onde estava. Quando voltei a mim, disse: ‘Ó Reverendo Senhor, onde vive, neste lugar, o piedoso discípulo do famoso Santo Naropa, de nome Marpa, o Tradutor?’

“Por um momento, o *lāma* me observou da cabeça aos pés e, então, perguntou: ‘De onde vens? O que queres?’ Respondi que eu era um grande pecador originário das Montanhas de Tsang e que, ao ouvir a fama do conhecimento e da sabedoria de Marpa, o Tradutor, me decidira a procurá-lo para aprender a Verdadeira Doutrina, no propósito de obter a Libertação.

“A isso replicou o *lāma*: ‘Muito bem, eu te darei uma apresentação para ele se terminares de lavar este pedaço de terra’, tirando, ao mesmo tempo, o *chhang* de debaixo do chapéu e oferecendo-o a mim para beber, com o que fiquei muito revigorado. Ele me encarregou de lavar o campo e se retirou. Terminei o *chhang* e, então, lavrei o campo com vontade.

“Pouco tempo depois, o rapaz que eu vira entre os pastores e que me havia dado a informação desejada veio me chamar; eu estava muito feliz e lhe disse: ‘O *lāma* conseguiu uma apresentação para mim, de modo que vou terminar a lavra deste pedaço de terra para ele.’ E me pus ao trabalho e completei a porção que ainda restava por fazer. Como esse campo me ajudou a ser apresentado ao meu *Guru*, ele depois foi chamado de ‘Campo da Ajuda’. No verão, um caminho corre ao redor do campo e o corta ao meio, no inverno.

“Acompanhando o rapaz, encontrei o *Lāma* acomodado sobre um amontoado de almofadas cobertas por um tapete, formando, assim, um tríplice assento. Vi que ele procurava se limpar, mas sobre a testa e nos cantos do nariz ainda permaneciam alguns traços de poeira. Estava sentado com sua grande e proeminente pança. Embora soubesse que se tratava do mesmo homem que encontrara anteriormente, olhei em volta, para me certificar, em busca de outro *lāma* que pudesse estar sentado em qualquer outra parte.

“Logo o ocupante do assento de almofadas disse: ‘Naturalmente, não me reconheces. Sou Marpa, de modo que podes me saudar.’⁴ Curvei-me imediatamente, toquei-lhe os pés com minha fronte e os coloquei sobre a coroa de minha cabeça. Tendo realizado essa cerimônia, disse: ‘Ó Precioso *Guru*, sou um grande pecador originário das Montanhas Ocidentais e vim aqui para te oferecer corpo, fala e

4. É necessário que o *Shiṣhya* faça reverência ao *Guru*.

mente. Peço-te que me dês alimento, roupa e instrução espiritual, e permita que eu obtenha a Libertação na atual existência.’

“O Lâma replicou: ‘O fato de seres um grande pecador nada tem a ver comigo. Não te pedi que cometesses pecados em meu lugar. Mas, que pecados foram esses?’ Quando relatei todas as circunstâncias de minha vida, o Lâma disse: ‘Muito bem, gostei da tua oferta de corpo, fala e mente, mas não posso te dar comida, roupa e instrução ao mesmo tempo. Dar-te-ei comida e roupa e procurarás a instrução espiritual em outra parte, ou poderás encontrar comida e roupa em algum lugar, enquanto te dou a instrução espiritual que desejas. Escolhe o que preferes. Se te ensino a Verdade, dependerá inteiramente de tua perseverança e energia conseguir ou não a Libertação numa única existência.’

“Respondi: ‘Eu te procurei, ó meu Lâma, por causa da Verdade. Encontrarei comida e roupa em outra parte’, e tratei imediatamente de me acomodar à situação, depondo os poucos livros que trouxera comigo sobre a estante do altar. Mas o Lâma me proibiu imediatamente de fazê-lo, dizendo: ‘Fora com esses teus velhos livros; eles contaminarão minhas santas relíquias e os volumes sagrados e lhes trarão a ruína!’⁵

“Pensei imediatamente comigo mesmo que o Lâma sabia da existência de alguns livros de Magia Negra entre eles e, por essa razão, me proibira de colocá-los junto de seus livros, imagens e outros objetos. Durante algum tempo, conservei-os nos aposentos a mim destinados. A esposa do meu *Guru* deu-me excelente comida e propiciou-me tudo o que eu necessitava.

“Esta é a parte da minha história que narra como cheguei a encontrar o meu *Guru*, o que constitui a Primeira de minhas Ações Meritórias.”

5. Como sugere a própria conjectura de Milarepa no parágrafo seguinte, acreditam os mestres tibetanos das Ciências Ocultas que os livros, assim como as pessoas, emanam claras influências áuricas, razão por que recusou ter as obras sobre Magia Negra colocadas ao lado das obras sobre Magia Branca, ou em contato com as relíquias sagradas.

CAPÍTULO V

O NOVICIADO E A PENITÊNCIA

Narrativa de Como Jetsün Obedeceu às Ordens de Seu Guru Marpa, Sofrendo por Isso Estranhas e Dolorosas Experiências e Grandes Atribulações; e de Como, Desanimado, Abandonou por Três Vezes a Marpa e Buscou Outro Guru, Voltando em Seguida Para Marpa.

“Pus-me, então, a esmolar por todo o Vale de Lhobrah, onde obtive quatrocentas e vinte medidas de cevada.¹ Com duzentas e oitenta medidas, comprei um grande vaso de cobre, livre de falhas ou saliências e provido de quatro pegadores, um em cada um dos quatro lados. Com vinte medidas, comprei carne e *chhang*. Coloquei as cento e vinte medidas restantes num grande saco e, pondo o vaso de cobre sobre elas, dirigi-me à morada do meu *Guru*.

“Ao chegar lá, estava um pouco fatigado e deixei cair meu fardo um tanto pesadamente, o que fez a casa tremer um pouco. Isso irritou meu *Guru*, pois ele disse, dando pulos de raiva: ‘Ah, ao que parece, és um devoto particularmente forte. Queres matar-nos a todos, pondo a casa abaixo meramente pela força física? Fora com esse saco!’ E chutou o saco para fora da casa, de modo que fui obrigado a deixá-lo ali. Nessa ocasião, simplesmente pensei que o meu *Guru* tinha um temperamento irascível e que eu precisava me portar com cuidado em sua presença; minha fé nele permanecia intata.² Em seguida, depois de esvaziar o vaso de cobre, levei-o novamente para a casa e, curvando-me, ofereci-o ao Lāma. Ele o aceitou, depondo sua mão sobre o objeto, e depois, sem remover a mão, permaneceu por um instante com os olhos fechados em oração. Terminada a invocação, pude ver lágrimas correrem por sua face, e ele disse: ‘É auspicioso; eu o ofereço ao meu *Guru* Naropa’,

1. A versão do Sr. Bacot (p. 94) enumera vinte e uma medidas, cada uma das quais é aparentemente igual às vinte medidas menores mencionadas em nossa tradução e correspondentes às medidas citadas na sentença seguinte.

2. Como se poderá observar mais adiante, na *Biografia*, os vários humores — raiva, má vontade, crueldade etc. — que Marpa aparentemente exhibe em seu relacionamento de *Guru* com o *shishya*, Milarepa, são totalmente fingidos. Nenhum verdadeiro *Guru* jamais permitiria que tais paixões indignas em suas formas reais o dominassem ou, de alguma maneira, o controlassem; e a exposição de tais humores, quando vista em conjunto, tem um duplo propósito, a saber, testar Milarepa e fazê-lo purgar os pecados que cometera mediante a prática da Arte Negra. Antes de ser aceito como *shishya*, o aspirante sempre é submetido a vários e severos testes concernentes à sua competência (*adhikāra*). Só depois desses testes, o *Guru* pode decidir sobre qual treinamento é ou não adequado ao aspirante.

e, simultaneamente, fez com as mãos o gesto de oferenda. Em seguida, tomou os pegadores, bateu-lhes violentamente e amassou o vaso com um bastão, fazendo assim um grande estardalhaço. Por fim, tomou o vaso ao pé do altar e aí o deixou, enchendo-o com manteiga clarificada para queimar nas lâmpadas do altar.

“Muito preocupado com minha Libertação, eu lhe pedia repetidamente para me dar alguma instrução, em consequência do que ele disse: ‘Tenho muitos discípulos e leigos nas Províncias de Ü e Tsang que gostariam muitíssimo de vir para cá, mas eles foram repetidamente roubados no caminho pelos pastores nômades de Yamdak e Talüng, bem como pelos Lingpas. Espoliados, assim, com frequência, eles deixaram de vir para cá com provisões ou presentes. Vai e lança uma praga de tempestades de pedra sobre os assaltantes. Isso também é um dever religioso; depois, então, eu te darei as instruções sobre a Verdade.’

“Dessa maneira, lancei uma terrível tempestade de pedras sobre cada um dos lugares mencionados e, ao retornar, pedi a instrução prometida. Mas o Lâma replicou: ‘O quê! Ousas pedir o *Dharma* Sagrado, que eu obtive com grande custo e auto-sacrifício na Índia, em troca de duas ou três reles tempestades de pedra! Ora, Senhor, se desejas realmente a Verdade, deverás destruir, por meio da feitiçaria, da qual dizes ser um adepto, muitos montanhese de Lhobrak, pois eles também assaltaram meus discípulos, que para aqui vieram oriundos de Nyal-Lo-ro e, com frequência, ofenderam também a minha pessoa. Se conseguires realizar alguma destruição como prova de teu poder mágico, eu te ensinarei as Verdades Místicas comunicadas a mim por meu reverendo *Guru*, o grande *Paṇḍit* Naropa — Verdades mediante as quais podemos ganhar a Libertação numa única existência e atingir o Budado.

“Fiz novamente o que me era ordenado e, como efeito da maldição que lancei sobre os montanhese de Lhobrak, surgiu entre eles uma rixa violenta, e nas lutas muitos deles foram mortos. A visão da carnificina, no entanto, me lançou em profundo remorso e angústia. Meu *Guru*, percebendo que entre os mortos estavam muitos dos que o tinham ofendido, disse-me: ‘És de fato um adepto da feitiçaria.’ E me deu o título de *Thüchhen* (Grande Feiticeiro).

“Quando lhe pedi novamente as Verdades salvadoras, ele disse: ‘Ha, ha! Devo eu te dar as Verdades sagradas, que eu trouxe da Índia com grande dificuldade, gastando todos os meus bens materiais em ouro para obtê-las — Verdades que ainda exalam o alento sagrado dos Seres Angélicos que as emitiram, e tudo isso em troca de teus feitos malignos? Ora, Senhor, isso seria uma grande pilhéria que a todos faria rir. Houvesse alguém disposto a me salvar e ele te mataria por tal presunção. Agora, Senhor, deverás reparar todos os danos que causaste às colheitas dos pastores e restaurar a vida dos mortos de Lhobrak. Se puderes fazer isso, muito bem; eu te ensinarei as Verdades. Se não fores capaz, será melhor não voltares à minha presença.’ E ralhou comigo quase como se quisesse me bater. Quanto a mim, mergulhei em profundo desespero e chorei amargamente, ao passo que a esposa do Lâma procurava me confortar.

“Na manhã seguinte, o Lâma foi gentil o bastante para vir até mim e dizer: ‘Temo que tenha sido um pouco duro contigo ontem à tarde, mas não te aborreças. Tem paciência e aguarda, e terás os Ensinamentos. Tu me pareces uma pessoa muito hábil. Eu gostaria que construísse uma casa para meu filho, Darma-Doday (O Jovem, o Buquê dos *Sūtras*). Quando a tiveres terminado, não apenas te ensi-

narei as Verdades como também te darei todo o alimento e as roupas necessárias para o período de teu estudo.’ ‘Mas’, perguntei, “o que me acontecerá se, no intervalo, eu morrer sem a Libertação?” Ele respondeu: ‘Prometo-te que não morrerás sem a Libertação no intervalo. Minha doutrina não se ressentirá de promessas definidas. Portanto, quando tiveres uma considerável dose de energia e perseverança, poderás jubilar sem nenhum obstáculo, obtendo a Libertação numa só existência ou não. Minha seita não é igual às outras seitas, pois nela se acham mais emanação das Ondas da Graça Divina e uma Revelação Espiritual mais direta do que em qualquer outra.’³ Consolado e regozijado com estas promessas confortadoras, pedi imediatamente ao Lâma o plano da casa a ser construída.

“Ora, ao me pedir para fazer essa obra, o Lâma, como percebi depois, tinha três objetivos em mente. Em primeiro lugar, não tendo sido incluído numa reunião de juramento por seus parentes masculinos em certo lugar [de importância estratégica, uma vez que fora acordado que nenhuma fortaleza poderia ser construída ali⁴], ele desejava construir uma casa nesse local, pois a região era muito cobijada, por ser segura e de difícil acesso, e fechada para sempre àqueles que haviam prestado o juramento. Em segundo lugar, ele desejava fazer com que eu expiasse minhas más ações. E, em terceiro e último lugar, ele desejava enganar os parentes acima mencionados para que lhe permitissem construir sua casa no lugar que desejava.

“Ele recorreu ao seguinte estratagema. Levou-me a uma cordilheira voltada para o Oriente e, assinalando um determinado lugar, desenhou uma estrutura circular e ordenou que eu comesse a construção no local indicado, o que fiz imediatamente. Quando eu já havia construído metade da edificação, ele me disse que, ao me dar as ordens anteriormente, não havia considerado convenientemente o assunto e que eu deveria parar a construção, demoli-la e levar ao lugar de onde retirara a terra e as pedras utilizadas.

“Quando cumpri essa ordem, o Lâma, que me parecia estar embriagado,⁵ levou-me a uma cordilheira voltada para o Ocidente e, ordenando-me que construísse outra casa nesse lugar, após descrever um projeto em forma de crescente, retirou-se. Quando eu já construíra metade da casa, o Lâma retornou enquanto eu estava trabalhando e disse que eu devia parar a obra e recolocar a argila e as pedras nos lugares de onde as retirara. Obedeci novamente às suas ordens.

3. Referência à crença lamaísta, bastante igual à cristã, de que a graça divina pode ser recebida pelos seres humanos na Terra sob a forma de ondas irradiadas pelos seres espirituais. Marpa acreditava que os *Gurus* super-humanos de sua seita eram mais capazes de auxiliar os devotos do que aqueles que pertencem às seitas menos dotadas espiritualmente, devido à orientação direta que telepaticamente lhes era concedida.

4. Como observa o Sr. Bacot (p. 97), à época de Milarepa não havia um governo centralizado no Tibete, uma vez que o poder dos reis tibetanos havia desaparecido e a autoridade da China ainda não havia sido estabelecida; essa é a razão pela qual os senhores feudais, ciumentos uns dos outros, haviam concordado em não fortificar o local referido em nosso texto.

5. Atitude igualmente simulada por Marpa, a fim de que seus planos para impor sofrimentos de natureza severa sobre Milarepa tivessem sucesso.

“O Lâma uma vez mais, levou-me a outra cordilheira, esta voltada para o setentrião, e me disse o seguinte: ‘Meu Grande Feiticeiro, eu estava um pouco bêbado quando te pedi para ergueres uma casa e por isso te dei uma ordem errada. Foi tudo um engano. Mas agora, edifica uma casa realmente bela neste lugar.’ Ousei observar que se tratava de uma grande despesa para ele e de um grande problema para mim, construir e demolir uma casa depois da outra. Pedi-lhe para ponderar o assunto e, depois, me dar suas ordens. Ele disse: ‘Não estou bêbado hoje e pensei bastante no assunto. A morada de um místico tântrico deve ser triangular; então, constrói uma casa com essa forma. Esta não será demolida.’

“Tratei então de construir uma casa triangular. Quando eu já havia construído uma terça parte dela, o Lâma apareceu novamente e disse: ‘Quem te deu ordem para construir uma casa como essa?’ Respondi: ‘Ora, é a casa para o Teu Reverendo filho, e foste tu quem deste a ordem.’ ‘Não me lembro em absoluto de tê-lo feito’, disse ele. ‘Mas, se é como dizes, então deve ter sido numa hora em que eu não estava na posse de meus sentidos, ou devia estar completamente louco.’ ‘Mas’, acrescentei, ‘temendo que algo como isso pudesse ocorrer, ousei solicitar-te uma cuidadosa consideração do assunto e, então, me fizeste o favor de me assegurar que havia ponderado sobre o pedido e que esta casa não seria demolida. E parecias então estar em perfeito estado mental.’ O Lâma replicou: ‘Que testemunho tens do que falas? O quê?! Queres destruir a mim e aos meus por meio da feitiçaria, ou o quê, impingindo-nos essa construção triangular, que se assemelha a um triângulo mágico? Ora, meu jovem, eu não roubei o teu patrimônio! Além disso, se desejas mesmo receber a instrução religiosa, a própria forma dessa casa bastará para colocar as Divindades Locais contra ti! Demole-a imediatamente e devolve as pedras e a argila ao local de onde as retiraste. Depois, dar-te-ei a instrução que desejas, ou então não poderás ir!’ E o Lâma se retirou, aparentemente muito zangado. Essa cena causou-me profunda aflição, mas não havia remédio para ela. Eu precisava da Verdade e não tive outra escolha senão demolir a casa triangular como demoli as outras, e fazer o que me fora ordenado com os materiais.

“Dessa vez, havia uma grande ferida em minhas costas, entre os ombros e a espinha, mas não ousei mostrá-la ao Lâma, temendo que ele ficasse muito descontente se eu o fizesse. Não me animei também a mostrá-la à sua mulher, por medo de que ela pensasse que eu procurava fazer-lhe ver o quanto estava trabalhando para eles. Guardei minhas dores para mim, e apenas lhe pedi que me ajudasse a rogar ao Lâma que concedesse a prometida instrução.

“A mulher dirigiu-se gentilmente ao marido e disse: ‘Meu Senhor, teus incumuns encargos estão esgotando a vida desse pobre jovem. Tem piedade dele e dá-lhe alguma instrução.’ O Lâma respondeu: ‘Prepara rapidamente um bom jantar e traz o jovem à minha presença.’ A mulher preparou a comida e me fez entrar. O Lâma então me disse: ‘Grande Feiticeiro, não me acuses falsamente, como o fizeste ontem, de coisas que não fiz. Quanto às instruções, eu as darei agora.’ E me comunicou as quatro fórmulas dos Refúgios,⁶ com as preces, as instruções e

6. Os Refúgios são o *Buddha*, o *Dharma* (ou as Regras de Correta Conduta, tais como as contidas nas Escrituras budistas) e o *Saigha* (ou Comunidade budista da qual o sacerdócio é a

os votos, e acrescentou: 'Estas são as chamadas Instruções Religiosas Temporais. Mas, se buscas as Instruções Religiosas Não-Temporais, ou As Verdades Místicas, deverás fazer tais e tais coisas a fim de merecê-las.' E passou a recitar uma breve história da vida de seu *Guru* Naropa, terminando com as seguintes palavras: 'Mas, dificilmente conseguirás atingir um ideal tão elevado; temo que será muito difícil para ti.' Ao ouvir isso, brotou nas profundidades de meu coração uma fé tão profunda que não consegui reprimir as lágrimas e, internamente, resolvi fazer o que quer que fosse que o Lâma me ordenasse.

"Alguns dias depois, o Lâma me convidou para caminhar com ele. No curso de nosso passeio, chegamos ao local anteriormente mencionado, onde os tios e primos do Lâma haviam concordado em não fazer construções e que era, agora, guardado por eles. O Lâma fez aí uma parada e disse: 'Deves agora construir neste local uma casa quadrangular, de nove andares, provida de um sótão ornamental. Esta casa não será demolida; depois que a terminares, ensinar-te-ei as Verdades que desejas e dar-te-ei sustento, comida e roupa enquanto estiveres em retiro, realizando a *Sādhanā* (Meditação).' Arrisquei-me nesse momento a sugerir que chamássemos sua esposa — a quem eu costumava chamar de Mãe Reverenda — para testemunhar suas palavras, com o que ele concordou. Fui chamar a Mãe Reverenda, enquanto o Lâma se ocupava em desenhar o plano da casa. Então, na presença de ambos, disse: 'Até agora, construí três casas e depois demoli cada uma delas. No caso da primeira, o Lâma disse que não havia considerado devidamente o assunto; no caso da segunda, que estava bêbado quando deu as ordens; e, no caso da terceira, que estava fora de si ou louco, que não se lembrava de ter dado ordem para a construção. Ao lembrar-lhe as circunstâncias relacionadas com a terceira casa que eu construíra, ele pediu para eu dar testemunho de suas palavras e parecia muito zangado. Agora ele me ordena que construa outra casa, de modo que te peço, Mãe Reverenda, que testemunhes a presente ordem.'

A senhora replicou: 'Eu posso, é claro, testemunhar, mas teu *Guru* [o Pai Reverendo] é tão imperativo que não nos dará ouvidos. Além disso, o Pai Reverendo está fazendo coisas absolutamente incomuns; essas construções são desnecessárias. É um trabalho inútil fazer-te construir essas casas apenas para pô-las abaixo em seguida. Além do mais, esta terra não é nossa por direito, mas fechada e guardada por todos os parentes do *Guru*, visto ser o local onde fizeram um voto conjunto. Mas o Pai Reverendo não dará atenção a uma voz tão fraca quanto a minha. Poderei apenas me expor ao perigo da disputa.' Dirigindo-se à esposa, disse o Lâma: 'Faze apenas o que te pediram para fazer, ou seja, servir de testemunha, e volta para casa e me deixa ver o desempenho de minha parte no negócio! Não deves fazer perguntas que ninguém te autorizou a fazer.'

"Comecei a assentar a fundação do edifício quadrangular, e depois me pus a erguê-lo. Mas Ngogdun-Chudor, de Zhung; Tsurton-Wang-gay, de Döl; e Metön-Tsönpo, de Tsang-rong — todos discípulos adiantados de meu *Guru* — haviam, por brincadeira, rolado até aquele lugar uma grande pedra redonda. Como ela era

parte mais importante). Entre os budistas do Norte, os Refúgios formam a base de várias fórmulas, semelhantes às profissões de fé.

de bom tamanho, eu a utilizei como cantoneira, bem acima das fundações, perto da entrada, e já havia levantado o segundo pavimento quando Marpa veio visitar meu local de trabalho. Depois de inspecionar minuciosamente a construção, apontou a pedra que havia sido trazida por seus três discípulos adiantados, e disse: ‘Grande Feiticeiro, de onde tiraste essa pedra?’ Respondi: ‘Reverendo Senhor, ela foi trazida por brincadeira por teus três discípulos principais.’ ‘Oh, era aquela?’, disse ele. ‘Bem, não precisas para tua construção dessa pedra. Retira-a e leva-a de volta.’ Lembrei-lhe de sua promessa de não demolir mais aquela construção. Ele apenas disse: ‘Mas eu não te prometi deixar empregar, como teus operários, meus discípulos principais, que foram iniciados nas Verdades Místicas dos seres de duplo nascimento. Além disso, não estou te ordenando para demolir todo o edifício, mas apenas que retires essa pedra rolada pelos meus discípulos, e que a devolvas ao seu lugar de origem.’

“Assim, uma vez mais, tive de demolir, de cima a baixo, uma parede que havia levantado. Agarrando a pedra, levei-a de volta. Assim que o Lâma viu que eu havia cumprido sua ordem, voltou e disse: ‘Agora, podes pegar a mesma pedra e colocá-la no mesmo lugar da construção.’ Empregando a força de três homens, consegui agarrá-la e pô-la no mesmo lugar como antes. Essa pedra foi depois chamada de ‘Pedra do Gigante’, em testemunho da incomum força física que precisei empregar para removê-la.

“Enquanto estava ocupado em assentar as fundações do edifício na terra proibida, os que me viam diziam entre si: ‘Parece que Marpa pensa realmente em construir neste contraforte. Não fariamos bem em impedi-lo?’ Mas outros diziam: ‘Marpa está fora de si. Ele acolheu um forte noviço oriundo das Montanhas e, possuído pela mania das construções, mantém o pobre rapaz ocupado o tempo todo em construir casas de padrões proibidos sobre as cordilheiras, nos contrafortes e nos outeiros das redondezas. Então, quando as construções estavam pela metade, ele fazia o jovem demoli-las novamente e levar todo o material de volta. Com certeza ele fará a mesma coisa neste caso. Mas, se não o fizer, teremos muito tempo para detê-lo. Vamos esperar e ver.’

“Contudo, eles logo viram que aquela casa não seria demolida e que as obras continuavam. Depois, quando o sétimo pavimento ficou pronto — e outra ferida havia nascido em meu corpo perto da cintura —, os parentes de Marpa disseram uns aos outros: ‘Ele não mandou demolir esta construção. A demolição das outras foi apenas um estratagema para nos enganar e evitar a nossa objeção, no início, à construção desta. Vamos demoli-la agora!’ E com esse propósito reuniram-se em uma força. Mas o Lâma criou, por meios mágicos, um grande exército de tropas armadas, que permaneceu tanto no interior como no exterior da casa. Os pretensos atacantes encheram-se de pavor. Um olhava para o outro e perguntava: ‘Onde Marpa, o Tradutor, terá conseguido reunir tropa tão numerosa?’ E não ousaram medir forças com semelhante exército. Ao contrário, cada um prestou homenagem, em reservado, a Marpa e depois todos se tornaram seus seguidores.

“Nessa ocasião, Metön-Tsönpo, de Tsang-rong, veio a receber a Grande Iniciação na *Dēmchog Maṇḍala*.⁷ Minha Mãe Reverenda, a esposa de meu Guru,

7. Isto é, a Iniciação na aplicação prática de doutrinas místicas, tais como as contidas

disse-me então: ‘É chegada a hora de também tu tentares obter a Iniciação. Vamos fazer a tentativa.’ Eu também pensava que, tendo conseguido erigir aquele edifício apenas com as mãos e empregando apenas pedras do tamanho da cabeça de uma cabra, uma cesta para as pedras, um cântaro de água e uma pá de argila, sem a ajuda de ninguém, devia merecer alguma consideração, e me senti seguro de que a Iniciação me seria concedida. Assim, curvando-me, tomei assento entre os candidatos à Iniciação.

“Ao me ver entre eles, o Lâma perguntou: ‘Grande Feiticeiro, o que tens a oferecer? Respondi: ‘Senhor, tu me prometeste que, ao ser completada a construção da casa de teu Reverendo filho, eu seria agraciado com a Iniciação e com as Instruções. Portanto, peço-te agora que me concedas a Iniciação.’ Nisso, o Lâma exclamou: ‘Que presunção! Que impertinência! Apenas porque juntaste uns poucos côvados de lama, eu, de fato, devo te revelar a tradição sagrada que só obtive na Índia ao custo de grandes sacrifícios pessoais. Se puderes pagar os honorários da Iniciação, muito bem, paga! Se não podes, retira-te desse Círculo Místico.’ E me bateu e, agarrando-me pelos cabelos, me expulsou. Desejei estar morto, ou que pudesse morrer ali mesmo, imediatamente. Chorei durante toda aquela noite.

“Então a esposa do Lâma me procurou e disse: ‘Não podemos entender o Lâma. Ele diz que trouxe a Doutrina Sagrada da Índia para essa terra em benefício de todos os seres sencientes e que, como regra, ensinaria e pregaria até mesmo na presença de um cão que pudesse ouvi-lo, para o bem dele. Portanto, não percas a fé nele.’ Assim tentava a boa mulher me consolar.

“Na manhã seguinte, o próprio Lâma me procurou e disse: ‘Grande Feiticeiro, debes parar de trabalhar na casa que estás construindo e começar outro edifício de doze pilares, com uma sala e uma capela para servir de anexo ao edifício principal. Quando tiveres terminado, eu te darei as Instruções.’

“Uma vez mais, assentei as fundações de um edifício. Durante todo o tempo, a esposa do Lâma continuava a me dar diariamente excelente comida e condimentos, bem como um pouco de *chhang*; e me consolava e dava-me bons conselhos.

“Quando estava prestes a terminar o anexo, Tsurtön-Wang-gay, de Döl, chegou para receber a Grande Iniciação na *Maṇḍala* do Esotérico.⁸ Disse-me a esposa do Lâma: ‘Desta vez, de qualquer maneira, conseguiremos obter tua Iniciação.’ Ela me deu um rolo de manteiga, uma peça de tecido de lã e um pequeno vaso de cobre e me levou a tomar assento entre os *shishyas*, que estavam prestes a receber a Iniciação. O Lâma, ao me ver, disse: ‘Grande Feiticeiro, tens os honorários da Iniciação que te permitam tomar assento entre os noviços?’ Apresentei

no *Dēmchog* (Bde-mch’og; sâns. *Shamvara*) *Tantra*, que é uma parte do volumoso *Kah-gyur*, o cânone do Budismo setentrional.

8. Texto: *Sang-dü*; referência a uma parte muito abstrusa e esotérica da Instrução dada aos candidatos à Iniciação nas Ciências Ocultas da Escola Kargyütpa. Em outros contextos, como nas pp. 126, 216-17 e 227, *Sang-dü* (Gsang’düs) é o nome tibetano de uma divindade tântrica, conhecida em sânsrito como Guhya-kāla. Literalmente, *Sang-dü* significa “Esotérico” (ou “Oculto”), numa referência à visão mística conferida pelo poder sobrenatural do *Siddhi* (lit. “Realização”). As outras classes de visão que um *Siddha* propicia são conhecidas como *Ch’ir-Dü*, que significa “Exotérico” (ou “Externo”), e *Nang-Dü*, “Interno”.

meu rolo de manteiga, o tecido de lã, o vaso de cobre e disse que aquelas eram as minhas oferendas. O Lâma replicou que aqueles objetos já lhe pertenciam, uma vez que lhe haviam sido entregues como honorários de Iniciação por outros, e que eles não serviam e que eu devia trazer algo que me pertencesse ou deixar o Círculo Místico dos que deveriam ser iniciados. E se levantou, parecendo muito irado e me expulsou aos chutes, fazendo-me ter desejos de afundar na terra.

“Veio-me, então, o seguinte pensamento: ‘Visto que causei a morte de tantas pessoas por meio da feitiçaria e destruí inúmeras colheitas com tempestades de pedra, tudo o que estou sofrendo agora é o resultado kármico dessas más ações. Ou, então’, assim pensei, ‘o Lâma deve ter percebido algo em mim que me impede de receber e praticar a Doutrina. Ou, ainda,’ perguntei-me: ‘será que o Lâma não me vê com simpatia e estima? Seja como for’, pensei comigo mesmo, ‘sem religião a vida de um homem não é digna de ser vivida’, e comecei a pensar em cometer suicídio. Nesse momento, a esposa do Lâma me trouxe a sua parte das oferendas de comida consagrada e me comunicou suas sinceras condolências. Mas eu não tinha fome alguma, nem mesmo de comida consagrada, e chorei por toda a noite.

“Na manhã seguinte, o próprio Lâma me procurou e disse: ‘Deves terminar ambas as construções; dar-te-ei depois as Instruções e as Verdades.’

“Voltando às minhas atividades nas construções, eu já havia quase terminado o anexo, quando outra ferida surgiu sobre os meus rins e, com o sangue jorrando das três feridas, todo o meu dorso logo se transformou numa só chaga. Eu a mostrei à minha Mãe Reverenda e, lembrando-lhe a promessa do Lâma de me dar as Instruções, pedi-lhe para rogar por mim junto a ele, a fim de convencê-lo a me dar as Verdades pelas quais ansiava. Minha Mãe Reverenda olhou atentamente as minhas feridas e, derramando profusas lágrimas, prometeu falar por mim ao Lâma.

“Ela o procurou e disse: ‘O Grande Feiticeiro trabalhou tanto que suas mãos e pernas estão feridas e machucadas, e em seu dorso há três feridas, das quais jorram sangue e pus. Já ouvi falar de pôneis e asnos mortos de feridas, e vi alguns também, mas nunca ouvi falar antes de um ser humano morto de feridas, muito menos vi algum. Que desgraça será para ti se as pessoas souberem o que se passa aqui! Tu, que és um Lâma tão respeitado e honrado, sendo tão cruel! Deverias ter um pouco de piedade do rapaz. Além disso, tu lhe prometeste dar as Instruções que ele tanto deseja, depois de completada a construção.’ O Lâma respondeu: ‘De fato, eu disse isso; eu lhe prometi que, quando o edifício de nove andares estivesse pronto, eu lhe daria as Instruções; mas onde estão os nove andares? Ele já os terminou?’ ‘Mas’, insistiu minha mediadora, ‘ele construiu um anexo cujo tamanho excede em muito o do edifício.’ ‘Muitas palavras e pouco trabalho, como diz o provérbio’, retrucou o Lâma. ‘Quando ele completar o nono pavimento, eu lhe darei as Instruções — não antes. Mas as costas dele estão realmente cobertas de feridas?’

“‘Ó Pai Reverendo, teu despotismo te impede de ver isso. De outro modo, como poderias não ter percebido que ele não apenas tem as costas feridas, mas que todo ele é uma só chaga.’ Ao dizer tais palavras de modo muito severo, ela deixou o Lâma, mas este a chamou, dizendo-lhe: ‘Traz então o rapaz.’

“Fui vê-lo, muito esperançoso de que ele, por fim, me desse as Instruções, mas, ao contrário, ele apenas me ordenou que lhe mostrasse meu dorso ferido. Ao fazê-lo, ele o observou atentamente e disse: ‘Isso não é nada comparado com os

sofrimentos e atribulações que o Excelso Santo Naropa teve de suportar. Ele suportou em seu próprio corpo doze sofrimentos maiores e doze sofrimentos menores, no total de vinte e quatro. Eu próprio não poupei minhas riquezas, tampouco considerei a segurança de meu corpo, mas, sacrificando a ambos de bom grado, segui e servi a meu Mestre Naropa. Se estás realmente em busca da Verdade, não te gabes de teus serviços, mas continua esperando com paciência e trabalhando duramente, até que tua tarefa esteja inteiramente terminada.’ Mais uma vez minhas esperanças caíram por terra.

“O Lāma, então, dando a seu manto a forma de uma almofada, mostrou-me como os pôneis e os asnos eram acolchoados quando sofriam de feridas no dorso, e me aconselhou a fazer o mesmo. Quando lhe perguntei qual seria a utilidade de uma almofada quando o meu dorso era uma única chaga, ele disse calmamente que a almofada impediria a entrada de terra na ferida e o seu agravamento, acrescentando que eu deveria continuar a carregar argila e pedras.

“Refletindo comigo mesmo que essa era a vontade de meu *Guru*, senti que deveria obedecer às suas ordens. Recolhi meus fardos, ajeitei-os sobre mim e fui trabalhar. O Lāma, ao ver o que eu estava fazendo, disse interiormente: ‘Digno de louvor é esse nobre *shishya*, que obedece de bom grado às ordens de seu *Guru*’, derramando secretamente lágrimas de alegria ao perceber a minha sinceridade e a fé que eu nutria por ele.

“Por fim, como as feridas se agravassem mais e mais, sofri tantas dores que não pude mais trabalhar; pedi, então, à esposa do Lāma, que outra vez intercedesse em meu favor, para que eu pudesse obter as Verdades. Mas, mesmo que isso fosse recusado, eu pedia permissão para repousar até que estivesse apto a voltar ao trabalho. Ela assim o fez, mas o Lāma apenas disse: ‘Ele só terá as Instruções depois de terminar as construções, mas tem permissão para descansar, caso não consiga trabalhar, já que ninguém o pode ajudar. De qualquer modo, que ele trabalhe o tanto que lhe for possível.’ Minha Reverenda Mãe permitiu-me, assim, descansar e curar minhas feridas.

“Quando elas estavam parcialmente curadas, o Lāma, não fazendo qualquer menção às Instruções, me disse: ‘Grande Feiticeiro, debes retomar teu trabalho e terminá-lo rapidamente.’ Eu estava pronto para cumprir o ordenado quando minha Reverenda Mãe me disse em particular: ‘Façamos algo para que ele te dê os Ensinamentos.’

“Após termos deliberado juntos, decidimos que eu deveria sair com todos os meus bens terrenos [meus livros etc.] e, também, com um pequeno saco de farinha de cevada, amarrado às costas; e que então, quando eu estivesse naquele ponto da estrada, onde eu seria visível e audível pelo Lāma, do local onde habitualmente ele se sentava, eu deveria dizer a ela: ‘Oh, deixe-me ir, deixe-me ir!’ O estrategema visava simular que eu estava fugindo, e que ela me detia, dizendo: ‘Não vás, não vás; tudo farei para que obtenhas dele as Instruções.’

“Quando essa pequena cena foi representada ao alcance dos olhos e dos ouvidos do Lāma, ele perguntou: ‘Damema (Sem-Egoísmo), que comédia é essa que ambos estão representando?’ Sua esposa replicou: ‘O Grande Feiticeiro disse que veio de um país muito distante a fim de obter de ti, seu *Guru*, o conhecimento das Verdades Salvadoras. Contudo, em lugar de obtê-las, ele apenas conseguiu despertar tua irritação e ganhar um bom número de pancadas. E agora, temendo

morrer sem ter aprendido as Verdades, ele deseja partir para buscá-las em outra parte, e eu estou assegurando a ele que tudo farei para obter-lhe as Verdades; estou tentando detê-lo.' 'Percebo', disse o Lâma e, levantando-se, deu-me várias bofetadas, gritando: 'Quando me procuraste, não me ofereceste todo o teu eu — corpo, fala e mente? Aonde pensas que vais? Tu me pertences. Se eu quisesse, eu cortaria teu corpo em centenas de pedaços e ninguém poderia me impedir. E mesmo que queiras ir embora, como ousas levar farinha de minha casa?' Nisso, jogou-me ao solo e deu-me uma violenta surra; depois, devolveu o saco de farinha à casa.

"Fiquei com o coração partido de uma dor tão grande como a de uma mãe que perde o seu único filho. Mas, ao mesmo tempo, fiquei admirado pela imponente dignidade do Lâma, e temeroso por pensar que todo o ocorrido proviera de minha trama com a esposa dele. Eu nada mais podia fazer, senão voltar e chorar. Minha Reverenda Mãe disse que era evidente que o Lâma não atenderia o meu pedido das Verdades por nenhuma de nossas preces, súplicas, estratégias e congêneres. 'Mas, fica tranquilo', disse ela, 'ele sem dúvida as concederá no final. Entrementes, ousarei ensinar-te alguma coisa.' E ela gentilmente me ensinou o método ou sistema de meditação sobre Dorje-Pa-mo,⁹ que muito apaziguou os desejos de meu coração, embora eu não tenha atingido todas as dádivas da 'Realização do Conhecimento'.¹⁰ Mas fiquei deveras grato à minha Reverenda Mãe pelo que havia recebido. Pensei que, sendo ela a esposa do meu *Guru*, as Verdades que recebera me ajudariam a extirpar minhas más ações. Procurei mostrar-lhe minha gratidão, fazendo pequenos serviços para o seu bem-estar, tais como construir um banco para servir-lhe de assento quando ordenhasse as vacas no verão, e outro para usar quando estivesse torrando cevadas no quintal, à frente de sua casa.

"Por esse tempo, comecei seriamente a pensar em procurar outro *Guru*. Mas, meditando sobre o assunto, cheguei à conclusão de que o meu *Guru* de então era o único a possuir a Doutrina pela qual eu poderia obter a perfeita Emancipação nesta mesma existência. Vi também que, se eu não obtivesse a Emancipação nesta existência, as más ações que cometera seriam suficientes para me arrojarem num dos Infernos. Resolvi então fazer o possível para imitar Naropa, quanto às suas aflições e sofrimentos, assim como à sua infatigável perseverança na busca da Verdade Salvadora obtendo, desse modo, a minha Emancipação. Com tal resolução em mente, voltei ao meu trabalho, empilhando pedra e carregando terra para fazer argila.

9. Texto: *Rdorje-P'ag-mo* (pron. *Dorje-Pa-mo*): sâns. *Vajra-Vārāhī*, que significa "Porca Imutável (ou, do Raio)", uma deusa indiana, cuja forma suína é um símbolo místico. A concepção brâmane da *Vārāhī* figura no capítulo XXIII do *Tantra-rāja* (ver *Tantrik Texts*, ed. por A. Avalon, vol. XII), e sua *Dhyāna* (o meio pelo qual se pode meditar nela) figura na Introdução inglesa (p. 43), do mesmo volume. Ela é descrita como *Janakātmikā*, isto é, aquela que possui a natureza do Pai (*Janaka*). Segundo a crença tibetana, Dorje-Pa-mo está agora encarnada na abadessa do famoso Mosteiro de Sam-ding. Como tal, esta abadessa é a única divindade feminina encarnada no Tibete.

10. Isto é, a Realização das Verdades, que consiste em praticá-las sob a orientação de um *Guru* competente.

“Foi, então, que chegou Ngogdun-Chudor, de Zhung, carregado de presentes valiosos e acompanhado por um numeroso séquito, para receber a Grande Iniciação na *Maṇḍala* [ou Rito] de Gaypa-Dorje.¹¹

“Disse-me a esposa do Lâma: ‘Se o Reverendo Pai ainda está insatisfeito com a grande devoção e obediência que mostraste, ao construir essas casas apenas com as mãos e se tu precisas ter algumas oferendas pecuniárias para os honorários da Iniciação, vamos dar-lhe algo para assegurar a tua participação nessa cerimônia. Oferece-lhe isto e recebe a Iniciação; se ele objetar, eu juntarei as minhas súplicas às tuas. Assim dizendo, ela pôs em minhas mãos uma valiosa turquesa, de profundo tom azul, que era de sua propriedade pessoal.

“Eu fui e, oferecendo essa pedra como meu honorário de Iniciação, tomei assento entre os que deveriam participar da cerimônia. O Lâma pegou a turquesa e, girando-a e examinando-a cuidadosamente, disse afinal: ‘Grande Feiticeiro, onde conseguiste esta turquesa?’ Respondi: ‘A Reverenda Mãe me deu.’ Ele sorriu e disse: ‘Chama Damema aqui.’ Quando a Reverenda Mãe entrou, ele disse: ‘Damema, como conseguimos esta turquesa?’ Ela se prostrou várias vezes diante dele e respondeu: ‘Reverendo Pai, esta turquesa não é de nossa propriedade comum. É uma peça de minha propriedade, que meus parentes me deram por ocasião de nosso casamento. Sabendo que eras de temperamento irado, eles temiam que pudéssemos brigar, de modo que a turquesa me foi dada para servir como provisão no caso de uma eventual separação nossa, e, desde então, a tenho mantido em segredo como peça de propriedade inteiramente minha. Mas, notando quão ansioso está este pobre rapaz para obter a Doutrina, e eu não podendo ajudá-lo, comunicando-lhe as Instruções, aceita, eu te peço, esta turquesa e dá-lhe a Iniciação. Ele já sofreu bastante por ter sido expulso sete vezes do Círculo Sagrado. Deixa-me pedir-te que tenhas piedade dele. E vós, também, meus filhos, Ngogdun e vós outros, eu vos peço, juntai vossas preces à minha.’ Ao terminar, ela novamente se prostrou várias vezes diante do Lâma.

“Conhecendo o temperamento do Lâma, Ngogdun e os outros nada ousaram dizer, mas simplesmente se levantaram e fizeram uma reverência, repetindo: ‘Sim, seja como pede a nossa Reverenda Mãe.’ Mas o Lâma — com a turquesa em seu colar — disse apenas: ‘Damema, tua insensatez quase me fez perder esta valiosa turquesa; ela poderia estar completamente perdida. Não sejas tola, eu te peço! Como tu me pertences por completo, a turquesa também é minha.’ Grande Feiticeiro, se tiveres uma propriedade que seja realmente tua, poderás trazê-la, e eu te darei a Iniciação. Esta turquesa é de minha propriedade.’

“Ao ver que a Reverenda Mãe havia lhe oferecido uma turquesa de valor, eu pensei que talvez ele pudesse ter se abrandado a ponto de me dar a Iniciação, de modo que aguardei um momento. Nisso o Lâma perdeu a calma, levantou-se e, com aparente raiva, berrou: ‘Impertinente, por que não saíste quando te ordenei? Que direito tens de permanecer na minha presença?’ Em seguida, com força extraordinária, jogou-me ao chão, com o rosto para baixo. Depois, agarrando-me,

11. Texto: *Dgyes-pa-rdorje* (pron. Gay-pa-Dorje), nome tibetano de uma divindade tântrica e, também, de uma série de Tantras, em oito volumes: sânsc. *Hé-Vajra*.

jogou-me de costas com grande violência. Ele estava prestes a pegar o bastão para me bater quando Ngogdun interveio e o segurou. Entrementes, em meu extremo terror, saltei por uma janela, o que deixou o *Guru* aflito, embora ele ainda demonstrasse muita raiva.

“A queda não me machucou, mas eu estava com o coração tão aflito e magoado que resolvi me matar. Mas outra vez minha Reverenda Mãe me procurou para me consolar e disse: ‘Grande Feiticeiro, não fiques triste. Não existe um pupilo mais querido ou mais fiel do que tu. Se, depois de tudo, quiseses partir e procurar outro *Guru*, eu te darei as dádivas e os meios necessários para as tuas despesas.’ Assim ela procurava me consolar, ficando comigo e chorando por toda a noite e negligenciando o seu dever de presenciar e assistir às devoções vespertinas do Lâma.

“Na manhã seguinte, o Lâma me chamou à sua presença. Eu fui na esperança de que ele dessa vez realizasse as minhas mais ardentes vontades. Perguntou-me se a sua recusa de me iniciar no dia anterior havia quebrado minha fé nele ou se me havia inspirado alguma raiva. Respondi: ‘Minha fé em ti não se quebrou, pois compreendi que foram os meus grandes pecados que me impediram de participar da cerimônia, e estou cheio de remorsos.’ Ao dizer isso, desfiz-me em lágrimas, mas ele me ordenou que parasse: ‘Que razão tens para me censurar dessa forma?’

“Quando me retirei, senti como se o meu coração estivesse partido; parecia que um perfeito furacão arrancava-lhe as raízes. Pensei no ouro que possuía na época em que trilhava minha carreira de pecador e deplorei o fato que me privara dele quando desejava trilhar o caminho da virtude. Oh, como desejei que tivesse apenas metade do que eu já possuía! Eu me sentia pronto para receber a Iniciação e a Doutrina. Mas, sem ouro, percebi que o Lâma não me daria nem uma nem outra. Eu precisava ter algo para presentear-lo, mesmo que devesse buscar a Doutrina em outra parte; nada poderia ser feito sem o ouro. Não possuindo riqueza mundana alguma, eu morreria sem a emancipação, tendo falhado na obtenção da Doutrina salvadora. Para mim seria melhor terminar com a vida imediatamente, do que continuar a viver sem a emancipação. O que eu deveria fazer? Oh! o que eu deveria fazer? Devia empregar-me como servo de algum homem rico e, economizando meus salários, reunir bastante ouro a fim de pagar os honorários da Iniciação e me manter durante o período de penitência e meditação? Ou devia voltar para casa e ver minha mãe? Eu poderia talvez obter algum dinheiro lá, mas fora lá, também, que eu causara uma triste devastação por obra de minha maldade e da Arte Negra! No entanto, uma das duas coisas precisava ser feita, e sem demora. Eu devia sair em busca do ouro ou da Doutrina. Mas eu devia sair!

“Assim, pegando meus livros e deixando o saco de farinha, por medo de provocar a irritação do Lâma, fui-me embora, sem comunicar à Reverenda Mãe minha intenção. Quando já havia percorrido três ou quatro quilômetros de estrada, fui assaltado pelo intenso desejo de vê-la uma vez mais e pelo remorso de haver abandonado ingratamente a generosa senhora, sem uma palavra. Era a hora da refeição matinal e, assim, esmolei um pouco de farinha de cevada, tomei emprestado algumas vasilhas, colhi um pouco de lenha e cozinhei minha comida. A última vez que comera fora na tarde anterior. Veio-me então o pensamento de que a comida recebida do Lâma pagara pelo menos metade dos meus salários referentes à obra

que eu havia realizado. Refletindo nos problemas que enfrentara para conseguir apenas aquela refeição, e comparando-a com a vida folgada que desfrutava na casa do Lāma, em que tudo me era preparado por sua esposa — pratos quentes e saborosos todos os dias —, compreendi que era muita ingratidão de minha parte deixar a casa sem antes dar adeus à generosa esposa! Eu me sentia compelido a voltar, mas era incapaz de fazê-lo.

“Quando estava voltando para devolver as vasilhas que eu pedira emprestado, um velho me parou e disse: ‘Deus meu! És ainda jovem; podes trabalhar; por que pedes esmolas? Por que não ganhas teu sustento lendo as Escrituras, se sabes ler? Ou, se não sabes ler, por que não fazes algum trabalho? Ganharias teu sustento e um pouco de dinheiro. Sabes ler ou não?’ Disse-lhe, então, que eu não era um mendigo profissional e que sabia ler. Disse o velho: ‘Muito bem; fica em minha casa, lê as Escrituras para mim e eu te pagarei generosamente.’

“Aceitei de bom grado a oferta e pus-me a ler a versão abreviada da *Prajñā-Pāramitā*, em oito mil versos.¹² No curso da leitura, cheguei à história de um *Arhant* chamado Taktūngoo (Choroso), na qual se narra que esse *Arhant*, por ser paupérrimo, vendeu a carne de seu próprio corpo em troca da Doutrina. Nada pode ser mais querido a um homem do que o seu próprio coração, mesmo que ele o queira vender. Embora a consequência imediata fosse a morte, isto não o demoveu de seu intento. Quando comparei meus sofrimentos com os do *Arhant*, eles pareciam ter-se reduzido a nada. Assim, brotou-me a esperança de que, afinal, o Lāma pudesse me comunicar o ensinamento que eu desejava: ‘E mesmo que ele não o faça’, refleti, ‘a Reverenda Mãe não me prometeu ajuda, para encontrar outro *Guru*?’ De modo que retornei à casa do Lāma.

“Voltando ao que aconteceu quando deixei o Lāma, quando sua esposa percebeu que eu realmente partira, ela o procurou e disse: ‘Afinal, Reverendo Pai, teu implacável inimigo te deixou. Estás satisfeito agora?’ ‘O que queres dizer?’, perguntou ele. ‘Não trataste o pobre Grande Feiticeiro como teu inimigo mortal?’ O Lāma franziu as sobrancelhas, mas não pôde reprimir uma lágrima. ‘Ó *Guru* das Divindades Kargyütpa e dos Espíritos Guardiões’, exclamou, ‘trazei de volta o meu predestinado discípulo.’ Ao falar assim, cobriu a cabeça com o manto e permaneceu em silêncio por longo tempo.

“Ao voltar e render homenagens à esposa do Lāma, ela ficou exultante e disse: ‘De fato, esta foi a melhor coisa que podias ter feito. Penso que, agora, afinal, o Lāma te concederá alguns ensinamentos, pois ao ser informado de tua partida, ele chorou e gritou: ‘Trazei de volta o meu predestinado discípulo!’ E penso que voltaste por graça do Lāma.’

“No entanto, eu pensava que a Reverenda Mãe só contava tais acontecimentos para me encorajar, pois eu julgava que o fato de desejar a minha volta e de me

12. O *Prajñā-Pāramitā* (tib. *S'er p'yin*), ou “Sabedoria Transcendental”, em vinte e um volumes, constitui a terceira grande divisão do Cânone do Budismo setentrional conhecido como *Kah-gyur*, e corresponde ao *Abhidharma* (tib. *Ch'osnon-pa*), ou Parte Metafísica do Cânone budista meridional conhecido como *Tri-Piṭaka* (ou “Três Cestas da Lei”). Devido à grande extensão do original, há várias versões resumidas do texto, tal como a mencionada em nosso texto.

chamar de discípulo querido e tudo o mais dificilmente se coadunava com a recusa do Lâma em me dar até mesmo a menor migalha da instrução espiritual. Se ele, de fato, me tivesse chamado de querido, isso me teria enchido de júbilo, mas sua recusa em me dar qualquer ensinamento da Doutrina, ou em permitir que eu a procurasse em outra parte, me enchia de grande preocupação.

“A Reverenda Mãe procurou o Lâma e lhe disse: ‘Ó Reverendo Pai, o Grande Feiticeiro não foi capaz de nos abandonar. Ele voltou. Posso lhe dar permissão para entrar e render homenagens a ti?’ ‘Oh, não foi seu amor por nós, mas por si mesmo que o trouxe de volta’, disse o Lâma, ‘mas deixa-o entrar e prestar reverência.’ Ao entrar, o Lâma me disse: ‘Grande Feiticeiro, não vaciles em teus objetivos. Se de fato desejas obter a Doutrina, deves estar preparado para sacrificar a própria vida. Agora, estás de volta e, em primeiro lugar, completa os três pavimentos que faltam da construção; teus desejos serão então realizados. Mas se pensas de outro modo — bem, eu apenas lanço a comida sobre ti e és livre para ir sempre que desejares.’

“Retirei-me sem ousar pronunciar uma palavra, mas disse à esposa: ‘Reverenda Mãe, tive um grande desejo de ver novamente minha mãe e estou certo de que o Lâma não me dará os Ensinamentos. Se estivesse seguro de obtê-los ao completar o edifício, eu ficaria muito contente em ir terminá-lo. Mas vejo bem que o Lâma apenas fará uma objeção após outra, excusando-se de me ensinar a Doutrina. Estou certo de que não a obterei, mesmo se completar a construção. Deixa-me, portanto, voltar. Desejo saúde e vida longa a ambos.’

“Curvei-me diante dela e já estava me retirando quando ela falou: ‘Estás certo. Eu prometi encontrar-te um *Guru*. Existe um discípulo do Lâma, de nome Ngogdun-Chudor, que tem os mesmos preceitos e ensinamentos que o Lâma; farei tudo o que puder para que recebas dele os Ensinamentos que desejas. Fica aqui ainda algum tempo e age como se estivesse trabalhando.’ Deleitado com a perspectiva de realizar meus desejos, trabalhei com vontade por vários dias.

“Parece que o grande Paṇḍit Naropa, enquanto vivia, tinha o hábito de observar o décimo dia de todo mês como um grande dia de adoração e, portanto, Marpa também estava acostumado a fazer o mesmo. Por ocasião de uma dessas celebrações, a Reverenda Senhora armou um estratagema às suas custas da seguinte maneira. Três grandes vasilhas, cada uma com vinte medidas de *chhang*, haviam sido fermentadas para a cerimônia. Ela filtrou a bebida e, decantando a primeira fermentação numa vasilha, fez com que a bebida dessa vasilha fosse servida a ele pelos assistentes (entre eles, ela e eu), que encheram o seu copo várias vezes. A segunda fermentação foi servida aos discípulos. E a própria senhora bebeu a terceira fermentação, da qual havia apenas um pouco. Segui seu exemplo e, assim, não me embriaguei. Todos os discípulos, contudo, ficaram mais ou menos bêbados. Quanto ao Lâma, tendo sorvido vários copos da forte bebida, caiu em sono profundo.¹³ Enquanto dormia, sua esposa retirou de seu quarto alguns objetos, inclu-

13. Deve-se notar aqui que essa indulgência excessiva deriva, em primeiro lugar, de um costume ritualístico, que não difere das libações e da Sagrada Comunhão de outras religiões e que, em segundo lugar, ela se deve totalmente ao artifício da mulher, visto que o Lâma não

sive as guirlandas e o rosário de rubis de Naropa. Depois, escrevendo uma carta em nome do meu *Guru*, que ela já havia preparado, nela encerrou as guirlandas e o rosário, como um presente do Lâma. Após tê-la envolvido numa luxuosa fita e tê-la lacrado com o selo do Lâma, enviou-me à casa do mencionado Ngogdun-Chudor, ordenando-me que entregasse a carta a ele. O propósito principal da carta era ordenar a Ngogdun que concedesse os Ensinaamentos ao Grande Feiticeiro. Assim, fui enviado por ela, rumo à Província Central do Tibete, para aprender a Doutrina; e fui encaminhado a Ngogdun com plena confiança em sua habilidade, para que me ensinasse as Verdades Salvadoras.

“Dois dias depois de minha partida, o Lâma perguntou à esposa o que eu estava fazendo. Ela respondeu que eu estava provavelmente a caminho, mas não sabia dizer, com exatidão, onde. ‘Aonde ele foi, e quando?’, perguntou o Lâma. Ela respondeu: ‘Oh, ele disse que, embora tivesse feito muitos trabalhos para ti, tu ainda não estavas disposto a lhe dar os Ensinaamentos, mas apenas reprimendas e pancadas, de modo que iria embora, procurar outro *Guru* em outra parte. E como eu teria ganho apenas outra pancada se eu viesse contar-te a intenção dele, preferi não fazê-lo. Fiz o que pude para induzi-lo a ficar, mas não consegui; ele partiu ontem.’

“Ao ouvir essas notícias, a face do Lâma ficou negra como a noite. ‘Quando ele partiu?’, perguntou. ‘Ontem’, replicou-lhe a esposa. Ele ficou em silêncio por algum tempo e depois disse: ‘Meu discípulo não pode estar muito longe.’

“Entrementes, eu havia chegado a Riwo-Kyungding, na Província Central do Tibete, e encontrei Ngogdun — ele próprio um Lâma Chefe nessa época — expondo a Dupla Análise¹⁴ para uma grande assistência de seus discípulos. Ele estava comentando a passagem ‘Sou o Expositor e sou a Verdade. Sou o Ouvinte. Sou o Mestre do Mundo e sou o Devoto. Sou o Ser Que ultrapassou todos os estados da existência mundana e sou o Bem-aventurado’, quando me aproximei e, à distância, me prostrei ao solo. Este lugar veio a ser conhecido como Chag-tael-Kang (A Montanha da Obediência). O Lâma Ngogdun, retirando seu chapéu, respondeu à minha saudação, observando que pelo meu modo de saudar eu parecia ser um dos pupilos de Marpa, o Tradutor, e que o fato de minha chegada ter coincidido com a sua exposição daquelas estâncias parecia altamente auspicioso — tão auspicioso, de fato, que predisse, por essa simples ocorrência, que eu deveria um dia me tomar um mestre de toda a tradição religiosa. O Lâma enviou um de seus discípulos para perguntar quem eu era. Este me reconheceu e perguntou: ‘O que te traz aqui?’ Respondi que o nosso *Guru*, Lâma Marpa, estando muito ocupado

é moralmente responsável. Como explicamos em nossa Introdução, Marpa representa apenas um desenvolvimento transitório no Budismo tibetano. Seu ilustre sucessor, Milarepa, foi um reformador mais radical até do que Tsong-khapa, o Reformador da Igreja Gelugpa, a Igreja Regular do Tibete. Ao passo que Marpa era casado e vivia no mundo, sendo antes um erudito do que um santo, Milarepa ensinava e ilustrou, por sua própria vida, que o ideal superior é a renúncia absoluta — o ascetismo incondicional. Em um de seus hinos (p. 142 e segs.), ele registrou sua oposição ao uso de bebidas estimulantes, não apenas às alcoólicas, mas até mesmo ao chá.

14. Texto: *Tak-nyi*, um tratado filosófico algo semelhante ao *Bhagavad-Gītā*.

para olhar por minha instrução privada, me havia enviado para lá a fim de ouvir as palestras. Disse-lhe também que havia trazido comigo as guirlandas e o rosário de rubis de Naropa, como um presente do Lāma.

“Quando o pupilo voltou ao Lāma Ngogdun e lhe disse tais coisas, e que eu era o Grande Feiticeiro, ele ficou muito feliz; tanto que exclamou: ‘Em verdade, raras são as ocasiões de desfrutar de um favor como este. Meu humilde mosteiro será honrado e abençoado pela presença em suas paredes dessas preciosas e sagradas relíquias de nosso Grande Mestre Naropa! Tal ocasião é tão rara quanto a florescência da Uđumvara.¹⁵ Devemos recebê-la com todo o respeito devido a tão raro evento.’ Em seguida, interrompeu sua exposição da auspiciosa passagem mencionada e enviou alguns dos monges para buscar bandeiras, pára-sóis cerimoniais e pavilhões, enquanto vários instrumentos musicais soavam em honra das relíquias que eu havia trazido.

“Quando me aproximei de seu assento, prostrei-me e lhe ofereci a carta e as relíquias, e ele, ao recebê-las, ficou profundamente comovido. Lágrimas caíram-lhe dos olhos e, retirando o chapéu, colocou as relíquias no topo da cabeça, rogando para que a graça lhe pudesse ser concedida. Depois, colocou-as no santo dos santos de seu altar.

“A carta, que ele leu então, dizia o seguinte:¹⁶ ‘Estou prestes a entrar em retiro fechado, e como o Grande Feiticeiro está impaciente e desejoso de receber os Ensinaamentos, envio-o a ti para a Iniciação e a Consagração. Conceda-lhe ambas e ensina-lhe as Verdades. Eu te autorizo a fazê-lo; como presente, envio-te as guirlandas e o rosário de rubis de Naropa.’

“Ao terminar a leitura da carta, Ngogdun disse que, como ordenara o Lāma, me daria a Iniciação e a Consagração. Ele havia pensado em me buscar, mas agora que eu lá estava, tudo se devia à bênção e à graça do Lāma. Disse também: ‘Tenho muitos pupilos que vêm do Kham, Tagpo, Kongpo e Yarlung, mas em sua viagem para cá, por causa das depredações desses povos sem lei, os Yepo e Yemo, de Döl, eles são privados da escassa provisão de bens com que são enviados para este lugar a fim de prosseguir seus estudos. Eu te peço que punas esses povos sem lei, lançando-lhes tempestades de pedra sobre suas terras. Quando tiveres feito isso, eu te darei a Iniciação e a Consagração que desejas.’

“Arrependi-me amargamente do fado que colocara em minhas mãos poder tão detestável, transformando-me em instrumento de vingança de feitos danosos à vida e à propriedade. Eu vinha em busca da Doutrina Salvadora e era novamente impelido a cometer uma má ação. Se me recusasse, estaria desobedecendo ao *Guru*, ou, pelo menos, a alguém que eu pretendia tomar como meu *Guru* — um pecado tão atroz quanto recusar obediência a um *Guru* real e, além disso, eu perderia a oportunidade de receber os Ensinaamentos. Decidi que devia fazer o que me era pedido, uma vez que não tinha escolha.

“Pus-me então a caminho, provido dos necessários complementos e, alcan-

15. Segundo se crê, a Uđumvara (*Ficus Glomirata*, Rox.) só floresce, neste mundo, no nascimento de um Buddha.

16. De acordo com a versão do Sr. Bacot (p. 120), esta carta começa assim: “Ao Imutável Ngogdun, Realizador do *Nirvāṇa*.” Esta saudação não figura em nosso texto.

quando o local visado, alojei-me na casa de uma velha, no país de Yepo. Assim que a tempestade estava prestes a rebentar, com os relâmpagos estourando, os trovões rosnando e as primeiras pedras prontas para cair, a velha, minha anfitriã, começou a gritar e a chorar, dizendo: ‘Ai de mim! De que viverei se minhas plantações forem destruídas pela tempestade?’

“Isso foi demais para mim. Eu não podia ser tão cruel com aquela pobre velha, de modo que, com grande risco para mim, pedi-lhe que desenhasse a planta de seu campo. ‘Oh, meu campo é assim’, gritou ela desesperadamente, descrevendo ao mesmo tempo uma figura triangular com uma ponta alongada. Cobri imediatamente a figura com uma panela de ferro, protegendo-a mentalmente da tempestade para que escapasse da destruição, exceto uma pequena faixa que, saindo de sob a panela de ferro, foi devastada por um pé-de-vento.

“Quando a tempestade cessou, contemplei a região e vi as encostas do vale sulcadas de ravinas e os outrora luxuriantes campos devastados, exceto o campo da velha, que ainda estava fresco e verde. Mas a faixa do campo que correspondia à faixa da planta que saía de debaixo da panela de ferro havia sido devastada pelo vento, havia sido destruída pela tempestade e inundada pela água. Mesmo depois, esse campo — exceto a faixa desprotegida — escapou a todas as tempestades que visitaram aquela região. E, assim, a velha foi isentada do pagamento da taxa de tempestade¹⁷ sobre todo o campo, exceto aquela faixa.

“Ao retornar [para o meu novo *Guru*], encontrei um velho pastor e seu filho que haviam perdido seus rebanhos na inundaçāo. Por meio deles, mandei um aviso às pessoas da região, ordenando-lhes que parassem de maltratar e roubar os discípulos e os seguidores do Lāma Ngogpa,¹⁸ sob pena de serem visitados constantemente por tempestades de pedra semelhantes, revelando-lhes assim quem havia causado a destruição. Depois disso, as pessoas de ambos os lugares ficaram tão impressionadas com o poder fenomenal do Lāma Ngogpa que se tornaram seus seguidores devotados e o serviram fielmente.

“Quando me pus a caminho, recolhi alguns pássaros mortos, que descobri sob uma amoreira, e muitos outros pássaros e alguns ratos, que estavam mortos na estrada, até encher meu capuz e a dobra de meu manto. Coloquei-os numa pilha à frente do Lāma Ngogpa e lhe pedi o seguinte: ‘Ó Reverendo Mestre, vim para cá esperando descobrir a Doutrina Sagrada, mas fui obrigado a acumular pecado após pecado. Tem piedade deste terrível pecador!’, e me desfiz em lágrimas.¹⁹

“O Lāma replicou: ‘Não te desespere; não há motivo para este teu medo abjeto. Nós, os seguidores de Naropa e Maitrī,²⁰ possuímos as Verdades que podem

17. Taxa imposta em benefício dos *lāmas* que exorcizam as tempestades. (Ver p. 41, n. 21.)

18. Lāma Ngogpa (ou, o Lāma que vive em Ngog) é uma forma abreviada do nome Lāma Ngogdun-Chudor.

19. Para os cristãos, só a morte de uma vida humana é considerada pecado; mas para os budistas, assim como para os brâmanes e os jainistas, o preceito “Não matarás” aplica-se a todas as criaturas vivas.

20. Maitrī (“Amor”), como Naropa, é um *yogī* indiano, ou Santo, sobre cujas doutrinas se baseia, em parte, a seita Kargyütpa.

salvar, ao piscar de um olho, o maior de todos os pecadores — assim como uma única pedra lançada por uma funda serve para matar uma centena de pássaros simultaneamente. Todas essas criaturas sencientes, bem como os pássaros e animais que foram mortos nessa ocasião pela tempestade de pedra renascerão como teus principais discípulos quando atingires o Budado.²¹ Enquanto esse tempo não chega, exercerei meu poder para impedir que caias no Inferno ou [que te degeneres] nos estados inferiores do ser. Portanto, fica tranqüilo. Mas, se ainda duvidas, deixa-me provar a verdade do que digo, assim.’ Durante uns poucos momentos, ele ficou sentado em silêncio com os olhos fechados, então estalou os dedos. Num segundo, todos os pássaros e ratos mortos que eu havia recolhido reviveram e fugiram para seus ninhos e tocas. Percebi então que o próprio Lāma era um Buddha. Que regozijo! Que bem-aventurança! Eu teria ficado mais feliz se mais criaturas desfrutassem o privilégio de morrer em tal ocasião.

“Em seguida, fui iniciado na *Maṇḍala* ou Rito de Gaypa-Dorje.²² Eu descobri uma caverna com a face voltada para o Sul, da qual eu podia ver a morada de meu *Guru* e, tornando-a habitável em troca de um pouco de trabalho, encerrei-me nela, deixando apenas uma pequena abertura lateral para a passagem de alimentos, água e outras necessidades.²³

“Meu *Guru* me havia ensinado os métodos da meditação e eu perseverava em sua prática; mas, a despeito da assiduidade do *Guru* e da minha perseverança, devido ao fato de não ter obtido o assentimento de Marpa, não obtive nenhum desenvolvimento espiritual.

“Um dia, meu *Guru* me procurou e me perguntou se eu havia tido tais e tais experiências. Respondi que eu nada havia experimentado [de tal natureza]. ‘Por que isso?’, perguntou. ‘Nesta linha de desenvolvimento, nunca houve alguém que, em pouquíssimo tempo, não tenha feito novo progresso no desenvolvimento espiritual, exceto quando algo lhe obstruiu o caminho. O que pode estar acontecendo? Não é certamente porque o nosso *Guru* Líder não tenha dado sua anuência à tua Iniciação, ou porque não tenha enviado os presentes e a carta. Bem, seja como for, prossegue em tua meditação.’

“Fiquei um pouco alarmado com esse encontro, e por um momento pensei em confessar a trapaça que cometera, mas faltou-me coragem para tal. Fiquei então impressionado, mais do que nunca, pela necessidade da anuência do *Guru* Líder, o Lāma Marpa, mas continuei a praticar a meditação com a minha melhor habilidade.

21. Isto é, nas eras futuras eles evoluirão ao estado de homem, e receberão a Doutrina Salvadora de Milarepa, que, então, terá atingido o Budado.

22. Ver p. 80, n. 11.

23. É um procedimento usual para os devotos da Escola Kargyütpa encerrarem-se assim em retiro e aí permanecerem em meditação solitária pelo período de tempo prescrito pelo *Guru*, recebendo de fora o seu sustento. Em alguns exemplos notáveis, tais devotos não deixaram suas celas por longos anos. Austeridades similares, derivadas provavelmente do exemplo do ascetismo oriental, foram praticadas pelos primitivos *yogīs* cristãos, que habitavam nos desertos do Egito e da Palestina.

“Nessa ocasião, o Lāma Marpa, tendo completado o que restava da casa de seu filho, escreveu ao Lāma Ngogpa pedindo-lhe para enviar alguns fardos de pequenos ramos para a casa.²⁴ A carta acrescentava que, após o término da torre e da cornija, o Lāma Ngogpa estava convidado a assistir pessoalmente à consagração da casa e à cerimônia a ser executada, simultaneamente, para celebrar a maioridade de Doday-Bum,²⁵ o filho de Marpa. A carta também sugeria que o Lāma Marpa havia sabido de minha estada com o Lāma Ngogpa, uma vez que fazia referência a mim como uma ‘pessoa má’, e pedia ao mesmo tempo que eu lhe fosse reenviado.

“O Lāma Ngogpa veio à abertura de minha caverna e leu a carta, observando: ‘Pelo modo como o Lāma fala de ti, parece que não obtiveste a permissão dele para a outorga das Verdades.’ Respondi: ‘O Lāma não me deu seu consentimento; foi a esposa dele quem me deu a carta e os presentes, com os quais fui enviado para cá.’ ‘Ah!’, disse ele, ‘então nos empenhamos numa obra inútil. Deves saber, sem dúvida, que é inútil esperar o crescimento espiritual sem a cooperação e a aprovação cordial do *Guru*. Não é de surpreender que não possas desenvolver nenhum dos sinais. Contudo, ele ordena que voltes. Desejas partir ou não?’ Roguei-lhe que me permitisse ficar na qualidade de seu assistente. Ele replicou que os ramos haviam sido levados pelos carregadores e que, enquanto eles não estivessem de volta e não se conhecesse a data exata do festival, eu deveria permanecer em meu retiro.

“Quando os carregadores voltaram, ele veio novamente à abertura de minha cela, por onde tivemos uma longa conversa sobre a próxima cerimônia de consagração do edifício e de doação ao filho do Lāma, que receberia também uma distinção. No curso de nossa conversa, perguntei-lhe se haviam feito alguma menção à minha pessoa. ‘Sim’, disse Ngogpa, ‘a esposa de nosso Lāma perguntou aos carregadores o que estavas fazendo. Disseram-lhe que estavas em retiro e ela perguntou o que fazias nesse retiro. Ao saber que te havias devotado à solidão, ela lamentou a tua partida e o fato de teres esquecido este dado, entregando-o ao mesmo tempo a este homem e encarregando-o de passá-lo em segurança às tuas mãos.’ Ngogpa deu-me então um dado feito de argila. Eu o peguei reverentemente e, supondo que ele havia sido consagrado pelo toque de minha Reverenda Mãe, coloquei-o sobre minha cabeça.

“Quando ele me deixou, fui tomado pelo desejo de jogar o dado e brincar com ele. Mas, depois de algum tempo, ocorreu-me a idéia de que eu jamais havia manifestado qualquer fraqueza pelo jogo de dados na presença da senhora e perguntei-me qual teria sido a sua intenção em me enviar uma coisa que havia contribuído para o empobrecimento de alguns de meus ancestrais. Não seria uma maneira de

24. O topo dos edifícios religiosos e das moradas dos *lāmas* no Tibete é comumente orlado de vergônteas, cujos ramos se projetam e são aparados seguindo a linha dos muros, de modo a formar uma espécie de friso.

25. Este é o outro nome do filho de Marpa, (v. p. 71), que é também conhecido como *Darma-Doday. Bum*, que aqui substitui *Darma*, é o nome popular dado aos primeiros doze volumes do *Prajñā-Pāramitā* (v. p. 82, n. 12), e à versão abreviada do *Prajñā-Pāramitā* em 100.000 slokas. Aplicado ao filho de Marpa, o nome *Bum* pode, por conseguinte, ser um epíteto iniciático (ou religioso) ou o nome que lhe foi conferido ao atingir a maturidade. Ele é também chamado de *Doday-Bum* no fim do Capítulo VII.

mostrar que eu era um objeto de desrespeito para ela? Esse pensamento me deixou furioso. Com raiva, joguei o dado no chão com tal força que ele se partiu e revelou um pequeno rolo de papel oculto em seu interior. Eu o peguei e li sua mensagem, que dizia o seguinte: 'Filho, teu *Guru* está agora disposto a conceder-te a necessária Iniciação e as Escrituras. Vem, pois, com o Lâma Ngogpa.' Essas eram novas tão bem-vindas para mim que eu realmente saltei em minha pequena caverna e dancei de pura alegria.

"O Lâma Ngogpa procurou-me e disse: 'Bravo Grande Feiticeiro, prepara-te para a viagem', o que eu fiz com grande alegria. O próprio Lâma reuniu tudo o que possuía para uma oferenda, com exceção do que Marpa lhe havia oferecido. Essas posses consistiam em imagens, livros, relíquias, ouro, turquesas, tecidos, seda, baixelas, vasilhas, animais de criação e assim por diante. Dos animais, ele reuniu todas as ovelhas que possuía, deixando para trás apenas uma velha cabra manca, que, por causa de seu defeito, era incapaz de acompanhar o resto do rebanho e, por força, teve de ser deixada para trás. Ele reuniu tudo o que possuía para levar como oferenda ao seu *Guru*. Foi gentil o bastante para reconhecer o serviço que eu lhe havia prestado e me deu uma fita de seda como minha oferenda pessoal ao Lâma Marpa. Sua esposa juntou à fita um saco cheio de queijo, que deveria servir como minha oferenda à esposa de Marpa, Damema.

"Então, o Lâma Ngogpa, juntamente com sua esposa, eu mesmo e um grande cortejo nos dirigimos para Dowo-Lung, o mosteiro de Marpa. Quando chegamos aos pés da montanha onde se localizava Dowo-Lung, o Lâma pediu-me para ir à frente e informar o Lâma Marpa e Damema de sua chegada e ver se não lhe enviariam um pouco de *chhang*. Dirigi-me, pois, à morada de Marpa e lá encontrei em primeiro lugar sua esposa. Presenteei-a com o saco de queijo e saudei-a com reverência. Informei-a da chegada do Lâma Ngogpa e pedi-lhe que enviasse alguns refrescos à sua aproximação. Ela ficou feliz em me ver e me pediu para entrar, prestar meus respeitos ao Lâma Marpa, que estava dentro da casa, e comunicar-lhe a chegada próxima do Lâma Ngogpa.

"Entreí na casa e encontrei o Lâma Marpa sentado em meditação no pavimento superior. Presenteei-lhe com a fita de seda e curvei-me à sua frente, estando ele sentado com a face para o Este. Virou a face para o Oeste e, então, eu me curvei para o Oeste; mas ele tornou a se voltar, agora, para o Sul. Disse-lhe eu então: 'Reverendo *Guru*! Embora por desagrado te recuses a aceitar minha obediência, o Lâma Ngogpa está vindo para cá com todos os seus bens de imagens, livros, ouro, turquesas e gado, para oferecer-te. Ele merece sem dúvida uma recepção condizente com seu estado; peço-te, portanto, que sejas generoso o bastante para enviar-lhe *chhang* e refrescos em sua viagem para cá.'

"Aparentemente espumando de raiva, o Lâma estalou os dedos e gritou: 'O quê! Quem me recebeu quando voltei arrastando o fardo dos preciosos ensinamentos obtidos na Índia? Quando trouxe as preciosas gemas da quintessência das quatro divisões da Doutrina Budista, havia mais do que um pássaro manco para me saudar ou receber? E devo eu, o Grande Tradutor, receber Ngogpa apenas porque ele está me trazendo um pouco de gado? Não, isso é que não. Se ele espera ser recebido, faria melhor se voltasse para o lugar de onde veio.'

"Deixei o Lâma e contei a sua esposa o que ele dissera. 'Oh', exclamou, 'teu *Guru* é deveras irritável. Ngogpa é um grande homem e deve ser recebido de

modo adequado. Vamos nós dois encontrá-lo.’ Eu disse: ‘O Lāma não espera que vás encontrá-lo. Dá-me apenas um pouco de *chhang* e eu vou ao seu encontro.’ ‘Não, eu vou encontrá-lo’, disse ela, e, ordenando a alguns discípulos que trouxessem uma generosa quantidade de *chhang*, foi receber pessoalmente o Lāma Ngogpa.

“Todo o povo de Lhobrak tinha se reunido para celebrar a chegada da maioria do filho de Marpa, Darma-Doday, e para testemunhar a cerimônia de consagração da casa que havia sido construída para ele. Houve festa geral e o Lāma Marpa ergueu a sua voz e cantou o salmo que abençoa e deu a bênção para a congregação e a ocasião. O salmo dizia o seguinte:

“Suplico ao Gracioso *Guru*.

“Sobre a gloriosa Seita de minha Linhagem
Repousa o dom da inalterabilidade;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre o curto caminho de minhas profundas Verdades
Repousa o dom da infalibilidade;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre mim, Marpa, o Tradutor,
Repousa o dom do profundo ensinamento;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre o *Guru*, o *Deva* e a *Dākinī*
Repousa o dom da graça e do favor;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre meus filhos e *shīṣhyas* espirituais aqui reunidos
Repousa o dom da fé constante e verdadeira;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre todos os meus discípulos leigos, em todos os lugares,
Repousa o dom da caridade e do mérito;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre todos os feitos e ações puras
Repousa o dom da caridade e do mérito;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre os bons e os maus espíritos deste mundo transitório
Repousa o dom do grande mérito ou da grande punição;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.

“Sobre estes Lāmas e estes leigos aqui reunidos
Repousa o dom do júbilo e dos bons desejos;
Possa a bênção desse dom aqui pousar.”

“Quando Marpa terminou, o Lāma Ngogpa levantou-se e ofereceu seus presentes, após o que dirigiu-se a Marpa nas seguintes palavras: ‘Precioso e Reverendo *Guru*, não preciso dizer que tudo o que tenho e sou é teu. Nesta ocasião, contudo, peço permissão para anunciar-te que tudo o que possuo, exceto uma velha cabra manca, manca e velha demais para acompanhar o resto do rebanho, que, por isso, teve de ser deixada para trás, foi trazido para cá como uma oferenda para ti, em troca do que eu te peço que derrames sobre mim teu eterno e devotado *shishya*, as Iniciações Mais Preciosas e as Verdades Místicas Mais Profundas e, acima de tudo, os pergaminhos que contêm as Verdades [Esotéricas] que só devem ser murmuradas ao ouvido.’

“Assim dizendo, prostrou-se diante do jubiloso Marpa, que falou as seguintes palavras: ‘Bem, se é assim, eu, por minha vez, devo te informar que as Verdades e as Escrituras que possuo estão entre as mais raras e as mais eficazes. Elas pertencem, sobretudo, à classe de Verdades chamada de ‘Atalho do Caminho Imutável’,²⁶ por meio do qual é possível atingir o *Nirvāṇa* nesta mesma existência, sem que se espere por incontáveis idades. Tais são as virtudes inexcedíveis dessas Verdades. Mas há mais: as Verdades contidas nos pergaminhos de que falaste são acompanhadas de condições muito estritas, que derivam das ordens do *Guru*. Portanto, mesmo que tragas a última cabra, a despeito de seu defeito e de sua velhice, a aquisição dessa Escritura será motivo de alguma dificuldade. Quanto às outras, já as recebeste.’ Essa última exigência provocou uma cordial risada em todos os presentes, mas o Lāma Ngogpa perguntou gravemente se, quando a velha cabra fosse trazida, ele lhe daria a Escritura que desejava. Ao que Marpa respondeu: ‘Sim, se fores tu mesmo a ir buscá-la.’

“A assembléia terminou assim nesse dia e, na manhã seguinte, o próprio Lāma Ngogpa foi apanhar a cabra manca e, ao trazê-la às suas costas, ofereceu-a a Marpa, que, muito contente, disse: ‘Um seguidor realmente devoto e fiel das Verdades Místicas deveria ser como tu. Na verdade, pouco uso posso fazer dessa velha cabra manca. Eu só a pedi a fim de ilustrar a grandeza e o valor das verdades religiosas.’ Ele, então, prometeu ao Lāma Ngogpa que o iniciaria nas várias Verdades e *Maṇḍalas* místicas e, pouco tempo depois, fez o que prometera.

“Um dia [depois], durante um banquete oferecido a alguns de seus discípulos dos lugares mais distantes e aos membros de sua própria família, o Lāma Marpa sentou-se com um longo bastão ao seu lado, olhando furiosamente para o Lāma Ngogpa, que era um dos presentes. Alguns momentos depois, apontando-lhe o dedo, disse: ‘Ngogdun-Chudor, que explicação tens a dar para o fato de teres conferido a Iniciação e as Verdades a essa má pessoa, Thöpag?’ E, enquanto falava, lançava olhares ao bastão.

“O Lāma Ngogpa ficou aterrorizado. ‘Precioso *Guru*’, gaguejou, ‘foste tu que me ordenaste por documento selado a iniciar Thöpag. Juntamente com a carta, enviaste a guirlanda e o rosário de rubis de Naropa como testemunho da sua autenticidade, e obedeci à tua ordem. Nada tenho a me reprovar neste caso; peço-te,

26. Isto é, um método abreviado de se atingir a Iluminação trilhando-se o Caminho Imutável (ou Infalível), o *Vajra-Yāna*.

portanto, para suprimires tua raiva.’ Enquanto falava, olhava com apreensão para os lados.

“Marpa então voltou seu furioso dedo para mim e perguntou: ‘Onde conseguiste essas coisas?’ Senti dessa vez como que se o meu coração estivesse saltando de meu corpo e me encontrava em tal estado de terror que mal podia falar. Tremendo, balbuciei que fora a Reverenda Mãe quem as dera.

“Nisso, Marpa saltou abruptamente de seu lugar e correu para sua esposa aparentando ter o propósito de surrá-la com o bastão. Mas ela, com medo de que isso ocorresse, havia tomado alguma distância dele. Ela correu para a capela e fechou a porta. O Lāma fez várias tentativas para abri-la, mas, não o conseguindo, voltou e retomou seu assento, dizendo: ‘Tu, Ngogdun-Chudor, que fizeste algo que não te fora pedido, eu te ordeno que vás e me tragas imediatamente a guirlanda e o rosário de Naropa.’ Ao dizer isso, escondeu a cabeça no manto e assim permaneceu.

“O Lāma Ngogpa curvou-se e se retirou imediatamente para trazer os artigos requeridos. Assim que saiu, eu, que fugira da presença de Marpa ao mesmo tempo que sua esposa, vi-o de um canto, onde eu me sentara chorando; e eu lhe pedi que me levasse consigo. Mas ele disse: ‘Se eu te levar novamente sem a expressa ordem do *Guru*, o resultado será apenas uma cena semelhante, que será penosa para ambos. Fica aqui por enquanto. Se o nosso *Guru* se recusar a ser gentil contigo, farei o que puder para te ajudar.’

“Respondi, então: ‘Por causa de meus muitos pecados, não causei sofrimentos apenas a mim mesmo, mas envolvi a ti e a minha Reverenda Mãe no quinhão de meus problemas. Perdi todas as esperanças de obter a Doutrina nesta vida. Dia após dia, só consigo acumular um pecado depois do outro. Seria muito melhor se eu encurtasse esta vida. Tudo o que te peço é que, por tua graça, me faças renascer entre os seres humanos bem-dotados,²⁷ e que seja um nascimento que me proporcione a oportunidade de obter as Verdades.’

“Virei-me, disposto a cometer suicídio, mas o Lāma Ngogpa, desfazendo-se em lágrimas, me segurou e disse: ‘Bravo Grande Feiticeiro, não faças isso! Nossa Doutrina Mística, que é a essência e o significado último das injunções do Sagrado Conquistador, declara que todos os nossos vários princípios e faculdades corporais são divinos.²⁸ Se ousarmos dar fim à sua presente carreira antes de seu período natural [de dissolução], incorreremos no pecado de matar o divino em nós mesmos e deveremos sofrer a devida punição por isso. Não existe pecado maior do que o suicídio. Nos *Sutras* também está dito que o suicídio é um pecado abominável. Compreende isto e abandona todos os pensamentos de auto-aniquilação. Ademais, nosso *Guru* poderá ainda ser convencido a te conceder as Verdades. Mas, mesmo que ele não o faça, encontrarás sem dúvida alguém que o fará.’

27. Nascer como um ser humano bem-dotado consiste, para todos os budistas, na oportunidade suprema de alcançar a Iluminação. É aqui neste mundo que o Caminho do Budado deve ser trilhado inicialmente; não se pode percorrê-lo em qualquer dos estados posteriores à morte, embora anteriormente se tenha feito suficiente progresso; o Objetivo ao qual ele conduz pode ser realizado no mais elevado dos Reinos Paradisíacos.

28. “O Bramanismo também ensina essa verdade e faz toda pessoa que tenta o suicídio sujeitar-se à punição e à purificação por ritos expiatórios (*Prāyash-chitta*). O *Kūlārṇava Tantra* é muito enfático quanto à necessidade de preservar a própria vida.” (Sj. Atal Bihari Ghosh.)

“Assim procurou Ngogpa me confortar. Outros discípulos também simpatizaram comigo, e alguns procuraram descobrir se Marpa se encontrava num estado de ânimo que permitisse ser interrogado em segurança e outros se sentaram ao meu lado, tentando me dar consolo. Mas, ou o meu coração era feito de ferro, ou então chegara o momento de seu rompimento, tão agudos eram os meus sofrimentos. Foi porque eu cometera terríveis e pecaminosas ações na primeira parte de minha vida que eu agora sofria aquelas excruciantes e indescritíveis torturas no início de minha busca por uma Fé e uma Doutrina para me emancipar.”

Ao ouvir essa narrativa, nenhum dos presentes foi capaz de segurar as lágrimas de simpatia pelo narrador, e alguns houve que desmaiaram pelo excesso de emoção.

Esta é a história da Segunda Ação Meritória de Milarepa, que trata do seu castigo e da sua purificação do mal por meio de sofrimentos e atribulações, tanto corporais como mentais.

CAPÍTULO VI

A INICIAÇÃO

Narrativa da Conclusão das Provações de Jetsün; da Iniciação de Jetsün; e das Predições de Marpa a Respeito de Jetsün.

Novamente, Rechung perguntou a Jetsün de que modo e sob quais circunstâncias o Lāma Marpa o favoreceu em seguida.

Prosseguiu Jetsün: “Os outros discípulos, como disse, corriam de cima para baixo. Depois de um momento, Marpa recobrou seu humor, tornando-se muito brando. E disse: ‘Que Damema seja trazida à minha presença.’ Assim que a foram chamar, ele perguntou: ‘Onde estão Ngogdun-Chiudor e os outros discípulos?’ Disse alguém: ‘Havias ordenado que Ngogdun trouxesse de volta as guirlandas e o rosário de Naropa, e ele assim procurou fazer mas, ao encontrar o Grande Feiticeiro quando saía, pôs-se a consolá-lo, o que faz até agora.’ E o ocorrido foi relatado em detalhes a Marpa. Nisso seus olhos se encheram de lágrimas e ele disse: ‘É necessário que os discípulos das Verdades Místicas ajam assim, e ele fez exatamente o que se esperava. Tenho pena de meus discípulos; chamem-nos.’

“Um dos discípulos procurou o Lāma Ngogpa e lhe disse: ‘Nosso Lāma está agora brando e me enviou para chamar-te.’ Deplorei, por isso, minha má sorte e invejei o grupo dos seres afortunados que desfrutavam da graça e do favor do *Guru*. ‘Quanto a mim, pobre miserável’, disse eu, ‘sou excluído do convívio do *Guru* mesmo quando ele está brando, pois até a minha presença o irrita e consegue apenas irritação e pancadas para mim.’ E, então, chorei amargamente. O Lāma Ngogpa ficou comigo e pediu ao mesmo discípulo que relatasse o meu caso ao *Guru*, a fim de obter dele a permissão para que eu pudesse me aproximar, acrescentando: ‘Se eu não ficar aqui, este jovem desesperado poderá cometer algum ato irrefletido.’

“O discípulo retirou-se e narrou o acontecido ao Lāma Marpa, que disse: ‘Antigamente, ele poderia estar certo, mas hoje não será assim. Hoje, o principal convidado será o Grande Feiticeiro. Damema, vai e convida-o.’ Ela foi, toda sorrisos, e disse: ‘Grande Feiticeiro, penso que, finalmente, o teu *Guru* te irá favorecer, pois ele disse agora que serás o convidado principal e que eu devia vir buscar-te. Tomo isso como uma mudança total do *Guru* em teu favor. Ele não estava zangado comigo. Alegra-te e vem.’

“Eu ainda tinha minhas dúvidas e entrei timidamente. Tendo tomado meu assento, disse o Lāma Marpa: ‘Quando bem consideramos os assuntos, ninguém parece merecer censura. Desejando que o Grande Feiticeiro pudesse ser absolvido de seus pecados, eu o fiz erguer os edifícios apenas com as mãos. Tivesse eu feito isso por um fim egoísta, muito mais obteria pela lisonja e por meios gentis e, assim,

não seria motivo de censura. Quanto a Damema, sendo ela mulher e possuindo um quinhão incomum de simpatia e piedade maternal, não podia suportar os maus tratos que infligia ao Grande Feiticeiro, que parecia tão desejoso, obediente e paciente. Poderíamos então censurá-la por lhe ter fornecido uma carta forjada bem como os presentes, embora fosse esta uma grave atitude? Quanto a ti, Ngogdun-Chudor, não mereces censura, como tu mesmo disseste. Eu te pedi de volta as relíquias para esta ocasião, mas elas te serão devolvidas. Quanto a ti, estás certo em tentar obter as Verdades Religiosas por todos os meios possíveis. Não tendo sabido do envio da carta forjada a Ngogdun, que, de acordo com ela, conferiu a Iniciação e as Sagradas Verdades ao Grande Feiticeiro, fiquei assim privado da chance de encher o Grande Feiticeiro de desespero, como eu [premidado pelo dever], teria de fazer. Foi por isso que fiquei furioso e, embora minha raiva tenha refluído como uma onda de água, não era ela igual a uma vulgar fúria mundana. A raiva religiosa é uma coisa diferente; seja qual for a forma em que apareça, ela tem o mesmo objetivo — suscitar o arrependimento e, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento espiritual da pessoa. Se houver aqui algum dentre vós que, não compreendendo o motivo religioso, se sentiu chocado com tais coisas, eu o exorto a não ser perturbado em sua fé e crença. Tivesse eu tido a chance de mergulhar este meu filho espiritual nove vezes em total desespero, ele estaria completamente purificado de todos os seus pecados. Não seria obrigado a nascer outra vez, mas desapareceria totalmente, ficando seu corpo físico para sempre dissolvido; ele teria atingido o *Nirvāṇa*. Isto não acontecerá, e ele deverá, ainda, reter uma pequena porção de seus deméritos, devido à piedade inoportuna de Damema e à sua estreita compreensão. Contudo, ele foi sujeito a oito profundas atribulações, que o purificaram dos pecados mais profundos, e ele sofreu muitos castigos menores, que o purificarão dos pecados. Mas agora eu vou cuidar dele e lhe dar os Ensinamentos e as Iniciações que prezo tanto quanto ao meu próprio coração. Eu mesmo lhe darei alimento enquanto estiver em retiro e o encerrarei com as minhas próprias mãos no lugar de meditação.¹ Por isso, regozijai.’

“Eu não sabia se estava desperto ou sonhando. Se sonhando, eu desejava que o sonho continuasse e que eu não despertasse, tal era a minha inexprimível alegria. Chorei de puro contentamento e curvei-me em reverência. Foi então que o Lâma Ngogpa e a Mãe Damema, assim como todos os que estavam reunidos, não souberam o que admirar mais em meu *Guru* — se sua severidade e inflexibilidade enquanto me castigava, ou se sua misericórdia e gentileza ao se encarregar de cuidar de mim, ou, ainda, se sua sabedoria e sagacidade em todos os seus atos. Eles o reconheceram como o Próprio Buddha e tiveram a sua fé e a sua crença fortemente confirmadas. Eles o olhavam com afeição, derramavam lágrimas e erguiam-se e curvavam-se em gratidão pela gentileza que me conferira. Todos brilhavam com sorrisos e gargalhadas e, nesse humor, todos partilharam dos bolos sacrificiais.

“Nessa mesma noite, oferendas foram depositadas no altar e, na presença da assembléia, meu cabelo foi cortado e eu recebi a ordenação de sacerdote, tendo sido as minhas roupas mudadas [para os trajes sacerdotais]. Marpa disse que, na visão onírica que havia tido, seu *Guru* Naropa me havia dado, bem no início, o

1. Ver p. 87, n. 23.

nome de Mila-Dorje-Gyaltzen (Mila, Bandeira de Diamante). Fui instado a observar o voto de um *Ge-nyen* (irmão leigo), e obrigado a seguir os votos daqueles que aspiram a ser Buddhas Instrutores [ou Bodhisattvas].

“Quando Marpa abençoou o vinho da Oferenda Interior, todos viram um halo semelhante ao arco-íris saindo da taça feita de crânio² que continha o vinho. Com o vinho sacrificial, ele reverenciou os seus Mestres e as suas Divindades Tutelares e, então, tomando dele, me deu o resto, que bebi por completo. Disse meu *Guru*: ‘É um bom augúrio. Embora a oferenda de vinho de minha Oferenda Interior seja superior ao Rito da Iniciação Completa de qualquer outra seita, eu também te darei amanhã de manhã a Iniciação Completa [de nossa seita], que propiciará a colheita das sementes das Verdades Místicas que serão semeadas em teu coração.’

“Ele então erigiu a *Dēmchog Maṇḍala* de sessenta e duas Divindades,³ e começou a explicá-la. Apontou o plano pintado de pó da *Maṇḍala* e disse que se tratava de um diagrama simbólico e figurativo.⁴ Depois, com o dedo, apontou o firmamento e disse: ‘Olhai, aquelas são chamadas de *Maṇḍala* das Verdadeiras Realidades.’

“[E então] eu vi, muito distintamente, os Vinte e Quatro Lugares Sagrados, os Trinta e Dois Lugares de Peregrinação, os Oito Grandes Lugares de Cremação,⁵ e o próprio *Dēmchog*,⁶ com todas as Divindades que habitam esses dife-

2. Taça cerimonial feita de crânio humano, que simboliza a impermanência da vida humana na Terra e, também, a renúncia a toda existência *samsārica*.

3. Isto é, ele preparou o Círculo Mágico, ou *Maṇḍala*, para a recepção das sessenta e duas principais divindades invocadas no ritual do deus *Dēmchog* (sânc. *Shamvara*), “O Guia da Felicidade”. Ver a tradução do falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup do *Dēmchog Tantra*, editado por Arthur Avalon, *Tantrik Texts*, vol. VII (Londres, 1919).

4. Trata-se, como o próprio texto indica, de um diagrama geométrico desenhado com pó ou areia, geralmente de cores diferentes, sobre o assoalho, se a Iniciação se dá num templo ou numa casa, ou no chão ou numa pedra nua, se a Iniciação se dá numa caverna ou ao ar livre. As Divindades são então invocadas, geralmente por meio da entoação de seus *mantras* secretos, assinalando-se um lugar especial no diagrama para cada uma delas. Os *Siddhas* (ou *yogīs*) que possuem a visão clarividente dizem que quando a invocação é realizada corretamente por um *Guru* humano altamente desenvolvido, as Divindades surgem, cada uma no local assinalado na *Maṇḍala*, e tornam a Iniciação Mística muito real e fisicamente efetiva, investindo-se imediatamente o neófito da visão divina e da alegria extática. Realizam-se, assim, a regeneração mística, o verdadeiro batismo no fogo do espírito e a concessão de um novo nome, que invariavelmente sugere as principais qualidades espirituais do neófito que o recebe. Sendo a Iniciação de Milarepa de caráter mais exaltado, ele contempla os vários centros psíquicos e as Divindades invocadas como se elas estivessem encobrindo, diretamente dos espaços etéreos, a *Maṇḍala* da Terra.

O *Kūlārṇava Tantra* (ver *Tantrik Texts*, vol. V, cap. XIV, ed. por A. Avalon) refere-se às várias espécies de Iniciação (*Dīkṣhā*). O grau de competência do candidato determina o grau da Iniciação. Assim, por meio do *Vedha-Dīkṣha*, o *Guru* transfere poder espiritual diretamente ao *śiṣhya*. Afirma-se que foi dessa maneira que Rama-Kṛiṣṇa Paramahansa iniciou seu principal discípulo, Swāmī Vivekānanda.

5. Ver p. 29, n. 15, a propósito desses vários locais de santidade.

6. Texto: *Dpal-hkhor-lo-sdom-pa* (pron. *Pal-Khor-lo-Dom-pa*), outro nome de *Dēmchog* (*Bde-mch'og*), “O Guia da Felicidade”, uma das Divindades Tutelares da seita Kargyūtpa: sânc. *Shamvara*.

rentes Lugares Sagrados sentadas à sua volta. As Divindades, unindo suas vozes à do meu *Guru*, num grande coro, me conferiram o nome iniciático de *Pal-Zhadpa-Dorje* (O Imutável Glorioso e Desabrochado, isto é, o Portador do Símbolo Místico⁷), sâns. *Shrī-Vikasita (Hasita) Vajra*.

“Meu *Guru* deu-me em seguida livre permissão para passar pelos *Tantras* [Mantrayânicos]. Deu-me também detalhadas explicações sobre vários trabalhos a respeito de meditação [ou *Yoga*] e de todos os seus métodos e sistemas.⁸ Então, colocando a mão sobre a coroa de minha cabeça, disse: ‘Meu filho, soube que eras um digno *shīṣhya* desde o início. Na noite anterior à tua chegada, tive um sonho que predizia que serias alguém que serviria com muita eficiência à Causa do Budismo. Minha Damema teve um sonho similar, que confirmou o meu. Acima de tudo, ambos os sonhos, que mostravam um templo que deveria ser guardado por uma fêmea, prediziam que a Divindade Guardiã de teu Ensino seria uma *Dākinī*. Portanto, és um *shīṣhya* que meu *Guru* e minha Deusa Guardiã me concederam como uma dádiva. Por ser assim, eu fui ao teu encontro, sob o pretexto de arar o meu campo. O fato de teres bebido o *chhang* que te dei e de teres arado o campo por inteiro, predisseram que serias um digno *shīṣhya*, capaz de absorver todas as Verdades Espirituais que eu tinha para te comunicar. Além disso, a tua oferta da vasilha de cobre com quatro pegadores predisse o fato de eu ter quatro famosos discípulos. O fato de a vasilha estar livre de qualquer sujeira predisse a tua inteira liberdade em relação às paixões mundanas e que teu corpo ganharia completo controle sobre o Calor Vital.⁹ A oferta de tua vasilha vazia predisse

7. Esta tradução do Nome Iniciático segue a do Sr. Bacot, em sua Versão (p. 137).

8. Sendo a Iniciação uma Completa Iniciação na *Dēmchog Maṇḍala*, a interpretação esotérica do profundíssimo *Dēmchog Tantra*, e de outros *Tantras* similares da Escola Mantrayāna, é comunicada a Milarepa junto com os *Mantras* Secretos, ou Palavras de Força (ver p. 30, n. 20). Além disso, são-lhe expostos vários tratados complementares de caráter oculto concernente aos sistemas yóguicos de meditação.

9. Trata-se de um peculiar calor corporal adquirido pelo controle yóguico do processo de respiração e das forças vitais do corpo, graças ao qual o *yogī* se torna imune ao frio. Nas elevadas altitudes nevoadas do Tibete, onde Milarepa passou a sua vida, a madeira de lenha para produzir fogo é rara e muito dispendiosa, assim, o Calor Vital é uma aquisição extremamente necessária para os *yogīs* que aí vivem e todos os eremitas praticantes da seita Kargyütpa são instados por seus *Gurus* a obterem proficiência na sua aquisição. O Editor possui uma versão inglesa de tal processo, que redigiu em colaboração com o falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup, e que espera publicar juntamente com outras traduções de textos tibetanos sobre a *Yoga*. (Ver p. 106, n. 12, e segs.)

Sj. Atal Bihari Ghosh aduz os seguintes comentários: “Antes que o *shīṣhya* possa praticar a *Yoga* em sua forma superior, o *Rāja-Yoga*, ele deve aperfeiçoar seu corpo material por meio do *Haṭha-Yoga*, para que se torne “sem contrários” (sâns. *Dvandvātīta*) – calor e frio, umidade e secura, e todos os opostos físicos similares. Para obter-se tal fim são necessários os vários processos yóguicos prescritos para a purificação do corpo (sâns. *Dhauti-Shodhana*), as várias posturas corporais (sâns. *Āsana* e *Mudrā*) e o controle da respiração (sâns. *Prāṇāyāma*). O *Gheraṇḍa-Saṅghitā* e o *Haṭhayoga-Pradīpika* descrevem o *Haṭha-Yoga* como a escada que leva ao *Rāja-Yoga* e, por meio do *Rāja-Yoga*, o *yogī* se torna *Dvandvātīta* num sentido superior – louvor e vergonha, prazer e dor, e todos os opostos mentais ou intelectuais similares se tornam indiscriminados para ele. Sob o *Haṭha-Yoga* classifica-se também o *Mantra-Yoga*, que também é preparatório ao *Rāja-Yoga*”.

que quando meditasses aqui sofrerias a pobreza. Mas, para que possas jubilar plenamente em tua velhice e para que teus seguidores e discípulos possam ser saciados pelo Elixir das Verdades Espirituais, enchi tua vasilha de manteiga derretida para as lâmpadas do altar. A fim de tornar teu nome famoso, toquei as campainhas o mais alto possível. E foi no propósito de limpar-te de teus pecados que te fiz trabalhar tão duro nas quatro casas. As casas simbolizam a natureza dos quatro tipos de ação, a saber, a pacífica, a poderosa, a fascinante e a austera.¹⁰ Procurei deliberadamente encher teu coração de amargo arrependimento e de sofrimentos, prestes a desesperar, tratando-te ignominiosamente. E tu, suportando todas essas provas com paciência e humildade, sem a menor mudança em tua fé em mim, terás, como resultado, discípulos cheios de fé, energia, inteligência e generosa compaixão, dotados de todas as qualificações essenciais a dignos *shishyas*. Eles serão desprovidos de anseios carnavais e mundanos, pacientes, tenazes e cuidadosos no tempo de sua meditação. Por fim, eles serão abençoados com a Realização da Sabedoria, e serão repletos de graça e verdade, de modo que cada um deles será um *lāma* perfeito, e essa Hierarquia da seita Kargyütpa se tornará tão eminente e notável quanto a Lua cheia. Portanto, jubilai.’

“Foi assim que meu *Guru* me encorajou, louvou e alegrou, e, dessa forma, tiveram início os meus dias felizes.

“Esta é a Terceira Ação [Meritória] — a Ação de obter a Iniciação e a Verdade que eu buscara com tanta ansiedade.”

10. As formas geométricas das quatro estruturas também são simbólicas: o Círculo simboliza o Elemento Água; o Crescente, o Elemento Ar; o Triângulo, o Elemento Fogo; e o Quadrado, o Elemento Terra.

CAPÍTULO VII

A ORIENTAÇÃO PESSOAL DO GURU

Narrativa dos Frutos da Meditação e do Estudo de Jetsün; da Última Viagem de Marpa à Índia; do Sonho Profético de Jetsün e de Sua Interpretação por Marpa; e das Incumbências Especiais de Marpa a Cada um de Seus Quatro Discípulos Principais.

Disse, então, Rechung: “Mestre, tu te consagraste imediatamente à solidão selvagem após receber as Verdades, ou continuaste a viver com teu *Guru*?”

E Jetsün replicou: “Meu *Guru* ordenou que eu deveria continuar lá, dizendo que me forneceria alimento e outras necessidades, o que fez de modo muito liberal; e eu me retirei para meditar numa caverna chamada Lhobrak-Tak-nya, com um bom sortimento de provisões. Aí me acostumei a sentar em rígida postura, com uma lâmpada acesa sobre minha cabeça, sem me mover até que a luz se apagasse, fosse de dia ou de noite. Onze meses se passaram. Então, meu *Guru* e sua esposa vieram me ver, trazendo alimentos com vistas à celebração de uma festa religiosa. Disse o *Guru*: ‘Meu filho, é deveras louvável que sejas capaz de meditar por onze meses, sem a almofada [de meditação] perdendo calor. Podes agora demolir o muro [que te encerra] e vir à casa de teu velho pai para um pequeno descanso, e também para me contar tuas experiências.’

“Eu não pensava em relaxar minha meditação, mas, ao ver que o meu *Guru* assim ordenava, vi-me impelido a ir. Comecei a demolir o muro, embora fosse uma pena ter de fazê-lo, de modo que me atrasei um pouco. Por isso, a mulher do *Guru* se aproximou e me perguntou: ‘Filho, não vens?’ ‘Reluto em demolir o muro’, respondi. Ela replicou: ‘Oh, nunca penses nisso. Sabes que os Profundos Augúrios Místicos são muito importantes. Além disso, o temperamento do Lâma é muito instável e, se ocorrer qualquer mau augúrio por causa desse atraso, nada poderemos fazer. Portanto, eu te ajudarei a demolir o muro e a sair rapidamente.’ Nisso, ela o derrubou¹ e eu saí, sentindo-me inteiramente perplexo.

“Disse o meu *Guru*: ‘Enquanto nós, pai e filho, estivermos ocupados com alguns rituais relativos a esta Meditação, prepara, Damema, a comida.’ Depois, quando estávamos comendo, ele perguntou: ‘Meu filho, a que crenças ou convicções chegaste ao olhar estas Verdades; que experiências e que compreensão obtiveste?’ E acrescentou: ‘Lembra-te e conta-as para mim.’

1. O muro que encerrava Milarepa em seu local de meditação era uma frágil estrutura feita de pedras brutas, assentadas com barro, e, portanto, fácil de derrubar.

“Assim, com profunda e sincera humildade, ajoelhei-me e, juntando as palmas das mãos, com lágrimas nos olhos, cantei de improviso um hino de louvor ao meu *Guru*, oferecendo-lhe a sétupla adoração — como um prelúdio à narrativa de minhas experiências e convicções:

1

“Aos olhos impuros daqueles a quem buscas libertar,
Tu Te manifestas em múltiplas formas;
Mas aos Teus seguidores que foram purificados,
Tu, Senhor, surges como um Ser Perfeito; obediência a Ti.

2

“Com Tua voz igual à do *Brahmā*, e dotado das seis perfeições vocais,
Pregas as Santas Verdades na voz de cada um,
Completa nos seus oitenta e quatro mil assuntos;
Obediência à Tua Palavra, audível, embora inseparável do Vazio.

3

“Na Radiância Celeste da Mente do *Dharma-Kāya*,²
Não existe sombra da coisa ou do conceito,
Mas Ela invade todos os objetos de conhecimento;
Obediência à Mente Eterna e Imutável.

4

“No Palácio Sagrado dos Puros Reinos Espirituais,
Tu, Pessoa ilusória, embora imutável e desprendida,
Tu, Mãe Divina dos *Buddhas*, passado, presente e futuro,
Ó Grande Mãe *Damema*, curvo-me ante os Teus pés.

5

“[Ó *Guru*], a Teus filhos espirituais,
Aos Teus discípulos que obedecem à Tua palavra,
A cada um deles, com todos os seus seguidores,
Presto humilde e sincera homenagem.

6

“O que quer que haja, em todos os sistemas dos diversos mundos,
Para servir como oferenda nos ritos divinos,
Eu Te ofereço, junto com minha própria forma carnal;
Possa eu me livrar, purificado, de todos os meus pecados.

2. Ver p. 29, n. 18.

“ Nos méritos obtidos por outros, encontro alegria;
Portanto, põe a Roda da Verdade em movimento, eu peço;
Enquanto o Lago Rodopiante do Ser não for enchido,
Ó Nobre *Guru*, não partas do mundo.

“ Dedico todos os méritos deste Hino
À causa do Bem Universal.”

“Tendo cantado este hino de sete estâncias como um prelúdio, prossegui: ‘És inseparável do Próprio Dorje-Chang,³ ó meu *Guru*, com tua consorte e tua pro génie. Em virtude de teus feitos justos e meritórios e do poder das ondas da graça que procedem de tua infinita bondade, e da tua generosidade imperturbável, eu, teu vassalo, assimilei um pequeno conhecimento, na esfera da compreensão, que peço para depor à tua presença. Por causa do imutável Estado de Quietude da Verdade Eterna, ouve-me por um instante.

“ Compreendi que este meu corpo, tal como expõem os Doze *Nidānas*,⁴ é pro-

3. Ou sâns. *Vajra-Dhara*; ver pp. 7 e 31, n. 27.

4. Trata-se das doze causas interligadas, segundo ensina o Budismo, que mantêm a Roda do Nascimento e da Morte em movimento. Em primeiro lugar, há as Causas Pretéritas: (1) *Avidyā* (Ignorância), devida à não-compreensão de que a existência *sangsárica* – nos mundos, nos infernos e mesmo nos céus – é ilusória e indesejável; de que a Realidade Única está além de todos os estados condicionados de ser, além do reino das coisas, das sensações, além da Natureza; e de que tal Realidade é o *Nirvāṇa* Imutável, Inato, Incriado e In-formado; (2) *Saṅgskāra* (Atividade Mental), que provém da Ignorância. Vêm, depois, os seus Efeitos Presentes: (3) *Vijñāna* (Consciência Mundana) no *Saṅgāra*; (4) *Nāma-Rūpa* (Nome e Forma) concomitante com a existência *sangsárica*; (5) *Ṣṣaḍāyatana* (Órgão Sêxtuplo) do corpo *sangsárico*, que conduz a (6) *Sparsha* (Contato) e (7) *Vedanā* (Sensação). Estas Causas ligam-se às Causas Presentes: (8) *Trishṇā* (Desejo) pela sensação *sangsárica*; (9) *Upādāna* (Apego) à sensação *sangsárica*; e (10) *Bhāva* (a própria existência *sangsárica*). Por fim, desses dez *nidānas* resultam os Efeitos Futuros: (11) *Jāti* (Nascimento); e (12) *Jarā-maraṇa* (Velhice e Morte). Esse é um aspecto dos Doze *Nidānas*, ou Doze Vínculos da Cadeia de Nexos Causais. (Cf. Duque de Ronaldshay, *Lands of the Thunderbolt*, Londres, 1923, pp. 53-6.) Outro aspecto, derivado da Roda da Vida pictórica, encontrada na arte monástica tibetana, pode ser assim esboçado: (1) *Avidyā* (Vontade Inconsciente), tal como no estado de passagem da morte ao renascimento; (2) *Saṅgskāra* (Conformações), como no estado uterino que precede o nascimento; (3) *Vijñāna* (Consciência), no nascimento; (4) *Nāma-Rūpa* (Autoconsciência), quando a personalidade desenvolve e faz uma distinção entre o eu e os outros, pelo nome (*Nāma*) e forma (*Rūpa*); (5) *Ṣṣaḍāyatana* (Superfícies e Compreensão dos Sentidos) no mundo exterior, que se desenvolvem na criança em crescimento; (6) *Sparsha* (Contato), o exercício na juventude dos órgãos dos sentidos; (7) *Vedanā* (Impressão), as sensações mentais e físicas experimentadas; (8) *Trishṇā* (Desejo), que se desenvolve como um resultado das sensações assim experimentadas; (9) *Upādāna* (Indulgência) dos desejos, que conduz ao apego, à cobiça e ao desejo de ter um herdeiro para herdar as posses materiais; (10) *Bhāva* (Vida mais Plena), na vida adulta e matrimonial, com meios de obter um herdeiro; (11) *Jāti* (Nascimento do herdeiro); (12) *Jarā-maraṇa* (Declínio e Morte) quando o Ciclo da Vida se completa. Daí a Roda volta-se até que da morte provenha outro nascimento, por meio da *Avidyā*, o primeiro dos *Nidānas*. (Cf. L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet*, Londres, 1895, p. 110.)

Esses dois aspectos são mutuamente complementares e ambos são aqui reproduzidos no intuito de auxiliar o estudante a compreender o significado interior de uma das doutrinas mais essenciais de todas as Escolas do Budismo. É trilhando o Nobre Caminho Óctuplo (descrito

duto da Ignorância, composto de carne e sangue, animado pelo poder perceptivo da consciência. Aos afortunados que anelam pela Emancipação, o corpo pode ser o grande recipiente por meio do qual poderão obter a Liberdade e os Dons; mas aos afortunados, que apenas pecam, ele poderá ser o guia para os estados inferiores e miseráveis da existência. Nossa vida é a marca divisória de onde podem tomar um caminho ascendente ou descendente. Nosso momento atual é um tempo muito precioso, em que cada um de nós deverá decidir, de uma maneira ou de outra, se abraça o Bem ou o Mal. Compreendi que este é o objetivo principal de nosso presente período de vida. Aqui, novamente, apegando-me a Ti, Ó poderoso Senhor e Salvador dos seres sencientes como eu, espero cruzar este Oceano de Existência Mundana, a fonte de todas as aflições e sofrimentos, da qual é tão difícil escapar. Mas, para fazê-lo, é necessário a meu ver, em primeiro lugar, encontrar refúgio na Trindade Preciosa,⁵ e observar e adotar com espírito sincero as regras prescritas. Vejo que, aqui, também, o *Guru* é a fonte principal e a encarnação de todo bem e felicidade que podem me caber.

“Por isso, compreendo a suprema necessidade de obedecer às ordens do *Guru* e de manter minha fé firme e inabalável. Após tal compreensão, a profunda meditação sobre a dificuldade de se obter o dom precioso de um nascimento humano livre e bem-dotado, sobre a incerteza do exato momento da morte, sobre o efeito das ações pessoais e sobre as misérias do ser *sangsárico* não pode deixar de nos impelir a desejar a liberdade e a emancipação de toda existência *sangsárica*. Para obter tal liberdade e emancipação, devemos nos agarrar ao apoio do Nobre Ótuplo Caminho,⁶ o único pelo qual um ser senciente pode alcançar essa libertação. Então, do degrau desse Caminho, podemos passar, através de etapas, aos Caminhos Superiores, observando durante todo o tempo os votos próprios, de modo tão cuidadoso como se eles fossem os nossos próprios olhos, reconstruindo-os ou remendando-os se eles se tornarem, ao final, danificados. Compreendi que aquele que visa à sua paz individual e à sua alegria adota o Caminho Inferior (o *Hīnayāna*). Mas aquele que, desde o começo, devota o mérito de seu amor e de sua compaixão à causa dos outros, este pertence, como creio, ao Caminho Superior (o *Mahāyāna*). Para deixar o Caminho Inferior e adentrar no Caminho Superior é necessário obter uma clara compreensão das aspirações individuais, tal como expõe o insuperado Caminho Imutável (o *Vajra-Yāna*).

“Além disso, para se obter uma clara compreensão do Objetivo Final, é essencial que se tenha um *Guru* consumado, que conheça todos os ramos das quatro espécies de ritos iniciáticos sem o menor equívoco ou dúvida a seu respeito; só ele poderá tornar o Objetivo Final completamente explícito para um *shishya*.

nesta página, nota 6) que a Cadeia de Escravização ao *Sangsāra*, à Natureza, é quebrada, e o Escravo libertado na Beatitude Nirvânica, cessando toda a necessidade *kármica* de nascimentos e mortes posteriores. E é esse Supremo Objetivo que Milarepa acreditava ter conquistado.

5. A saber, o *Buddha*, o *Dharma* (ou Doutrina) e o *Sangha* (ou Clero).

6. Trata-se do Caminho da *Bodhi*, tal como o ensina o Iluminado. Pode-se descrevê-lo verbalmente como (1) Crença Correta, ou Visão Correta; (2) Objetivos Corretos, ou Aspiração Correta (*Fala Correta*); (4) Ações Corretas; (5) Meios de Existência Corretos, ou Existência Correta; (6) Empenho Correto; (7) Atenção Correta, ou Lembrança Correta; e (8) Meditação Correta.

A cerimônia de Iniciação confere o poder de dominar os pensamentos abstrusos e profundos, relativos ao Objetivo Final. Ao meditar sobre o Objetivo Final, passo a passo, devemos usar todas as nossas energias, tanto da sagacidade gramatical como da lógica; e, assim, também, através do raciocínio moral e mental e da busca interna, descobrir a não-existência do Ego pessoal e, por conseguinte, a falácia da idéia popular de que ele existe.⁷ Ao compreender a não-existência do Eu pessoal, a mente deve manter-se na quietude. Quando for capaz, por vários métodos, de pôr a mente em tal estado, como resultado de uma variedade de causas, todos [os pensamentos, idéias e cognições] cessam; a mente passa da consciência [dos objetos] ao estado da tranqüilidade perfeita, de sorte que os dias, os meses e os anos passam sem que a pessoa perceba, devendo os outros lhe assinalarem a passagem do tempo. Esse estado chama-se *Shi-nay* (Repouso Tranqüilo). Não por se submeter ao estado de total esquecimento e inconsciência [dos objetos], mas exercitando o intelecto ou a faculdade da consciência nesse estado, atinge-se o claro estado extático da consciência aquietada.

“Embora exista tal estado, que pode ser chamado de estado da superconsciência (*Lhag-tong*), os indivíduos ou as entidades do ego, na medida em que persistem em sê-lo, são incapazes de vivenciá-lo. Acredito que só se obtém a experiência quando alcançamos o primeiro estado [super-humano] [no Caminho ao Budado]. Trilhamos, assim, por meio do processo mental e da visualização, o Caminho. As visões das formas das Divindades sobre as quais meditamos são apenas os sinais que acompanham a perseverança na meditação. Não têm valor intrínseco em si mesmas.”⁸

“Em suma, um vívido estado de quietude mental, acompanhado de energia e um agudo poder de análise, por um intelecto claro e inquisitivo, são os requisitos indispensáveis; como os degraus mais baixos de uma escada, eles são absolutamente necessários para permitir a ascensão. Mas, no processo de meditar sobre esse estado de quietude mental (*Shi-nay*), através da concentração mental em formas e figuras ou sobre coisas sem forma e sem figura, o primeiro esforço deve ser feito num humor compassivo, com o objetivo de dedicar o mérito dos esforços ao Bem Universal. Em segundo lugar, o objetivo das aspirações deve ser bem-definido e claro, elevando-se às regiões que transcendem o pensamento. Por fim, é preciso orar e desejar mentalmente as bênçãos para os outros de modo tão sincero, que os pro-

7. “‘Cinco coisas existem’, disse um sábio na Índia, ‘a saber, Ser, Luz, Beatitude, Nome e Forma. As três primeiras pertencem ao Supremo, as duas outras ao mundo material’.” (Sj. Atal Bihari Ghosh.)

8. As formas objetivas das Divindades — como as visualizações ilusórias produzidas pelas práticas de meditação sobre elas e com frequência projetadas externamente como imagens alucinatórias — são, na análise final da Mente Iluminada, não-existent, sendo tão reais quanto as formas objetivas dos seres humanos, ou de quaisquer outros objetos da Natureza. No *Bardo Thödol* (ver o Sexto Dia) diz-se que “As divindades (...) existem, desde a eternidade, nas faculdades de teu próprio intelecto”. Ou seja, elas existem apenas quando o homem é visto como o microcosmo do macrocosmo. Assim também, o *Demchog Tantra*, no qual Milarepa foi iniciado, diz que os “*Devatās* são apenas símbolos que representam as várias coisas que ocorrem no Caminho, tais como os impulsos prestimosos e os estágios alcançados por seus meios”, e que, “se ocorrem dúvidas quanto à divindade desses *Devatās*, dever-se-ia dizer ‘a *Dākinī* é apenas a recordação do corpo’, e lembrar que as Divindades constituem o Caminho”. (Cf. A. Avalon, *Tantrik Texts*, Londres, 1919, vol. VII, 41.)

cessos mentais também transcendam o pensamento. Esse é, tal como entendo, o maior de todos os Caminhos.

“Ademais, assim como só o nome da comida não satisfaz o apetite de uma pessoa faminta, devendo essa pessoa comer o alimento, assim, também, um homem que quer aprender sobre o Vazio⁹ [do Pensamento] deve meditar de modo a realizá-lo, e não apenas aprender a sua definição. Além disso, para obter o conhecimento do estado de superconsciência (*Lhag-tong*), deve-se praticar e acostumar-se à repetição mecânica das mencionadas práticas, sem intervalo. Em resumo, o hábito da contemplação do Vazio, do Equilíbrio, do Indescritível e do Incognoscível forma os quatro diferentes estágios dos Quatro Graus de Iniciação — passos graduados no objetivo último do místico *Vajra-Yāna* [ou Caminho Imutável]. Para compreendê-los por completo, devemos sacrificar a comodidade física e a luxúria, e, tendo isso em mente, fazer face a todos os obstáculos e superá-los, estando sempre preparados para sacrificar a própria vida e prontos a enfrentar todas as possíveis contingências.

“Quanto a mim, não tenho os meios para vos recompensar, ó meu *Guru* e minha Reverenda Mãe — meus benfeitores; vossa amável gentileza está além do meu poder de retribuição por qualquer oferta de riquezas mundanas. De sorte que vou retribuir-vos por uma devoção vitalícia à meditação; e completarei meu estudo final de teus Ensinamentos no Céu de ‘Og-min.’¹⁰

“Ao meu *Guru*, o Grande Dorje-Chang,
A Damema, a Mãe de todos os Buddhas,
E a todos os Príncipes Reais, os *Avatāras*,
Ofereço, aos Seus ouvidos, a essência do conhecimento colhido.

“Se houver heresia ou erro em minha fala,
Peço que o perdoem com benevolência,
E me ponham no Caminho Correto.

9. Texto: *Tong-pa-nyid*, sâns. *Shūnyatā*, que aqui significa Vazio [de Pensamento], com referência a um estado transcendental ou nirvânico da consciência não modificada ou primordial. Tal como na definição da *Yoga*, por Patanjali (em seus *Aforismos*, I, 2), como “a supressão das transformações do princípio pensante”, ou, em outra tradução, “a restrição das modificações mentais”, esse Vazio do Pensamento não é o vazio do nada, mas um estado de mente supramundana que só pode ser conhecido — como explica Milarepa — pelo *Yogī* Perfeito, que o compreendeu. Trata-se do estado indescritível em que a consciência pessoal limitada mergulha, mas não se perde, na Consciência cósmica Total ilimitada — como uma gota de água que mergulha num oceano infinito, ou como a luz de uma lâmpada que mergulha na luz do Sol.

10. Este Céu do Ādi-Buddha é o último posto avançado do *Sangsāra* (i.e., o Universo da Natureza). No Céu de ‘Og-min, como sugere o texto, é possível, como o é na Terra, realizar o *Nirvāṇa* e, assim, escapar totalmente ao *Sangsāra*, e para sempre (cf. p. 36, n. 8).



O *GURU* SUPREMO:
O ĀDI-BUDDHA VAJRA-DHARA

Descrito às pp. XXIV e 6-8

“Senhor, do orbe solar de Tua Graça,
“ ‘Brilham os fulgurantes Raios de Luz
E abrem-se as pétalas do Lótus de meu Coração,
E este exala a fragrância oriunda do Conhecimento,
Pelo qual estou para sempre unido a Ti;
De modo que vou adorar-Te por constante meditação.

“Abençoa-me em meus esforços,
“ ‘Para que o Bem possa chegar a todos os seres.
Por fim, peço perdão também por toda a dissipação dos mundos.’

“Meu *Guru* ficou contente e disse: ‘Meu filho, eu esperava muito de ti; minhas esperanças se realizaram.’ Em seguida, disse à esposa: ‘Eu sabia que meu filho tinha vontade e inteligência para vencer.’ Ambos estavam muito satisfeitos, e conversamos sobre assuntos religiosos por longo tempo. Mas, meu *Guru* e sua esposa me deram permissão para sair e retomei minhas meditações no retiro.

“Por essa ocasião, meu *Guru*, que estava em viagem pastoral nas aldeias setentrionais de Uru, realizava certa feita uma cerimônia religiosa numa das casas de Marpa, quando teve uma visão. Nela, as *Ḍākinīs* surgiram e o lembraram de algumas sugestões enigmáticas de seu *Guru* Naropa, as quais, quando formuladas, lhe tinham parecido incompreensíveis, e foram exatamente essas sugestões que as *Ḍākinīs* interpretaram e explicaram. Como resultado, ele se dirigiu à Índia para ver Naropa.

“Então, certa noite, alguns dias depois de meu *Guru* ter retornado ao Vale do Trigo, sonhei que uma mulher de cor azul escuro vestida de sedas e belamente enfeitada com os seis ornamentos de osso, tendo sobranceiras e cílios dourados, surgiu e me disse: ‘Filho, graças à tua contínua aplicação à meditação, obtiveste as Verdades do Grande Símbolo,¹¹ que te permitirão atingir o *Nirvāṇa*. Obtiveste também as Seis Doutrinas.¹² Mas, falta-te o precioso ensinamento do *Drong-*

11. Tib. *Phyag-rgya-ch'en-po* (pron. *Chag-gya-ch'en-po*), sânsc. *Mahā-Mudrā*: “Grande Símbolo”. Trata-se de um dos principais sistemas de meditação *yóguica* da Escola Kargyütpa. A julgar pela tradução inglesa de um texto dessa *Yoga*, em que o Editor e o falecido Lāma trabalharam juntos, em Gangtok, Sikkim, trata-se de um sistema desenvolvido sob influências tibetanas, mas essencialmente indianas na origem.

Para um *yogī* indiano, o *Mahā-Mudrā* denota uma postura *yóguica*, mas aqui, neste sentido tibetano, um estado alcançado por práticas da *Yoga*, graças a qual, como explica o texto de *The Great Symbol*, “se obtém a dádiva suprema do Grande Símbolo ao (...) *Nirvāṇa*”.

12. Tib. *Chos-drug* (pron. *Cho-dug*): “Seis Doutrinas (ou Verdades).” Este, como o Grande Símbolo, é um tratado que expõe a aplicação prática de várias *Yogas*, mais ou menos de origem indiana. Uma antiga cópia de impressão manual do texto tibetano das *Seis Doutrinas*, com tradução inglesa do falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup e do Editor, dá as Seis Doutrinas como sendo as seguintes: (1) *Gtum-mo* (pron. *Tum-mo*): “Ardor Vital” (ou Calor Psíquico), cuja aquisição é necessária para o objetivo do conforto físico no Tibete e, também, como uma força diretriz para o devoto que busca o desenvolvimento espiritual; (2) *Sgyu-lüs* (pron. *Gyu-lü*): “Corpo Ilusório”, um ensinamento graças ao qual o *yogī* compreende que seu próprio corpo é todos os objetos da Natureza, sendo *sangsáricos*, são ilusórios; (3) *Rmi-lam* (pron. *Mi-lam*): “Sonhos”, um ensinamento pelo qual o *yogī* compreende que, como os sonhos, todas as experiências *sangsáricas* são ilusórias, tanto no estado de vigília como no estado do sono; (4) *Hod-gsal* (*Öd-Sal*): “Luz Clara”, definida, no texto, da seguinte maneira: “Está dito que a

jug.¹³ graças ao qual poderás atingir o Budado num instante, e que deves obter.’

“Pensei no sonho e concluí que a mulher era uma *Dākinī*, visto que tinha toda a aparência de uma. No entanto, eu não sabia se a visão era uma intimação das *Dakinīs* para algum próximo evento ou uma tentação de *Mārā*.¹⁴ De qualquer modo, eu estava firmemente convencido de que o meu *Guru*, a Encarnação dos Buddhas, passados, presentes e futuros, certamente me poderia dizê-lo, uma vez que nada havia que não soubesse. Especialmente no que toca ao conhecimento, eu sabia que sua compreensão abarcava toda a extensão do conhecido, desde as Sagradas Verdades acima mencionadas [por meio das quais se obtém o *Nirvāṇa*] até a ciência de remendar louças de barro quebradas. E, se ele tomasse meu sonho como uma revelação premonitória, eu deveria obter o *Drong-jug*. De sorte que saltei o muro rebocado de argila e fui procurar o meu *Guru*. Ele pareceu ficar chocado, e disse: ‘Por que vieste, em vez de permanecer em retiro? Corres o risco de incorrer em algum infortúnio.’ Eu lhe contei o meu sonho e lhe disse que procurava descobrir se se tratava de uma revelação ou de uma tentação; caso fosse a primeira, eu lhe pedia para que me concedesse a ciência revelada. Ele ficou em silêncio por algum tempo e, então, disse: ‘Sim, essa foi uma revelação das *Dākinīs*. Quando eu estava prestes a retornar da Índia, meu *Guru*, o Paṇḍit Naropa, falou desse mesmo *Drong-jug*, mas eu não me lembro de tê-lo obtido. Olharei todos os meus manuscritos indianos e procurarei por ele.’

“Assim, passamos ambos um dia e uma noite rebuscando toda a coleção de manuscritos, à procura do *Drong-jug*. Mas, embora tivéssemos encontrado vários tratados sobre *Pho-wa*,¹⁵ não descobrimos uma única carta sobre *Drong-jug*.

mento imutável, que transcende os fenômenos (ou mente no estado *yóguico* do não-pensamento) – que é a Mesmidade de todas as coisas e inseparável do Vazio, o Último – enquanto vivência a Grande Beatitude que transcende o pensamento, ou Iluminação Extática, é a Luz Clara”; (5) *Bar-do*: “Estado Intermediário”, entre a morte e o renascimento, que ensina ao *yogī* como atravessar a morte e o renascimento sem quebra de consciência; e (6) *Hpho-wa* (pron. *Pho-wa*): “Transferência”, a ciência de transferir voluntariamente, de corpo a corpo, ou de lugar a lugar, o princípio da consciência (cf. pp. 114-15).

13. Trata-se, igualmente, de um compêndio *yóguico*; mas o Editor não teve a oportunidade de estudá-lo.

14. *Mārā* é aqui o Demônio, o Demônio Tentador do Budismo. Assim como o Demônio tentou o Cristo (“O Ungido”) no Deserto, assim *Mārā* tentou o Buddha (“O Iluminado”) sob a Árvore Bo no Budh-Gaya, quando ele estava prestes a atingir a Iluminação.

15. Um texto manuscrito dessa doutrina, mais completo do que o contido nas *Seis Doutrinas*, com tradução inglesa do Editor e do falecido Lâma Kazi Dawa-Samdub, indica que se trata de outro tratado sobre *Yoga* - a *Yoga* de transferir o princípio da consciência do próprio corpo para o de outro (como numa obsessão espiritual), ou, no próprio corpo sutil para qualquer lugar da Terra, ou para qualquer mundo, céu ou inferno do Universo. Segundo a presente passagem, o *Drong-jug* parece ser um tratado *yóguico* de natureza semelhante, exceto pelo fato de que a transferência não é limitada, como no *Pho-wa*, ao Universo (ou *Saṅgśāra*), mas compreende, em seu alcance, o *Nirvāṇa* (que é o Imutável, o Informe, o Incrariado, além do *Saṅgśāra*), por meio do qual a consciência mundana é transmutada na consciência supramundana – não sendo o *Nirvāṇa* um lugar, mas um estado de Perfeita Iluminação. Neste sentido, portanto, o *Pho-wa* trata da transferência *yóguica* da consciência mundana, e o *Drong-jug* trata da transmutação *yóguica* da consciência mundana (ou *sangsārica*) de objetos (da Natureza) na consciência supramundana, graças à qual todas as coisas são entendidas como ilusão (ou *Māyā*). Daí

Disse-me então o *Guru*: 'Ah, o sonho que eu tive em Uru do Norte é igualmente um sinal que me dirige a obter essa mesma obra [sobre *Drong-jug*]. Além disso, não sei de outras obras onde poderia obtê-lo. Portanto, irei à Índia a fim de encontrá-lo.'

"A despeito dos pedidos e das súplicas, apresentando a sua idade como um obstáculo para tão cansativa viagem, meu *Guru* estava resolvido a empreendê-la. Seus discípulos contribuíram liberalmente para as despesas de viagem e, convertidas as oferendas num punhado de ouro, com isso ele se pôs a caminho da Índia, onde chegou exatamente na época do desaparecimento de Naropa.¹⁶ Ele havia decidido sacrificar a própria vida na tentativa de obter um encontro com o seu *Guru*, e vários sinais e augúrios foram por ele interpretados como indícios de bom êxito e da realização da sua vontade.

"Procurando seu *Guru* com ardentes orações, ele por fim o encontrou numa selva e, levando-o ao mosteiro de Phulahari, pediu-lhe a ciência do *Drong-jug*. Perguntou o Santo Naropa a Marpa: 'Tu não a reuniste, ou não recebeste a revelação?' Respondeu Marpa: 'Eu não a recolhi, nem obtive pessoalmente a revelação. Tenho um discípulo de nome Thöpag a quem a revelação foi concedida e foi por essa razão que vim.' 'Excelente', disse Naropa, 'existem, na abençoada terra

a importância que Marpa atribui ao *Drong-jug* e sua insistência em que Milarepa devia obter uma cópia do texto e dominá-lo.

16. Segundo algumas tradições correntes entre os *lāmas* tibetanos, Naropa, por ser um *Yogī* Perfeito, não morreu, mas apenas entrou na forma sutil pela transmutação direta do corpo físico grosseiro. O traslado bíblico do velho profeta judeu, Elias, como se diz simbolicamente, "num carro de fogo", ao Paraíso; e a teoria de que Jesus se ergueu da morte no corpo espiritual, não deixando nenhum cadáver no Túmulo, ilustra a mesma crença, que é corrente entre muitos povos, em todas as épocas históricas. Milarepa morre de modo místico similar, como se verá no capítulo XII. Outras tradições dizem que Naropa ainda está vivo na Índia, sendo um dos Grandes *Siddhas*, isto é, um ser humano que se tornou perfeito na Terra e que, como tal, tendo controlado todos os processos da Natureza, pode viver ou morrer à sua vontade e reencarnar num novo corpo, submetendo-se ao processo do nascimento uterino. A mesma afirmação, quanto ao poder *yóguico* de reencarnar, é feita ao Dalai-Lāma, Rei Deus do Tibete e Papa do Budismo setentrional, e para o seu colega de autoridade espiritual, o Tashi Lāma; sendo o primeiro a encarnação do Protetor Divino Nacional do Tibete, o todo Compasivo, Avalokiteshvara, e o segundo, de Amitābha, o Buddha de Luz Ilimitada.

Um notável exemplo da reencarnação consciente, que o Editor acredita ser digno pelo menos de um crédito provisório, é atualmente exibido pelo menino burmês Maung Tun Kyaing, de quem o Editor possui um retrato. De acordo com um relato fidedigno, Maung Tun Kyaing é capaz, sem ter sido educado nesta existência, de proferir doutos discursos sobre as metafísicas mais abstrusas do Budismo e de ler e corrigir os erros dos clássicos birmaneses e pális, e de recordar sua encarnação imediatamente anterior à atual, quando foi o chefe do Mosteiro Yunkyaung, próximo a Pantanaw, Birmânia, com o nome de U. Pandissa. Conta-se que atualmente ele tem pregado a multidões imensas por toda a Birmânia.

Sj. Atal Bihari Ghosh conta-me que Trailanga Swāmī, que morreu recentemente, é conhecido por ter vivido em Benares muito antes da chegada dos ingleses à Índia. Os *paṇḍits* eruditos procuravam regularmente a ajuda do Swāmī em seus inúmeros problemas religiosos, mas nenhum deles viveu o bastante para se lembrar de quando foi que ele apareceu pela primeira vez na Cidade Sagrada. Govinda-Bhagavat-Pādāchārya, o *Guru* de Shangkarāchārya, o grande expositor monista do Vedānta, conforme se acredita, ainda estaria vivo. A fama desse *Guru* repousa não apenas sobre a sua profunda compreensão da filosofia Vedantina, mas sobre o seu conhecimento da química cujas obras mais notáveis estão agora sendo trazidas à luz.

do Tibete, alguns brilhantes espíritos, como o Sol que ilumina os picos das montanhas.’

“Conta-se que Naropa, juntando as mãos numa prece, cantou o seguinte hino:

“ ‘Nas sombrias regiões do Norte,
Como o Sol que ilumina os picos das montanhas,
Reside aquele que se chama Thöpagā;
Obediência a esse Grande Ser.’

“Então Naropa fechou os olhos reverentemente e inclinou três vezes a cabeça na direção do Tibete, e todos os picos das montanhas indianas e todas as árvores também se inclinaram três vezes na direção do Tibete. Conta-se que até hoje os picos das montanhas e as copas das árvores em torno de Phulahari se inclinam para o Tibete.¹⁷

“Tendo transmitido todo o *Tantra Murmurado ao Ouvido das Dākinīs*,¹⁸ o Santo Naropa interpretou certos augúrios como prenúncios de futuros eventos. O modo da reverência de Marpa, por exemplo, prenunciou uma ausência de filhos para ele, mas predisse a continuidade perpétua da Hierarquia por meu intermédio; e depois de Marpa ter retornado ao Tibete ele perdeu seu filho, Darma-Doday, assim como havia sido predito na cerimônia premonitória de sua reverência.

“No aniversário da morte de seu filho, após o término da cerimônia comemorativa, quando Marpa se sentou em meio à assembléia de todos os seus discípulos, estes se dirigiram a ele em uníssono, expondo-lhe a sua avançada idade e a infeliz perda de seu abençoado filho, que era a própria encarnação dos Buddhas do passado, do presente e do futuro, e que, tivesse ele vivido, constituir-se-ia num digno sucessor. Disseram eles: ‘Devemos, em primeiro lugar, considerar o melhor método para tornar a nossa Hierarquia Kargyütpa tão duradoura e eminente quanto possível. Pedimos-te também que tenhas a bondade de dar instruções especiais a cada um de nós, teus *shishyas*, no que respeita aos ramos particulares da doutrina que cada um deverá adotar e às linhas particulares de prática que cada um deverá seguir.’¹⁹ Disse o *Guru*: ‘Eu, o discípulo espiritual do Grande Paṇḍit Naropa, confio nas instruções ocultas, por augúrios e sonhos. A Hierarquia Kargyütpa tem as bênçãos do Santo Naropa. Ide, meus principais *shishyas*, aguardai vossos sonhos e contai-os a mim.’

“Assim fazendo, os discípulos principais concentraram suas mentes em seus sonhos e relataram os resultados. Todos ou quase todos foram mais ou menos

17. Trata-se obviamente duma lenda popular para explicar os fenômenos naturais da região de Phulahari: a inclinação das montanhas e a obliquidade das árvores, causadas pela direção dos ventos principais.

18. Texto: *Mkah-gro-nyen-rgyud* (pron. *Kah-gro-Nyen-Gyüd*), sâncs. *Dākinī Karṇa Tantra*, que significa *Tantra Sussurrado à Orelha* (i.e., Esotérico) *das* (ou *inspirado pelas*) *Dākinīs*. A vulgar pela fonte e pela maneira de transmissão a Marpa, parece tratar-se do mais esotérico dos ensinamentos oralmente transmitidos, preservados pelos Iniciados Kargyütpa.

19. É dever do *Guru* estabelecer para cada um de seus *shishyas* o caminho de desenvolvimento espiritual que lhe é mais adequado; um *shishya* num caminho e outro num outro caminho, de acordo com a percepção do *Guru* da tendência inata de cada um (cf. pp. 114-16).

bons, mas nenhum deles continha revelações sobre o futuro da Hierarquia. Eu, contudo, sonhei com quatro grandes pilares, que relatei ao *Guru* nos seguintes versos:

“ ‘Obediente à ordem de Dorje-Chang,
Vou narrar o sonho desta noite
Exatamente como ocorreu;
Dá-me tua atenção [ó *Guru*] por um momento.

“ ‘Nas amplas regiões do Norte do Mundo,
Sonhei que havia uma grande montanha
Cujo pico tocava o próprio céu.
Em torno desse pico giravam o Sol e a Lua,
E seus raios iluminavam o céu acima.
A base da montanha cobria a Terra;
De seus quadrantes fluíam quatro correntes perenes,
Aplacando a sede de todos os seres sencientes.
Suas águas caíam num oceano profundo,
E em suas costas floresciam variegadas flores. ‘
Tal era o sentido geral de meu sonho,
Que ao meu *Guru*, o Buddha Eterno,²⁰ eu narrei.

“ ‘A Leste dessa gloriosa montanha,
Havia um alto pilar com que sonhei.
No topo do pilar esbravejava um leão;
A juba do leão era luxuriante,
Suas quatro patas arranhavam a montanha,
E seus olhos olhavam para o céu.
[Então] sobre as montanhas o leão rugiu.
Isto ao meu *Guru*, o Buddha Eterno, eu narrei.

“ ‘Ao Sul [da montanha] havia um alto pilar;
No topo do pilar uma poderosa tigresa rugia;
As listras da tigresa eram belas,
As listras internas eram tríplices e arrojadas,
As quatro patas arranhavam as selvas,
E seus olhos olhavam para o céu.
[Então] a tigresa rugiu por entre as selvas
E chegou aos bosques e à planície.
Isto ao meu *Guru*, o Buddha Eterno, eu narrei.

“ ‘A Oeste [da montanha] havia um alto pilar;
Sobre o topo do pilar voava uma águia;
As asas da águia estavam totalmente abertas,

20. Ou o “Buddha dos Três Tempos (o Passado, o Presente e o Futuro)”.

O bico da águia arranhava os céus.
Os olhos da águia contemplavam as alturas;
Então ela voou para cima, no céu azul.
Isto, ao meu *Guru*, o Buddha Eterno, eu narrei.

“ ‘Ao Norte [da montanha] havia outro pilar;
Sobre o topo do pilar pairava um negro abutre;
As asas do abutre estavam abertas,
E sobre uma rocha pousava o seu ninho,
No qual eu vi pousado um filhote,
E o céu estava repleto de aves menores.
O abutre voltou os olhos para o céu,
E, depois, planou para as regiões superiores.
Isto ao meu *Guru*, o Buddha Eterno, eu narrei.

“ ‘Julgando tais sinais como auspiciosos,
Presságios de feitos bons e virtuosos,
Enchi-me de feliz êxtase;
Eu te peço, revela-nos o seu sentido.’

“Quando terminei de contar meu sonho, o *Guru* ficou muito contente, e disse: ‘O sonho é excelente.’ Então, dirigindo-se à esposa, disse: ‘Damema, prepara um grande banquete.’ Quando o banquete ficou pronto, todos os pupilos e discípulos foram convidados a participar. O *Guru* tomou então a palavra e disse: ‘Mila-Dorje-Gyaltzen²¹ teve tal e tal sonho, que é um excelente sinal.’ Os discípulos principais pediram-lhe para interpretar o sonho e desenredar os misteriosos sinais. Então, o nosso santo *Guru*, o Grande *Avatāra* e Tradutor, cantou de improviso a interpretação do sonho, vaticinando o futuro destino da Hierarquia Kargyütpa a seus discípulos:

“ ‘Ó Senhor, Refúgio de todos os Seres Sencientes, Tu, o Eterno Buddha,
Ó Santo Naropa, eu me curvo aos Teus Pés.

“ ‘Ó meus *shishyas*, aqui reunidos,
Prestai atenção ao sentido desse maravilhoso e profético sonho,
Que vou agora interpretar.

“ ‘As amplas regiões do Norte do Mundo
Simbolizam a Fé budista triunfando no Tibete.
A magnífica montanha significa a seita Kargyütpa,
Fundada por meu velho eu, Marpa o Tradutor,
E por meus seguidores e por toda a Hierarquia.
O pico da montanha que toca os céus

21. Aqui Milarepa é chamado pelo nome familiar de Gyaltzen, de acordo com o nome de seu pai, Mila-Sherab-Gyaltzen.

Simboliza nosso Objetivo Imaculado;
 O Sol e a Lua que giram sobre a montanha
 Estão repletos de Luz e Amor;
 Os raios que iluminam os céus acima
 São a Graça que ilumina a Ignorância;
 A base da montanha que cobre a Terra
 Mostra como nossos feitos encherão o Mundo;
 As quatro correntes oriundas dos quatro lados
 Simbolizam os Ritos de Iniciação e as Verdades;
 As águas que aplacam a sede de todos os seres
 Pressagiam que todas as coisas vivas serão aprimoradas e salvas;²²
 As Águas que caem no Oceano Profundo
 São a bênção do Interior por meio da Luz Exterior;²³
 As diversas flores que brotam nas encostas
 São o Fruto Imaculado, as Verdades Realizadas.
 Ó meus *shishyas*, aqui reunidos,
 Todo o sonho é bom, não mau.

“O grande pilar a Leste da grande montanha”
 É *Tsurtön-Wang-gay*, de Döl,
 O leão que ruge no topo do pilar
 Mostra que Tsurtön possui natureza leonina;
 A juba luxuriante do leão mostra de que modo
 Está ele imbuído das Verdades Místicas;
 As quatro patas do leão que arranham a montanha
 Indicam que ele está dotado dos quatro infinitos motivos;
 Os olhos do leão voltados para o céu

22. É assim que o Budismo, ao ensinar que toda coisa viva atingirá, por fim, a Iluminação, repudia a doutrina semita da Danação Eterna; todo sofrimento kármico, mesmo no Inferno, deve seguir seu curso e terminar. Nada que pertence ao *Sangsāra*; sejam os mundos, os infernos ou os céus, ou seja a vida neles, é permanente — tudo está sujeito à mudança, ao declínio e à dissolução, mesmo o *Brahmā* e todos os Deuses; e o Mal deve, finalmente, ser transmutado ou absorvido pelo Bem.

23. Tib. *Chōs-nyid-ma-bu*, sânsc. *Dharmatā-Māṭṛi-Putra*: “Mãe” e “Realidade da Mãe e da Prole”, ou “Luz Interna e Externa”. A Realidade (ou Verdade, ou Luz) da Prole é a que se realiza neste mundo por meio da prática da profunda meditação (sânsc. *Dhyāna*). A Realidade da Mãe é a Verdade Primordial, experimentada apenas depois da morte, no Estado Intermediário (ou *Bar-do*) no momento em que o princípio da consciência deixa o corpo, e antes que as propensões kármicas tenham começado a irromper na atividade. Há, então, momentaneamente, um lampejo de Realidade, da Consciência Total *Supramundana*, num estado de quietude da mente primordial ou imutável — um pré-estado de *Nirvāṇa*. Numerosos são os relatos de grandes santos e videntes, em várias épocas e terras e de muitos credos e raças, que ao morrerem viram essa Luz, a qual chamam de Luz dos Deuses, e os cristãos, a Luz de Cristo, ou ainda, os budistas, a Luz da Verdade. Se, quando a Luz Interna e Externa assim desponta na compensação, o ser perceptivo tem o poder *yóguico* de se prender firmemente à experiência transcendental — e normalmente ele não o tem — estando cortados todos os vínculos kármicos do *ser sangsārico*, a Iluminação Completa do Budado é alcançada.

Mostram que ele deu adeus à vida *sangsárica*;
O rugido do leão sobre as altas montanhas
Indica que ele obteve os Reinos da Liberdade.
Ó meus *shishyas* aqui reunidos,
O sonho referente ao Leste é bom, não mau.

“ ‘O grande pilar ao Sul da grande montanha
É Ngogdun-Chudor, de Zhung;
A tigresa que ruge no topo do pilar
Mostra que ele possui natureza tigrina;
As listras belas e bem-definidas
Mostram que ele está imbuído das Verdades Místicas;
As faixas tríplices que a tigresa apresenta
Mostram que ele realizou em si mesmo a Trindade;
As quatro patas que arranham as selvas profundas
Mostram que ele cumprirá os Quatro Deveres;²⁴
Os olhos da tigresa voltados para o céu
Mostram que ele deu adeus à vida *sangsárica*;
A tigresa que ruge livremente pelas selvas
Mostra que ele atingiu a Salvação;
A tigresa que atravessa os bosques e a planície
Mostra que sua Hierarquia prosseguirá através de sua progênie.
Ó meus *shishyas* aqui reunidos,
O sonho relativo ao Sul é bom, não mau.

“ ‘O grande pilar a Oeste da grande montanha
É Meton-Tsönpo, de Tsang-rong;
A águia que voa acima do topo do pilar
Mostra que ele possui uma natureza aquilina;
As asas da águia totalmente abertas
Mostram que ele está imbuído das Verdades Místicas;
O bico da águia que arranha o céu
Mostra que ele ultrapassou as armadilhas da meditação;²⁵
Os olhos da águia voltados para o céu
Mostram que ele deu adeus à vida *sangsárica*;
O vôo da águia no céu azul
Mostra que ele passou aos Reinos da Liberdade.
Ó meus *shishyas* aqui reunidos,
O sonho relativo ao Leste é bom, não mau.

“ ‘O grande pilar ao Norte da montanha
É Mila-Repa, de Gungthang;

24. Ver p. 29, n. 17.

25. Isto é, os perigos físicos e psíquicos, bem como os numerosos impedimentos ou tentações que acompanham a prática da meditação, ou *Yoga*.

O abutre que voa acima do topo do pilar
 Mostra que ele possui uma natureza vulturina;
 As asas do abutre totalmente abertas
 Mostram que ele está imbuído das Verdades Místicas;
 O ninho do abutre pousado numa rocha
 Mostra que sua vida é tão dura quanto a rocha;
 O nascimento de um novo abutre
 Mostra que ele terá um filho espiritual imaculado;
 Os pássaros pequenos que enchem os céus
 Mostram a difusão da seita Kargyütpa;
 O abutre que contempla o céu
 Mostra que ele deu adeus à vida *sangsárica*;
 O vôo do abutre nas altas regiões
 Mostra que ele atingiu os Reinos da Liberdade.
 Ó meus *shishyas* aqui reunidos,
 O sonho relativo ao Norte é excelente.

“O dever de minha vida está cumprido;
 Meu manto agora recai sobre vós.
 E se minhas palavras forem proféticas,
 Então a Hierarquia Kargyütpa alcançará
 A preeminência e um glorioso crescimento.”

“Tendo o *Guru* pronunciado essas proféticas palavras, cada um dos *shishyas* ficou cheio de alegria. Ele, então, lhes abriu seus tesouros de livros e os rolos religiosos das Verdades e Ciências Místicas. De dia, ele lhes deu instruções, por meio de exposições, palestras e sermões; à noite, encorajou-os à meditação. Assim, todos fizeram bons progressos no desenvolvimento espiritual.

“Certa noite, durante um Rito Iniciático especial de *Yüm* (Texto Mãe), o Lāma pensava ter descoberto, com a ajuda de sua clarividência, quais linhas particulares de estudos e de verdades eram as mais adequadas a cada um de seus quatro principais discípulos, de modo que lhes pôde dar os textos das Escrituras que lhes seriam mais úteis. Resolveu, então, observar os augúrios da aurora. Na alvorada do dia seguinte, ele olhou para todos os principais discípulos com a sua visão clarividente. Ele viu Ngogdun-Chudor, de Zhung, ocupado em explicar e elucidar os rituais de *Gaypa-Dorje*.²⁶ Tsurtön-Wang-gay, de Döl, ocupava-se em meditar sobre o *Pho-wa* (Transferência — do Princípio da Consciência); Metön-Tsönpo, de Tsang-rong, ocupava-se em meditar sobre *Öd-Sal* (Luz Clara),²⁷ e eu próprio fui visto meditando sobre *Tüm-mo* (a ciência de gerar o Calor Vital).²⁸

26. Ver p. 80, n. 11.

27. Ver p. 106, n. 12.

28. *Ibid.* Além do calor físico resultante, esta prática *yôguica* também produz efeitos psíquicos notáveis e, assim, assiste grandemente o *yogī* tibetano, na meditação solitária.

“Assim compreendeu ele ocultamente a aptidão inata de cada um de seus principais discípulos para dominar determinada linha de estudo, que viria a ser a mais proveitosa para cada um deles, e na qual ele os deveria iniciar.

“Desse modo, ele conferiu a cada um de nós os seus últimos e melhores ensinamentos. Ao Lâma Ngogpa deu o texto que explica categoricamente o *Gyüd* (*Tantras*), de acordo com os quatro métodos e os seis objetivos, que tornam as explicações tão claras e metódicas que se pode dizer que se assemelham a pérolas enfiadas num fio. Ele lhe deu também os seis ornamentos, a colher sacrificial e o rosário de rubis que eram originalmente de Naropa, juntamente com os comentários sobre os textos já dados e o exortou a servir ao objetivo universal, pregando a todos os seres sencientes.

“A Tsurtön-Wang-gay, de Döl, Marpa deu o texto sobre *Pho-wa* (Transferência — do Princípio da Consciência), que é comparável a um pássaro que escapa de uma clarabóia,²⁹ a cuja oferenda acrescentou as relíquias do cabelo, das unhas e das pílulas medicinais de Naropa,³⁰ os chapéus rituais, ilustrados com pinturas dos Cinco Dhyānīs Buddhas³¹ e a injunção à prática do *Pho-wa*.

“A Metön-Tsönpo, de Tsang-rong, ele deu um texto sobre *Öd-Sal* (Luz Clara), a qual é semelhante a uma lâmpada acesa que ilumina as trevas da noite,³² juntamente com o cetro lamaico (*dorje*), o sino, o pequeno tambor duplo (*damaru*) e a taça de libação de concha de ostra, de Naropa, com a exortação de que ele deveria tomar o caminho do *Bar-do* (o Estado Intermediário — entre a morte e o renascimento).

“A mim, Marpa deu um texto sobre *Tüm-mo* (a ciência de gerar o Calor Vital), que é semelhante a um feixe flamejante, juntamente com o chapéu de

29. A clarabóia aberta é o Orifício de Brahmā (sâns. *Brahma-randhra*), que se situa no topo da cabeça, na sutura sagital onde se articulam os dois ossos parietais e que se abre por meio da prática *yóguica* do *Pho-wa*. O pássaro que sai por esse orifício é o princípio da consciência, pois é através dele que o princípio da consciência deixa o corpo, seja permanentemente na morte, seja temporariamente durante a prática do *Pho-wa*, ou Transferência do princípio da consciência. O processo é parte do *Kuṇḍalinī Yoga* (ver p. 27, n. 9).

30. Não se trata de pílulas para curar doenças carnis, mas de pílulas que foram compostas ocultamente, e foram impregnadas psiquicamente de virtude por Naropa, para a cura da Ignorância (*Avidyā*) — a Causa da Morte e do Renascimento. Seus ingredientes, que são mantidos em segredo junto aos leigos, são geralmente especiarias e drogas, de tal modo compostas por um Santo Lâma que se acredita estarem elas *yogicamente* carregadas pelas suas radiações de graça e suas bênçãos áuricas, sendo portanto capazes de comunicar tais virtudes ao paciente. O Editor possui um tratado escrito em língua tibetana, com tradução inglesa, que dá uma receita para manufaturar essas pílulas espiritualmente potentes que ainda são feitas e vendidas pelos *lâmas* — até mesmo pelo próprio Dalai Lâma (cf. p. 193, n. 26).

31. Esse chapéu consiste em cinco peças — geralmente de espesso papel de manuscrito tibetano na forma de uma péra pontuda — estando pintada, em cada uma, a imagem de um dos Cinco Dhyānī Buddhas, e sendo, amiúde, iluminadas com ouro e prata. Com as pontas voltadas para cima, as peças são presas em conjunto lateralmente, de modo a formar uma faixa circular que adorna a cabeça, deixando o topo dela descoberto; quando usada, assemelha-se a uma esplêndida coroa.

32. Isto é, a experiência da Luz Clara implica um estado extático, no qual as trevas da Ignorância (*Avidyā*), que é a “treva da noite”, são iluminadas — num vislumbre de super-consciência do *Nirvāṇa*, ou Iluminação.

Maitrī³³ e a veste de Naropa, e me ordenou que meditasse em vários retiros — nos picos das montanhas, nas cavernas e nos desertos.

“Então, diante de uma vasta assembléia de discípulos, Marpa, dirigindo-se em especial aos quatro discípulos nomeados, disse: ‘Dei a cada um de vós os Textos e os Ramos da Verdade com os quais encontrareis grandes benefícios e vaticino que esses mesmos Ensinamentos se adaptarão perfeitamente aos seguidores de cada um de vós. Perdi meu filho, Doday-Bum. Por isso, confio a vós todo o volume de meus textos e relíquias sagradas da seita Kargyütpa. Oxalá possais mostrar-vos devotos guardiões da Fé, para que ela floresça e se expanda.’ Em seguida, três dos principais discípulos partiram, cada qual para o seu próprio país.

“A mim ele disse: ‘Quanto a ti, fica mais alguns anos comigo. Tenho muitos outros Ensinamentos e Iniciações para te dar; além disso, tua compreensão desenvolver-se-á adequadamente na presença de teu *Guru*.’

“Assim, de acordo com a ordem de Marpa, fechei-me em retiro na *Zang-phug* (Caverna de Cobre) — uma caverna profetizada por Naropa. O *Guru* e sua esposa sempre me enviavam uma porção do alimento que utilizavam assim como uma parte das oferendas de toda cerimônia religiosa — por menor que fosse — por eles celebrada.

“Desse modo, passei o meu tempo em jubilosa meditação, desenvolvendo a minha compreensão na presença de meu *Guru* por alguns anos, até que os brotos da Sabedoria Espiritual germinaram em meu coração.”

Tal é a Quarta Ação Meritória de Milarepa.

33. O chapéu utilizado pelos *yogīs* Kargyütpa em ocasiões cerimoniais simboliza essa relíquia, ou seja, o chapéu original do grande *Yogī* indiano Maitrī, que traz uma marca mística semelhante à Cruz de Santo André (X).

CAPÍTULO VIII

A SEPARAÇÃO DO GURU

Narrativa de Como Jetsün, Guiado por um Sonho, Deixou Seu Eremitério e, Dirigindo-se ao Seu Guru, Obteve Permissão Para Visitar Tsa, o Local de Nascimento de Jetsün; das Instruções e Conselhos Finais do Guru; da Dolorosa Separação; e de Como Jetsün Alcançou Tsa.

Rechung perguntou, então, a Jetsün: “O que te levou a separar-te de Marpa? Quantos anos ficaste em retiro?”

Disse Jetsün: “Eu não fiquei em retiro por muitos anos e as circunstâncias que me levaram a retornar ao lar foram as seguintes: Enquanto estava em retiro, fiz progressos satisfatórios. Normalmente, eu jamais dormia, mas, uma manhã, ocorreu que eu dormira por muito tempo e tive um sonho. Este sonho mostrava que a minha casa, chamada ‘Quatro Colunas e Oito Pilares’, estava em condições tão deploráveis que parecia corroída pelo tempo. Os livros das Escrituras pareciam arruinados. O campo chamado ‘Triângulo de Worma’ parecia estar coberto de erva daninha. Minha mãe estava morta e minha única irmã vagava, sem amigos, pelo mundo. A dor que senti por não ter visto minha mãe desde nossa separação, ocorrida sob as infelizes condições anteriormente relatadas, tantos anos atrás, foi de partir o coração, e assim eu chamava pelos nomes de minha mãe e de minha irmã, chorando amargamente. Ao despertar, percebi que minha almofada estava ensopada com minhas lágrimas. Quando tentei pensar, o desejo de ver minha mãe apenas cresceu mais e mais. Eu não podia deixar de chorar novamente e decidi-me, então, a procurar minha velha mãe, uma vez mais, por todos os meios possíveis.

“Ao amanhecer, demolindo o muro que me cercava em meu retiro, fui me despedir de meu *Guru*. Quando o encontrei, ele estava profundamente adormecido, mas sentando-me perto da ponta de seu leito, cantei dócil e mansamente esta súplica:

“ ‘Ó Senhor Compassivo, Imutável,
Deixa-me voltar como um mendigo.
Da inóspita terra de Tsa,
Uma família de três membros, mortificada por parentes hostis,
Há muitos anos se separou;
Não posso mais suportar a dor da separação.
Deixa-me ver minha mãe só mais esta vez,
E logo voltarei.’ ”

“Assim que terminei este apelo, o *Guru* despertou. Os raios do Sol caíram por uma fresta sobre a sua almofada e, como um halo de glória, iluminaram sua

venerável cabeça; ao mesmo tempo, sua esposa trouxe o desjejum. Esses três eventos ocorreram simultaneamente; eles eram uma combinação dos eventos com os quais os futuros acontecimentos estiveram inseparavelmente relacionados. Meu *Guru* disse-me então: ‘Meu filho, como ousaste deixar o retiro tão subitamente? Por que corres o risco de seres possuído pelo Demônio (Mārā)? Incorreste também em grande perigo pessoal. Volta, imediatamente, ao teu retiro!’ Mas contei-lhe novamente o que havia sonhado, nos seguintes versos:

“ Ó Senhor Compassivo, Imutável,
Permite que este mendicante veja apenas mais uma vez
A sua casa no triste vale de Tsa.
Embora não reste mais nenhuma riqueza,
Há ainda estes bens que causam apreensão:
Minha casa, de nome “Quatro Colunas e Oito Pilares”;
Eu gostaria de ver se ela está em ruínas.
Minha biblioteca de Escrituras Sagradas;
Eu gostaria de ver se ela está em ruínas ou não.
Meu conhecido campo, o “Triângulo de Worma”;
Eu gostaria de ver se está coberto de ervas daninhas ou não.
Minha mãe, o vaso que susteve minha forma;
Eu gostaria de ver se ainda vive com saúde.
Minha única irmã, Peta Gönkyit;
Eu gostaria de saber se ela se perdeu ou não.
Minha Zesay, que me foi dada em casamento na juventude;
Eu gostaria de saber se ela está pronta para casar.
Meu vizinho e meu tio, Yung-gyal;
Eu gostaria de ver se ainda vive.
Minha cruel tia, o Tigre-Demônio;
Eu gostaria de ver se já morreu ou não.
Meu pastor familiar, Kungchog-Lhabum;
Eu gostaria de saber se ele vive ou não.
E mais do que tudo, minha querida e velha mãe;
Desejo vê-la, ansiosamente.
A angústia tornou-se agora intolerável;
Portanto, eu Te peço, ó Senhor,
Deixa-me ir só esta vez,
E logo voltarei.’

“Replicou, então, o *Guru*: ‘Meu filho, quando vieste aqui pela primeira vez, disseste que não tinhas nenhum motivo para suspirar por teus parentes ou por tua casa, mas agora suspiras por muitas coisas. Mesmo que vás, não é provável que encontres tua mãe com vida e, quanto aos outros, não podes esperar encontrar qualquer um deles com boa saúde. Passaste muitos anos em Ü e Tsang e ficaste aqui também por um bom tempo. Mas, se desejas ir, eu te dou a permissão. Se pensas em voltar para cá, saibas que o fato de me teres encontrado adormecido, quando vieste me ver, é um augúrio de que não nos veremos novamente nesta vida. Mas os raios do Sol nascente que brilham sobre a minha morada assinalam que serás

uma luz brilhante entre as hierarquias budistas e que glorificarás a Fé. E os raios do Sol aureolando minha cabeça constituem um sinal de que esta seita de Kargyütpas meditativos florescerá e se espalhará por toda parte. Além disso, o fato de Damema ter trazido o jejum neste exato momento mostra que serás mantido com alimento espiritual. Agora, devo deixar-te partir. Damema, enfeita o altar com oferendas.’

“Meu Mestre pôs-se ele mesmo a preparar o diagrama da *Maṇḍala*, enquanto sua esposa enfeitava o altar. Depois, tendo me concedido as últimas e supremas Iniciações, os Mistérios dos Símbolos do Sonho¹ e os Tantras sussurrados na orelha do *shishya* pelo *Guru*,² disse: Presta atenção: só a ti eu concedo estes Textos, Mistérios e Iniciações, pois que assim o ordenou meu Senhor Naropa. Tu, por tua vez, os passarás aos discípulos que as Divindades indicarem. E eu te ordeno a concedê-los, com a condição de que eles sejam passados de *guru* a *shishya* por treze gerações. Se essas Verdades forem reveladas por vaidades mundanas ou por adulação, as Divindades mostrarão seu desagrado e terrível será o efeito; portanto, guarda-as com o máximo cuidado. Se qualquer *shishya* manifestar uma aptidão inata para receber essas Verdades, faz com que as receba,³ mesmo que ele não possa apresentar qualquer riqueza mundana como oferenda. Cuida com especial atenção desses *shishyas*, guarda-os e vela por eles; desenvolve-os; faze-os aumentar a glória da Fé. O método adotado por Tilopa, ao disciplinar Naropa, e por mim, ao te converter, não será adequado aos seres degenerados do futuro, que serão acanhados de coração e incapazes de entender a mais sublime das Verdades. Por isso, tem cuidado ao adotar esse método de instrução.

“Na Índia existem nove textos dessa espécie, que, embora em condições um tanto mais luminosas do que estes, estão às vezes vinculados a eles. Eu te dei quatro desses textos. Mas há ainda cinco a serem obtidos na Índia; um dos meus discípulos viajará à Índia e os obterá de um dos discípulos dos outros discípulos de Naropa. Tu também debes tentar obtê-los; eles são, sem dúvida, de muita utilidade para todos os homens. E se pensas que por seres incapaz de me oferecer bens mundanos eu ainda posso ter outros textos que escondi de ti, tira esse pensamento da cabeça, pois não são as vaidades mundanas que me satisfazem. Muito

1. Conforme referência do Tratado sobre as *Seis Doutrinas*; ver p. 106, n. 12. Existe também um sistema de *Yoga* por meio do qual o *yogī* é instruído sobre o modo como entrar por vontade própria em estado onírico, a fim de explorar cientificamente suas características quando comparado com o estado de vigília, e depois retornar ao estado de vigília, sem romper o fluxo da consciência normal. Compreende-se dessa forma a natureza ilusória de ambos os estados. A prática também capacita, a quem a domina, a morrer e renascer sem perda da memória — sendo a morte a entrada num estado onírico, e o nascimento, o despertar.

2. Isto é, os ensinamentos esotéricos (ou “sussurrados ao ouvido”), que jamais são confiados por escrito, sendo comunicados oralmente de *Guru* a *shishya*.

3. “No *Nityāśhodashikārṇava Tantra* (IV. 4) registra-se o seguinte preceito paralelo: ‘Que a feição, a cobiça ou o medo não te induzam a revelar o Grande Mistério ao indigno. Revela-o apenas a quem é digno.’ A *Shruti* (os Textos Védicos) prescrevem igualmente o silêncio no que diz respeito ao *Brahmavidyā* (o conhecimento do Supremo Brahṁā).” (Sj. Atal Bihari Ghosh.)

mais me alegro com tua sincera devoção e energia. Por isso, ergue bem alto a Bandeira da Zelosa Devoção e da Meditação.⁴

“Eu te conferi as Verdades Supremas, Místicas e Sussurradas aos Ouvidos, tal como as revelaram as Divindades e a mim foram transmitidas por meu Senhor Naropa. A nenhum outro discípulo eu as comuniquei, nem mesmo ao melhor deles. Mas a ti eu as entreguei de modo perfeito e completo, como uma vasilha cheia até a borda.”

“Ele então invocou as Divindades Tutelares para testemunharem a verdade dessas afirmações.

“Tendo terminado esse comovente discurso, o *Guru* entoou a seguinte canção, de improviso:

“ ‘Obediência! Adoração ao Amável e Gracioso Senhor!
A meditação sobre os Seus Atos constitui em si um texto sagrado.’⁵

“ ‘O desejo em excesso provoca confusão mental;
[Por isso] guarda em teu coração [estes] sábios preceitos:
Muitos ‘Issos’ *aparentes* não são o ‘Isso’;
Muitas árvores não dão nenhum Fruto;
Todas as Ciências não constituem a Verdadeira Sabedoria;
Adquiri-las não é adquirir a Verdade.
Falar em excesso é de pouco proveito.

“ ‘O que enriquece o coração é a Riqueza Sagrada;
Desejas a tua riqueza? Então guarda isto:
A Doutrina que subjuga as paixões desprezíveis é o Nobre Caminho;
Desejas um caminho seguro? Trilha então este.
Um coração satisfeito é o rei mais nobre;
Desejas um nobre mestre? Busca então este.

“ ‘Abandona o mundo de prantos e de dores.
Faz das cavernas solitárias a tua casa paterna,
E da solidão o teu paraíso.
Que o Pensamento que cavalga o Pensamento seja o teu incansável corcel,
E teu corpo, o teu templo repleto de deuses,
E a devoção incessante, a melhor das drogas.

“ ‘A ti, ó enérgico, conferi
O Ensino que contém toda a Sabedoria;
Tua fé, o Ensino, e eu mesmo somos uma mesma coisa.

4. Literalmente, “Bandeira de *Sādhana*”.

5. A prece de Marpa é dirigida ao seu próprio *Guru* Naropa; ao passo que a de Milarepa é dirigida ao seu *Guru*, Marpa. Todo *Guru* é visualizado como sendo um Ser Divino.

E possa esta Perfeita Semente da Verdade, confiada assim ao meu filho,
Produzir sua folhagem e seu fruto,
Sem corrupção, sem dispersão, sem fenecimento.⁶

“Tendo assim cantado, o *Guru* colocou sua mão sobre a minha cabeça e disse: ‘Meu filho, a tua partida dilacera o meu coração, mas como todas as coisas compostas estão sujeitas à dissolução, não há esperança para elas. No entanto, fica mais alguns dias; examina os teus textos e se encontrares ambigüidade neles, esclarece-os.’ Obedeci e, durante esta permanência, minhas dúvidas no tocante aos textos foram esclarecidas.

“Então, o *Guru* ordenou que sua esposa enfeitasse o altar com oferendas para uma cerimônia, o que ela fez em grande escala, depondo oferendas para as Divindades Tutelares, bolos sacrificais para as *Dākinīs* e um esplêndido banquete para a irmandade. Durante a assembléia, meu *Guru* se mostrou na forma de Gaypa-Dorje, e também em várias outras formas divinas, com os diversos utensílios associados a essas Divindades, tais como *dorjes*, sinos, rodas, gemas, lótus, espadas e todos os outros. Ele também mostrou as letras [mântricas] místicas *Ōm*, *Ah*, *Hūm*, em diferentes cores. Após ter manifestado esses sinais de um Mestre das Ciências Ocultas, disse: ‘Esses são os chamados poderes psicofísicos, que jamais devem ser exibidos por simples bravata; eu os exibi como meu presente de partida para ti, Milarepa.’

“Vi assim que meu *Guru* era tão infalível quanto o Próprio Buddha; muito me alegrei por isso e resolvi imitá-lo e obter os poderes ocultos de igual natureza.

“Perguntou-me, então, o *Guru*: ‘Filho, tu viste e acreditas?’ Respondi: ‘Sim, ó Senhor e *Guru*, é impossível não acreditar; eu Te imitarei em devoção até obter esses poderes.’

“Ele respondeu: ‘Muito bem, meu filho. Estás agora pronto para partir, pois te mostrei a natureza ilusória de todas as coisas existentes. Compreende este fato, buscando refúgio nos recessos montanhosos, nas cavernas solitárias e nas solidões dos desertos. Dentre os recessos montanhosos, aquele conhecido como Gyalgyi-Shrī-La (Santa Montanha das Gloriosas Solidões) foi abençoado pelos pés de muitos grandes santos e *yogīs* indianos, ao passo que o Pico Tisé (Monte Kailāsa) foi mencionado pelo Próprio Senhor Buddha como a Grande Montanha, a morada de Dēnchog (Shamvara), e como um local apropriado para a meditação. Deves meditar aí. O Lapchi-Kang é o mais sagrado de todos os Vinte e Quatro Locais de Peregrinação, sendo o Godavari das Escrituras. E Riwo-Palbar e Yölmo-Kangra, no Nepal, são mencionados no *Lalita-Vistara*. Medita aí. Chūbar, em Brin (Drin), é um local consagrado às *Dākinīs*, e qualquer caverna solitária, com lenha e água à mão, será um local adequado para se meditar e se elevar a Bandeira da Devoção. Devi-kot e Tsari, próximos um do outro, ficam a Leste, mas ainda não chegou o tempo de sua abertura. Um discípulo de tua sucessão abrirá esses sagrados locais de peregrinação e os guardará. Deverás devotar toda a tua vida à meditação,

6. Como o sentido desta última estrofe é um tanto quanto incerto na tradução do Lāma Dawa-Samdup, a versão do Sr. Bacot foi, em parte, aqui seguida.

habitando esses locais mencionados. Se o fizeres seriamente, satisfarás teu *Guru* e recompensarás a amabilidade e o amor de teu pai, servindo desse modo à Causa do Bem Universal. Mas, se falhares na devoção, então a tua vida, embora longa, será apenas uma ocasião para colher deméritos. Renuncia, pois, a todas as ambições desta vida; não gastes o tempo em tolas conversas com a multidão, que busca apenas atingir os objetivos e os fins da existência mundana, mas dedica-te ao mesmo tempo à meditação.

“Lágrimas encheram os olhos do meu *Guru* e correram por suas faces, enquanto prosseguia: ‘Não voltaremos a nos ver, meu filho, nesta vida. Eu te guardarei em meu coração e tu me guardarás no teu. Encontrar-nos-emos, por certo, nas puras regiões celestes da vida futura; portanto, rejubila-te!’

“‘Em alguns períodos de tuas devoções, prevejo que serás assaltado por um grande perigo físico; quando isso ocorrer, examina isto, mas não o abra até então.’ E me deu um rolo de papel selado. Todas as palavras que meu *Guru* pronunciou nessa ocasião impressionaram profunda e duradouramente o meu coração, e me ajudaram em minha devoção posterior.

“Disse, então, o *Guru*: ‘Damema, Milarepa partirá amanhã, faz os preparativos necessários para a ocasião; embora isso vá deprimir meus humores, caminharei algum tempo até vê-lo desaparecer.’ E a mim disse: ‘Dorme perto de mim esta noite. Nós dois, pai e filho, deveremos conversar.’ E assim fiz. A esposa do *Guru*, ao se reunir a nós, começou a soluçar e a chorar. Disse-lhe então o *Guru*: ‘Damema, por que choras? Vendo que o meu filho recebeu todas as Preciosas Verdades e que irá meditar sobre elas na solidão, qual o motivo de tuas lágrimas? Se considerares que todas as criaturas sencientes, embora Buddhas em potencial, mercê da ignorância de sua elevada origem e destino, sofrem, penam e morrem em angústia, e mais especificamente como os seres humanos uma vez tendo vencido, em virtude de seu nascimento humano, a poderosa oportunidade de aperfeiçoar sua condição, a esquecem e morrem sem a Iluminação, então poderias chorar sem parar um só instante.’

“Replicou a esposa: ‘Falas a verdade, mas é difícil manter aprisionada uma dor como esta. Choro agora porque não posso aliviá-la. Fui privada pela Morte de um filho, totalmente perfeito, tanto nos assuntos temporais como nos espirituais, um filho que teria realizado tanto os teus desejos como os de outros. E, agora, este filho, tão fiel, enérgico e inteligente, tão gentil, complacente e puro, sob todos os pontos de vista, vai separar-se de mim ainda em vida. Como posso parar de chorar?’ E chorou ainda mais amargamente quando disse isso. Eu também fiquei acabrunhado pelo choro, assim como o meu *Guru*..

“A noite se passou com expressões similares de dor e não tivemos nenhuma conversa realmente séria. Na manhã seguinte, todo o grupo, composto de treze pessoas, foi assistir à minha partida e caminhou comigo até quatro ou cinco milhas. Todos estavam tristes e expressavam sua dor com palavras e lágrimas. Quando chegamos ao pico de uma montanha de nome Chhō-la-Gang (Montanha da Religião), que permitia uma boa visão de todo o país, paramos e fizemos uma refeição. Terminada esta, meu *Guru* segurou minha mão e disse: ‘Meu filho, eu gostaria de te enviar na companhia de alguns companheiros de confiança, visto que estás indo através de Ü e de Tsang, e dizem que os ladrões infestam o Passo de Silma, mas vejo que estás destinado a ir sozinho. Entretanto, rezarei por ti e pedirei

às Divindades Tutelares que olhem por tua segurança enquanto viajas. Sê muito prudente no caminho. Procura o Lāma Ngogpa e compara com ele as notas referentes aos textos sagrados que recebeste, observando todas as diferenças. Tendo feito isso, poderás voltar para tua casa. Não fiques lá mais de sete dias. Volta imediatamente ao deserto para meditar e prosseguir tuas devoções, que então deverão ser o teu único dever. Só assim beneficiarás a ti mesmo e a todas as criaturas vivas.’

“Cantei então ao meu *Guru* estes versos de um salmo improvisado:

“ ‘Ó Senhor, ó Imutável, ó Dorje-Chang,
Pela primeira vez, como humilde mendicante, vou a Tsang,
Pela primeira vez, como Teu Humilde *Shiṣhya*, vou à minha casa.
Ó amável Senhor e Pai, Teu Gracioso Amor providenciou
No Passo de Silma, uma escolta de doze deusas da montanha;
Adoração a Ti, ó Gracioso Senhor.

“ ‘Confiando no poder da Preciosa Trindade,
Escoltado pelas hostes de *Dākinīs*,
E acompanhado por um coração puro e sincero,
Eu vou, guardado pelas Divindades;
Por que preciso temer os inimigos mortais?

“ ‘Tenho, contudo, um pedido a fazer:
Que sejas o meu Guia Constante
Nesta como na próxima vida;
Abençoa meu corpo, minha fala, minha mente,
E livra-os da tentação.

“ ‘Dá Tua Aprovação ao meu apelo,
E sela-o por Teu Poder Espiritual;
Faz-me realizar as Profundas Verdades.
[Assim também] suplico Tua Bênção para uma vida longa e saudável.
O fado deste suplicante repousa em Tuas Mãos;
Abençoa-o, para que permaneça firmemente em solidão.’

“Quando ofereci esta prece, disse o meu *Guru*: ‘Meu filho, tuas palavras são doces. Vou dar-te agora minhas últimas e mais valiosas instruções; guarda-as para sempre em teu coração.’ Depois, colocando a mão sobre a minha cabeça, cantou-me o seguinte hino:

“ ‘Obediência a todos os *Gurus*!

“ ‘Ó filho brioso, nobre e virtuoso,
Possas tu ganhar o *Dharma-Kāya*;
Possa a tua fala, igual ao néctar e fervorosa,

Alcançar a plena perfeição no *Sambhoga-Kāya*;
Possa o teu virtuoso coração, puro e agradecido,
Compreender o *Nirmāṇa-Kāya*.⁷

“ Possam estas minhas últimas e preciosas palavras,
Tão verdadeiras quanto a Lei Eterna,
Cair profundamente em teu coração e nele repousar;
E possam as bênçãos dos *Devas* e das *Ḍākinīs*
Revigorar tua vida e tua mente;
E os Espíritos Protetores velarem por ti.

“ Possa esta minha prece dar rápido fruto:
Que os piedosos para sempre te amem,
E possa a escolta de doze deusas
Velar por ti no Passo de Silma,
E os Anjos Guardiões protegerem o teu caminho,
Durante a tua viagem nos próximos dias.

“ Na triste visão de tua casa e de teus campos
Há um pregador da ‘sua vaidade’.

“ Entre tua irmã, tua tia, teus amigos e teus parentes,
Há um tutor que espalhará ternos sonhos [de laços familiares].

“ Entre as solidões das cavernas
Há um mercado no qual podes trocar
Esta vida rodopiante pela beatitude eterna.

“ No templo de tua forma inspirada
Há um vestíbulo para o encontro das Divindades.⁸

7. Esta estrofe baseia-se na doutrina *mahayānica* dos Três Corpos (tib. *Sku-gsum* – pron. *Kū-sum*, sâns. *Tri-Kāya*). Destes, o primeiro é o Corpo Divino da Verdade (ou Dharma), o *Dharma-Kāya* (tib. *Chos-sku* – pron. *Chö-ku*), que é o Corpo de todos os Buddhas; por estar além de todos os conceitos da mente mundana, ele é o Vazio (sâns. *Shūnyatā*; tib. *Tong-pa-nyid*), o *Nirvāṇa* Informe e Incrariado. O segundo é o Corpo Divino da Perfeita Dotação, o *Sambhoga-Kāya* (tib. *Longs-spyod-rzogs-sku* – *Long-chöd-zo-ku*), que é o corpo de todos os Bodhisattvas nos Mundos Celestes; é o primeiro reflexo do Corpo Divino da Verdade. O terceiro é o Corpo Divino da Encarnação, o *Nirmāṇa-Kāya* (tib. *Sprul-pahi-sku* – pron. *Tül-pai-ku*), dos *Avatāras*, ou Grandes Mestres, sobre a Terra. O primeiro Corpo é o *Boddhi* Transcendental; o segundo, o *Boddhi* Refletido; o terceiro, o *Boddhi* Prático.

8. O “vestíbulo de encontro” é o “Lótus de Mil Pétalas”, graças ao qual Shiva (como *Deva* ou *Shakta*) e *Kuṇḍalinī* (como *Devī* ou *Shakti*), unidos, produzem no *yogī* o estado extático de Iluminação. (Ver pp. 27, n. 9 e 126, n. 17.)

“ ‘No banquete sadio de sopa de urtiga⁹
Há um nectar que agrada aos deuses.

“ ‘No sistema científico dos teus textos
Há uma safra que produz preciosos frutos.

“ ‘No ódio e no desrespeito que te esperam em casa
Há um incentivo à imediata devoção.

“ ‘No fechado confinamento da solidão,
Imperturbado pelo barulho de homens e cães,
Há a dádiva de ganhar rapidamente o *Siddhi*.¹⁰

“ ‘Na liberdade da independência
Há a bênção celeste de um coração tranqüilo.

“ ‘Numa região imaculada, sobre um templo sagrado
Há a agradável expectativa de sucesso.¹¹

“ ‘Na sinceridade da fé piedosa
Há a virtude que nasce do esforço zeloso.

“ ‘No sagrado Jardim da Obediência¹²
Há a mina de todo sucesso.

“ ‘Nas Verdades Vitais reveladas pelas *Ḍākinīs*
Há a fronteira entre o *Sangsāra* e o *Nirvāṇa*.¹³

“ ‘Na Escola de Marpa, o Tradutor,
Há a esperança da fama perpétua.

“ ‘No zelo e energia de Milarepa
Há um pilar da Fé budista;
No Ser¹⁴ que sustém esse Pilar possam aí repousar
As bênçãos da Nobre Sucessão,

9. Era uma sopa de urtiga, como se verá no Capítulo X, que constituía o principal alimento de Milarepa enquanto ele praticava a *Yoga* no retiro.

10. *Siddhi* significa literalmente “realização”, ou “fruição da *Sādhana*”. Aqui, refere-se ao êxito na obtenção dos poderes *yóguicos* ou sobrenaturais.

11. As influências magnéticas ou psíquicas que um centro sagrado irradia naturalmente — quando não maculado pelas emanções áuricas das cidades ou aldeias habitadas por multidões de mente mundana — favorecem o sucesso na *Yoga*.

12. Isto é, obediência às ordens do *Guru*.

13. Isto é, as Verdades Vitais permitem ao devoto distinguir o *Sangsāra* do *Nirvāṇa*, e também compreender — na Consciência Supramundana do Budado — que um é inseparável do outro.

14. O Ser é Milarepa.

As bênçãos dos Santos Kargyütpas,
 As bênçãos das Divinas Deidades,
 Dēmchog, Gaypa-Dorje e Sang-dü,
 As bênçãos das Nobres Verdades,
 As bênçãos das Verdades Vitais reveladas pelas *Dākinīs*,
 As bênçãos das Graciosas *Dākinīs*,
 As bênçãos dos Habitantes das três Moradas,¹⁵
 As bênçãos dos Nobres Guardiães da Fé,¹⁶
 As bênçãos da Mãe Kālī,¹⁷
 As bênçãos dos nobres irmãos na Fé.

“[Que] recaiam bênçãos sobre teus esforços, nascidos da obediência,
 E bênçãos sobre os teus seguidores da linhagem;
 E possam as minhas bênçãos ser infalíveis.

“Guarda estes [meus conselhos finais] em teu coração e realiza-os.’

“Tendo assim cantando, Marpa encheu-se de grande alegria. Então a Reverenda Mãe, a esposa de meu *Guru*, me presenteou com ricas oferendas, que incluíam roupas, botas e provisões, dizendo: ‘Meu filho, estes são uns poucos artigos em sinal das minhas lembranças. São os meus últimos presentes, meu filho. Desejo-te uma feliz viagem e que possamos nos encontrar no abençoado e sagrado paraíso de Urgyen. Não esqueças estes últimos presentes espirituais e esta sincera prece de tua mãe, que vou agora dizer’; e, dando-me um crânio humano cheio de vinho de oferenda, cantou o seguinte hino:

“‘Obediência aos Pés do Gracioso Marpa!

“‘Ó meu paciente filho, tão enérgico,
 Constante e sofredor;
 Ó filho de grande destino,
 Bebe profundamente o néctar da Sabedoria Divina de teu *Guru*;

15. “Habitantes das Três Moradas” provavelmente é uma referência, pronunciada verbalmente, aos adeptos da ciência do *Kuṇḍalinī Yoga*, sendo as “Três Moradas”, neste sentido esotérico, o centro psíquico do Coração (sânc. *Anāhata-chakra*), o centro psíquico da Garganta (sânc. *Vishuddha-chakra*) e o centro psíquico do Cérebro (sânc. *Sahasrāra-Padma*) (cf. p. 27, n. 9).

16. Estas são as Divindades chamadas, em sânscrito, de *Dharma-pālas*, i.e., “Guardiães do Dharma”; em tibetano elas são chamadas de *Ch’os-skyong*.

17. Kālī é a Grande Deusa-Mãe Irada Kālī (ou Durgā); aqui ela simboliza a *Shakti* ou Energia Negativa (ou Feminina) Primordial do Universo, sendo a esposa de *Shiva*, que é a personificação da Energia Positiva (ou Masculina) Primordial.

Sj. Atal Bihari Ghosh acrescenta aqui as seguintes palavras: “Em outro aspecto, Kālī é a Mãe Eternamente Jovem (*Ādyā Prakṛiti*), pois ela não tem sempre um aspecto terrível, mas parece benigna ou cruel de acordo com os méritos kármicos do devoto. Ela é chamada de Kālī porque devora (*kalanāt*) o Tempo (*Kāla*), que devora todas as coisas” (cf. *Tantra of the Great Liberation*, cap. IV, editado por Arthur Avalon, Londres, 1913).

Em perfeita paz e segurança põe-te a caminho;
E que possamos nos encontrar, como amigos, no futuro,
No abençoado Reino Sagrado.

“ ‘Não te esqueças de teus pais espirituais;
Reza sempre para eles;
Devora tudo o que puderes dos confortadores
Textos sagrados e dos sermões profundos.
Em perfeita paz e segurança, põe-te a caminho;
E que possamos nos encontrar, como amigos, no futuro,
No abençoado Reino Sagrado.

“ ‘Não te esqueças de teus pais espirituais;
Guarda-os para sempre em grata memória,
E lembra com frequência de seu carinhoso cuidado;
Veste o candente hálito dos anjos;
Como teu traje puro e macio.¹⁸
Em perfeita paz e segurança, põe-te a caminho;
E que possamos nos encontrar, como amigos, no futuro,
No abençoado Reino Sagrado.

“ ‘Pensando nos seres indefesos do *Sangsāra*,
Treina teu coração para o desprendimento;
O fardo do Caminho Superior (o *Mahāyāna*)
Carrega para sempre com fiel coragem;
Em perfeita paz e segurança, põe-te a caminho;
E que possamos nos encontrar, como amigos, no futuro,
No abençoado Reino Sagrado.

“ ‘Damema, de nobre destino,
Dá a seu filho suas últimas instruções
E possa ele retê-las para sempre em seu coração;
A ti [ó filho] tua amada senhora amará;
Possamos ambos, mãe e filho,
Como amigos, nos encontrar, no futuro,
No abençoado Reino Sagrado.

“ ‘Possam esses bons desejos frutificar,
E possa a devoção pura recompensá-los.’

“Enquanto ela cantava esses versos, as lágrimas sufocavam-lhe a voz, e a dor dos outros, longamente reprimida, irrompeu em torrentes de lágrimas e soluços. Curvei-me diante de meus pais espirituais pela última vez e me volvei para trás, mantendo o rosto na direção deles, enquanto a face de meu *Guru* estava à vista. Vi que eles permaneciam lá, com as faces inundadas de lágrimas e muito forte era

18. Referência ao Calor Vital adquirido pela prática *yóguica*.

a minha inclinação para voltar. Mas quando saí do alcance de sua visão, caminhei normalmente até chegar a um outeiro de onde pude vê-los de novo, como um indistinto grupo cinzento. Meu coração ansiava por voltar a eles e foi com penoso esforço que me retirei. Eu pensava comigo mesmo que havia obtido as Verdades em sua plenitude e que por essa razão não deveria cometer nenhum ato irreligioso. Quanto ao meu *Guru*, eu sempre poderia meditar sobre ele [como se ele estivesse aureolado] sobre o topo de minha cabeça¹⁹ enquanto eu estivesse vivo; e, quanto à próxima vida, ele havia prometido que nos reencontraríamos nas Regiões Sagradas. Além disso, eu saíra por um pequeno espaço de tempo, para ver minha mãe que me havia dado à luz e poderia voltar logo ao meu *Guru*.

“Assim eu meditava, ruminando tais idéias em doloroso humor, até que alcancei a casa do Lâma Ngogdun-Chudor. Aí, após termos devidamente comparado nossas notas, descobri que ele me superava na exposição dos *Tantras*, mas que na prática real dos ritos e dos rituais atinentes à Doutrina, bem como na sua aplicação à vida diária, eu não estava muito aquém, ao passo que o superava em alguns aspectos, porquanto possuía os ensinamentos esotéricos divinamente inspirados que são sussurrados ao ouvido.²⁰

“Tendo feito isso, prestei-lhe a devida oferenda e, expressando o desejo de um futuro encontro, dirigi-me para casa. Alcancei-a após três dias, sentindo-me um tanto exaltado no desenvolvimento da arte de controlar a respiração que isso anunciava.²¹

“Foi assim que tudo ocorreu — a minha obtenção das Verdades em sua plenitude, o meu completo estudo delas e, enquanto estava assim empenhado, o fato de ter sido impelido por um sonho significativo a deixar o meu *Guru* e retornar à casa.”

Assim termina [a narrativa que constitui] a Quarta Ação Meritória [de Milarepa].²²

19. Referência à prática *yóguica* de meditar sobre o *Guru* como estando ele na postura (ou *Āsana*) contemplativa e dominando o Orifício Bramânico, por onde o princípio da consciência sai do corpo. Afirma-se que essa prática auxilia a despertar o Poder da *Kuṇḍalinī* ou Serpente.

20. Literalmente, “os Sagrados *Dākinī* *Karṇa* *Tantras*” (cf. p. 119, n. 2).

21. O Sr. Bacot (p. 177) observa aqui que, ordinariamente, ou seja, através dos meios normais, a viagem levaria vários meses, ao passo que pelos meios sobrenaturais Milarepa a fez em três dias.

22. Aqui e alhures a numeração textual dos capítulos seguiu a reordenação numérica do Editor, levando este capítulo, na versão tibetana, o número cinco.

CAPÍTULO IX

A RENÚNCIA

Narrativa da Desilusão que Assaltou Jetsün Quando Chegou à Sua Casa; e de Seus Votos de Viver a Vida Ascética e Praticar a Meditação em Solidão.

Perguntou então novamente Rechung: “Ó Venerável *Guru*, quando chegaste à tua casa, o sonho mostrou-se verdadeiro ou encontraste tua mãe ainda com vida?” Respondeu Jetsün: “O infeliz sonho provou ser totalmente verdadeiro; não tive a sorte de rever minha mãe.” Disse Rechung: “Conta-nos, ó Venerável *Guru*, como entraste em tua casa,¹ a quem encontraste e com que espírito as pessoas te receberam.”

Prosseguiu então Jetsün: “Estando numerosos pastores numa elevação da ravina de onde minha casa era visível, simulei ignorância e perguntei-lhes o nome dos lugares, das casas e de seus ocupantes, com o que eles me contaram tudo em detalhes. Então, por fim, apontando minha própria casa, perguntei-lhes o nome do lugar e de seus ocupantes. Disseram-me que a casa se chamava ‘Quatro Colunas e Oito Pilares’, mas que era no presente ocupada apenas por fantasmas, pois lá não havia moradores vivos. Ao lhes perguntar como havia ficado em tal estado e o que acontecera aos moradores, se tinham eles partido ou morrido, responderam-me: ‘Outrora, vivia uma abastada família nessa casa, que tinha um único filho. Devido à morte prematura do pai e a um erro no modo como ele formulou suas vontades, após a sua morte, os parentes paternos usurpam todos os bens do filho menor. Quando o filho atingiu a maioridade, pediu a reintegração de seus bens; mas, como não a conseguiu, recorreu à Magia Negra. Lançando maldições e tempestades de pedra sobre esta região, causou muitos danos. Temos agora tanto medo de suas Divindades Tutelares que nenhum de nós ousa sequer olhar para aquela direção, a fim de não importuná-las. Por essa razão, a casa abriga o cadáver da mãe do filho único e alguns maus espíritos. Ele tinha uma irmã, que, abandonando o cadáver da mãe, saiu a mendigar e nunca mais voltou. O filho também deve ter morrido, pois nunca mais se ouviu falar dele. Se ousares entrar na casa, ó Peregrino, lá poderás pegar alguns livros.’ Perguntei ao meu interlocutor em que época tudo isso ocorrera e ele disse que já se passavam oito anos desde a época da morte da mãe; mas a respeito das tempestades de pedra e dos outros estragos, ele só podia lembrar que ocorreram quando ele era criança. E sobre os acontecimentos anteriores a isso, ele apenas ouvira falar.

1. O sentido dessa frase é, aparentemente, “em que condição achaste tua casa?”.

“Isto me assegurou que os aldeões tinham tanto medo de minhas Divindades Tutelares que não ousariam me fazer mal. As notícias da morte de minha mãe e do desaparecimento de minha irmã encheram meu coração de angústia e dor. Ocultei-me num esconderijo até depois do Sol posto e lá chorei amargamente. À noite, fui à aldeia e, ai de mim!, encontrei minha casa exatamente no estado em que a vira em meu sonho. A fina casa, que costumava ser igual a um templo, estava em deplorável situação. Os volumes sagrados tinham sido danificados pela chuva que caía no interior da casa e grossas camadas de pó e terra, caídas do sótão [arruinado], cobriam-nos; eles serviam como ninhos e tocas de pássaros e ratos. Para onde quer que eu olhasse, nada mais havia do que desolação e ruína, de modo que a melancolia me assaltou. Depois, tateando o caminho pelos quartos de fora, encontrei um monte de terra e farrapos, sobre o qual crescera uma boa quantidade de grama e erva daninha. Ao revolvê-lo, descobri que era uma pilha de ossos humanos, que reconheci instintivamente como sendo os de minha mãe. Um profundo e inexprimível anseio me assaltou. Tão intolerável era o pensamento de que nunca mais veria minha mãe que quase perdi a consciência, mas lembrei-me dos Ensinaamentos do meu *Guru* e, comunicando-me espiritualmente com o espírito de minha mãe e com os espíritos divinos dos santos da seita Kargyütpa, fiz uma almofada com os ossos de minha mãe e permaneci em imperturbável estado de tranqüilidade, em clara e profunda meditação, durante a qual compreendi que de fato era possível salvar meu pai e minha mãe dos sofrimentos e das misérias da existência *sangsárica*. Depois de passar assim sete dias e sete noites, despertei do *samādhi*.²

“Então, após muito refletir, cheguei à conclusão de que não havia benefício algum a ser obtido em qualquer estado da existência *sangsárica*. Resolvi, em seguida, dispor os ossos de minha mãe na maneira correta, ou seja, pulverizá-los e misturá-los com barro e, então, moldá-los em relicários de miniatura, chamados *tsha-tshas*.³ Deveria oferecer os volumes da Escritura em pagamento por ter feito isso e, quanto a mim mesmo, deveria ir à Caverna de Dragkar-Taso,⁴ e lá passar todo o meu tempo em constante meditação. Resolvi lá passar todos os meus dias, até que a morte pusesse fim à minha vida. Jurei que se qualquer pensamento de ambição mundana

2. Todos os *yogīs* tantristas são exortados pelo *Guru* a praticar a meditação em cemitérios e em lugares onde os cadáveres são cremados, ou mesmo lançados aos pássaros do ar para serem devorados, a fim de dominar a aversão ou o horror, universal entre os seres humanos, por tais lugares e compreender a natureza transitória da existência mundana. Em alguns rituais, é necessário ao *yogī* sentar-se em meditação solitária sobre um cadáver, especialmente durante as horas escuras da noite; em outros rituais, ele é instruído a fazer uma almofada do cadáver e, sendo necessário, dormir nessa postura. Assim, Jetsün praticou essa meditação; fazendo uma almofada dos ossos de sua mãe, permaneceu em *samādhi* por sete dias e noites.

O seguinte adendo a esta nota foi feito pelo Sr. Sri Nissanka: “Sete dias parecem constituir o período de tempo normalmente passado em transe *samādhico*. Diz-se que o Buddha Gautama passou sete dias de beatitude extática, alternados com sete dias de beatitude nirvânica por um período de sete semanas, durante as quais sentou-se sob a Árvore da *Bodhi* no Budh Gaya.

3. Tib. *tsha-tsha* (pron. *tsha-tsha*), que tem a forma de um *stūpa* em miniatura; corresponde ao *Dharma-sharīra* do Budismo indiano e ainda está em uso por todo o Tibete.

4. Ou “a Caverna da Rocha Branca como os Dentes de um Cavalo”.

me seduzisse, eu preferiria cometer suicídio a permitir ser por ele dominado. Roguei às Divindades Tutelares e às *Dākinīs* que abreviassem minha vida, se eu viesse alguma vez a pensar em alguma espécie de devoção fácil.

“Tomando estas resoluções mentais, reuni os ossos de minha mãe e, depois, removendo o pó e a sujeira que haviam se acumulado nos volumes da Escritura, vi que suas letras ainda estavam claras. Levando os volumes às costas e os ossos de minha mãe no colo, retirei-me. Uma inexprimível angústia comprimiu meu coração até o seu cerne. A partir de então, o mundo nunca mais me tentou ou me prendeu. Repeti meus votos de dedicar minha vida a um rígido caminho de ascetismo na realização da Verdade e resolvi apegar-me firmemente a eles. Com exaltado ímpeto, cantei os seguintes versos de firme resolução para mim mesmo:

“ Ó Gracioso Senhor, ó Imutável,
Ó Marpa, o Tradutor, de acordo com Tuas Proféticas Palavras,
Um mestre da transitoriedade das coisas encontrei,
Em minha terra natal — cárcere da tentação;
E por Tua Bênção e Tua Graça, possa eu,
Desse nobre mestre, obter experiência e fé.

“ Todos os fenômenos, visíveis e manifestos,
Sempre são transitórios, mutáveis e instáveis;
Mas especialmente a vida mundana
Não tem realidade, nenhum ganho permanente [em si].
Portanto, em vez de realizar obras sem proveito,
A Divina Verdade buscarei.

“ No início, quando meu pai estava vivo, seu filho [adulto] não vivia;
Depois, quando nasci [e cresci], meu pai já não vivia.
Se ambos tivéssemos nos encontrado, escasso teria sido o proveito, mesmo
então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina;
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ Quando minha mãe estava viva, eu, seu filho, estava muito longe;
Quando voltei para casa, encontrei minha mãe morta.
Se ambos tivéssemos nos encontrado, escasso teria sido o proveito,
mesmo então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina,
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ Quando minha irmã estava em casa, eu, seu irmão, estava longe;
Quando eu, seu irmão, voltei, minha irmã estava perdida.
Se ambos tivéssemos nos encontrado, escasso teria sido o proveito,
mesmo então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina;
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ ‘Quando os Textos Sagrados estavam aqui, nenhuma veneração receberam;
Quando a veneração chegou, foram destruídos pela chuva.
Se ambos tivéssemos nos encontrado [mais cedo], escasso teria sido o mérito,
mesmo então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina;
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ ‘Quando a casa estava de pé, o dono estava longe;
Quando o dono chegou, a casa caiu em ruínas.
Se ambos tivéssemos ficado juntos, escasso teria sido o proveito,
mesmo então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina;
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ ‘Quando o campo era fértil, o agricultor estava longe;
Quando o agricultor chegou, o campo ficou repleto de erva daninha.
Se ambos tivéssemos ficado juntos, escasso teria sido o proveito,
mesmo então;
Portanto, tentarei obter a Verdade Divina;
À Caverna de Dragkar-Taso irei, para praticar a meditação.

“ ‘Terra e casa natis, e todos os bens,
Sei que não passais de coisas vazias;
Qualquer insensato poderá possuí-los.
Quanto a mim, devoto, vou alcançar a Verdade Eterna.

“ ‘Ó Gracioso Pai, Marpa, o Tradutor,
Possas eu ter êxito na meditação solitária.’

“Tendo cantado assim estas estrofes, metade canção, metade hino, num ímpeto de zelo religioso, dirigi-me em primeiro lugar à casa do meu antigo tutor. Descobri que estava morto, mas seu filho estava vivo; ofereci-lhe, então, os volumes, pedindo-lhe para depositar os *tsha-tshas* dos ossos de minha mãe. Ele tinha medo; disse-me que, se aceitasse os livros, minhas Divindades Tutelares assombrariam sua casa, mas prometeu gentilmente depositar os *tsha-tshas* para mim. Quando lhe disse que minhas Divindades Tutelares não o assombrariam, ele consentiu em recebê-los, dizendo: ‘Assim seja.’ Em seguida, começou a fazer os *tsha-tshas*, com a minha ajuda. Terminada a disposição, presenciei a execução dos ritos consagratórios. Depois, tendo depositado os ossos dentro de um *stūpa* (relicário), eu me preparava para partir quando o filho de meu tutor sugeriu que eu ficasse por alguns dias para conversar sobre os velhos tempos, dizendo que tudo faria para me agradar; mas eu lhe disse que precisava me dedicar imediatamente à meditação e não tinha tempo para conversas. Ele insistiu, no entanto, para que eu ficasse, ao menos uma noite com ele, o que lhe permitiria me oferecer uma pequena provisão para me servir durante as minhas devoções.

“Concordei e ele, continuando a conversa, disse: ‘Em tua juventude, destruíste teus inimigos pela Magia Negra. Agora, em tua maturidade, te tornaste um

devoto religioso; isto é, de fato, admirável. Com certeza, no futuro te tornarás um santo. Que *Gurus* buscaste e que textos espirituais obtiveste?” Ele me fez essas perguntas com grande interesse e, em resposta, disse-lhe que havia obtido a doutrina da Grande Perfeição e lhe contei como havia encontrado Marpa. Ele me felicitou e sugeriu que eu deveria restaurar a minha casa, desposar Zesay e me instalar como um Lâma Ñingma. Eu lhe disse que Marpa havia casado no propósito de servir aos outros, mas que se eu pretendesse imitá-lo sem possuir sua pureza de propósitos e seu poder espiritual, eu me assemelharia à rã que imitou o boi, o que certamente terminaria por me precipitar no abismo da destruição. E acrescentei: ‘Tenho a convicção de que nada desejo, exceto uma vida de meditação e devoção, pois não tenho prazer na vida mundana. Viver como um eremita na solidão e devotar toda minha vida à meditação constituem a essência das ordens de meu *Guru*. Por conseguinte, pretendo viver a vida ideal de um devoto Kargyütpa,⁵ assim satisfazendo o meu *Guru*, bem como prestando serviço a todos os seres sencientes e servindo à Causa da Hierarquia. Dessa forma, resgatarei meus pais da existência *sangsárica* e, por fim, beneficiarei a mim mesmo. Nada sei senão meditar e, portanto, não posso realizar qualquer outra coisa, nem aspiro a qualquer outra. Além disso, após ter visto as tristes ruínas da casa e os restos da propriedade que meus falecidos pais possuíam, imprimiu-se indelevelmente em meu coração a idéia de que as aspirações mundanas são indignas e o ardente desejo de devotar a minha vida à meditação se acendeu. Uma vida de ócio pode agradar àqueles que não sofreram como eu, e àqueles a quem o pensamento da morte e do inferno não penetrou com violência. Quanto a mim, as circunstâncias me convenceram firmemente da necessidade vital de uma zelosa devoção e de uma profunda meditação enquanto viver; sim, até a morte, a despeito da fome e da pobreza.’

“E com lágrimas jorrando de meus olhos, cantei a seguinte canção:

“ ‘Obediência aos Teus Pés, Ó Nobre Marpa!

Possa eu, o mendicante, ser purgado dos apegos mundanos por Tua Graça.

“ ‘Ai de mim, ai de mim, ó seres desafortunados,

Que vos apegais às coisas mundanas,

Mais profunda é minha dor quando penso em vós;

Mais profunda é minha aflição quando vos conheço.

Rodamos e rodamos, até cair no Inferno;

Para aqueles cujo *Karma* produz [os pesares] da dor,

A devoção da sua vida à Verdade é, de tudo, o melhor.

“ ‘Senhor Dorje-Chang, ó Imutável,

Permite que este mendicante, abençoado por Tua Graça, possa apegar-se à solidão;

5. A vida de um eremita, tal como a desejada por Milarepa, é, para o devoto Kargyütpa que busca a Iluminação, a vida superior sobre a Terra; por seu intermédio, o devoto pode adquirir a Verdadeira Sabedoria e, dessa forma, a preparação para o retorno ao mundo da humanidade como um guia de salvação, não pela repetição de fórmulas intelectuais do tipo “Eu creio”, mas em virtude do conhecimento da Verdade.

Os hóspedes que demoram neste mundo —
Ilusório e passageiro como é —
Precisam sofrer com [os pesares] da dor.

“ ‘Meus campos de pastagem, onde apascentavam minhas ovelhas, cabras
e vacas,
Entre as encantadoras planícies de Gungthang,
São assombrados agora por maus espíritos;
Esse é um retrato da Ilusoriedade,
Que me faz buscar a vida contemplativa.

“ ‘Minha sólida casa, ‘Quatro Colunas e Oito Pilares’,
Assemelha-se agora à mandíbula superior de um leão;
A torre de quatro lados, oito pináculos e o sótão, que fazem nove,
Assemelham-se agora às orelhas de um asno:
Esses também são retratos da Ilusoriedade,
Que me faz buscar a vida contemplativa.

“ ‘Meu nobre pai, Mila-Shergyal,⁶
Não deixou traços de sua vida;
Minha querida e amada mãe, Nyang-Tsa-Kargyen,
Não passa agora de um monte de ossos esbranquecidos:
Esses também são retratos da Ilusoriedade,
Que me faz buscar a vida contemplativa.

“ ‘Meu sacerdote familiar e tutor privado, Kunchog-Lhabum,
Serve agora como lacaio de outros;
Meus livros sagrados, o Tesouro da Lei,
Serviram como forro para ninhos de ratos e pássaros:
Esses também são retratos da Ilusoriedade,
Que me faz buscar a vida contemplativa.

“ ‘Meu parente e vizinho, o tio Yung-gyal,
Senta-se agora com meus inimigos;
Minha única irmã, Peta-Gön-kyit,
Se perdeu, e ninguém sabe onde ela está:
Esses também são retratos da Ilusoriedade,
Que me faz buscar a vida contemplativa.

“ ‘Ó Gracioso, ó Imutável,
Abençoa Teu Suplicante para que ele possa manter-se fiel à solidão.’

“Ao terminar de cantar essa melancólica canção, meu anfitrião suspirou
e disse: ‘Excelente; estás certo.’ E sua esposa derramou copiosas lágrimas. A visão

6. Esta é uma forma abreviada do nome de Mila-Sherab-Gyaltzen.

do estado deplorável de minha casa afetou-me tão profundamente que eu não podia deixar de exprimir a todos as resoluções de viver como eremita, em meditação solitária. Em meu coração, também continuei a repetir a resolução do que deveria fazer. E, de fato, não tenho nenhum motivo para me censurar por ter praticado a meditação e a devoção, em lugar de ter gasto meu tempo em ocupações mundanas.”

Esta constitui a Quinta Ação Meritória, na qual se relata como Milarepa foi impelido à vida religiosa de enérgica devoção, por causa das tristes circunstâncias acima descritas.

CAPÍTULO X

A MEDITAÇÃO EM SOLIDÃO

Narrativa de Como Jetsün Abraçou Solitária Meditação nas Montanhas Desoladas; das Experiências Externas e dos Resultados Psicofísicos que se Seguiram; e de Suas Canções que Relembra Cada Evento.

Rechung, então, perguntou a Jetsün em que lugares ele havia meditado e praticado a penitência e a devoção.

Em resposta, disse Jetsün: “Na manhã seguinte, o filho de meu mestre deu-me um saco de farinha, alguma manteiga condimentada, queijo e outras provisões, dizendo: ‘Que isto sirva como alimento durante o teu retiro devocional e reza por nós também.’ Assim, provido, pus-me a caminho e sentei-me em meditação numa espaçosa caverna que existia na encosta, atrás de minha casa. Como as provisões eram utilizadas frugalmente — só como mistura —, minha constituição ficou exausta e muito fraca, mas fiz grandes progressos em minhas devoções. Os alimentos duraram alguns meses. Quando tudo terminou, eu não podia mais continuar sem provisões. Por isso, resolvi pedir um pouco de manteiga e queijo e outras provisões aos pastores que moravam nas regiões superiores das montanhas, bem como cereais e farinha aos agricultores que viviam nas regiões inferiores. Assim, eu não morreria de fome e poderia continuar a meditação.

“Ao procurar os pastores, cheguei à entrada de uma dessas tendas de pêlo de iaque e pedi aos moradores que concedessem esmolas de condimentos, manteiga e queijo a um devoto. Por infelicidade, essa tenda pertencia à minha tia, que imediatamente me reconheceu. Irritada, ela soltou os seus cães, que afastei com um bastão e com pedras. Por isso, saiu ela própria, armada de um porrete, gritando: ‘Ó desgraça de um nobre pai! Traidor de teus parentes! Destruidor de tua própria terra! Por que vieste para cá? Pensar que o teu nobre pai tivesse gerado um filho como tu!’ Dizendo isso, ela me surrou com todas as suas forças. Procurei fugir, mas, estando fraco por causa da falta de comida, tropecei numa pedra e caí num lago e quase morri. Ela, contudo, continuou em fúria. Ergui-me o quanto podia e, apoiando o corpo contra o meu cajado, cantei a seguinte canção para a minha tia:

“ ‘Aos Pés de meu Generoso Pai Marpa eu me curvo!

“ ‘Na infeliz casa, no melancólico retiro de Tsa,
Três infelizes — uma triste mãe e dois órfãos —
Se dispersaram, como as ervilhas batidas pela vara.
Foste vós ou não a causa disso;
Refleti, ó tio e tia!

“ ‘Enquanto eu, como mendigo, errava mundo afora,
Minha mãe morreu, por forte juramento de pobreza;
E, esmolando comida e roupa, minha irmã se perdeu.
Incapaz de destruir o desejo de revê-las,
A esta prisão, minha própria terra, eu voltei.

“ ‘Para sempre afastada de mim minha adorada mãe esteve;
Por causa das aflições, minha irmã se perdeu;
Assim foi o meu coração transpassado de profunda angústia.
Essas misérias e aflições que sofremos —
Devem-se elas a vós ou não, nossos parentes?

“ ‘Esses insuportáveis sofrimentos me conduziram à vida religiosa;
No entanto, enquanto meditava na solidão das montanhas desoladas,
Sobre os Ensinamentos Sagrados de meu Gracioso Marpa,
Minhas provisões se acabaram, e nenhum alimento eu tinha, para manter
com vida esta forma transitória,
E por isso vim pedir esmolas.

“ ‘Como um inseto moribundo, atraído à entrada de um formigueiro,
Aqui cheguei, diante da porta de minha tia;
E jogaste os ferozes cães contra o meu fraco e esgotado corpo,
E tu, também, participaste do bárbaro ataque.

“ ‘Por tuas rudes meditações e ameaças,
A dor, profunda em meu coração, reviveste;
Pelas repetidas pancadas, dadas com teu porrete,
Encheste meu pobre corpo de feridas e contusões,
E quase me privaste da vida.

“ ‘Boas razões tenho eu para me encolerizar contigo,
Mas as ordens de meu *Guru* eu cumpro;
Não sejas vingativa, ó minha tia,
E dá-me alimento para as minhas devoções.

“ ‘Ó Marpa, ó Senhor! Ó Misericordioso!
Pelo poder de Tua Graça, modera a cólera de Teu suplicante!’

“Tendo assim cantado, entremeando a canção com lágrimas, uma jovem que havia se postado atrás de minha tia não pôde refrear seu pranto. Minha tia também estava cheia de remorso e de vergonha; recolheu-se num dos cômodos e me enviou um rolo de manteiga e um pouco de farinha por intermédio da jovem.

“Dirigindo-me a outras tendas para esmolar, não pude reconhecer nenhum dos ocupantes, mas todos pareceram me reconhecer. Olhando-me fixamente, deram-me uma generosa quantidade de esmolas, com as quais retornei à minha caverna. Pelo

comportamento de minha tia, eu podia julgar qual seria o de meu tio;¹ portanto, resolvi que não deveria ir em sua direção. Mas, tendo ido pedir esmolas aos agricultores do Vale superior de Tsa, ocorreu-me ir diretamente à nova casa de meu tio, para onde ele havia se mudado [depois de sua ruína]. Ao me reconhecer, correu para mim, gritando: 'Embora eu esteja como um velho cadáver, és exatamente a pessoa que eu queria encontrar.' Com propósitos assassinos, atirou uma pedra que quase me acertou. Virei-me e fugi, mas ele me atirou todas as pedras que podia, com toda a força de que dispunha. Continuei a fugir, mas ele se aproximava armado de arco e flechas, dizendo: 'Ó mercador de vidas! Ó traidor!² Não destruístes tua terra? Ó vizinhos, camponeses, apanhamos nosso inimigo; vinde, rápido!' Nisso, começou a atirar em mim, enquanto alguns dos jovens do lugar começaram a me atirar pedras. Eu, por meu lado, tinha medo de cair vítima da cólera e vingança de tais jovens, como retribuição pelo fato de eu ter empregado a Magia Negra contra eles. Por isso, visando intimidá-los pelo meu poder de Magia Negra, gritei em voz alta: 'Ó meu Pai, e vós, ó *Gurus* da seita Kargyütpa! Ó miríades de Divindades bebedoras de sangue e guardiãs da fé! Eu, um devoto, estou sendo perseguido por inimigos. Ajudai-me e vingai-me. Embora eu possa morrer, vós, Divindades, sois imortais.'

"Em consequência, todos foram tomados de terror e seguraram meu tio; alguns que simpatizavam comigo intervieram e agiram como mediadores, ao passo que os que me haviam apedrejado pediam perdão. Só meu tio se recusava a me dar qualquer esmola, mas todos me deram alguma coisa, com o que retornei à caverna. Eu pensava que, se permanecesse ali, só estaria excitando a fúria das pessoas, de modo que resolvi partir. Mas naquela noite tive um sonho que me convenceu a permanecer ali mais uns dias, e foi o que fiz.

"Zesay (a quem eu fora prometido em minha infância), sabendo que eu estava lá, veio ao meu encontro com delicados alimentos e bebida. Ela chorou copiosamente e me abraçou. Quando me contou a maneira pela qual minha mãe morrera e minha irmã se perdera, fiquei muito triste e chorei amargamente. Disse-lhe: 'Sendo tão constante, por que ainda não te casaste?' Ela disse: 'As pessoas ficaram com tanto medo de tuas Divindades que ninguém ousou pedir minha mão em casamento, nem eu quis me casar, ainda que alguém o tivesse proposto. É admirável que tenhas abraçado a vida religiosa; mas o que pretendes fazer com tua casa e teu campo?' Compreendi seu desejo e, pensando que, como, pela graça de meu *Guru* [Marpa, o Tradutor], eu havia renunciado à vida mundana, orando para que Zesay pudesse se contentar com um ponto de vista religioso, mas que eu pudesse dizer algo a ela que dissipasse suas dúvidas de um ponto de vista mundano, disse-lhe eu: 'se encontrares minha irmã, dá-os a ela; até então desfruta do campo e, se minha irmã estiver morta, fica com a casa e o campo como se fossem teus.' Ela me perguntou: 'Tu não os queres?' Respondi: 'Devo encontrar minha comida como o fazem os ratos e os pássaros; ou jejuarei e morrerei de fome,

1. Trata-se do tio paterno que roubou a herança de Jetsün e cuja casa, durante a festa matrimonial, Jetsün, por vingança, destruiu pela Magia Negra.

2. Literalmente, "trançador de pés".

portanto, não preciso de um campo e, como devo habitar apenas as cavernas solitárias, não preciso de uma casa. Compreendo que mesmo que possuísse todo o mundo, na minha morte eu deveria renunciar a tudo; portanto, só terei felicidade nesta e na próxima vida se renunciar a tudo agora. Busco uma vida completamente oposta à que seguem as pessoas do mundo. Deixa de pensar em mim como uma pessoa viva.'

"Ela então me perguntou: 'Tua prática também se opõe à de todas as outras pessoas religiosas?' Respondi: 'Oponho-me ao caminho dos hipócritas que vestem um hábito religioso apenas pela honra que ele confere —, sendo o objetivo deles apenas adquirir riquezas, fama e grandeza — e guardavam de memória o conteúdo de um ou dois volumes; e que, tendo fortes sentimentos partidários, lutam pela vitória do seu próprio partido e pela derrota do partido oposto. Mas quanto àqueles que são devotos sinceros, embora sejam de seitas e credos diferentes, se seus princípios não são iguais aos mencionados, então não pode haver discordância entre o objetivo de um ou outro; portanto, não posso me opor a nenhum deles. Em geral, se eles não forem tão sinceros quanto eu, então eles devem, naturalmente, opor-se ao meu credo.'

"Disse ela, em resposta: 'Então, por que é a tua prática tão pobre e miserável — muito pior do que a do mais pobre dos mendigos? Nunca vi algo parecido antes. A que doutrina particular da seita Mahāyāna pertences?' Disse-lhe que era ao credo superior da Mahāyāna, que se chamava o Caminho da Auto-Abnegação Total, cujo propósito é o de atingir o Budado numa única existência³ e que para alcançar o Budado devemos espalhar os fins e os objetivos desta vida ao vento.

"Disse ela: 'De fato, vejo que a prática da tua doutrina, comparada à prática da doutrina deles é completamente oposta; e pelo que ouvi e vi de ti, parece que a prática do *Dharma* não é um assunto muito fácil, sendo o caminho dos outros mais fácil de se trilhar.' Respondi: 'O *yogī* que ainda mantém apego ao mundo não atingirá o meu ideal de um sincero devoto. Sou da opinião de que mesmo os sinceros buscadores da Verdade que ainda se apegam ao manto amarelo retêm um pequeno amor à fama e à honra mundanas; e, mesmo que não o tenham, não obstante, estou convencido de que há [entre eles e eu] uma grande diferença no que concerne à rapidez e à eficácia para se alcançar o Budado. Contudo, não compreenderás isto por enquanto. Portanto, se pensas que podes, debes te dedicar à vida religiosa; mas se te sentes incapaz para a tarefa, então debes assumir a casa e o campo como já te disse, e farás melhor voltando ao lar.' Ela replicou: 'Não posso aceitar a casa e o campo que debes dar a tua irmã. Gostaria de ser uma devota, mas um devoto como és eu não posso ser.' Tendo assim falado, ela se retirou.

"Minha tia, ao saber que eu não me importava com a casa nem com o campo, começou a pensar que, como eu professava a determinação de cumprir as ordens

3. Trata-se de um dos ensinamentos peculiares ao Budismo Mahāyāna, ministrado por todo *O Livro Tibetano dos Mortos*, dos quais, simultaneamente com a compreensão da irreabilidade de toda a existência *sangsarica* (i.e. mundana), desponta a Perfeita Iluminação, o Budado; e de que essa suprema obtenção é possível a todo devoto suficientemente avançado no Caminho para fazer a Grande Renúncia e conquistar a Grande Vitória numa única existência, como Milarepa mais tarde mostrará ter feito.

de meu *Guru*, bem poderia ela obtê-los para si. Então, ela me visitou, trazendo-me farinha de cevada, manteiga, *chhang* e outros alimentos, e disse: 'No passado, tratei-te cruelmente por estar mergulhada na ignorância; mas como tu, meu sobrinho, és uma pessoa religiosa, deves me perdoar. Se me permitires, cultivarei o teu campo e te darei alimentos.' Concordei, dizendo: 'Assim seja; dá-me, por favor, vinte medidas de farinha de cevada por mês, podendo ficar com o resto; podes cultivar o campo.' Ela saiu encantada com a barganha. Durante dois meses ela me forneceu a farinha conforme o combinado; então, ela retornou e disse: 'As pessoas dizem que, se eu cultivar o teu campo, tuas Divindades Tutelares poderão me fazer mal, por causa do teu poder mágico.' Então, respondi dizendo: 'Por que deveria praticar novamente a feitiçaria? Poderás adquirir mérito se continuares a cultivar o campo e a me abastecer como tens feito'; ela então disse imediatamente: 'Nesse caso, deverás me tranquilizar, fazendo um juramento de que nunca mais praticarás a feitiçaria. Não deves ter nenhuma objeção a fazer.' Eu não estava certo do que ela pretendia, mas, quando considerei que se tratava de um desejo compatível com minha profissão de fazer o Bem aos outros, tranquilizei-a, fazendo o juramento de acordo com a sua vontade, com o que ela se retirou muito satisfeita.

"Por essa ocasião, a despeito de minha infatigável perseverança na meditação, eu era incapaz de obter sinais de qualquer progresso ou crescimento em meu conhecimento ou experiência do Ardor Extático, e estava ficando ansioso quanto ao que fazer em seguida. Uma noite, sonhei que estava empenhado em arar um duro e difícil pedaço de terra, que desafiava todos os meus esforços e, desesperado por não poder realizar a tarefa, pensava em renunciar ao trabalho. Então, o meu amado *Guru* Marpa surgiu nos céus e me exortou, dizendo: 'Filho, põe tua energia e tua perseverança na lavoura; fica seguro de que podes fazê-lo, a despeito da dureza do solo.' Então, o próprio Marpa guiou a parelha, e o solo foi arado facilmente; o campo produziu uma rica colheita. O sonho me proporcionou um grande prazer ao acordar.

"Desse modo, despertou-me a idéia de que os sonhos, sendo reproduções ilusórias de nossos próprios pensamentos, não são considerados reais, mesmo pelos campônios estúpidos e ignorantes, e que eu, quando permitia que um sonho afetasse assim o meu humor, devia ser mais estúpido do que o maior de todos os tolos. Mas como este parecia ser um sinal de que, se eu continuasse a meditar com zelo e perseverança, meus esforços seriam coroados de êxito, enchi-me de prazer e nesse estado de ânimo cantei esta canção para imprimir claramente a verdadeira interpretação do sonho em minha memória:

" 'Eu Te suplico, ó Gracioso Senhor!

Permite que este mendicante possa manter-se fiel com êxito à solidão.

" 'Eu despejo sobre o campo da Mente Tranquila

A água e o adubo de uma fé constante,

Então, semeia-o com a semente sem jaca de um coração imaculado,

E sobre ele, como um relâmpago tonitroante, reverbera a sincera oração;

Favorece-o, enquanto ele se derrama como um aguaceiro.

“ ‘Ao gado e à lavradura do Pensamento Imperturbável
Acrescento a relha do Método [Correto] e da Razão.
O gado, guiado pela pessoa desiludida
E com o firme controle do propósito indiviso,
E aguilhoado pelo chicote do zelo e da perseverança,
Quebra o duro solo da Ignorância, nascido das Cinco Más Paixões,
E desembaraça as pedras da natureza dura e repleta de pecado
E elimina todas as hipocrisias.

“ ‘Então, com a foice da Verdade das Leis Kármicas,
Pratica-se a ceifa da Nobre Vida.
Os frutos, que são os das Verdades Sublimes,
São armazenados no Celeiro ao qual não se podem justapor conceitos.

“ ‘Os deuses empenham-se em torrar e moer esse precioso alimento,
Que sustenta meu pobre e humilde eu,
Enquanto busco a Verdade.

“ ‘Interpreto assim o sonho:
As palavras não produzem o Verdadeiro Fruto,
As meras explanações não fornecem o Verdadeiro Conhecimento.
Entretanto, os que se devotam à vida religiosa,
Devem praticar na meditação seu extremo zelo e perseverança;
E se eles suportarem as privações e se empenharem com zelo,
E buscarem com cuidado, poderão encontrar os Frutos mais Preciosos.

“ ‘Possam todos os que buscam sinceramente a Verdade
Vencer os obstáculos e as interrupções no Caminho.’⁴

“Tendo assim cantado, resolvi empenhar-me na meditação na Caverna de Dragkar-Taso. Quando estava prestes a começar, minha tia chegou com sessenta medidas de farinha de cevada, uma capa de seda em farrapos, uma peça de roupa boa, manteiga e gordura metidas num fardo, e disse: ‘Sobrinho, isto é para pagar pelo teu campo, de que assim te desfazes. Toma, e vai-te para um lugar muito longe da minha vista e dos meus ouvidos, pois os vizinhos estão me dizendo: ‘Thö-paga causou-nos muitas desgraças antes e, se ainda tiveres negócios com ele, e o servires, temos a certeza de que ele nos causará mais danos e, talvez, mate as pessoas que ainda restam neste lugar. Mas antes disso, nós mataremos a ambos.’ Portanto, é mais seguro para ti buscar outra região. Se não partires, por que deverei eu ser sacrificada? Mas não há a menor dúvida de que te matarão.’

“Eu sabia que as pessoas não falariam dessa maneira e, portanto, lhe disse: ‘Se eu não fosse fiel aos meus votos religiosos, não hesitaria em recorrer à feitiçaria para retomar a posse do meu campo, especialmente porque não jurei deixar de

4. Ou: “em sua busca da Verdade”.

utilizá-la sob tais circunstâncias. Por possuir tais poderes mágicos, poderia, com a maior facilidade, transformar-te num instante num pálido cadáver; entretanto, não o farei, pois sobre quem deveria eu praticar minha paciência, se não sobre aqueles que me fizeram mal? Se eu morrer esta noite, de que me servirá o campo, ou esses poucos artigos? A paciência é o caminho mais curto para atingir o Budado e tu, minha tia, és a própria pessoa sobre quem devo praticar minha paciência. Além disso, vós, minha tia e meu tio, fostes os meios que me levaram a essa vida de renúncia. Estou sinceramente grato a ambos, e em troca dos vossos favores rezarei por vós, para que possais obter o Budado em vossa futura existência. Posso dar-te não apenas o campo, mas também a casa.' Expliquei-lhe tudo claramente e terminei por dizer: 'Quanto a mim — cuja vida é devotada à busca da Verdade — preciso apenas das instruções do meu *Guru* e de nada mais; portanto, és bem-vinda ao campo e à casa.' E cantei-lhe a seguinte canção:

“O Senhor, meu *Guru*, por Tua Graça, faz-me viver a vida ascética;
Meus vergões e pesares são Teus conhecidos!

“Estando todo o *Sangsāra* enredado na Teia do *Karma*,
Todo aquele que se apegue a ele corta o Cordão Vital da Salvação.

“A raça humana ocupa-se em colher as más ações;
E fazê-lo é provar as angústias do Inferno.

“As expressões de afeto de amigos e parentes são o Castelo do Demônio;⁵
Construí-lo é cair nas Chamas [da Angústia].

“A acumulação de riquezas é a acumulação da propriedade alheia;
O que assim se amalha forma as provisões dos inimigos.

“Beber vinho e chá em alegria é sorver o suco de acônito;
Bebê-lo é cortar o Cordão Vital da Salvação.⁶

5. Isto é, o apego exclusivo à própria família é egoísta, pois a única e verdadeira família é a Humanidade, e só por essa família o Bodhisattva deveria trabalhar. Cf. *Mateus*, X, 36-37: “E os inimigos do homem serão os seus próprios familiares. Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim, e aquele que ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim.”

6. Do ponto de vista budista, todos os estimulantes — bebidas alcoólicas, drogas narcóticas, tabaco e mesmo os efeitos narcóticos do chá e do café forte — não apenas são claramente nocivos ao organismo físico, mas, ao excitarem os nervos e a mente, dão tal controle sobre o corpo da natureza inferior ou animal que inibem todo o influxo das influências espirituais ascendentes, de natureza superior. Além disso, o sofrimento, a dor e o desespero devem ser vistos como potentes meios para despertar a raça humana para o fato de que toda a existência *sangsdrica* é, em última análise, inseparável do sofrimento e, portanto, indesejável. Assim, se os estimulantes são utilizados para abafar toda a infelicidade, engendrando-se dessa forma uma sensação artificial e ilusória de que tudo está bem com o mundo, a oportunidade de alcançar o estado puramente espiritual de Supramundandade, além do reino do sofrimento, no

“ ‘O preço que minha tia me deu pelo campo foram coisas arrancadas à avareza;
Desfrutá-las seria ganhar um nascimento entre os fantasmas esfomeados.’⁷

“ ‘O conselho de minha tia nasce da raiva e da vingança;
Segui-lo produziria perturbação e destruição.

“ ‘Tudo o que possuo, campo e casa,
Leva, ó tia, e sê feliz com isso.

“ ‘Eu me lavo do escândalo humano pela verdadeira devoção;
E por meu zelo satisfação as Divindades.

“ ‘Pela compaixão subjugo os demônios;
Toda vergonha espalho ao vento,
E volto meu rosto para o alto.

“ ‘Ó Gracioso, ó Imutável,
Concede Tua Graça, para que eu possa viver com êxito uma vida solitária.’

“Tendo assim cantado, disse minha tia: ‘Deves ser um verdadeiro religioso, meu sobrinho; a canção é de fato louvável.’ E retirou-se satisfeita.

“O evento me afetou dolorosamente, mas, por outro lado, senti-me livre do cuidado pelo campo e pela casa, dos quais eu havia assim disposto. Resolvi iniciar imediatamente o meu plano de ir à Caverna de Dragkar-Taso a fim de continuar minha meditação. Como essa caverna me deu proteção enquanto eu assentava as fundações do *Samādhi* (o Estado de Quietude), ela veio a ser chamada de Kang-tsu-Phug, isto é, a Caverna em que ele [Milarepa] se sentou em devoção, ou assentou a Fundação. Na manhã seguinte, parti com as provisões que minha tia havia trazido como pagamento pelo campo e, com os restos das antigas provisões, cheguei à Caverna de Dragkar-Taso, que descobri ser muito confortável, e onde me instalei. Provido de um duro assento e colocando sobre ele a roupa de cama, fiz o voto de jamais descer a qualquer aldeia ou habitação humana:

qual só existe a verdadeira beatitude, é perdida — o Cordão Vital da Libertação, o elo dourado entre o superior e o inferior, é cortado, o sagrado caminho ao Olimpo é fechado e os seres humanos são deixados nas trevas de sua descrença, escravizados ao animal que existe neles.

Embora o Cristianismo, infelizmente, não proíba o uso de todos esses estimulantes, como o fazem o Budismo, o Hinduísmo superior e todo o Islão, o velho profeta Isaías aproximou-se da verdade nestas palavras: “O sacerdote e o profeta puseram-se a cambalear sob a influência da bebida forte; estão confusos pelo efeito do vinho, divagam nas suas visões, vacilam em suas sentenças” (Isaías, XXVIII, 7). Cf., também, A Epístola de Paulo aos *Efésios* (V, 18): “E não vos embriagueis com vinho, que é uma porta para a devassidão, mas buscai a plenitude do Espírito.”

7. Isto é, o mundo dos fantasmas famintos (ou infelizes) (sâns. *Preta-Loka*).

“ ‘Que os pensamentos mundanos criados pela mente não me apoquentem;
Mas medre em mim a folhagem luxuriante do Incrariado.

“ ‘Que, no eremitério, eu não seja perturbado pelos conflitos mentais;
Mas possa colher o fruto do Conhecimento e da Experiência.

“ ‘Que Mārā e suas hostes não me incomodem;
Mas eu encontre a auto-satisfação no Conhecimento de minha própria
[e Verdadeira] Mente.

“ ‘Que eu não duvide do Caminho e do Método que sigo;
Mas possa seguir nas pegadas de meu Pai Espiritual.

“ ‘Ó Gracioso Senhor, Encarnação do Imutável,
Concede Tuas Bênçãos, para que eu [o mendicante], possa me manter
fiel firmemente à solidão.’

“Terminada esta prece, continuei minhas meditações, vivendo apenas de um pouco de farinha misturada com qualquer alimento que encontrasse no meu caminho. Adquiri mentalmente o conhecimento do *Mahā-Mudrā* (Grande Símbolo), mas o meu corpo, por estar muito fraco, era incapaz de controlar os Ares (Força ou Fluido nervoso Psicofísico)¹¹ de meu organismo, de modo que não adquiri o Ardor Extático Interno, e continuei a ser muito sensível ao frio.

“Orei sinceramente ao meu *Guru* e, numa noite, tive o seguinte sonho; ou antes, esta visão num estado de superconsciência. Inúmeras mulheres traziam toda sorte de alimentos, com os quais realizavam uma *pūjā* (cerimônia religiosa), dizendo que tinham sido enviadas por meu *Guru* Marpa para me instruir nos exercícios físicos religiosos.

“[Assim instruído], comecei a praticar os três exercícios da Cultura Física, Vocal e Mental, e desenvolvi o Ardor Físico Extático.¹² Assim se passou um ano; mas, certo dia, tive o desejo de sair para um pequeno passeio. Eu estava prestes a fazê-lo, quando instantaneamente me lembrei dos meus votos e cantei para mim mesmo a seguinte canção de auto-recriminação:

“ ‘Ó Dorje-Chang, na forma de Marpa!
Permite que este mendicante se mantenha fiel à solidão.

“ ‘Ó inexperiente companheiro, Milarepa!
Para ti eu canto esta canção de autoconselho.

11. Sâns. *Vāyu*, que, por derivar da raiz *Vā* (“respirar” ou “soprar”), refere-se à força motriz da força vital (sâns. *Prāṇa*).

12. Aqui, a versão do Sr. Bacot (p. 203) é mais detalhada: “Então, na postura [ou *Āsana*] acoradada, que se assemelha às ‘Seis Fornalhas Internas’, busquei o bem-estar do meu corpo. Graças ao estado da respiração que dá regularidade, busquei a correção da fala. Graças ao estado da minha própria libertação que controla a imaginação, busquei a tranquilidade mental. Depois disso, entrei em meditação. Rapidamente, o calor interno começou a me dominar.”

“ ‘Distante estás de toda a humanidade
Que poderia manter contigo uma doce conversa.

“ ‘Por isso, te sentiste sozinho e buscaste a diversão;
Não há razão alguma para fazê-lo.

“ ‘Não excites a tua mente, mas deixa-a em paz;
Se ela abrigar pensamentos, ansiará por inúmeras impiedades.

“ ‘Não dês curso ao teu desejo por distrações, mas exercita o teu intelecto;
Se à tentação deres curso, tua devoção se espalhará ao vento.

“ ‘Não saias, mas fica contente no teu assento;
Se saíres, teus pés poderão bater contra as pedras.

“ ‘Não levantes a cabeça, mas curva-a para baixo;
Se ela se levantasse, buscaria vãs frivolidades.

“ ‘Não durmas, mas continua tuas devoções; ‘
Se adormeceres, os Cinco Venenos da Ignorância te dominarão.’¹³

‘Em seguida, tendo cantado esta canção de auto-recriminação, continuei ininterruptamente minhas meditações por mais de três anos, tanto de dia como de noite, e pude sentir meu conhecimento espiritual expandir-se e aperfeiçoar-se grandemente. Mas meu sortimento de farinha de cevada estava quase no fim. Eu me havia decidido pela dieta de vinte medidas de farinha por ano e, mesmo assim, ela havia acabado. Eu poderia morrer sem ter sido capaz de alcançar o Budado; esta teria sido uma deplorável interrupção em minha carreira eterna. Considerei que as pessoas do mundo se rejubilavam com a aquisição de uma *sika* (peso equivalente a quatro anás) ou duas de ouro, e se sentem infelizes quando as perdem. Comparada a isso, minha vida devotada à obtenção do Budado era infinitamente mais preciosa. Estivesse todo o universo repleto de ouro, mesmo assim, uma vida devotada à obtenção do Budado era infinitamente mais preciosa. Ao mesmo tempo, seria preferível morrer no curso de minha vida devocional a quebrar os meus votos. O que eu deveria fazer? Pensei, então, que se eu sáísse para procurar um pouco de comida, sem descer às habitações humanas para esmolar, eu não estaria quebrando os meus votos. Além disso, eu o faria no interesse de minha devoção. Assim, vagueei à frente da Caverna de Dragkar-Taso e lá descobri um ponto ensolarado com boas fontes de água, com várias urtigas ao seu

13. A preguiça e o torpor são condenados quando se procura ser um *yogī*. O voto de não dormir é uma das doze austeridades permitidas pelo Buddha. Mas há aqui, também, um sentido esotérico implícito, isto é, que o devoto não deve permitir que o encanto hipnótico da vida mundana o afete, a fim de que os “Cinco ou Seis Venenos” – Orgulho, Inveja, Preguiça, Ira, Cobiça, Luxúria – não o escravizem, como o fazem à multidão, à existência *sangaráica*.

redor — era de fato um ponto encantador, que merecia longas contemplações — e mudei-me para lá.

“Vivendo apenas de sopa de urtiga, continuei minhas meditações. Eu não tinha qualquer roupa sobre o meu corpo, nem qualquer alimento dentro dele. Meu corpo ficou mirrado como um esqueleto, ganhou uma cor esverdeada, igual à da urtiga, e sobre ele cresceu uma cobertura de pêlos esverdeados.

“Eu costumava olhar o manuscrito que o meu *Guru* me dera, com especial veneração, colocando-o às vezes sobre minha cabeça e tocando-o com afeição; isso tinha o efeito de aplacar o meu estômago, embora eu nada tivesse para comer. Às vezes, eu costumava até mesmo arrotar [como se de fato tivesse comido o meu quinhão de alimentos]. Uma ou duas vezes estive a ponto de abrir o manuscrito e ler o seu conteúdo; mas eu recebera alguns sinais indicativos de que o tempo para fazê-lo ainda não havia chegado; por isso, mantive-o fechado.

“Cerca de um ano depois, alguns caçadores do mercado de Kyeendrong se arriscaram a cruzar meu caminho, mas não conseguiram divertir-se com isso. De início, eles fugiram, dizendo que tinham visto um *bhūta* (um mau espírito). Quando lhes assegurei que era um ser humano e um devoto, disseram que eu não tinha a aparência de um, mas, de qualquer maneira, procuraram me ver melhor. Eles subiram e espiaram em todos os cantos e esconderijos de minha caverna. Por fim, disseram: ‘Onde estão os teus fardos de comida? Dá-nos um pouco que o devolveremos liberalmente; caso contrário, nós te mataremos.’ Assim, eles me ameaçaram. Eu lhes disse que só tinha as urtigas, e que mesmo se tivesse outras coisas — vendo que eles haviam sido rudes o bastante para me insultar, jogando-me para o alto —, não as obteriam pela força. Eles replicaram que não queriam me roubar e que, quanto a me insultar, o que ganhariam com isso? Disse-lhes que poderiam obter merecimentos. Assim, disseram: ‘Muito bem; vamos jogar-te outra vez para o alto.’ E me levantaram e me deixaram cair várias vezes. Isto afligiu muito o meu pobre corpo enfraquecido; mas, a despeito de tudo, compadecei-me deles sinceramente¹⁴ e derramei lágrimas. Um deles, que se abstinera dessa cruel ação, disse: ‘Amigos, esse homem parece ser um *lāma* de verdade, e mesmo que não o seja, nada ganhareis maltratando uma pessoa tão frágil. Ele nada nos fez para ficarmos com raiva. Parem de molestá-lo.’ E disse para mim: ‘Eremita, é admirável que tenhas suportado esses maus-tratos. Quanto a mim, nada tenho contra ti; por isso, lembra-te de mim em tuas preces.’ Os outrôs ajuntaram, por brincadeira: ‘Como nós te erguemos, lembra-te de nos pôr também sob a proteção das tuas preces.’ Um deles disse: ‘Ai, ai, ele o fará, podeis estar certos — só que de um modo diferente!’ E todos se retiraram rindo turbulentamente. Não tive nenhuma intenção ou o pensamento de amaldiçoá-los, mas parece que a recompensa divina os alcançou, pois vim a saber depois que os caçadores haviam sido presos pelo Governador da Província. O líder foi morto, e todos, exceto aquele que se absteve de me maltratar, tiveram os olhos arrancados.

14. Milarepa mostra-se aqui fiel ao seu Voto, sendo essencial para a obtenção da Iluminação Nirvânica a posse pelo Bodhisattva das “Quatro Qualidades de Brahṃā”, que são a Piedade, a Compaixão, o Amor Altruísta para com todos os seres sencientes, e a Indiferença de equanimidade para com todos os estados ou condições da existência *sangśārica*.

“Cerca de um ano depois desse acontecimento, todas as minhas roupas estavam puídas e apenas alguns farrapos da roupa que minha tia havia me dado em pagamento pelo campo, juntamente com o saco em que a farinha havia sido colocada estavam inteiros. Eu pensara outrora em coser os farrapos, e fazer deles uma espécie de roupa de cama, mas pensei que, se eu morresse naquela noite, de nada me serviria essa roupa; melhor seria continuar com a minha meditação. Assim, estendendo o esfarrapado traje de seda embaixo, como um lençol, usei-o para cobrir a parte inferior de meu corpo, enrolando suas pontas em torno de mim, na medida do possível; por outro lado, cobri a parte superior do meu corpo com o saco de farinha rasgado e, com o que sobrava dos farrapos da roupa, cobri as partes do corpo que mais precisavam. Pelo menos, eles estavam rasgados demais para que eu lhes pudesse dar outro destino. Finalmente, pareceu-me que isso era um excesso de auto-abnegação e que eu devia coser os farrapos uns aos outros; mas eu não tinha nem linha nem agulha, de sorte que os juntei sobre o meu corpo em três peças, amarrei-os em três lugares e mantive-os na posição pelas extremidades da corda, que amarrei junto para fazer um cinto. Assim coberto, passei os dias da melhor maneira possível e, à noite, o saco rasgado, junto com os restos do traje de seda esfarrapado, davam-me alguma proteção contra o frio.

“Continuei, assim, a meditar por mais um ano, até que um dia ouvi um barulho semelhante ao de muitas pessoas falando. Espreitando, vi outro grupo de caçadores que trazia uma boa quantidade de alimentos, aproximando-se da entrada de minha caverna. Ao me verem, os que estavam à frente gritaram: ‘Oh! Vejam, um *bhūta*!’, e fugiram; os que estavam à retaguarda disseram que não era provável que um *bhūta* se mostrasse em plena luz do dia e acrescentaram: ‘Olhem de novo e vejamos se o *bhūta* ainda está lá.’ Ao serem informados de que eu ainda lá estava, mesmo os caçadores mais velhos, que haviam ficado para trás, na retaguarda, começaram a ficar com medo. Eu lhes disse que não era um *bhūta*, mas um eremita que fora reduzido àquela situação por falta de provisões. Eles quiseram ver por si mesmos e reviraram todo o local, espiando em todos os cantos e esconderijos da caverna. Mas, não vendo nada a não ser urtiga, todos se encheram de veneração. Deixaram-me o resto de suas provisões e uma boa quantidade de alimentos, dizendo respeitosamente: ‘É louvável que pratiques tal ascetismo. Reza, por favor, pela absolvição dos animais que matamos e pelos nossos próprios pecados, por tê-los caçado.’

‘Fiquei feliz com a perspectiva de ter os alimentos que um ser humano normal come e, partilhando da comida, desfrutei uma sensação de conforto corporal e uma alegria mental que aumentaram o zelo dos meus exercícios devocionais; senti uma fina alegria espiritual que transcendeu tudo o que antes eu havia sentido. Pensei que o mérito adquirido por aqueles que oferecem umas poucas migalhas de comida aos eremitas solitários excedem, seguramente, o das mais exuberantes oferendas àqueles que gozam da opulência e que vivem no meio da sociedade humana nas cidades e aldeias. Utilizei frugalmente a comida, até que, por fim, ela se encheu de larvas. Pensei em retirar as larvas e utilizar a comida, mas considerei que não me cabia desfrutá-la, uma vez que teria de disputar com as larvas, o que seria um roubo. E pensei que por mais digno que pudesse ser, não era digno de mim ir ao ponto de cometer um roubo de comida; de modo que permiti às larvas desfrutarem da comida, voltando eu à minha sopa de urtiga.

“Uma noite, uma pessoa, acreditando que eu possuía alguma riqueza, veio até a caverna, tateando e procurando furtivamente por todos os cantos essa riqueza. Ao ver isso, ri francamente, e disse: ‘Tenta, se puderes, achar alguma coisa à noite onde eu não consegui de dia.’ A própria pessoa não pôde deixar de rir também e, então, se retirou.

“Um ano depois disso, alguns caçadores de Tsa, tendo falhado em conseguir caça, vieram parar na caverna. Quando eu estava sentado em *Samādhi*, vestido com um arremedo do traje de três nós, eles me tocaram com a ponta dos seus arcos, curiosos por saber se eu era um homem ou um *bhūta*. Ao observarem o estado do meu corpo e dos meus trajes, ficaram inclinados a pensar que eu era um *bhūta*. Enquanto discutiam entre si, abri a boca e disse: ‘Ficai certos de que sou um homem.’ Eles me reconheceram pelos meus dentes e perguntaram se eu era Thöpagá. Sendo a minha resposta afirmativa, pediram-me um pouco de comida, prometendo-me devolvê-la generosamente. Disseram: ‘Ouvimos que retornastes à tua casa há muitos anos. Ficaste aqui todo esse tempo?’ Respondi: ‘Sim; mas não vos posso oferecer nenhuma comida que possais comer.’ Eles disseram que o que me servia serviria para eles. Pedi-lhes, então, para acender o fogo e ferver as urtigas. Eles o fizeram, mas como esperavam algo para temperar a sopa, como carne, ossos, tutano ou gordura, eu lhes disse: ‘Se eu tivesse tais temperos, então, eu teria alimento com qualidades saborosas; mas eu não os tenho há anos. Usai a urtiga no lugar do tempero.’ Eles então pediram farinha ou cereais para engrossar a sopa. Eu lhes disse que se os tivesse, eu então teria comida com propriedades nutritivas; mas eu não os utilizava há anos, e lhes disse para usar os galhos da urtiga em seu lugar. Por fim, eles pediram um pouco de sal, ao que respondi que o sal teria dado um pouco de sabor à minha comida, mas que eu não o utilizava também há anos, e recomendei a adição de mais galhos de urtiga em lugar do sal. Eles disseram: ‘Vivendo desta comida e trajando roupas como essas, não é de surpreender que o teu corpo tenha sido reduzido a esse miserável estado. Tua aparência não é a de um homem. Mesmo se fosses o servo de um servo, terias comida mais farta e roupas mais quentes. És a pessoa mais deplorável e miserável do mundo.’ Eu disse: ‘Ó meus amigos, não digais isso. Sou um dos mais felizes dentre todos os que obtiveram a vida humana. Eu estive com Marpa, o Tradutor, em Lhobrak, e obtive dele a Verdade que confere o Budado numa única existência; e agora, tendo renunciado por completo a todos os pensamentos mundanos, vivo em estrito ascetismo e devoção neste ermo, distante das habitações humanas. Procuro obter aquilo que me valerá na Eternidade. Abstendo-me dos prazeres triviais de derivados da comida, das roupas e da glória, procuro subjugar o Inimigo [a Ignorância] nesta mesma existência. Dentre toda a população humana do Mundo, sou um dos mais corajosos, com as mais altas aspirações. Mas vós! — que nascestes numa região em que domina a Nobre Doutrina do Buddha, embora não tenhais ouvido um discurso religioso, deveis devotar vossas vidas a ele; mas, ao contrário, fazeis tudo para ganhar as profundezas mais baixas e os termos mais longos de uma existência nas Regiões Infernais! Acumulais pecados por qualquer motivo e competis entre vós por isso! Quão tolos e perversos são vossos objetivos na vida! Eu não me regozijo apenas com perspectiva da Bem-aventurança Eterna, mas desfruto as coisas que me dão prazer e auto-aprovação.’

“Eu então cantei para eles esta canção sobre os meus Cinco Confortos:

“Ó Senhor! Ó Gracioso Marpa! Curvo-me aos Teus Pés!
Permite que eu renuncie aos objetivos mundanos.

“Aqui, na Caverna Média de Dragkar-Taso,
No cume mais alto da Caverna Média,
Eu, o *Yogī* tibetano de nome Repa,
Renunciando a todos os pensamentos sobre o que comer, e sobre o que
vestir, e sobre os objetivos da vida,
Me fixei para alcançar o perfeito Budado.

“Confortável é o duro colchão sob o meu corpo,
Confortável é a colcha forrada de algodão nepalês sobre o meu corpo,
Confortável é a simples faixa de meditação que prende meus joelhos,¹⁵
Confortável é o corpo, habituado à dura dieta,
Confortável é a Lúcida Mente que discerne os apegos temporários e o
Objetivo Final;
Nada é desconfortável, tudo é confortável.

“Se sois capazes de fazê-lo, tentai imitar-me;
Mas se não fordes inspirados pelo objetivo da vida ascética,
E ao erro da Doutrina do Ego¹⁶ vos apegardes,
Rezo para que me poupeis de vossa inadequada piedade;
Pois sou um *Yogī* no Caminho da Aquisição da Eterna Bem-aventurança.

“Os últimos raios do Sol passam pelo topo das montanhas;
Retornai às vossas moradas.
E, quanto a mim, que em breve devo morrer, desconhecendo a hora da morte,
Com a tarefa que me impus de alcançar o perfeito Budado,
Não tenho tempo para desperdiçar em conversa inútil;
Portanto, entrarei agora no Estado de Quietude do *Samādhi*.’

“Ao ouvir essa canção, eles disseram: ‘Cantas sobre os vários confortos
e, de fato, possuis uma bela voz. Quanto a nós, não podemos viver tão rusticamente
como o queres.’ E assim se retiraram.

“Por ocasião de uma festa anual em Kyanga-Tsa, eles cantaram essa mesma
canção. Ocorreu que minha irmã Peta também lá estava, procurando obter um
pouco de comida. Ao ouvir a canção, ela lhes disse: ‘Senhores, o homem que cantou
isso deve ser um Buddha.’ Um dos caçadores disse: ‘Ha! Ha! vejam como ela louva

15. A faixa de meditação é utilizada para cingir o corpo e as pernas em posição *yóguica*, e para assim impedir que as pernas baixem quando o *yogī* entra em profunda meditação — sendo por isso necessário manter a postura (sânc. *Āsana*), que corta ou causa curto-circuito em certas forças ou correntes corporais. Os *Āsanas* também tornam o corpo flexível e capaz de grandes esforços, elimina as condições físicas doentias e cura as enfermidades.

16. A Doutrina de um Ego ou Alma pessoal; ver p. 30, n. 21.

o próprio irmão'; e disse outro: 'Se ele é um Buddha ou um animal, esse foi o canto de teu semimorto irmão; ele está a ponto de morrer de fome.' Nisso, disse Peta: 'Oh! meus pais estão mortos há muito; meus parentes tornaram-se meus inimigos; meu irmão se perdeu, e eu reduzi a minha vida à de um mendigo; por que zombais das minhas misérias?' E caiu em prantos. Zesay aproximou-se e a confortou, dizendo: 'Não chores. É bem possível que este seja o teu irmão; eu também o encontrei há algum tempo. Vai à Caverna de Dragkar-Taso e descobre se ele ainda está lá. Se estiver, ambas iremos vê-lo.'

"Assim, tendo sido levada a acreditar nessa afirmação, ela veio me procurar na Caverna de Dragkar-Taso com um jarro de *chhang* e um pequeno pote cheio de farinha. Ao me ver pela primeira vez, da entrada da caverna, ela ficou com medo. Meu corpo estava emaciado devido às privações e às penúrias; meus olhos estavam profundamente enterrados nas órbitas; os ossos eram todos visíveis; minha cor era de um verde-azulado; os músculos estavam todos mirrados e murchos; uma cabeleira azul-esverdeada cobria a minha forma esquelética; os cabelos de minha cabeça estavam duros e formavam uma formidável cabeleira; e meus braços e pernas pareciam estar prestes a se quebrar. Além disso, eu tinha uma aparência que lhe inspirou tanto medo que ela me tomou por um *bhūta*. Mas, lembrando-se do que ouvira, que o seu irmão estava a ponto de morrer de inanição, ela cogitou se, de fato, não seria eu mesmo. Por fim, ela conseguiu coragem e me perguntou: 'És um ser humano ou um *bhūta*?' Respondi-lhe: 'Sou Mila Thópaga.' Ao reconhecer minha voz, ela se aproximou e me abraçou, gritando: 'Irmão, irmão!', e então desmaiou. Quanto a mim, reconhecendo que era Peta, senti prazer e tristeza ao mesmo tempo. Recorrendo aos melhores meios para fazê-la voltar a si, consegui por fim despertá-la. Mas ela pôs a cabeça entre os meus joelhos e, cobrindo o rosto com as duas mãos, derramou outra torrente de lágrimas, soluçando as seguintes palavras: 'Nossa mãe morreu em grande angústia com o ardente desejo de te rever. Ninguém se aproximava de nós e, eu sendo incapaz de suportar as grandes privações e a solidão em nossa própria casa, a deixei para esmolar em terras distantes. Eu pensava que também estavas morto. Contudo, eu esperava que, se estivesses vivo, te encontrasses em condições melhores do que estas. Mas, ai de mim, este é o teu estado. E podes ver qual foi o meu destino! Não há ninguém na terra mais miserável do que nós!' E continuou a dizer repetidamente os nomes de nossos pais, chorando com amargura. Fiz o que podia para consolá-la. Por fim, eu também me senti muito triste, e cantei a seguinte canção para a minha irmã:

" 'Obediência aos meus Senhores, os *Gurus*!

Permiti que este *Yogī* possa se prender firmemente à solidão.

" 'Ó irmã, estás cheia de sentimentos mundanos;

[Sabes que] as alegrias e os sofrimentos [mundanos] são impermanentes.

Mas eu, simplesmente por suportar estas penúrias,

Estou certo de alcançar a Felicidade Eterna;

Ouve então a canção de teu irmão:

“ ‘Para retribuir a gentileza de todos os seres sencientes,
Sendo eles os nossos pais,¹⁷ dediquei-me à vida religiosa.

“ ‘Observa a minha morada; é igual à das feras selvagens;
Qualquer outra pessoa se intimidaria com ela.

“ ‘Observa a minha comida; é igual à comida dos cães e dos porcos;
Ela causaria náuseas nos outros.

“ ‘Observa o meu corpo; é igual a um esqueleto;
Mesmo um inimigo choraria ao vê-lo.

“ ‘Em meu comportamento, sou igual a um louco;
Ó irmã, vieste até aqui para te desapontares e entristeceres;
Mas se pudesses observar minha mente, ela é a própria Mente de *Bodhi*.
Os Conquistadores se rejubilam ao vê-la.

“ ‘Sentado sobre esta fria rocha, eu medito com zelo,
A ponto de maltratar a minha pele e de arrancar dos ossos a minha carne;
Meu corpo, tanto por dentro como por fora, assemelha-se à urtiga;
Ele tomou um tom esverdeado, que não muda.

“ ‘Aqui, nesta solitária caverna rochosa,
Embora eu não possa afastar da minha mente a melancolia,
Mantenho incessante adoração e afeição
Pelo *Guru*, a Verdadeira Encarnação dos Eternos Buddhas.

“ ‘Assim, perseverando em minha meditação,
Sem dúvida obterei o Conhecimento e a Experiência Transcendentes;
E se nisso eu tiver êxito,
Terei prosperidade e felicidade nesta existência enquanto eu viver;
E, em meu próximo nascimento, obterei o Budado.

“ ‘Por isso, minha irmã, querida Peta,
Não te entregues a tristes lamentos,
Mas abraça a penitência, com fins religiosos.’

17. Interminavelmente, durante inconcebíveis eons, atuam a evolução, a transição e o renascimento, de modo que todos os seres sencientes são nossos pais. O respeito pela mulher entre os budistas baseia-se neste princípio, que é altamente interessante à luz das modernas ciências biológicas.

Os hindus, da mesma maneira, dizem que cada criatura experimenta normalmente 8.400.000 espécies de nascimento antes de atingir o estado de humanidade. Como no *Livro Tibetano dos Mortos* (p. 136), quatro espécies de nascimento são mencionadas: nascimento por calor e umidade, como nas formas inferiores de vida orgânica; nascimento por ovo; nascimento por útero; e nascimento sobrenatural, tal como quando o princípio da consciência é transferido de um reino humano a outro reino de existência, seja normalmente, pela morte, ou sobrenaturalmente, pelas práticas *yóguicas* em qualquer tempo.

“Ao ouvir isto, disse Peta: ‘Seria admirável se fosse como dizes, mas é difícil acreditar que seja verdade. Pois, se fosse como o pintas, os outros devotos praticariam pelo menos uma parte de tais penúrias, mesmo que não pudessem agüentar o que suportas. Mas eu nunca vi ninguém que sofresse tais privações e penitências.’ Dizendo isso, ela me deu o *chhang* e a comida que havia trazido. Senti-me com muito mais forças e revigorado ao provar os alimentos; minhas devoções durante a noite foram mais fervorosas e espirituais.

“Na manhã seguinte, após a partida de Peta, experimentei uma aguda sensação de excitação e de dor física, uma grande variedade de idéias e pensamentos, pios e ímpios, brotaram em minha mente. Tentei, na medida de minhas forças, concentrá-la na meditação, mas não o consegui. Alguns dias depois disso, Zesay me fez uma visita, trazendo-me um pouco de alimento e manteiga bem curtida e temperada, uma boa quantidade de *chhang* e farinha. Peta a acompanhava. Elas me encontraram no momento em que eu ia buscar água. Ao me verem completamente nu (pois eu não tinha roupas), ambas ficaram envergonhadas; no entanto, a despeito do acanhamento, não puderam deixar de chorar por minha completa pobreza. Ofereceram-me os alimentos, a manteiga, a farinha e o *chhang*. Enquanto bebia o *chhang*, disse Peta: ‘Ó meu irmão, de qualquer modo que eu te observe, não te pareces com um ser humano normal. Recorre às esmolas e partilha da comida dos homens. Eu tentarei encontrar alguma roupa e a trarei para ti.’ Zesay acrescentou: ‘Recorre às esmolas, esmolando a tua comida, e eu também te darei uma roupa.’ Mas eu disse: ‘Sendo incerta a hora em que a morte virá me encontrar, não vejo a utilidade de esmolar por comida, nem posso perder tempo fazendo-o. Mesmo que tenha de morrer de frio, será para o bem da Verdade e da Religião; portanto, eu tenho poucos motivos para me lamentar. Não posso me satisfazer com essa mostra de devoção que é praticada num círculo de alegres parentes e amigos, que se divertem com enormes quantidades de alimento e bebida, vestidos com finos trajes — tudo obtido ao custo da real e sincera devoção. Não preciso também de tuas roupas e de tuas visitas. Não darei nenhuma atenção ao conselho de esmolar por comida.’ Disse Peta: ‘Como, então, meu irmão, podes achar satisfação em tua mente? Parece-me que algo mais miserável do que isso ainda te daria mais prazer, mas mesmo a tua engenhosidade não parece ser capaz de planejar algo mais penoso e abstinente.’ Repliquei que os três *Lokas Inferiores*¹⁸ são muito mais miseráveis do que aquela situação; no entanto, muitos seres sencientes fazem tudo o que podem para obter as misérias desses três estados de existência. Quanto a mim, estou satisfeito com as atuais aflições. Dizendo isto, cantei a canção sobre o que constituiriam as minhas Satisfações:

“Obediência ao Corpo de meu Senhor, o *Guru*!
Permite que eu possa me dedicar com êxito à solidão.

“Minha felicidade desconhecida de meus parentes,
Minha tristeza desconhecida de meus inimigos —

18. A saber, o Mundo das Criaturas Subumanas (sâns. *Tiryaga-Loka*), o Mundo dos Fantasmas Infelizes (sâns. *Preta-Loka*) e o Mundo Infernal (sâns. *Naraka-Loka*).

Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Minha maturação desconhecida de minha noiva,
Minha enfermidade desconhecida de minha irmã —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Minha morte desconhecida de todo ser humano,
Meu cadáver putrefato escondido dos pássaros¹⁹ —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Minha pútrida carne sugada pelas moscas,
Meus músculos em dissolução comidos pelos vermes —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Sem nenhuma pegada humana à minha porta,
Sem nenhuma marca de sangue dentro [da Caverna]²⁰ —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Sem ninguém para empurrar meu cadáver [ou ataúde],
Sem ninguém para lamentar minha morte —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Sem ninguém para perguntar se parti,
E sem nenhum lugar que possam apontar como meu objetivo —
Que eu morra assim, nesta Solidão,
E seja alegre, eu, o devoto.

“ ‘Assim, possa esta prece sobre o modo de minha morte
Nesta desolada Solidão

19. Em muitas regiões do Tibete, é costume entregar um cadáver aos pássaros para ser devorado — como fazem os Parsis.

20. Referência ao método tibetano de enterro aéreo, por meio do qual um cadáver é entregue aos habitantes do Elemento Ar, aos pássaros e às feras selvagens, após ter sido desmembrado. Também — de acordo com o lugar, as circunstâncias da morte e a posição do morto — o enterro do fogo, isto é, a entrega do cadáver ao Elemento Fogo, como na cremação; o enterro da água, a entrega do cadáver ao Elemento Água, pela deposição nos rios e lagos; e o enterro da terra, a entrega do cadáver ao Elemento Terra, como entre os cristãos; além da mumificação dos cadáveres dos Dalai e do Tashi Lāmas e dos grandes nobres, um pouco à maneira dos egípcios, são praticados no Tibete. Ver *O Livro Tibetano dos Mortos*, pp. 17-9.

Frutificar, e, para o bem de todos, me ser concedida;
Assim satisfeito, morrerei, eu, o devoto.'

"Ao ouvir a canção, disse Zesay: 'Tuas primeiras palavras e tuas presentes ações estão de acordo. Portanto, essa canção é digna de admiração.' Então disse Peta: 'Seja o que for que digas, quanto a mim, não posso suportar ver-te nesta total miséria de roupas e de alimento. Tudo farei para achar roupas para ti. Tua devoção não poderá continuar se não tiveres alimentos e roupas suficientes; mas, vendo que não irás esmolar, é provável que morras sem ninguém ao teu lado, nesta solidão, de fome ou de frio, tal como desejas. Contudo, se eu descobrir que não estás morto, voltarei para te dar algumas roupas, que tentarei obter.' Tendo assim falado, ambas partiram.

"Tendo desfrutado a boa comida, meus sofrimentos físicos e minhas perturbações mentais aumentaram, tanto que fui incapaz de prosseguir em minhas meditações. Em face dessa embaraçosa situação, pensando que não haveria maior perigo do que a incapacidade de continuar minha meditação, abri o manuscrito que o meu *Guru* me havia dado. Descobri que ele continha a maneira de tratar a presente aflição, esclarecendo assim sobre os obstáculos e os perigos do Caminho, transformando o Vício em Virtude e aumentando o Zelo e a Energia Espirituais. Mencionava o manuscrito que eu deveria utilizar boa e saudável comida naquela ocasião.²¹ A perseverança com que eu havia meditado preparara meus nervos para uma mudança interna em todo o sistema nervoso, mas essa mudança havia sido retardada devido à baixa qualidade da minha alimentação. O *chhang* trazido por Peta excitara um pouco os nervos, e as oferendas de Zesay afetara-os por completo. Eu agora compreendia o que acontecera e, ao estudar o conteúdo do manuscrito, descobri que ele continha os meios e os exercícios acessórios, tanto físicos como mentais, que comecei imediatamente a praticar. Logo depois, percebi que os nervos mais miúdos de meu corpo estavam se relaxando,²² mesmo o nó do *Shuṣhumṇā-Nāḍī* (nervo médio) estava se soltando,²³ e experimentei um estado de calma e clareza supersensitivas que se assemelhava aos primeiros estados que eu tinha vivenciado, mas que os excedia em sua profunda e extática intensidade, deles se diferenciando. Desse modo, um conhecimento novo e transcendente brotou em mim. Pairando sobre os obstáculos, soube que o Mal, ou o perigo, se havia transformado em Bem. O que até então tinha sido considerado discriminação objetiva refulgiu como *Dharma-Kāya*. Compreendi que o *Sangsāra* e o *Nirvāṇa* eram estados dependentes e relativos²⁴ e que a Causa Universal é a Mente, que é distinta das idéias do Interesse ou Parcialidade. Essa Causa Universal, quando dirigida ao longo

21. Como na prática do *Kuṇḍalinī Yoga*, o devoto é instruído a alterar sua alimentação enquanto progride de um estágio ao outro, no Caminho da Realização.

22. Literalmente, "seus nós estavam se soltando"; ver p. 27, n. 9.

23. O centro nervoso do umbigo (*Maṇipūra-chakra*) é o centro do Elemento Fogo do corpo. Um pouco abaixo está o centro do Elemento Água, o *Svādhiṣṭhāna-chakra*; e, mais abaixo ainda, o centro do Elemento Terra, o *Mūlādhāra-chakra*; ver p. 27, n. 9.

24. *Sangsāra* e *Nirvāṇa* são, para a Mente Iluminada de um Buddha, inseparáveis, como os Últimos Opostos — constituindo simplesmente estados mentais; o primeiro, o estado da mente mundana; o segundo, o estado da mente supramundana, do *Dharma-Kāya*.

do Caminho da Descrença [ou do Egoísmo] resulta no *Sangsāra*; ao passo que, se for dirigida ao longo do Caminho do Altruísmo, resultará no *Nirvāṇa*. Eu estava perfeitamente convencido de que a fonte real do *Sangsāra* e do *Nirvāṇa* está no Vazio [da Mente Supramundana].²⁵ O conhecimento que eu agora obtinha tivera origem nas minhas enérgicas devoções anteriores, que lhe haviam servido de causa principal; e tal conhecimento só esperava o acidente, no momento decisivo, da comida boa e nutritiva, bem como a oportuna prescrição contida no manuscrito para brotar. Minha crença nos métodos das doutrinas mantrayânicas, que ensinam que um real conhecimento transcendente pode ser obtido pelo cuidado adequado do corpo, sem renúncia à comida nutritiva e aos trajes confortáveis, foi, então, solidamente sedimentada. Eu também vi que Peta e Zesay haviam contribuído grandemente para o desenvolvimento final dessas qualidades, até então, latentes, e, portanto, minha obrigação para com elas era grande. De sorte que como um meio para provar minha gratidão e para consagrar as piedosas obras de ambas a um Propósito Eterno e Inexaurível, cantei este hino [de louvor], que enfeixa a Essência da Dependência e Relatividade dos Fatos:²⁶

“Obediência aos Pés de Marpa de Lhobrak!
Permite que este eremita possa se dedicar com êxito à Solidão.

“Da caridade dos leigos virtuosos
Depende o êxito deles e o meu;
Este corpo delicado e frágil, e difícil de ser vencido,
Encontrando comida é alimentado e mantido.

“O princípio que sustenta a vida, brotando da terra,
E as chuvas ambrosíacas oriundas do domo celeste
Se juntam e derramam uma bênção sobre todos os seres sencientes;
E na vida religiosa ambos são utilizados da melhor maneira.”²⁷

“O corpo transitório, nutrido pelos pais,
E o Ensinamento Sagrado do Sagrado *Guru*,

25. Cf. pp. 28, n. 10, e 29, n. 28.

26. O Tradutor, o falecido Lāma Kazi Dawa-Samdup, acrescentou aqui a seguinte nota explicativa: “Esta passagem, um tanto quanto abstrusa, significa – até onde pode ser entendida – que esse hino foi cantado como uma dedicatória aos méritos das piedosas oferendas de Zesay e Peta, de modo que essas oferendas pudessem tornar-se fontes eternas e inexauríveis de bons frutos kármicos para elas, pois propiciaram o desabrochamento e a expansão das qualidades latentes no próprio organismo físico de Jetsün e aceleraram seu crescimento e desenvolvimento espiritual. Na medida em que essa aceleração foi causada pelas oferendas, pode-se dizer que o resultado depende dessas oferendas. Por isso, Jetsün desejava pesar-lhes as oferendas, não de acordo com o seu valor, mas de acordo com seus resultados.”

27. Há aqui uma referência subjacente ao desenvolvimento do Poder da *Kuṇḍalinī* (ou Serpente), que provém do Lótus do Suporte da Raiz (a Terra). Do Lótus das Mil Pétalas (o Céu, ou Céus) cai a chuva ambrosíaca, que confere a Iluminação Extática. (Ver p. 27, n. 9.)

Se juntam e assim favorecem a vida religiosa;
Onde, na Perseverança, repousa o verdadeiro êxito.

“ ‘A caverna rochosa, em meio à desolada solidão,
E a devoção zelosa e sincera,
Se juntam e produzem o Fruto do Êxito;
Este consiste no Conhecimento Espiritual.

“ ‘Na estoica e paciente fortaleza da meditação de Milarepa,
E na fé dos seres da Árvore dos *Lokas*
Reside a oportunidade do Proveito Universal;
Deste, a essência é a Compaixão.²⁸

“ ‘O *Yogī* que, nas cavernas rochosas, medita,
E o leigo que provê o seu sustento,
Devem cada um obter assim a chance de alcançar o Budado;
Deste, a essência é a Consagração.²⁹

“ ‘Na Sagrada graça do *Guru*
E na ativa meditação do zeloso *shishya*
Reside a oportunidade de confirmar a Verdade [a Hierarquia];
Desta, a essência é a Pureza da Fé.³⁰

“ ‘Nos Ritos Iniciáticos, que conferem o Poder Oculto,
E na prece ardente e sincera [do devoto],
Repousa a oportunidade de encontrar rapidamente [a Comunhão Espiritual];
Desta, a essência é a Bênção.³¹

“ ‘Ó Senhor Dorje-Chang, ó Imutável,
Conheces a felicidade e o pesar deste mendicante.’

“Tendo cantado este hino, proseguei zelosamente com minhas meditações.
Por fim, comecei a sentir que havia obtido o poder de me transformar em qualquer

28. A virtude da meditação de Milarepa e da fé dos seres dos Três *Lokas* (Regiões), a saber, do Desejo (*Kāma*), da Forma e do Informe (*Arūpa*), une e produz uma força espiritual útil a todos os seres sencientes por todo o *Saṃsāra* (ou Universo da Natureza). Sua essência é a Compaixão.

29. O *yogī* que medita e o leigo que lhe fornece comida, ambos trabalham para o Budado, por meio da consagração dos méritos de sua mútua ajuda à Causa da Iluminação de todos os seres sencientes. (Cf. a primeira estrofe abaixo, depois da Obediência.)

30. A fé e a devoção pura no *shishya* e na graça divina do *Guru* se combinam para produzir os Santos que sustentam a Igreja da Verdade Universal sobre a Terra.

31. A bênção concedida ao Iniciado e sua fervorosa aspiração para atingir a Realização da Verdade se combinam e conduzem rapidamente ao Objetivo – sendo a Verdadeira Sabedoria conquistada por meio da comunhão direta com os *Gurus* super-humanos, dos quais *Vajra-Dhara* (tib. *Dorje-Ch'ang*) é, para a Escola Kargyūtpa, o Chefe.

forma desejada e de voar pelo ar. De dia, sentia que podia exercer infinitos poderes fenomênicos; de noite, em meus sonhos, podia atravessar o universo sem impedimentos, em todas as direções — do topo do Monte Meru³² à sua base — e [enquanto fazia as viagens] via tudo claramente. Assim também [em meus sonhos] eu podia me multiplicar em centenas de personalidades, todas dotadas dos mesmos poderes que eu. Cada uma de minhas formas multiplicadas podia atravessar o espaço e ir a algum Céu de Buddha ouvir os Ensinamentos e, então, voltar e pregar o *Dharma* a muitas pessoas. Eu podia também transformar o meu corpo físico numa flamejante massa de fogo, ou numa vastidão de água corrente ou parada. Ao perceber que eu havia obtido infinitos poderes fenomênicos [mesmo que fosse apenas nos meus sonhos], enchi-me de felicidade e encorajamento por meu próprio êxito.

“Desde então, perseverei nas minhas devoções com humor muito alegre, até que, finalmente, fui capaz de voar. Às vezes, eu voava sobre o Min-khyüt-Dribma-Dzong (Castelo que repousa nas Sombras das Sobrancelhas)³³ para meditar; e dessa forma desenvolvi o Ardor Vital muito mais do que jamais havia conseguido. Às vezes, eu voava de volta à Caverna de Dragkar-Taso.

“Certa feita, quando eu estava assim voando, passei sobre uma pequena aldeia, de nome Long-da, onde um irmão da falecida nora de meu tio ainda vivia. Essa mulher havia perecido no desmoronamento da casa. O irmão tinha um filho, e o pai e o filho estavam ocupados em lavrar o campo [acima do qual eu sobrevoava]. O filho conduzia o arado enquanto o pai manejava a relha. O filho me viu, e disse: ‘Veja, é um homem voando!’ E deixou o trabalho para me ver. Disse o pai: ‘O que há de espantoso nessa visão? Uma certa Nyang-Tsa-Kargyen, mulher muito maligna, tinha um filho perverso, de nome Mila. É esse vagabundo inútil. Afasta-te e não permitas que essa sombra caia sobre ti, e continua a guiar o arado.’ O pai

32. O Monte Meru é a Grande Montanha Central tanto da mitologia budista como da hindu, em torno da qual o cosmo está disposto em sete círculos concêntricos de mares e montanhas. Numa interpretação racional, o Monte Meru é o centro de gravidade de um universo semelhante ao nosso e, no esquema cosmológico budista, o nosso Universo é apenas um na infinidade do espaço, sendo cada um dos Mundos separado dos demais por um muro de ferro, que, tal como uma casca de ovo, enfeixa o Universo, o muro de ferro simbolizando as trevas. Mas aqui, em nosso texto, o Monte Meru, o eixo do universo físico, tem um significado esotérico. Ele simboliza o Monte Meru do organismo humano, a coluna vertebral (sâns. *Brahmā-daṇḍa*), em cuja cavidade se localiza o nervo medial (sâns. *Suṣhumnā-nāḍī*), o principal canal das forças psíquicas do homem, visto como o Microcosmo do Macrocosmo. Em redor do *Brahmā-daṇḍa*, como as duas serpentes enroladas em torno do bastão do deus mensageiro Hermes, estão os dois canais complementares, o nervo esquerdo (sâns. *Idā-nāḍī*), e o nervo direito (sâns. *Pingalā-nāḍī*). O cume do Monte Meru é o Lótus de Mil Pétalas do centro nervoso cerebral, o *Sahasrāra-Padma*; a base é o centro nervoso do Suporte da Raiz do *Suṣhumnā-nāḍī*, conhecido como *Mūlādhāra-chakra*, situado no períneo. No Lótus de Mil Pétalas, Shiva (Jñāna: “Sabedoria Divina”) e *Kuṇḍalinī* (*Shakti*: “Força Divina”) se reúnem, e o *yogī* experimenta a Iluminação. Os *Tantras* ensinam que conhecer o Microcosmo (sâns. *Pinḍāṇḍa*) é conhecer o Macrocosmo (sâns. *Brahmāṇḍa*) — o que está aqui, está em toda parte; o que não está aqui, não está em parte alguma.

33. Esse nome deve ter também um significado esotérico. Nesse sentido, o “Castelo que repousa nas Sombras das Sobrancelhas” seria o *Ājñā-chakra*, para onde Milarepa às vezes voava, isto é, centrava a sua consciência na prática do *Kuṇḍalinī Yoga* (ver p. 27, n. 9) e, assim, adquiria o *siddhi* da levitação e do voo.

curvou o corpo para evitar que minha sombra caísse sobre ele. Mas o filho disse: 'Se um homem é capaz de voar, não penso que seja um vagabundo; não há nada mais maravilhoso do que um homem voando.' E assim dizendo, continuava a me olhar.

"Pensei, então, que eu podia ajudar eficientemente todos os seres sencientes, se o quisesse, e resolvi me dedicar ao bem dos outros; mas eu tinha uma ordem direta de minhas Divindades Tutelares para dedicar toda a minha vida à meditação, como me ordenara o meu *Guru*. Só assim eu deveria servir à Causa da Fé Budista e, ao servir a todos os seres sencientes dessa forma, eu não poderia fazer nada melhor, tal era a ordem que recebera. Por isso, pensei que, dedicando toda a minha vida à meditação, eu podia dar um exemplo aos futuros devotos, que seriam assim levados a despender suas vidas em devoção, depois de renunciarem a todos os objetivos e propósitos mundanos; isso levaria à Causa da Fé Budista e ao bem de todos os seres sencientes. De sorte que resolvi dedicar toda a minha vida à meditação.

"Além disso, pensei que tinha vivido muito tempo no mesmo lugar, e que, durante esse tempo, tinha sido visto por inúmeras pessoas a quem falara de assuntos religiosos; e, agora, que eu havia obtido o conhecimento transcendente e os *Siddhi* (os poderes supranormais) e tinha sido visto voando por seres humanos, se eu continuasse ali, as pessoas mundanas me seguiriam, pedindo proteção para os males e a realização de desejos egoístas.³⁴ Isto provocaria as tentações do Filho dos Celestiais.³⁵ A fama e a prosperidade mundanas poderiam retardar o progresso de minha devoção e obscurecer meu conhecimento espiritual; resolvi, assim, prosseguir minha meditação nas solidões de Lapchi-Chūbar (Entre os Rios).³⁶ E assim fiz, carregando às costas a vasilha de terra em que tinha cozido a urtiga na Caverna de Dragkar-Taso. Mas, como eu havia praticado por muito tempo a meditação e sobrevivido com uma alimentação muito pobre, tendo permanecido muito tempo sem roupas e ficado com os pés duros, cobertos de crostas calosas, escorreguei numa pedra bem perto de minha caverna e caí. O pegador do pote de terra se rompeu, e o próprio pote rolou e quebrou, a despeito de todas as minhas tentativas de pegá-lo. Do seu interior emergiu uma perfeita imagem dele, sendo ela uma incrustação enrijecida do caldo de urtiga que havia assumido a forma da vasilha. O acidente me despertou vivamente a idéia da natureza impermanente de todas as coisas mundanas. Compreendi também que aquilo fora uma espécie de exortação

34. Essa é uma das razões pelas quais o Buddha e outros dos Grandes *Rishis* da Índia proibiam a operação de milagres, exceto em casos de extrema necessidade.

35. Isto é, as tentações de Indra, ou a glória e a prosperidade mundanas. Indra, aqui Rei dos Celestiais, embora elevado a seu presente estado a partir do estado humano, tendo sido um príncipe na Terra, utiliza essas tentações contra qualquer homem que pratica grandes austeridades *yóguicas*, iguais às que outrora praticou, para impedir que um outro se torne seu rival.

36. O Tradutor cogitou que Lapchi-Chūbar podia provavelmente ser um outro nome do Monte Everest, em cujas cavernas os seguidores de Milarepa até hoje praticam o sistema Kargyütpa de meditação *yóguica*. O nome tibetano comumente dado ao Monte Everest é Lapchi-Kang, e esse nome é utilizado por Milarepa na canção que dedicou à irmã (ver. p. 167).

para que eu perseverasse nas minhas devoções. Sentindo que todo o ocorrido era maravilhoso, cantei o seguinte hino, num espírito de profunda fé:

“ ‘Até o pote de barro, que outrora existiu, e que agora não existe mais,
Demonstra a natureza de todas as coisas [que o constituem];
Mas é especialmente a vida humana que ele simboliza.
Portanto, eu, Mila, o Devoto, resolvi
Perseverar sem descanso.
O pote de barro, que constituía a minha única riqueza,
Ao se quebrar, tornou-se um *Guru*,³⁷
Pois agora me prega um maravilhoso sermão sobre a Impermanência.’

“Enquanto eu assim cantava, alguns caçadores, que buscavam comida, me ouviram e disseram: ‘Ó eremita, tens uma voz muito melodiosa. O que fazes com um pote de barro quebrado e um pote interno feito da incrustação enrijecida da sopa de urtiga; e por que estás tão emaciado e com uma cor esverdeada?’ Ao lhes explicar a razão da minha emaciação, ficaram eles muito espantados, e me pediram para eu partilhar de sua comida. Enquanto eu comia, disse um dos caçadores mais jovens: ‘Ora, pareces ser um homem fortemente constituído. Em lugar de sofreres tais penitências e privações, se abraçasses uma carreira mundana, poderias, se quisesses, domar tanto um cavalo como um leão; e, provido de braços iguais a árvores, poderias subjugar teus inimigos. Acumulando riquezas, poderias proteger teus parentes queridos e, assim, serias feliz. Ou então poderias te dedicar ao comércio, no qual ganharias o bastante para ser feliz. No pior dos casos, poderias trabalhar como um servo, e obter boa comida e roupas; no que diz respeito ao teu corpo e à tua mente, estarias bem melhor do que isto. Mas não parece saber disso; portanto, começa de novo.’ Um dos caçadores mais velhos disse: ‘Ele me parece ser um devoto muito bom e não é conveniente que ele se preocupe com os nossos conselhos mundanos; é melhor ficarmos quietos.’ E, dirigindo-se a mim, disse: ‘Tens uma bela voz. Canta-nos uma canção, que fará bem às nossas mentes.’ Ao que respondi: ‘Ao que parece, tu me julgas muito miserável, mas não há ninguém no mundo que seja tão feliz quanto eu, nem ninguém que possa se orgulhar de um senso maior ou uma vida mais nobre e mais ditosa; mas não podes compreender. Eu desfruto as seguintes coisas, que constituem a minha felicidade, assim como o melhor de vós. Ouvi-me.’ Cantei, então, o hino da Raça de um *Yogī*:

“ ‘Curvo-me aos Pés de meu Gracioso Pai, Marpa!

“ ‘No interior do templo do Monte Bodhi, meu corpo,
No interior de meu peito, onde está o Altar,
No interior da câmara superior e triangular dentro de meu coração,
O Cavalo da Mente, movendo-se como o vento, salta.’³⁸

37. “Reza um dos preceitos dos *Kaulas*: ‘Desde Brahṁā até uma folha de grama, todas as coisas são meus *Gurus*.’” (Sj. Atal Bihari Ghosh.)

38. Pretende-se aqui que o coração seja o centro de onde brotam todos os impulsos mentais, que, não controlados, são tão rebeldes quanto um cavalo selvagem. A captura e domes-

“ ‘Que Laço pode ser usado para prender esse Cavalo?
E em que Poste deve Ele ser amarrado?
Que Comida se lhe deve dar quando faminto?
Que Bebida se lhe deve dar quando sedento?
Em que Estábulo se deve colocá-lo quando enregelado?

“ ‘Para prender o Cavalo, utilizai, como Laço, a Unidade de Propósito;³⁹
Deve-se amarrá-Lo, quando agarrado, ao Poste da Meditação;
Deve-se alimentá-Lo, quando faminto, com os Ensinamentos do *Guru*;
Deve-se dar-lhe de beber, quando sedento, do Fluxo da Consciência;
Deve-se recolhê-lo, quando enregelado, ao Estábulo da Vacuidade.
Como sela, utilizai a Vontade; como Brida, o Intelecto;
Prendei Nele, como Cilhas e Rabichos, a Fixidez Imóvel;
Passai-lhe, como Cabresto e Focinheira, os Ares Vitais.

“ ‘Seu cavaleiro é o Jovem de Intelecto [a Aguda Vigilância]:
O Elmo que ele porta é o Altruísmo Mahāyânico;
Sua Cota de Malha é o Saber, o Pensamento e a Contemplação;
Em suas costas carrega a Concha da Paciência;
Segura nas mãos a longa Lança da Aspiração;
E em seu flanco empunha a Espada, a Inteligência;
O polido Bambu da Mente [ou Causa] Universal,
Endireitado pela ausência de raiva ou ira,⁴⁰
Farpado com os Tufos das Quatro [Virtudes] Ilimitadas,
Pontilhado com a aguda Cabeça da Flecha do Intelecto,
E armado no flexível Arco da Sabedoria Espiritual,
E aí fixado, na Abertura do Sábio Caminho e do Método Correto,
Ele se lança à plena compreensão da Comunhão Total;
E assim arremessadas, as flechas caem sobre todas as Nações.
Elas atingem os Piedosos,
E matam o Duende do Egoísmo.⁴¹

ticação do Cavalo são os primeiros passos na ciência do controle da mente, chamada *Yoga*. Uma vez dominados os processos mentais, o Cavalo embridado e encilhado conduz seu cavaleiro espiritualmente equipado, o Jovem de Intelecto, ao Budado.

39. Esses versos descrevem as progressivas etapas da prática da *Yoga*, que começa com a *Ekāgratā*, a “Singularidade de Propósito”, “Objetivo Único da Mente”, e conduz ao *Dhyāna* e ao *Samādhi*.

40. Aqui, a figura usada é a de uma flecha de bambu, comumente endireitada por calor, raspagem e polimento.

41. Pelo que Milarepa justifica a vida de reclusão ascética do mundo. Desconhecido da multidão mundana, que encara o *yogī* como um membro inútil da sociedade, ele é, na verdade, o mais útil; graças à sua força mental, emanações, como silenciosas e invisíveis flechas, caem por todas as nações; a virtude e a bondade são mantidas a salvo no mundo; e o Caminho que conduz ao Olimpo dos Deuses é guardado e vigiado. Ver, também, nossa Introdução, pp. 11-8.

E assim são dominados os Inimigos e as Más Paixões,
E assim são protegidos os vossos Parentes.⁴²

“ ‘Esse Cavalo corre pela Extensa Planície da Felicidade;
Seu Objetivo é a obtenção do Estado de todos os Conquistadores.⁴³
Seus traseiros deixam para trás o apego à vida *sangsárica*;
Sua dianteira busca o lugar seguro da Libertação.

“ ‘Correndo tal carreira, sou conduzido ao Budado;
Julgai se isto é igual à vossa concepção de Felicidade:
Eu não desejo a Felicidade do mundo.’

“Ao ouvir essa canção, eles se encheram de fé e partiram com essa disposição.
“Dirigi-me, então, para Chūbar, passando por Palkhung, e, tendo chegado a Tingri, estava sentado na estrada para desfrutar a contemplação do lugar, quando um grupo de donzelas, garbosamente vestidas, passou a caminho de Snag-mo. Vendo meu corpo emaciado, uma delas disse: ‘Vejam que homem de aparência tão miserável! Tomara que eu nunca nasça em tal forma!’, ao que outra acrescentou: ‘Que tristeza! Fico nervosa com tal visão.’ Pensando que se tratava de pobres criaturas ignorantes, tive pena delas e, levantando-me, disse: ‘Ó donzelas, não faleis assim. Ficai tranquilas pois não nasceríeis como eu, mesmo que desejásseis e orásseis ardentemente por isso. Isso é digno de piedade, mas a piedade e a presunção opõem-se uma à outra e, portanto, são inconsistentes. Ouvi esta canção.’ E, assim, me pus a cantar as seguintes estrofes:

“ ‘Aos Teus Pés, ó Gracioso *Guru*, eu oro;
Concede-me Tuas Bênçãos e Tua Graça, ó Marpa!

“ ‘As criaturas, que estão imersas no mau *Karma*,
Olham com desdém para todos, salvo para si mesmas;
As mulheres de mau *Karma* pensam que o matrimônio é a mais desejável
das coisas;
Sua pretensão queima tanto quanto o fogo:
Ah! É digno de pena ver esses seres assim iludidos!

“ ‘Nestes negros dias de Kali-Yuga,⁴⁴
Velhacos maldosos são adorados como deuses,
E os impostores são considerados mais preciosos do que o ouro;
Os verdadeiros devotos são rejeitados, como pedras no caminho:
Oh, que pena desses pobres seres ignorantes!

42. Trata-se de todos os seres sencientes, nos Seis *Lokas* (ou Mundos) do *Sangsāra*. Portanto, não apenas é o Santo o mais essencial de todos os membros da sociedade humana, mas também o seu campo de serviço altruísta é todo o universo.

43. Ou, sânsc. “*Jinas* (os Conquistadores, os Buddhas)”.

44. Ou “Idade de Ferro” — a “Idade das Trevas”, do declínio da Religião e do triunfo do Mundanismo, em que a raça humana atualmente se encontra.

“ ‘Vós, ó grupo de irmãs donzelas, garbosamente vestidas,
E eu, Milarepa de Gungthang,
Temos mútuo desprezo,
E mútua piedade, também;
Mas na justa de lanças de nossa mútua piedade,
Vejamos quem vencerá por fim.⁴⁵

“ ‘Este sermão verídico é pregado por Milarepa
Em resposta à insensata conversa dos seres ignorantes;
E à sua transformação de vinho em água,
E do Bem em Mal.’

“Quando terminei a canção, a jovem que se apiedara de mim disse: ‘Ele é o famoso Gungthang-Milarepa, e dissemos muitas tolices com um espírito de vaidade. Devemos pedir-lhe perdão’ e, nisso, todas animaram a jovem que havia dito tais palavras a fazê-lo. Ela também estava muito triste e, mostrando várias conchas, que eram utilizadas como moeda, ofereceu-mas com prostrações, e suplicou para que eu lhes fizesse outro sermão, de sorte que cantei a seguinte canção:

“ ‘Suplico ao meu Gracioso Senhor!
Um breve sermão sobre a Verdade vou pregar.

“ ‘Nos Palácios Celestiais dos Deuses Gahdan,⁴⁶
Não se cultuam as Verdades Espirituais, mas as Verdades Científicas;
Nas Regiões Inferiores, na Cidade Palacial de Nāga,
Não se cultuam as Verdades Profundas, mas as Riquezas;⁴⁷
Neste Mundo de Seres Humanos,
Não se cultuam o Sábio e o Douto, mas os Mentirosos.

“ ‘Nas Províncias de Ü e Tsang, e nos Quatro Distritos,
Não se cultua a Meditação, mas a Explicação;
Na escória destes maus tempos [de Trevas],
Não se cultuam os bons homens, mas os perversos.

“ ‘Aos olhos das garbosas donzelas,
Não se cultua o devoto, mas o libertino;

45. Se a felicidade mundana (sâns. *Pravṛitti*) ou a renúncia ao mundo (sâns. *Nivṛitti*), que conduz à Verdadeira Sabedoria.

46. Deuses dos Céus *Tuṣhita*, que são mais intelectuais do que espirituais.

47. Os *Nāgas*, ou semideuses em forma de Dragão, da mitologia hindu, são de quatro espécies: (1) celestiais, que guardam os Mundos Celestiais; (2) aéreos, que produzem os ventos e as chuvas, para benefício dos seres humanos; (3) terrestres, que demarcam os cursos dos rios e das correntezas; e (4), como em nosso texto, os amantes ou guardiões dos tesouros ocultos. São um tanto quanto semelhantes aos Elementais da Filosofia Medieval, habitando cada classe um dos elementos.

Aos ouvidos das jovens donzelas,
Não soam doces os sermões prosaicos sobre a religião, mas as canções
de amor.

“ ‘Tais são as verdades em versos,
Cantadas em pagamento das sete conchas,
E que anunciam o pleno perdão.’

“Ao ouvirem esta canção, encheram-se todas de profunda fé, e prosseguiram
em seu caminho.

“Eu também me dirigi a Brin (Drin), onde tive notícias tanto de Lapchi-Chūbar (Monte Everest?) quanto de Kyit-Phug (Caverna Agradável), também conhecida como Nyima-Dzong (Castelo Ensolarado), dos quais escolhi o segundo. Passei aí vários meses, e progredi sensivelmente em minha devoção e meditação; mas as pessoas de Brin me visitavam, trazendo-me provisões como oferendas. Sabendo que isso ocasionaria uma deterioração nas minhas práticas devocionais, pensei que, se permanecesse por mais tempo nesse lugar, a popularidade só prejudicaria minhas devoções meditativas. Eu já passara muito tempo ali e, portanto, resolvi pôr-me a caminho, dirigindo-me a uma região solitária, para nela buscar uma caverna. Assim, de acordo com a ordem do meu *Guru*, resolvi ir a Lapchi-Chūbar. No momento em que estava pronto para partir, minha irmã Peta chegou para me oferecer uma peça de lã, tecida com a lã que ela reunira das sobras de outras peças. Ela a levava a Dragkar-Taso e, não me encontrando lá, saíra à minha procura, interrogando a todos que encontrava; ouvindo, em Gungthang-Töt, que um eremita semelhante a uma lagarta e que se alimentava de urtigas havia passado por Palkhung em direção a La-Töt-Lho (Montanhas Superiores de Face Sul), ela veio seguindo minhas pegadas. Em Tingri, ela viu o Lāma Bari-Lotsawa (O Grande Tradutor Bari) sentado em elevado assento, com um pára-sol sobre si, trajando sedas de cinco diferentes cores e cercado por seus discípulos, alguns dos quais sopravam conchas, címbalos, clarinetas e flautas, com uma grande multidão ao redor, que lhe oferecia chá e *chhang*. Ao ver isso, pensou Peta: ‘Outros devotos e indivíduos religiosos gostam dessas coisas, mas a religião de meu irmão é uma fonte de miséria e aflição para ele, e uma vergonha para os seus parentes. Se encontrar meu irmão, tentarei persuadi-lo a tornar-se discípulo deste Lāma.’ Assim pensando, ela perguntou a alguns membros do grupo ali reunido se haviam visto ou tido notícias de mim e, sendo informada de que eu estava em Brin, dirigiu-se para lá, fazendo perguntas até Kyit-Phug, onde, então, eu me encontrava. Ao me ver, ela disse imediatamente: ‘Ó irmão, não deves continuar nesse estado miserável, que dizes ser o meio de viver religiosamente. Zombas da vergonha e da decência comum! Faze uma roupa de baixo com esta lã e procura o Lāma Bari-Lotsawa, que é um verdadeiro *lāma*, mas muito diferente, quanto ao estilo e à prática, de ti mesmo. Ele está sentado num trono e tem um pára-sol sobre si; traja roupas de seda e seus lábios mergulham sem cessar no chá e no *chhang*. Está cercado por seus discípulos e seguidores, que caminham à sua frente, soprando trombetas aos pares. Reúne multidões em todo lugar que vai, e colhe as oferendas em grandes quantidades, beneficiando, assim, os seus parentes, e sendo alguém que pode ser gabado como um *lāma* muito eminente. Eu gostaria que entrasses a serviço dele, e o seguisse

como seu discípulo. Mesmo que sejas aceito como seu discípulo mais inferior, será melhor do que viver desta forma. Tua devoção penuriosa e minha vida infeliz nada têm a ver com este mundo. Assim, não podemos nos manter.’ E começou a chorar amargamente, deplorando nossa sorte.

“Tentei consolá-la, dizendo: ‘Peta, não fales assim. Vês minha nudez com vergonha, porque rejeitei as roupas. Estou orgulhoso por ter obtido a Verdade, enquanto ainda sou um homem; e não há vergonha nisso. Eu nasci assim; portanto, não há vergonha. Mas aqueles que, embora sabendo que certos atos são pecaminosos, os cometem, quebrando assim o coração de seus pais; e aqueles que, desejando ardentemente dedicar-se aos *Gurus* e à Trindade, cometem vários atos de fraude e mesquinha para atingir seus objetivos egoístas, causam aflição e sofrimentos aos outros seres e prejudicam a si mesmos, no fim. Eles são objetos de ódio e aversão para todos os seres virtuosos, entre os deuses e os homens; e só eles deveriam sentir vergonha. Mas, se falas de vergonha ao ver meu corpo, então deverias também sentir vergonha porque os teus seios, que não existiam por ocasião do teu nascimento, se desenvolveram tão proeminentemente. Além disso, se pensas que estou meditando nestas condições apenas porque não posso conseguir ou obter alimentos e roupas, estás muito enganada. Estou horrorizado com os sofrimentos e as atribulações deste *Sangsāra*. Sinto-as tão ardentes como se tivesse sido jogado ainda com vida nas chamas. As aquisições mundanas de riquezas e a necessidade de se apegar a elas, assim como a busca dos Oito Objetivos Mundanos,⁴⁸ eu as vejo com aversão e desgosto, como um homem que está sofrendo de um estado bilioso encara uma visão de ricos alimentos. Ou melhor, eu as vejo como se fossem os assassinos de meu pai; é por isso que assumi este modo mendicante e duro de vida. Além disso, meu *Guru*, Marpa, o Tradutor, me ordenou que renunciasse a todos os assuntos, objetivos e objetos mundanos; que suportasse a carência de alimentos, roupas e fama; que vivesse em vários lugares solitários [não me fixando permanentemente em nenhum lugar]; e que conduzisse energeticamente minhas devoções, renunciando a todas as esperanças nesta vida. Sendo essas as ordens de meu *Guru*, eu as estou cumprindo. Obedecendo às suas ordens, não serei apenas capaz de dar conforto e prazer temporal aos meus seguidores, mas concederei felicidade eterna a todos os seres sencientes, inclusive a mim mesmo. Renunciei a todos os pensamentos desta vida, porque vi que não há certeza quanto à hora em que a morte virá me encontrar. Se quisesse adquirir riqueza e conforto, eu seria capaz de fazê-lo tanto quanto o Lāma Bari-Lotsawa; portanto, que necessidade há em falar de seu discípulo mais inferior! Mas eu desejo o Budado nesta existência; por isso, entrego-me à devoção e à meditação dessa maneira tão árdua. Peta, tu também debes renunciar aos objetivos mundanos e reunir-se ao teu irmão, que é mais velho, na vida meditativa em Lapchi-Kang.⁴⁹ Se puderes renunciar aos pensamentos mundanos e passar tua vida em devoções meditativas, o Sol da tua Felici-

48. Que são: Conforto, Miséria; Riqueza, Pobreza; Fama, Obscuridade; Louvor, Censura.

49. Lapchi-Kang é o nome pelo qual o Monte Everest é comumente conhecido pelos tibetanos (cf. p. 159, n. 36).

dade temporal e eterna brilhará com pleno esplendor. Ouve esta canção de teu irmão.' E cantei as seguintes estrofes:

“ Ó Senhor, Protetor de todos os Seres Sencientes, ó Buddha Eterno!
Visto que permaneces intocado pelas mundanidades,
E abençoastes Teus *Shiṣhyas* com a Tua Graça,
Eu me curvo diante de Teus Pés, ó Marpa, o Tradutor!

“ ‘Minha irmã Peta, ouve-me,
Nos desejos mundanos estás imersa.

“ ‘O pináculo de ouro, colocado num pára-sol, no alto, para um;
A fímbria de seda chinesa, arranjada em elegantes dobras, embaixo, para dois;
As vigas estendidas, como penas maravilhosas de pavão, no meio, para três;
O polido cabo de vermelha madeira de teca, na base, para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[Um Coro, os cinco versos seguintes, acompanha esta estrofe e cada uma das estrofes seguintes, conforme a indicação.]

“ ‘Mas estas são coisas mundanas, e eu as evitei,
E, assim me abstendo, o meu Sol da Felicidade brilha gloriosamente.
Assim também, Peta, evita a mundanidade,
E vem meditar em Lapchi-Kang:
Vamos juntos a Lapchi-Kang, meditar.

“ ‘A nota ressonante da alva concha, para um;
O sopro potente e pleno do instrumentista, para dois;
As fitas de seda sobre a concha, dobradas em finas pregas, para três;
A vasta assembléia de sacerdotes celibatários [assim reunidos], para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[Coro]

“ ‘O encantador e gracioso pequeno templo, erguido sobre uma aldeia,
para um;
A fluente fala de jovens noviços, para dois;
A soberba cozinha, bem arrumada, com bom sortimento de chá chinês,
para três;
As diligentes mãos de muitos jovens noviços, para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[Coro]

“ ‘O bom comércio na vidência necromântica e na astrologia, para um;
A correção e a modéstia dos atos de um pastor, para dois;
A representação das *pūjās*, para alegrá-los, para três;

Os salmos melodiosos, cantados para virar as cabeças do laicado, para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[*Coro*]

“ ‘Uma casa maciça, bela, alta, de argila, para um;
Um campo extenso e fértil, para dois;
Um bom sortimento de comida e riquezas, para três;
Um numeroso cortejo e uma multidão de servidores, para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[*Coro*]

“ ‘A crina orgulhosa e longa de um poderoso cavalo, para um;
Uma sela adornada de jóias e coberta de ouro, para dois;
Uma escolta armada, esplendidamente equipada, para três;
E vigilância incessante, para conquistar inimigos e proteger amigos,
para quatro:
Essas quatro coisas, se necessário, teu irmão poderia obter.

[*Coro*]

“ ‘Mas se não podes renunciar às mundanidades,
E não podes vir a Lapchi-Kang,
Nenhuma simpatia tenho por tua sentimental afeição fraterna.
Essas conversas sobre as coisas mundanas perturbam minha meditação.
Uma vez que nasci, sei que devo morrer; desconhecendo a hora da morte,
Não tenho tempo para adiar minha devoção;
Devotar-me-ei sem interrupções à meditação.
Os ensinamentos de meu Pai-Guru são benéficos à mente;
Assim, contemplando o que traz benefício,
Obterei a Grande Felicidade da Libertação;
Por isso, estou indo para Lapchi-Kang.

“ ‘Se te apegares, minha irmã, às mundanidades,
E adquirires os pecados por qualquer motivo,
Lutarás para permanecer, todo o tempo que pudes, no *Sangsāra*,
E para obter um nascimento nos Três Mundos Inferiores.

“ ‘Se pelo menos temes o *Sangsāra*,
Renuncia, nesta vida, aos Oito Objetivos Sangsáricos,
E vamos juntos a Lapchi-Kang,
Tenhamos ambos, irmão e irmã, um alto destino,
E ganhemos juntos as Cordilheiras de Lapchi-Kang.’

“Tendo cantado assim, disse-me Peta: ‘Vejo que consideras o ócio e o conforto como mundanidades, meu irmão. Quanto a isso, ambos temos muito pouco

a renunciar. Todas essas grandiloqüentes verdades e sermões são meras desculpas para ocultar a tua incapacidade de ser como o Lāma Bari-Lotsawa; mas, quanto a mim, não irei a Lapchi-Kang, onde nada terei para comer, nem nada para vestir: seria uma intolerável miséria, que não preciso buscar em Lapchi. Nem mesmo sei onde é; e eu te suplico, meu irmão, que fiques permanentemente em um lugar, em vez de correr de um lado para o outro e de se agarrar a rochedos e rochas inabitadas, como um animal perseguido por cães. Eu te acharia, assim, mais facilmente. As pessoas deste lugar parecem dispostas a olhar-te com veneração, de modo que seria melhor se ficasses permanentemente aqui. Mas, em todo caso, fica pelo menos mais alguns dias. Cose, eu te peço, uma roupa de baixo com esta lã; eu voltarei em poucos dias.’ Concordei em ficar ali por mais alguns dias, como ela me pedira. Ela, então, se dirigiu para os lados de Tingri, mendicando.

“Entrementes, cortei a lã que ela me dera e cosi uma capa para cobrir minha cabeça; depois, cosi uma capa para cada um dos meus dedos e um par de capas para os meus pés, assim como uma capa para a minha nudez; e guardei-as com cuidado. Poucos dias depois, minha irmã voltou e, ao perguntar se eu havia cosido a lã como um traje, disse-lhe que sim; e, colocando as capas, uma por uma, mostrei-lhe o que havia feito. Ela disse: ‘Ó irmão! Não és mais um ser humano! Não apenas não tens o senso da vergonha, mas estragaste a lã que preparei com tanta dificuldade. Às vezes, pareces não ter tempo senão para a devoção e, outras vezes, pareces ter muitas horas vagas.’ Respondi: ‘Sou o mais digno dos seres humanos, pois procuro obter a preciosa dádiva de uma vida humana abençoada. Sabendo o que é realmente vergonhoso, devotei-me a uma vida religiosa e mantenho rigidamente os meus votos. Mas, como pareces sentir vergonha ao ver a minha forma natural e como eu não podia cortar a parte que te parece vergonhosa, esmerei-me em coser esta capa para ela, ao custo do meu tempo dedicado às devoções, como dizes; e, como os meus outros membros são também órgãos desse mesmo corpo, pensei que uma capa para cada um deles seria igualmente necessária, e assim fiz. Tua lã não foi desperdiçada, mas serviu aos fins que tu desejavas, pois assim preparei uma capa para o órgão da vergonha. Como pareces ser mais pudica e sensível ao sentimento da vergonha do que eu, devo dizer-te que, se eu sentisse vergonha, tu deverias sentir ainda mais. Vendo que é melhor acabar com um objeto de vergonha do que conservá-lo, retira o teu, por favor, o mais rápido que púderes.’ Quando terminei de falar, ela ficou quieta e sua face ficou sombria. Então eu disse: ‘As pessoas mundanas vêem como vergonha o que não implica vergonha alguma. Mas o que é realmente vergonhoso são as más ações e a fraude ardilosa; e ninguém sente vergonha ao cometê-las. Portanto, ouve esta canção.’ E cantei-lhe esta canção que mostra claramente o que é e o que não é vergonhoso:

“ ‘A todos os *Gurus* da Linhagem eu reverencio!
Concedei-me o conhecimento do que é realmente vergonhoso.

“ ‘Ó querida Peta, apegada à pudica vergonha,
Ouve esta canção de teu irmão:

“ ‘Tua vergonha nasce de tolos convencionalismos;
Sentes vergonha quando não há razão para ela.

Para mim, o devoto, que sabe o que é realmente a vergonha,
Ao mostrar em sua forma natural a minha tríptica personalidade,⁵⁰
Que vergonha poderá ser imputada?
Quando se sabe que os seres humanos vieram à luz, cada um com
um sexo determinado,
Sabe-se também que cada um possui certos órgãos.

“ ‘A maioria das pessoas do mundo não consideram
Os atos que, de fato, são mesquinhos ou vergonhosos:
A Filha da Vergonha é comprada com riquezas;
O Filho da Vergonha é mimado no regaço;
Os pensamentos cúpidos e nocivos,⁵¹ nascidos da descrença,
As más ações, as fraudes vis, os roubos,
Que enganam os amigos e os parentes confiantes —
Essas, de fato, são as ações cheias de vergonha e baixeza; entretanto,
poucas pessoas se abstêm delas.

“ ‘Os eremitas que renunciaram à vida mundana
E se dedicaram à prática das Verdades Espirituais,
Encontradas nos Sagrados Ensinamentos do Caminho Místico,
E que juraram passar a vida em meditação,
Não vêm a necessidade de seguir os códigos da vergonha convencional.
Portanto, ó Peta, não procures aumentar tuas presentes misérias,
Mas deixa a tua compreensão fluir por seus canais naturais.’

“Quando terminei de cantar, ela taciturnamente me deu as provisões, a manteiga e a gordura que obtivera esmolando, e disse: ‘Está claro que não farás nada do que eu desejo que faças, no entanto não posso te deixar. Portanto, utiliza estas coisas, e eu farei o que puder para obter mais.’ Tendo dito isto, preparou-se para sair. Eu, contudo, desejando voltar seu coração para a religião, induzi-a a ficar enquanto durassem as provisões, de modo que mesmo se ela não obtivesse mérito pela prática da devoção, poderia por um bom tempo, ao menos, evitar de cometer pecados. E enquanto ela assim viveu comigo, eu lhe falei sobre assuntos religiosos e sobre a Lei do *Karma*. Por fim, consegui voltar seu coração para a Fé, até certo ponto.

“Por essa ocasião, minha tia, tendo perdido o irmão, meu tio, e se arrependido amargamente, do fundo do seu coração, dos males que me havia causado, também veio me procurar, trazendo um fardo de coisas. Ela havia estado primeiramente em Brin. Lá deixou as coisas e o iaque, e trazendo o que podia carregar, até o local onde eu estava vivendo. Tendo visto a sua chegada do outeiro, e reco-

50. Isto é, corpo, fala e mente.

51. Sendo os pensamentos coisas, as ondas de pensamento criadas por eles no éter são capazes de afetar para o Bem ou para o Mal todos os seres, em todo o Universo, e, portanto, sobre a Terra.

nhecendo-a, disse Peta: 'Não devemos encontrar essa tia cruel, que tantas aflições e misérias nos causou.' Unindo a ação à palavra, levantou a pequena ponte que se elevava sobre o profundo abismo entre a rampa do lado oposto e a frente de minha caverna. Nossa tia, chegando à borda da rampa, no lado oposto ao nosso, disse: 'Sobrinha, não ergas a ponte; tua tia está chegando.' Ao que Peta respondeu: 'É por essa razão que estou erguendo a ponte.' 'Sobrinha, estás certa; mas, profundamente arrependida das minhas ações, vim encontrar a ambos; portanto, abaixa a ponte. E, se não quiseses fazê-lo, dize, pelo menos, a teu irmão que eu estou aqui', pediu nossa tia.

"Cheguei nesse exato momento, e me sentei num pequeno outeiro no outro lado da ponte. Minha tia curvou-se diversas vezes no lado oposto, e pediu sinceramente que eu permitisse que ela viesse ao meu encontro. Pensei que, como devoto, não poderia recusar-lhe o encontro, mas eu devia primeiro falar-lhe abertamente das suas crueldades e perseguições. De modo que lhe disse: 'Eu renunciei a todos os vínculos com os meus parentes em geral, mas especialmente contigo, minha tia e com meu tio. Não te satisfizeste em nos perseguir na nossa infância e juventude, mas mesmo quando eu assumi a vida religiosa e por acaso bati à tua porta para esmolar, bateste-me tão cruelmente que deixei de pensar em todos vós como parentes. Lembrarei todas essas circunstâncias neste hino, que te cantarei.' Assim dizendo, cantei-lhe uma canção que lembrava as crueldades e as perseguições que eles me haviam causado:

" 'Ó Amável e Gracioso Pai, compassivo por todos,
Ó Marpa, o Tradutor, eu me curvo aos Teus Pés!
Sê Amável comigo, que não tenho parentes!

" 'Ó tia, lembras-te de tudo o que fizeste?
Se não te lembras, esta canção te avivará a memória;
Ouve-a com atenção e arrepende-te sinceramente.

" 'Na triste terra de Kyang-Tsa,
Tendo morrido nosso pai, deixou ele uma mãe viúva e dois órfãos;
Roubaste todas as nossas riquezas, e nos reduziste à miséria.
E, como as ervilhas batidas pelo cajado, tu nos dispersaste,
Rompendo o vínculo com a parentela.

" 'Depois, quando eu errava em terras distantes,
Ansioso para rever minha irmã e minha mãe, retornei,
E encontrei minha mãe morta, e minha irmã, perdida.
Cheio de angústia, busquei a religião, e nela encontrando o meu único refúgio,
Escolhi, então, a vida religiosa.
Compelido a esmolar, pela falta de comida,
Diante de tua porta, ó tia, me encontrei.
E tu, ao me reconheceres, indefeso devoto,
Estouraste numa tempestade de rancorosa ira.
Com gritos de '*Fora, Fora*', jogaste os cães sobre mim;
Com teu bastão me espancaste duramente,

Como se eu fosse um feixe de milho a debulhar.
Caí de rosto numa poça de água,
Onde quase perdi minha preciosa vida.
Em tua fúria, me chamaste de “Traficante de Vidas”;
E também de “Desgraça do meu Clã”.
Com essas rudes palavras meu coração ficou magoado;
E, oprimido pelo desespero e pela miséria,
Minha respiração parou e fiquei sem voz.
E depois, embora eu não precisasse deles,
Por várias astúcias, roubaste minha casa e meu campo.
És um demônio, no corpo de uma tia,
Que me separou de todo o meu amor por ti, ó tia.

“Depois, quando bati à porta de meu tio,
Encontrei pensamentos maliciosos, atos injuriosos e palavras más.
‘Chega o demônio destruidor da terra’, foi o seu grito;
Ele chamou os vizinhos para ajudá-lo a matar-me;
E, pronunciando palavras ofensivas,
Alvejou-me com saraivadas de pedras,
E procurou transpassar-me com uma chuva de pequenas flechas afiadas;
Com incurável doença ele encheu o meu coração.
Aí, também, quase perdi minha vida.
Ó coração assassino na forma de um tio!
Todo o meu respeito pelo tio perdi então.

“Quando eu era pobre e indefeso, meus parentes foram mais cruéis do que meus inimigos,
E depois, na montanha, onde eu estava meditando,
Minha fiel Zesay veio me ver, movida pelo amor;
E ela, com palavras amáveis, me consolou;
E deu conforto a meu coração partido;
Deu-me comida saborosa e nutritiva;
E me salvou da inanição.
Generosa é ela, mais generosa do que posso dizer;
No entanto, como não se devota à religião,
Pouca necessidade tenho de encontrá-la;
E quanto a ti, minha tia, menos ainda preciso te ver.
Volta agora da maneira como vieste;
É melhor partir enquanto ainda há tempo.’

“Enquanto eu assim cantava, minha tia derramou muitas lágrimas e, curvando-se várias vezes, disse: ‘Estás certo, meu sobrinho; estás muito certo; mas sê paciente, eu te peço.’ Ela começou então a me suplicar. Vi que era realmente sincera no seu arrependimento, e que procurava obter o meu perdão. Ela disse: ‘Não

sendo capaz de sufocar o desejo de te ver, vim para cá. Concede-me, por favor, o encontro que desejo, ou cometerei suicídio.' Sendo incapaz de endurecer por mais tempo o meu coração, eu estava prestes a baixar a ponte quando minha irmã murmurou várias razões para me impedir de fazê-lo. Não obstante, eu o fiz. Dizem que é indesejável viver no mesmo país, ou beber da mesma fonte [ou poço de água] junto com uma pessoa que incorreu em abuso de confiança; e que, se o fizermos, algum obscurecimento ou alguma violação ocorrerá; mas o presente caso não era um abuso de confiança num assunto espiritual. Além disso, sendo eu da Ordem Religiosa, estava obrigado a perdoar; de modo que estendi a ponte, concedi o desejado encontro e preguei vários sermões sobre a Lei do *Karma*. Minha tia foi totalmente convertida pelos sermões; e, devotando-se à penitência e à meditação, obteve por fim a Emancipação."

Dirigiu-se, então, Shiwa-wöd-Repa a Jetsün, nestas palavras: "Ó Jetsün, está além da nossa compreensão ouvir quão constante em tua fé e propósito foste ao obter as Verdades de teu *Guru*; quão dócil e fiel em tuas terríveis penitências; e quão perseverante e enérgico em realizar a devoção e a meditação na desolada solidão das montanhas. Quando pensamos nos teus feitos, nossa devoção parece um mero esporte — feito livremente, aos empurrões; e essa devoção [nós tememos], não nos libertará do *Sangsāra*. O que, então, devemos fazer?" Tendo pronunciado essas palavras, ele chorou amargamente.

Respondeu Jetsün: "Quando pensamos nos sofrimentos e nas aflições passados no *Sangsāra* e nos Mundos Infernais, minha fé e meu zelo não parecem ter sido tão grandes. As pessoas sérias, tendo uma vez ouvido a Doutrina do *Karma*, e acreditando nela, são capazes de oferecer igual zelo e energia. Mas aqueles que compreendem apenas a enunciação da Doutrina, não tendo compreendido a sua verdade, são incapazes de renunciar aos Oito Objetivos e Objetos Mundanos. Portanto, é da mais alta importância acreditar na Doutrina do *Karma*. Estas [últimas pessoas] parecem não aceitar as mais simples e as mais aceitas ou óbvias leis *kármicas*. Portanto, embora elas se devam às várias exposições da Vacuidade (*Shūnyatā*), encontradas nas Escrituras e nos Evangelhos, a Vacuidade, sendo mais sutil e intrincada, é muito mais difícil de se compreender e, assim, de nela se acreditar. Mas quando acreditamos na Vacuidade, o seu próprio eu se torna manifesto nas atividades da Lei do *Karma*; e um homem que compreende a natureza da Vacuidade torna-se necessariamente mais sutil, e distingue as qualidades das ações boas e más com um poder mais fino de percepção. Em suma, ela se torna mais consciente. Toda a piedade consiste em observar e acreditar na Lei do *Karma*; portanto, é da máxima importância perseverar na adoção de atos piedosos e rejeitar os atos ímpios. Eu, no início, não compreendia a natureza da Vacuidade, mas acreditava firmemente na Lei do *Karma*; e, estando cômico de ter cometido profundos e atrozes pecados, julgava que merecia amplamente ganhar os três estados miseráveis do Inferno. De modo que desenvolvi a mais profunda reverência por meu *Guru* e, também, uma fervorosa fé em sua pessoa; e exerci a máxima energia e zelo durante minha meditação, pois, de fato, não podia esperar por ajuda. Eu vos exorto a dedicar vossas vidas ao rígido ascetismo, nas solidões profundas, meditando sobre as Sagradas Verdades Místicas e praticando os ensinamentos da Doutrina. Se o fizerdes, eu, o velho, vos asseguro a emancipação do *Sangsāra*."

Então, Ngan-Dzong-Tönpa Budhi-Rāja dirigiu-se a Jetsün nestas elogiosas

palavras: “Ó Jetsün Rinpoche,⁵² debes ser o Próprio Grande Buddha Dorje-Chang, que assumiu a forma humana para mostrar os atos em benefício dos seres sencientes deste mundo. E, se não isso, debes ter então adquirido muito mérito em incontáveis Kalpas, e obtido o estado de um Grande Ser — alguém que não retornará ao *Sang-sāra*. Foste capaz de sacrificar a própria vida pela religião, e o persististe zelosamente na busca da meditação devocional. Todos os signos de um Buddha Encarnado são encontrados em tua vida. Para os seres como nós, que vivem para o eu individual, tua humilde, constante e firme fé, durante o tempo que estiveste sob a guia de teu *Guru*, e os sofrimentos que suportaste parecem quase incompreensíveis, mesmo aos nossos corações. Seria impossível para nós pensarmos em suportar todos esses sofrimentos com vistas à Verdade; quem seria capaz de fazê-lo? E mesmo se alguém tivesse a vontade e a coragem de tentá-lo, o corpo físico não seria capaz de suportar a tarefa. Portanto, é quase certo que Jetsün deve ser, ou deve ter sido, um Bodhisattva ou um Buddha no passado; e somos abençoados por termos visto o teu rosto e ouvido a tua voz. Aqueles de nós que foram assim favorecidos estão certos de obter a Libertação, embora não sejamos capazes de realizar nossas devoções tão seriamente. Revela-nos, por favor, que Bodhisattva foste no passado.”

Respondeu Jetsün: “Eu mesmo não estou certo sobre qual encarnação eu sou; mas mesmo que eu fosse a encarnação de um ser que anteriormente existiu em um dos Três Estados da Miséria,⁵³ e se me considerardes como Dorje-Chang, ou como qualquer outra Divindade, obtereis a graça e a bênção de tal Divindade, em virtude de vossa fé. O amor e o olhar pessoal vos fazem pensar que eu seja uma Encarnação; mas cometeis contra o *Dharma* o grande pecado da dúvida e do ceticismo, porquanto não tendes o poder da sincera devoção. Pois é apenas pelo grande poder do Sagrado *Dharma* que eu fui capaz de alcançar tal progresso espiritual de modo a ficar bem próximo do Perfeito Budado, na última porção de meus anos, embora eu tenha sido culpado de hediondos pecados na minha juventude e na maioridade. Foi porque acreditei firmemente na realidade da Lei do *Karma* que me apliquei zelosamente à Verdade, renunciando a todos os pensamentos desta vida e do mundo. E, mais especialmente, fui afortunado por estar sob a tutela de um perfeito *Guru*, que foi capaz de me dar as Verdades e os Textos que melhor se adaptavam a mim, permitindo-me, então, seguir o Caminho Breve do Místico *Mantrayāna*. Ele me deu as Verdades despojadas de todos os adornos e enfeites supérfluos;⁵⁴ conferiu-me as necessárias Iniciações, e me permitiu meditar sobre essas Verdades da maneira correta. Se alguém as tivesse obtido, e continuasse a meditar sobre elas, não há a menor dúvida de que essa pessoa obteria a perfeita iluminação numa única existência. Mas se alguém passa a sua vida aqui nada fazendo, a não ser cometendo os dez atos ímpios e os cinco ilimitados pecados,

52. *Rinpoche*, que significa “Precioso”, é um termo tibetano de grande respeito. Aplica-se geralmente aos Grandes *Gurus* e *Yogīs*. Padma Sambhava, por exemplo, é popularmente chamado de *Guru Rinpoche*, “Precioso *Guru*” (cf. p. 4).

53. A saber, os três planos miseráveis da existência: o Mundo dos Brutos, o Mundo dos Fantasmas (ou *Pretas*) Infelizes, e os vários Infernos.

54. Isto é, de retórica e de parábolas floridas.

então, não há a menor dúvida de que cairá no mais miserável dos Infernos. Se alguém não acredita na Lei do *Karma*, falta-lhe o zelo para realizar os seus estudos devocionais; se alguém acredita firmemente na Lei do *Karma*, o pensamento das misérias nos Três Estados Inferiores com certeza o encherá de medo e o inspirará com o intenso desejo de obter o Budado. Sua fé e sua humildade para com o *Guru*, o zelo e a energia na meditação sobre a Verdade e, finalmente, o meio pelo qual se suporta a experiência do crescimento e do conhecimento espiritual serão totalmente iguais aos meus, em todos os pontos. E quando alguém obtém esses desenvolvimentos espirituais, os mundanos atribuem-lhe o orgulho de ser um *Avatāra* de algum Buddha ou Bodhisattva. Esta é na verdade uma descrença no Caminho Breve do *Mantrayāna*. Portanto, eu vos exorto a depositarem firmemente vossa crença na Lei do *Karma*. Meditai, considerai e ponderai profundamente sobre os sérios fatos contidos nas biografias das anteriores vidas santificadas, sobre a Lei do *Karma*, sobre as inconveniências e as misérias de todos os estados sangsáricos de existências, sobre as dificuldades de obter a dádiva de uma bem-dotada vida humana, sobre a certeza da morte e a incerteza da sua exata hora; e, tendo ponderado esses fatos em vossas mentes, devotai-vos ao estudo e às práticas das Doutrinas Mantrayânicas. Eu obtive o conhecimento através da renúncia a todos os pensamentos de alimento, roupa e fama. Inspirado pelo zelo em meu coração, suportei todos os sofrimentos e me acostumei a toda sorte de privações do corpo; devotei-me à meditação nos lugares mais desolados e solitários. Obtive, assim, conhecimento e experiência; segui também o caminho trilhado por mim, e praticai a devoção como eu.”

Essa é a Sexta Ação Meritória, que narra como Jetsün, após ter renunciado a todos os pensamentos de conforto, renome e fama, obedeceu às ordens do seu *Guru* para se devotar à incessante meditação nas mais desoladas montanhas, e assim passou todo o seu tempo em devoção.

CAPÍTULO XI

OS EREMITÉRIOS E OS SERVIÇOS PRESTADOS AOS SERES SENCIENTES

Narrativa Sobre os Discípulos de Jetsün e Sobre os Locais de Meditação, e Sobre os Registros Escritos Concernentes a Jetsün.

Disse então Rechung: “Mestre, tua história é insuperável por seu maravilhoso humor e interesse e, embora haja nela uma veia de humor que desperta o riso e corre por toda a narrativa, não obstante, no todo, ela é tão patética que ninguém pode deixar de derramar lágrimas. Peço-te que nos contes agora os incidentes que incitariam o riso.” E disse Jetsün: “Não deveríeis esperar outro motivo de riso do que o relato do sucesso obtido pelos zelosos esforços devocionais que me permitiram salvar tanto os seres humanos bem-dotados como os não-humanos, e colocá-los no Caminho da Emancipação, servindo, assim, à Causa da Fé budista.”

Retorquiu Rechung: “Mestre, quais foram os teus primeiros discípulos; eram eles seres humanos ou não-humanos?” Respondeu Jetsün: “Os seres não-humanos foram os meus primeiros discípulos, aqueles que me procuraram no intuito de me atormentar. Posteriormente, consegui uns poucos discípulos humanos. Depois, veio a Deusa Tseringma¹ para me testar, exibindo vários poderes sobrenaturais. Em seguida, outros discípulos humanos começaram a se reunir à minha volta. Meus ensinamentos, como agora percebo, serão promulgados por Tseringma entre os seres não-humanos, e por Ūpa-Tönpa entre os seres humanos.”

Então, perguntou Seban-Repa: “Mestre, além do teu eremitério principal, na Caverna de Lapchi-Chūbar, e de alguns eremitérios nas cavernas anteriormente mencionadas, onde mais meditaste?” Respondeu Jetsün: “Outro eremitério foi Yölmo-Kangra, no Nepal. Além disso, tive seis cavernas externas bem conhecidas [em elevados rochedos] seis cavernas internas desconhecidas e seis cavernas secretas [ou ocultas] — ao todo, dezoito. Houve, depois, mais duas cavernas, perfazendo juntas vinte castelos. Além disso, há quatro bem conhecidas cavernas mais largas e quatro desconhecidas cavernas mais largas, que estão incluídas nas anteriormente mencionadas. Além dessas, meditei em várias outras cavernas menores, onde quer que os requisitos indispensáveis parecessem abundantes — até que, por fim, o objeto da meditação, o ato de meditar e o meditante ficaram tão entrelaçados, que, agora, eu não sei como meditar.”²

1. Divindade do Monte Kailāsa — uma das doze deusas guardiãs do Tibete, chamadas *Bsten-mas* (pron. *Ten-mas*). Tseringma (nome tibetano que significa “Longa Vida”) é provavelmente uma forma da Deusa indiana Durgā, a esposa de Shiva, o Deus dos Himalaias.

2. Quer dizer, a meditação se tornou uma segunda natureza de Milarepa, de modo que ele, não mais precisando pensar em como se medita, esqueceu-se do processo.

Disse então Rechung: “Senhor, por teres alcançado o objetivo final do *Dharma* e exaurido [seus Tesouros], nós, teus humildes discípulos, desfrutamos os benefícios, pois nos ensinas a Doutrina de modo tão claro e comovente que podemos, com pequeno esforço, compreender o verdadeiro significado dela, e chegar a ter firmeza em nossa crença, sem qualquer medo ou incorreção. Este sentimento de segurança em nossa crença deve-se à tua bondade e à graça divina. Mas os futuros discípulos podem desejar adquirir mérito visitando as cavernas em que meditaste; assim, no propósito de lhes dar um guia, peço que declines o nome de cada uma delas.”

Disse então Jetsün: “As seis bem conhecidas cavernas [nos altos rochedos]³ são: (1) Dragkar-Taso-Ūma-Dzong (Castelo [ou Caverna] Central da Rocha Branca como os Dentes de Cavalo); (2) Minkhyüt-Dribma-Dzong (Castelo que Reside nas Sombras das Sobrancelhas); (3) Lingwa-Dragmar-Dzong (Castelo do Bloco da Rocha Vermelha); (4) Ragma-Changchup-Dzong (Castelo Perfeito de Ragma); (5) Kyang-Phan-Namkha-Dzong (Castelo do Céu Adornado de Bandeiras); (6) Dragkya-Dorje-Dzong (Castelo Indestrutível da Rocha Cinzenta). As seis desconhecidas cavernas interiores [nos altos rochedos] são: (1) Chonglŭng-Khyung-Dzong (Castelo de Chonglŭng-Khyung); (2) Khyipa-Nyima-Dzong (Jubiloso Castelo Solar); (3) Khujuk-Enpa-Dzong (Castelo do Cuco Solitário); (4) Shelpgug-Chushing-Dzong (Castelo de Tanchagem da Gruta de Cristal); (5) Bektse-Döyön-Dzong (Castelo dos Saborosos Repolhos); e (6) Tsigpa-Kangthil-Dzong (Castelo da Base do Pé da Rocha). E as seis secretíssimas cavernas [nos altos rochedos] são: (1) Gyadrak-Namkha-Dzong (Castelo Celeste Repleto de Aterradores Símbolos); (2) Tagphug-Sengé-Dzong (Castelo do Leão da Caverna do Tigre); (3) Bayphug-Mamo-Dzong (Castelo da Caverna Oculta); (4) Laphug-Pema-Dzong (Castelo de Lótus da Gruta); (5) Langno-Ludüt-Dzong (Castelo da Nāga da Porta do Elefante); e (6) Trogyal-Dorje-Dzong (Castelo do Vitorioso *Vajra* de Bronze). As duas outras são: (1) Kyiphug-Nyima-Dzong (Castelo Solar da Gruta Feliz) e (2) Potho-Namkha-Dzong (Castelo do Céu de Picos).⁴

“As quatro bem conhecidas cavernas mais largas são: (1) Nyanam-Tröpa-Phug (Caverna semelhante ao Estômago de Nyanam); (2) Lapchi-Dütdül-Phug (Caverna em que os Demônios são Derrotados, em Lapchi); (3) Brin-Briche-Phug (Caverna da Língua de Iaue, em Brin); e (4) Tisé-Dzu-Trül-Phug (Caverna do Milagre, no Monte Kailāsa). As quatro cavernas desconhecidas mais largas são: (1) Tsayi-Kangtsu-Phug, ou Kangtsu-Phug de Kyanga-Tsa (Caverna em que ele [Milarepa] se consagrou à devoção em Kyanga-Tsa);⁵ (2) Ödsal-Phug (Caverna da Clara Luz)⁶ de Rön; (3) Zawog-Phug (Caverna de Seda) de Rala; e (4) Phurön-Phug (Caverna do

3. Jetsün parece aplicar o nome de *Dzong* (Castelo ou Fortaleza) às cavernas situadas em altos rochedos, isto é, às cavernas na superfície dos rochedos e rochas, em vertiginosa altura.

4. As traduções dos topônimos deste parágrafo seguem, em parte, as versões do Sr. Bacot. Há provavelmente um significado esotérico vinculado a cada nome; cf. p. 158, n. 33.

5. Esta caverna localizava-se atrás da casa de Milarepa.

6. Quanto à Clara Luz, ver p. 106, n. 12.

Pombo) de Kuthang. Quem meditar nessas cavernas encontrará em abundância todos os requisitos da vida [isto é, lenha, água, raízes e ervas] e será inspirado pela graça dos Mestres anteriores da Sucessão Apostólica. Portanto, procurai-as, para nelas meditar.”

Tendo Jetsün assim falado, toda a assembléia de discípulos — celestes e humanos, masculinos e femininos — que viera para ouvir a pregação do *Dharma* — ficou profundamente comovida. A narrativa excitou-lhes uma fé profunda e ardente, e lhes tocou tanto o coração que renunciaram aos Oito Objetivos Mundanos de ambição e riquezas. Todos encontraram uma satisfação tão completa na vida religiosa, após chegarem à verdadeira compreensão do *Dharma* Sagrado, que todos se apegaram inseparavelmente a ela. Os mais altamente avançados dos discípulos humanos resolveram dedicar seu corpo, coração e fala ao serviço de todos os seres sencientes, e à Fé; juraram passar toda sua vida em imperturbável e imóvel meditação e penitência, nas cavernas e nos ermos. Os discípulos não-humanos prometeram manter e proteger a Fé. E muitos dos mais espiritualmente desenvolvidos dentre os discípulos leigos, tanto masculinos como femininos, renunciaram à vida mundana e, seguindo Jetsün por todos os lugares, passaram o tempo em meditação e chegaram a compreender o Verdadeiro Estado. Assim, muitos se tomaram *yogīs* e *yoginīs*.⁷ Os de menor compreensão espiritual juraram dedicar certo número de anos e meses à devoção. Os menores dentre os seguidores leigos juraram renunciar a algum particular ato ímpio pelo resto de suas vidas, e praticar algum ato piedoso particular. E, assim, toda a congregação se salvou.

Toda a história acima, aqui registrada, foi narrada pelo próprio Jetsün — uma narrativa autobiográfica feita por escrito. Quando esses fatos históricos que formam o principal assunto de sua biografia são expostos numa forma mais extensa, eles geralmente são divididos em três partes principais. A primeira parte trata dos malévolos ataques feitos por seres não-humanos, que afinal foram derrotados e convertidos. A segunda parte trata dos discípulos humanos, dos quais muitos dos mais afortunados foram conduzidos ao perfeito desenvolvimento espiritual e à Emancipação. A terceira parte trata de vários outros discípulos, leigos e iniciados, aos quais Jetsün pregou o *Dharma*.

Se desenvolvida, a biografia chegaria a narrar a maneira pela qual os primeiros seres não-humanos foram conquistados e convertidos. Tal como, na Caverna de Dragmar-Chonglūng, o Rei dos Duendes, *Vināyaka*, foi conquistado pela entonação do canto de nome *Lāma-Dren-Drug* (“Os Seis Caminhos nos quais ele [Milarepa] desejou uma visão de seu *Guru*”); e como Jetsün foi a Lapchi-Kang, em obediência à injunção de seu *Guru*, lá, convertendo a grande divindade *Garapati*, donde se originou o Capítulo sobre Lapchi-Chüzang. Como, também, no ano seguinte, Jetsün penetrou no interior de Lapchi, disto resultando a criação da famosa Canção sobre a grande nevasca e o triunfo de Jetsün sobre a neve, que ele cantou ao emergir da neve. Assim como, pretendendo, depois, ir ao Monte Palbar, em Mangyül, e a Yölmo-Kangra,⁸ no Nepal, ele retornou a Gungthang, onde se sentiu atraído

7. *Yoginī*, feminino, *yogī*, masculino, termos aplicados aos devotos que praticam ou, como aqui, que são proficientes na *Yoga*.

8. Lugar situado a quase dois dias de viagem de Khatmandu.

pela Caverna Rochosa de Lingwa, onde passou algum tempo. O capítulo sobre o maligno demônio feminino da Caverna de Lingwa é o resultado dessa estada. Depois, nos arredores do Monte Palbar, onde se localiza o Castelo Perfeito de Ragma, Jetsün derrotou e converteu uma deusa encantada e as divindades locais de Ragma, cantando um hino para elas. Isto está descrito no capítulo concernente à sua conversão. Depois, enquanto Jetsün estava sediado no Castelo do Céu Adornado de Bandeiras, fez o Bem a inúmeros seres humanos e não-humanos. Jetsün visitou, em seguida, Yölmo-Kangra, e viveu por algum tempo na Floresta de Singala, em cujas profundezas repousa o Castelo do Leão da Caverna do Tigre. Aí também ele fez o Bem a muitos seres humanos e não-humanos. Enquanto aí estava, Jetsün recebeu um Conselho Divino que o instava a ir ao Tibete, e aí meditar para o bem de todos os seres sencientes. Assim, Jetsün foi ao Tibete, e demorou na Caverna [do Pombo] de Kuthang. Foi aí que ele cantou o Hino aos Pombos.

Em segundo lugar, há a narrativa de como Jetsün encontrou pela primeira vez seus discípulos. Assim, quando Jetsün estava no Castelo Indestrutível da Rocha Cinzenta, e fazia o Bem a muitos seres sencientes, a Mãe Divina (*Vajra-Yoginī*)⁹ informou a Jetsün que muitos discípulos viriam procurá-lo, e particularmente um [Rechung-Dorje-Tagpa] que traria ao Tibete, oriundo da Índia, o *Ḍākinī Tantra*.¹⁰ O lugar em que ele o encontraria foi assinalado a Jetsün. Por conseguinte, Jetsün foi a Gungthang e sentou-se em meditação na Caverna de Seda de Rala, onde encontrou Rechung. Subseqüentemente, Rechung foi à Índia para ser curado de uma doença [a lepra]. Após sua volta, curado, ele morou com Jetsün na Caverna de Clara Luz de Rön, onde Tsa-Phu-Repa reuniu-se a eles. Depois, no Castelo Perfeito de Ragma, encontrou Sangyay-Kyap-Repa. Tendo ido à Caverna Semelhante ao Estômago de Nyanam, pregou o *Dharma*, e iniciou Tönpa-Shākya-Guna, que fora outrora um piedoso leigo, e o colocou no Caminho da Perfeição e da Emancipação. Depois, enquanto estava a caminho de Chang-Tago, encontrou uma discípula leiga, Paldar-Büm, em Chungi-Ketpa-Le-sum. Ao retornar, encontrou Seban-Repa, numa hospedaria pública de Yeru-Chang. Daí, foi meditar numa montanha de nome Gyalgyi-Shrī-La, em Latöt, e encontrou Bri-Gom-Repa. Enquanto pedia esmolas, durante o outono, encontrou Shiwa-Wöd-Repa, em Chümig-Ngülbüm. Em Chim-lüng, pronunciou o sermão denominado “Bastão de Bambu” a Ngan-Dzong-Repa. De Lapchi, Jetsün, lembrando da injunção de seu *Guru* pelas *Ḍākinīs*, dirigiu-se ao Monte Tisé,¹¹ e encontrou Dampa-Gya-Phūpa. Quando se aproximava [do Monte] ele encontrou Khar-Chüng-Repa, no Passo de Lowo-Kara. Depois, durante o retiro de inverno, na vizinhança do Pico Dritse, perto dos Montes Purang, encontrou Tarma-Wangchuk-Repa. Na primavera seguinte, Jetsün foi ao [Monte] Tisé, e derrotou o mágico Naro-Bön-chüng, graças à exibição de seus poderes mágicos. O relato desses atos constitui o capítulo sobre Tisé [ou Monte] Kailāsa.

9. Tib. *Rdo-rje-rnal-hbyor-ma* (pron. *Do-rje-Nal-jor-ma*): sâns. *Vajra-Yoginī*.

10. Ou *Karṇa Tantra*, um dos tratados esotéricos sobre a *Yoga* tântrica. (Ver p. 109, n. 18.)

11. Monte Tisé é o nome tibetano do Monte Kailāsa, a Montanha Sagrada tanto do Budismo como do Hinduísmo, e o local de destino da famosa Peregrinação de Kailāsa.

Em seguida, voltando ao Castelo Indestrutível da Rocha Cinzenta, encontrou Rong-Chüng-Repa. Deixando esse lugar, e dirigido pelas *Dākinīs*, encaminhou-se para o Castelo da Caverna Oculta, onde ficou por alguns dias. Enquanto lá estava, encontrou um pastor, que o seguiu e se tornou um proeminente *yogī*, conhecido por Lugdzi-Repa (Pastor Repa). Encontrou depois Shan-Gom-Repa, no Castelo de Lótus da Gruta. Este discípulo forneceu a Jetsün excelente comida e outras coisas necessárias enquanto Jetsün demorou no Castelo de Nāga da Porta do Elefante e no Castelo da Caverna Oculta. Depois, quando se dirigia a Choro-Dri-Tsam, encontrou Rechungma [uma discípula]. Em Nyishang-Gurta-La, encontrou Khyira-Repa (o Caçador Repa). Tendo a fama de Jetsün se espalhado pelo Nepal, o Rāja de Khokhon¹² foi instado pela Deusa Tārā¹³ a enviar algumas oferendas religiosas a Jetsün. Rechung e Shan-Gom-Repa rogaram então a Jetsün que voltasse a Lapchi; e Jetsün permaneceu na Caverna de Nyen-yön, aos pés de Lapchi. No ano seguinte, Jetsün viveu na caverna rochosa em Chonglüng. Dirigindo-se daí a Chūbar, pregou os três sermões concernentes a Tseringma.

Chegando depois ao interior de Brin, encontrou-se com Dorje-Wangchuk-Repa. Depois, quando Jetsün e seus discípulos viviam na Caverna Semelhante ao Estômago de Nyanam, o grande *yogī* indiano Dharma-Bodhi visitou Jetsün e se prostrou à sua frente. Esse acontecimento, somado ao respeito e à veneração sentida por Jetsün, despertou a inveja de um *lāma* muito versado em discursos metafísicos, que propôs algumas questões metafísicas a Jetsün, às quais ele respondeu com uma exibição de *siddhi* [ou poderes ocultos]. Há um capítulo que trata dessa contenda. A visita do *yogī* induziu Rechung a voltar novamente à Índia; relata-se essa passagem no capítulo sobre Rechung e Tiphoo [outro Grande *Yogī* indiano]. Durante essa época, Me-Gom-Repa reuniu-se a Jetsün, como seu seguidor, na Caverna de Dröt [em Nyanam]. Depois, em Nagtra, em Nyanam, Jetsün encontrou Sañewöd-Repa. Então Jetsün, tendo se retirado para o topo da Rocha Vermelha, viu Rechung retornando [da Índia], e foi recebê-lo. Isto propiciou o capítulo concernente ao Chifre de Iaque e à Canção sobre os Asnos Selvagens. Em Chūbar, encontrou Tagpo-Lan-Gom-Repa.

Foi em Trode-Trashi-Gang, em Brin, que encontrou o *Mahā-Puruṣa* (o Grande Santo), mencionado pelo Buddha em Suas Máximas apócrifas.¹⁴ Ele se tornou o mais favorito e eminente de todos os discípulos de Jetsün. Tornou-se um sacerdote plenamente ordenado, e um *Guru* da Escola Vajra-Dhara,¹⁵ um Grande Bodhisattva, de nome Dawöd-Shyönü (Jovem Luz Lunar), mais conhecido como Doutor Incomparável de Tagpo, que nasceu como ser humano, a fim de beneficiar a todas as criaturas sencientes.

12. Khokhom é a moderna Bhatgaon, nas proximidades de Khatmandu, Nepal. (Cf. p. 13.)

13. É a Deusa Padroeira Nacional do Tibete, retratada em numerosas formas e cores.

14. A julgar por isso, o Grande Santo foi alguém que se acreditava ter vivido por séculos, e que, como acreditam tanto os indianos como os tibetanos, ainda vive na Terra como Guardião da Raça Humana.

15. Isto é, a Escola da qual Vajra-Dhara é o *Guru* Celestial; também conhecida como Escola *Vajra-Yāna* ("Caminho *Vajra* Imutável").

Em Chübar-Wom-Chüng, Jetsün fez um prosélito de Lotön-Gedün, que, embora, de início hostil a Jetsün, tornou-se depois seu discípulo. No Castelo Solar da Gruta Feliz, Dretön-Trashibar, de Brin, tornou-se discípulo de Jetsün. Manifestando Jetsün alguns poderes sobrenaturais, Likor-Charüwa passou a integrar o discipulado.

As *Ḍakinīs* foram informadas de que Jetsün teria vinte e cinco Santos entre seus discípulos humanos que foram: os oito filhos favoritos [nascidos do coração], os treze filhos espirituais e as suas quatro irmãs na Fé. Há um capítulo sobre como Jetsün encontrou cada um deles.

Em terceiro lugar, em relação aos vários encontros e incidentes posteriores, que ocorreram enquanto Jetsün habitava as cavernas secretas durante os intervalos de seus encontros com os filhos espirituais, vários registros foram feitos, mas sem nenhuma exatidão quanto à época de sua ocorrência. Além disso, há algumas [narrações na forma de] respostas às questões [dos discípulos]. Há, também, o capítulo que registra as Canções das Montanhas de Bönpö, que datam da época em que Ganpopa estava com Jetsün. Há também as narrativas de como Jetsün pregou o *Dharma* e conferiu a iniciação às pessoas de Nyanam; as Canções sobre Shendormo e Lesay-Büm, em Tsarma; e a Canção que contém as belas expressões de encanto de Jetsün em face da morte; as Canções sobre a ida de Jetsün a Lapchi, acompanhado por Rechung, e sua estada na Caverna da Derrota dos Demônios, sobre uma agradável viagem, e sobre Ramding-Namphug, de onde Jetsün foi convidado pelas pessoas de Nyanam a ir à Caverna Semelhante ao Estômago de Nyanam, onde narrou sua própria história. Há também as Canções sobre a ida de Rechung à Província de Ü, e sobre o encontro posterior de Jetsün com Dampa-Sangyay, em Thong-La, por disposição especial da Deusa de Face Leonina.

Há ainda outros registros: de uma cerimônia fúnebre realizada por Jetsün, por compaixão à pessoa morta, em Lay-Shing; do cumprimento de seus deveres filiais para com sua mãe; do testamento final aos discípulos leigos, em Tsarma; de uma narrativa da atuação de Jetsün num rito Bönpö,¹⁶ em Tingri, quando se dirigia para Chübar; o capítulo sobre a segunda ida de Rechung a Ü; e o capítulo sobre o doador leigo, Tashi-Tseg, de Ḍin-Lhaḍo; o capítulo sobre Zesay-Büm, e Khujug, e outras discípulas, em Ḍin-Ḍag-Khar; o capítulo de seu triunfo sobre os quatro Mārās [ou Maus Espíritos], no topo da Rocha Vermelha; o Diálogo com o Mágico; e a exibição de seus poderes sobrenaturais em benefício de seus discípulos e seguidores leigos. Há, ademais, uma larga coleção de outros discursos religiosos, alguns bem conhecidos, outros não.

E dessa forma Jetsün emancipou um incontável número de seres afortunados. Os mais desenvolvidos atingiram o perfeito desenvolvimento [espiritual] e a Emancipação; os de menor capacidade foram firmemente colocados no Caminho da Emancipação; os menos capazes tiveram seus corações convertidos, e se voltaram para o Nobre Caminho da Virtude; mesmo aqueles cujo *Karma* impedia de partilhar da Insuperável Dádiva viram desabrochar em seus corações um amor inerente

16. O que é interessante, pois mostra que Jetsün estava familiarizado com a religião pré-budista do Tibete, conhecida como Bön, e que lhe era simpática.

e habitual pela bondade, conseguindo dessa forma a bênção da felicidade celestial e humana para o seu futuro imediato.

Assim, por meio de seu amor e graça infinitos, Jetsün tornou a Fé budista tão luminosa quanto a luz do dia, salvando incontáveis seres da Dor. Tudo isso está registrado em detalhes no *Gur-Bum* ("Cem Mil Canções") de Jetsün.

Tal é a Sexta Ação Meritória de Jetsün, que narra como ele prestou serviços a todas as criaturas sencientes, graças aos frutos da sua devoção.

CAPÍTULO XII

O NIRVĀṆA

Narrativa de Como Jetsūn Veio a Tomar Coalhada Envenenada da Concubina de Tsaphuwa; da Última Assembléia dos Seguidores de Jetsūn e dos Conseqüentes Prodígios; do Discurso de Jetsūn Sobre a Doença e a Morte; de Seus Últimos Ensinamentos Testamentários; da Conversão de Tsaphuwa; da Última Vontade; da Passagem ao Samādhi, e dos Conseqüentes Fenômenos Sobrenaturais; da Chegada Tardia de Rechung e de Sua Prece a Jetsūn, e da Resposta; dos Maravilhosos Eventos Relacionados com a Cremação e as Relíquias; da Execução da Última Vontade de Jetsūn; e do que Concerne aos Seus Discípulos.

No tempo em que Jetsūn cumpria os vários deveres acima mencionados, vivia, no interior de Brin (Dṛin), um douto Lāma, de nome Tsaphuwa, muito rico e influente, que estava acostumado a tomar o assento mais alto durante as assembléias do povo de Brin. Esse homem fingia grande reverência por Jetsūn, mas em seu coração ardia de inveja, e desejava exhibir o que julgava ser ignorância de Jetsūn, propondo-lhe difíceis questões nas reuniões públicas dos seus próprios seguidores. Desse modo, propôs muitas questões a Jetsūn, fingindo, porém, que isso visava a esclarecer suas próprias dúvidas.

Então, no primeiro mês do outono do ano do Tigre de Madeira,¹ houve uma grande festa de casamento à qual Jetsūn foi convidado, tendo sido colocado no assento mais alto, à testa da primeira fila dos convidados, ocupando *Geshé*² Tsaphuwa um assento próximo ao dele. O *Geshé* curvou-se diante de Jetsūn, esperando que este se curvasse em resposta. Jetsūn, contudo, não o fez; por nunca se ter curvado diante de ninguém, bem como por nunca ter prestado obediência a pessoa alguma, salvo a seu próprio *Guru*, ele não se desviou de seu costume nessa ocasião.

Muito humilhado, o *Geshé* pensou consigo mesmo: “O quê! Então um douto *paṇḍit* como eu se curva diante de um ignorante como esse, e ele não se digna responder à saudação?! Farei tudo o que puder para rebaixá-lo na estima pública.” E, apresentando um livro sobre Filosofia, dirigiu-se a Jetsūn nas seguintes palavras: “Ó Jetsūn, dissipa, por favor, minhas dúvidas; pega este livro e explica-o palavra por palavra.”

1. Trata-se do quadragésimo oitavo ano do ciclo de sessenta anos, descrito na p. 42, n. 25.

2. O título *Geshé* implica um douto Lāma, e equivale ao termo indiano *Paṇḍit*.

Respondeu Jetsün: “No que toca à mera explicação literal dessas dialéticas, és suficientemente versado; mas para compreender sua verdadeira importância é necessário renunciar às Oito Ambições Mundanas, expulsando-as da mente; dominar a ilusão da crença no ego pessoal e, considerando que *Nirvāṇa* e *Sangsāra* são inseparáveis, conquistar o ego espiritual pela meditação nas montanhas. Nunca apreciei ou estudei a mera sofisticação do conhecimento verbal, registrado nos livros na forma convencional de perguntas e respostas para decorar (e derrotar o oponente); tal método só traz confusão mental e não propicia a verdadeira realização da Verdade. Nada sei desse conhecimento verbal; e, se alguma vez o aprendi, já o esqueci há muito. Peço-te que ouças esta canção, que explica as minhas razões para esquecer os ensinamentos livrescos.”³ E Jetsün cantou as seguintes estrofes:

“Obediência aos honrados Pés de Marpa, o Tradutor!
Possa eu me livrar dos credos e dogmas controversos.

“Desde que a Graça do meu Senhor entrou em minha mente,
Minha mente jamais se perdeu em distrações.

“Acostumado a contemplar longamente o Amor e a Piedade,
Esqueci-me das diferenças entre mim e os outros.

“Acostumado a meditar longamente sobre o meu *Guru* como uma auréola
sobre minha cabeça.⁴
Esqueci-me de tudo o que governa pela força e pelo prestígio.

“Acostumado a meditar longamente sobre os meus Deuses Guardiões
como inseparáveis de mim mesmo,
Esqueci-me da forma carnal inferior.

“Acostumado a meditar longamente sobre as Seletas Verdades Sussurradas,
Esqueci-me de tudo o que é dito nos livros escritos e impressos.

“Acostumado, como estou, ao estudo da Ciência Elementar,
Perdi o Conhecimento da Ignorância enganosa.

“Acostumado, como fiquei, a contemplar os Três Corpos⁵ como
inerentes a mim,
Esqueci-me de pensar na esperança e no medo.

“Acostumado, como fiquei, a meditar sobre esta vida e a vida futura
como uma só,
Esqueci-me do medo do nascimento e da morte.

3. Cf. o ensinamento do *Bṛihadāraṇyaka Upaniṣhad* (III, 5, 1): “Põe de lado a erudição (*pāṇḍitya*) e sê como uma criança”; e também *Lucas* (XVIII, 17): “Aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança não entrará nele.”

4. Ver p. 128, n. 19.

5. O *Tri-Kāya* (ou Três Corpos): o *Dharma-Kāya*, o *Sambhoga-Kāya* e o *Nirmāṇa-Kāya*. (Ver p. 124, n. 7.)

“Acostumado a estudar longamente, por mim mesmo, minhas próprias experiências,
Esqueci-me da necessidade de buscar as opiniões dos amigos e dos irmãos.

“Acostumado longamente a aplicar cada nova experiência ao meu próprio crescimento espiritual,
Esqueci-me de todos os credos e dogmas.

“Acostumado a meditar longamente sobre o Incriado, o Indestrutível e o Permanente,⁶
Esqueci-me de todas as definições deste ou daquele Objetivo particular.

“Acostumado a meditar longamente sobre todos os fenômenos visíveis como o *Dharma-Kāya*,
Esqueci-me de todas as meditações feitas pela mente.

“Acostumado por muito tempo a manter minha mente no Estado Incriado de Liberdade,⁷
Esqueci-me dos costumes convencionais e artificiais.

“Acostumado por muito tempo à humildade, de corpo e de mente,
Esqueci-me do orgulho e das soberbas maneiras do poderoso.

“Acostumado a olhar longamente o meu corpo carnal como o meu eremitério,
Esqueci-me do ócio e do conforto dos retiros nos mosteiros.

“Acostumado por muito tempo a conhecer o sentido do Inexprimível,
Esqueci-me do modo de traçar as raízes dos verbos e a origem das palavras e das frases;
Possas tu, ó sábio, esboçar essas coisas em livros comuns.”

Tendo Jetsün cantado essa canção, disse o *Geshé*: “Tudo isso pode estar de acordo com o teu credo *yogī*, mas conforme nossos metafísicos, esses discursos religiosos não levam a nenhum lugar, isto é, não mostram nenhuma real obtenção do entendimento. Curvei-me diante de ti, imaginando que eras uma pessoa muito avançada!”

Tendo dito isso, as pessoas (especialmente os seus seguidores) manifestaram seu descontentamento e, em uníssono, gritaram: “Ó *Geshé* Tsapuwa, por mais sábio que possas ser e por mais professores iguais a ti que possam existir no mundo,

6. Ou “Aquilo que não tem começo, negação ou lugar”; ou seja, o *Nirvāṇa*.

7. Isto é, o estado inalterado ou natural da mente, que é o estado de mente do *Dharma-Kāya*.

tudo o que possuis não é igual ao menor pêlo do corpo de Jetsün, nem é capaz de encher o pequeno poro que o contém. Deverias ficar satisfeito com o assento que te deram, à testa de nossa fila, e fazer o que puderes para aumentar a tua riqueza por usura. Quanto à religião, não foste nem um pouco impregnado com o seu perfume.”

O *Geshé* ficou furioso, mas como todos estavam unanimemente contra ele, não pôde revidar, e, assim, apenas sentou-se em emburrado silêncio, pensando consigo mesmo: “Esse ignorante, Milarepa, pela mera exibição de feitos e ditos excêntricos e por mentiras, que visam a destruir a Fé budista, é capaz de iludir as pessoas a lhe darem numerosas esmolas e oferendas, ao passo que eu, embora tão versado na sabedoria dos livros, e a pessoa mais rica e mais influente do lugar, valho menos do que um cão, a despeito das minhas realizações religiosas. Algo deve ser feito para pôr um fim nisso.”

Agindo de acordo, o *Geshé* induziu uma sua concubina, prometendo-lhe uma valiosa turquesa, a oferecer a Jetsün um pouco de coalhada envenenada, o que ela fez, estando Jetsün em Brin-Drakkar (Rocha de Brin). Tendo cumprido o dever de conduzir seus discípulos favorecidos pelo *Karma* ao Caminho da Emancipação e da Perfeição, Jetsün compreendeu que o seu tempo de vida estava quase no fim, mesmo que não tomasse o veneno. Mas, prevendo que, se a mulher não obtivesse a turquesa agora ela não a obteria depois [isto é, depois de cometido o crime], disse-lhe Jetsün: “Por enquanto, não aceitarei a comida que me ofereces. Traz-me depois, que eu a aceitarei.”

Pensando que talvez Jetsün conhecesse a sua intenção, a mulher, muito embaraçada e aflita, retornou ao *Geshé* e, relatando-lhe o ocorrido com detalhes, disse que Jetsün, em virtude da clarividência, havia percebido sua má-intenção e recusado o alimento envenenado. Mas seu sedutor, tentando encorajá-la, disse: “Se Jetsün possuísse tal poder, ele não teria pedido que lhe levasse a comida mais tarde, mas ordenado que tu a tomasses; essa é a prova de que ele não possui a clarividência. Mereces a turquesa agora, mas assegura-te de que ele tome a comida envenenada.” Deu-lhe então a turquesa, e ela disse: “Todos acreditam que Jetsün possui o poder da clarividência, e sua recusa em tomar a comida é a prova disso. Estou certa de que ele a recusará pela segunda vez. Não quero a tua turquesa, tenho medo de voltar a ele, e não voltarei.”

Replicou *Geshé*: “As pessoas ignorantes acreditam que ele possui esse poder, mas, não sendo versadas nas Escrituras, elas são enganadas pelos seus truques. As Escrituras descrevem uma pessoa que possui a clarividência como muito diferente de Jetsün; estou convencido de que ele não a possui. Se voltares a lhe oferecer a comida, e se conseguires que ele a coma, então — visto que já vivemos juntos e, como diz o provérbio: ‘Não há diferença em pegar um pedaço grande ou pequeno de alho, pois sempre é alho’ — viveremos abertamente como marido e mulher. Então, não apenas a turquesa será tua, mas serás dona de tudo o que desejares; e tudo partilharemos. Como temos o mesmo motivo, faze o que podes para que a tentativa tenha sucesso.”

Fiando-se na palavra do *Geshé*, a mulher tentou uma segunda vez, oferecendo coalhada envenenada a Jetsün, quando este se achava em Trode-Trashi-Gang. Risonhamente, Jetsün tomou a oferenda nas mãos, e ela pensou que o *Geshé* talvez estivesse certo ao afirmar que Jetsün não possuía a clarividência. No entanto,

disse Jetsün: “Conseguiste a turquesa como pagamento do teu ato.” Cheia de remorso e medo, a mulher começou a tremer e, com a voz embargada de soluços, confessou: “Sim, senhor, consegui a turquesa”, e, prostrando-se a seus pés, lhe pediu para não comer a comida envenenada, mas que a desse a ela, culpada de tão odiosa intenção, para que pudesse bebê-la.

Respondeu Jetsün: “Em primeiro lugar, não posso, de modo algum, devolvê-la para que a bebas; minha compaixão por ti é muito grande. Se eu o fizesse, estaria transgredindo os votos de um Bodhisattva e, assim, incorreria nas penalidades espirituais mais pesadas. Além disso, minha vida está chegando ao fim; minha obra terminou, e é chegada a hora de partir para o outro mundo.”⁸ Essa comida envenenada não teria nenhum efeito sobre mim. Não obstante, eu a recusei no início, para que pudesses ganhar a turquesa que te fora prometida como recompensa para o teu crime. Agora que a turquesa é tua, tomarei a comida envenenada para satisfazer o desejo do *Geshé* e para te assegurar a posse da cobiçada pedra. Quanto às muitas promessas para o futuro que ele te fez para que esse crime fosse convenientemente cometido, não debes confiar nelas, pois ele te desapontará. Não há nenhuma verdade em nenhuma das muitas coisas que ele disse contra mim. Tempo virá em que ambos se arrependerão de tudo isso. Quando esse tempo chegar, vós vos devotareis totalmente, se possível, à penitência e à devoção; mas, se fordes incapazes de fazer tanto, evitai pelo menos de cometer pecados odiosos como esse, mesmo se vossa vida estiver em perigo, e orai por mim e pelos meus discípulos com profunda e humilde fé. Sem assistência, ficariéis privados da felicidade por incontáveis períodos, e o sofrimento seria o vosso quinhão; portanto, desta vez, verei se posso absorver o vosso mau *Karma*.⁹ Mas peço-te que mantendas este caso em segredo, enquanto eu estiver vivo; tempo virá em que ele poderá ser conhecido por todos. Embora possas não acreditar em outras falas sobre mim, ao ouvi-las, neste caso, no entanto, terás uma oportunidade para acreditar em mim [ou de ser convencida]. Portanto, tem isso em mente, e aguarda a sua realização.” Então, Jetsün tomou da comida envenenada.

Quando a mulher contou essas coisas ao *Geshé*, ele disse: “Tudo o que se disse não é necessariamente verdadeiro. [De acordo com o provérbio], ‘Nem tudo o que se assa é bom [para comer]’.¹⁰ Para mim, o que importa é que ele tenha tomado o veneno. Agora, fica atenta e mantém a boca fechada.”

Então Jetsün enviou um convite aos povos de Tingri e de Nyanam, e a todos

8. Jetsün está prestes a “ir para um outro mundo”, donde retornará a este mundo para continuar sua obra como Mestre, de acordo com o seu Voto de não entrar no *Nirvāṇa* (a Libertação Final da existência *sangsárica*), enquanto todas as criaturas sencientes não fossem conduzidas à Salvação.

9. O mau *Karma*, isto é, o pecado, não pode ser absorvido, podendo apenas ser neutralizado por uma igual quantidade de mérito ou de bom *Karma*, assim como, na Física, duas forças opostas igualmente balanceadas se neutralizam mutuamente. A promessa de Jetsün quanto a procurar absorver o mau *Karma* visa provavelmente a consolar a mulher arrependida. Cf. os ensinamentos de Jetsün a respeito da expiação de mau *Karma*, pp. 187-88, 201 e segs.

10. O sentido deste adágio é, ao que parece: “Não se deve acreditar em tudo o que se diz”, de acordo com o contexto.

os que o conheciam e nele tinham fé, para virem vê-lo, cada qual com uma pequena oferenda. Enviou também igual convite a todas as pessoas que desejavam encontrá-lo, mas que nunca o tinham feito. A mensagem foi proclamada também a todos os seus discípulos que, grandemente impressionados por sua sinistra natureza, todos eles iniciados e não-iniciados, homens e mulheres, relacionados ou não uns com os outros, se reuniram numa grande assembléia em Lapchi-Chübar. E, por vários dias, Jetsün lhes falou sobre a Aparente Verdade [isto é, a Lei do Karma] e a Verdade Real [isto é, o *Dharma-Kāya*].

Durante esses dias, os ouvintes mais dotados espiritualmente contemplaram os céus repletos de deuses que ouviam o Mestre. Muitos outros sentiram [intuitivamente] que nos céus e na Terra havia uma inumerável congregação de seres divinos e humanos, todos ouvindo alegremente a pregação sobre o *Dharma*, e sentiram o júbilo invadindo todos os presentes. E, a cada um deles, surgiram vários signos fenomênicos, como arco-íris arqueados no claro céu azul; e também nuvens de diferentes cores assumindo as formas de pára-sóis [reais] de bandeiras, e de diversas oferendas; e chuvas de matizadas flores. Todos ouviram uma extraordinária música tangida por vários instrumentos musicais, e os mais fragrantes odores, que jamais haviam sido desfrutados, encheram o ar. As pessoas de moderado desenvolvimento espiritual que experimentavam esses fenômenos de bom augúrio, perguntaram a Jetsün qual a razão desse sentimento de maravilhosa comunhão entre os ouvintes celestes que enchiam os céus e os ouvintes humanos reunidos na Terra, e sobre o motivo dos diversos signos fenomênicos auspiciosos, que todos os presentes haviam testemunhado.

Respondeu Jetsün: “Dentre os seres humanos, o número daqueles que são espiritualmente desenvolvidos, inclusive os iniciados e os não-iniciados, não é grande, ao passo que os seres divinos de natureza piedosa, que estão sempre ansiosos para ouvir o *Dharma*, enchem os céus e me oferecem em reverência os cinco objetos celestiais de felicidade,¹¹ irradiando a todos júbilo e alegria mental. É por isso que vos sentis cheios de júbilo, e percebeis os signos felizes e favoráveis.”

Então, lhe perguntaram: “Por que os seres divinos são invisíveis para [a maior parte de] nós?” Respondeu Jetsün: “Muitos são os deuses que alcançaram o *Estado de Anāgāmi*,¹² e vários outros graus de santidade e, para podermos vê-los, é necessário que estejamos dotados da perfeita visão e do zelo superior na aquisição das duas espécies de merecimento, e, também, livres das duas impurezas ofuscantes oriundas da Ignorância.¹³ Se os deuses principais forem visíveis, seus seguidores também o serão. Todo o que deseja ver esses seres divinos deve dedicar-se à tarefa de adquirir mérito suficiente para a expiação do mau Karma. Por isso, devemos ver em nós mesmos o maior e o mais santo de todos os deuses [que é a Pura Mente].”

Então, Jetsün cantou um hino concernente à visão dos deuses:

11. Os quais podem ser desfrutados pelos cinco sentidos.

12. Ou seja, o grau de desenvolvimento espiritual que torna desnecessário renascer na Terra; *Anāgāmi* significa “Aquele que Não Retorna”.

13. Ver p. 26, n. 5.

“Obediência aos Pés do Gracioso Marpa!
Abençoa Teus Descendentes Espirituais, para que possam se multiplicar.¹⁴

“À presença de Milarepa, o Devoto,
Os seres celestiais, dos Céus de Tuṣhita,
E de outras Sagradas Regiões, vieram ouvir os sermões.
Eles preenchem todos os quadrantes dos céus,
Mas apenas aqueles [dentre os meus seguidores humanos] que desfrutam
das cinco espécies de visão¹⁵
Podem vê-los; as pessoas comuns não os vêem;
No entanto, eu vejo sem impedimentos cada um deles.
Para o bem de todos os presentes,
Eles oferecem reverência a mim, com oferendas celestes.

“Os céus estão repletos do fulgor dos arco-íris;
Caem chuvas celestes de fragrantes flores;
Todos os seres ouvem melodiosas harmonias, e sentem a fragrância de
incenso;
O Amor divino, e a felicidade, invadem toda a assembléia.
Tais são [os frutos] das Ondas de Graça dos Santos Kargyütpa.¹⁶

“Entregando-vos ao Gracioso Refúgio da Fé,
Se desejais ver os Deuses e os Anjos,
Ouvi atentamente este meu hino:

“Por causa do mau *Karma*, por vós acumulado em vidas passadas,
Desde o momento em que vossa mãe vos deu à luz, vos deleitais no pecado;
Até a vossa velhice, vossa natureza é perversa:
Assim, acumulais o resultado das más ações.

“Se perguntais se o mau *Karma* pode ser neutralizado ou não,
Sabei então que ele é neutralizado pelo desejo da bondade.

14. E, assim, continuar a Hierarquia Kargyütpa.

15. De acordo com os ensinamentos lamaístas, existem, além dos olhos humanos normais de limitada visão, cinco espécies de olhos: (1) Olhos do Instinto (ou Olhos da Carne), como os dos pássaros e dos animais de rapina, que, em muitos casos, possuem um maior campo de visão do que os olhos humanos normais; (2) Olhos Celestiais, como os que os deuses possuem, capazes de ver o mundo humano assim como o seu próprio, e os nascimentos passados e futuros dos seres em ambos os mundos através de muitas existências; (3) Olhos da Verdade, tais como os olhos dos *Bodhisattvas* e *Arhants*, capazes de ver através de centenas de períodos mundanos (ou *Kalpas*), tanto no passado como no futuro; (4) Olhos Divinos, dos *Bodhisattvas* mais avançados, capazes de ver através de milhões de períodos mundanos o que foi e o que será; e (5) Olhos da Sabedoria dos Buddhas, capazes de ver, de igual modo, através da eternidade.

16. Isto é, os Santos irradiam suas influências espirituais, e daí resultam esses fenômenos.

“Mas aqueles que conscientemente cometem más ações,
Trocaram um punhado de comida pela infâmia.¹⁷

“Aqueles que não sabem até que ponto são Limitados,
Mas ousam passar por guias dos outros,
Injuriam tanto a si mesmos como ao próximo.

“Se desejais sinceramente evitar a dor e o sofrimento,
Evitai então fazer o mal aos outros.

“Arrepende-se e confessar os pecados passados,
Aos pés do *Guru* e das Divindades,
Jurar jamais cometer um pecado no futuro,
Estes são os caminhos mais curtos para uma rápida expiação das más ações.

“A maior parte dos pecadores é atilada;
[De mente] instável e errante, eles se deleitam com várias distrações;¹⁸
E são despidos de amor pela vida religiosa:
Isto significa que estão ofuscados pelo pecado,
E precisam eternamente do arrependimento e da confissão.

“Dedica-vos, com zelo,
A expiar os pecados e a conquistar o mérito;
Se assim fizerdes, não apenas vereis
As divindades celestes que amam o *Dharma*,
Mas o mais sagrado e o mais elevado de todos os deuses.

“O *Dharma-Kāya* e vossa mente também vereis;
E vendo Isso tereis visto o Todo,
A Visão Infinita, o *Sangsāra* e o *Nirvāna*.¹⁹
Então, vossas ações kármicas hão de cessar.”

Tendo Jetsün cantado esse hino, as divindades e os seres humanos ali reunidos, todos altamente desenvolvidos espiritualmente, obtiveram a correta visão do Estado do *Dharma-Kāya* [ou Nirvânico]. Os de moderado desenvolvimento obtiveram a experiência do divino estado supra-sensorial da Beatitude e da Vacuidade Extáticas,²⁰ tal como jamais o imaginaram, e foram assim auxiliados a entrar

17. Compare-se com o ditado de que por um pouco de legumes se pode vender o direito de nascimento.

18. Isto é, os mundanos, no seu apego aos prazeres da vida, são mentalmente instáveis, de mentes unilaterais, faltando-lhes o aguçamento atingido através da prática da ciência do controle mental chamado *Yoga*; e eles continuam atrelados à Roda do *Sangsāra*.

19. Ou “A Visão Infinita, a Roda do Nascimento e da Morte, e o Estado da Liberdade”.

20. Este é um dos estados experimentados no transe *yóguico* chamado *Samādhi*. (Cf. p. 27, n. 18.)

no Caminho [da Compreensão do *Nirvāṇa*]. E todos os outros desejavam alcançar a Grande Emancipação.

Dirigiu-se, então, Jetsün à assembléia, com estas palavras: “Meus discípulos, deuses e homens, e todos os que aqui estão reunidos, nosso encontro é o resultado do bom *Karma* de vidas passadas; e estabelecemos nesta vida um relacionamento mais puro e mais santo pela comunhão religiosa. Agora que estou muito velho, não há certeza alguma de que voltaremos a nos encontrar [nesta vida]. Eu vos exorto a preservar os sermões religiosos que pronunciei, e a não negligenciá-los, levando-os, porém, à prática, em vossas vidas diárias, na medida do possível. Se assim fizerdes, seja qual for o reino em que eu possa estar na Perfeição do Budado, sereis o primeiro corpo de discípulos a receber a Verdade que, então, pregarei. Regozijai.”

Quando os presentes oriundos de Nyanam ouviram essas palavras do Senhor Jetsün, perguntaram uns aos outros se o Mestre queria dizer que estava prestes a deixar este mundo a fim de ir a outro mundo para beneficiá-lo; e disseram que, se fosse essa a sua intenção, deveriam eles instá-lo a subir ao Paraíso em Nyanam, ou, caso isso não fosse possível, a pelo menos abençoar Nyanam com uma última visita. Dirigiram-se pois a Jetsün e, segurando-lhe os pés, pediram-lhe com os olhos cheios de lágrimas e com ardente fé e amor que realizasse o seu desejo. Do mesmo modo agiram os discípulos e os leigos de Tingri para convencer Jetsün a dirigir-se a Tingri. Replicou-lhes Jetsün:

“Estou muito velho para ir a Nyanam ou a Tingri; esperarei a morte em Brin e Chūbar. Por isso, cada um de vós deve me dar o seu voto de partida e retornar à casa; eu vos encontrarei nos Sagrados Paraísos.”

Eles então rogaram que, não sendo Jetsün capaz de visitar suas regiões, pronunciasse ele, pelo menos, uma bênção para cada um dos lugares que havia visitado, e também um voto especial para aqueles que tinham visto o seu rosto, ou ouvido a sua voz e as suas pregações; em suma, não apenas para eles [deveriam ser essas bênções], mas para todas as criaturas sencientes em todo o universo.

Respondeu-lhes Jetsün: “Sou grato pela fé que manifestais por mim, e pelos sortimentos que me trouxestes. Eu vos mostrei minha gratidão tendo sempre desejado o vosso bem; para vos fazer o Bem, eu vos preguei o *Dharma*, graças ao qual, por meio da gratidão, um vínculo mútuo se estabeleceu entre nós. E agora, sendo eu um *yogī* que realizou a Verdade, é meu dever dar-vos os meus votos de paz e felicidade, tanto temporais como espirituais, para o presente e para toda a eternidade.”

Cantou então Jetsün os seguintes votos em versos:

“Ó Pai e Protetor de todas as Criaturas, Tu que realizaste Teus
Próprios Votos,
Marpa, o Tradutor, eu me curvo aos Teus Pés!

“Ó meus discípulos, aqui reunidos, ouvi-me..
Amáveis fostes para comigo,
E amável fui eu para vós;

Que todos nós, ligados pelos laços de mútua felicidade,
Nos encontremos no Reino da Felicidade.²¹

“Que todos vós, doadores de esmolas, aqui sentados,
Possais viver longamente, e com prosperidade;
Que nenhum pensamento perverso penetre em vossas mentes;
Sejam todos os vossos pensamentos sempre piedosos, levando-vos ao sucesso religioso.

“Que a paz harmoniosa abençoe esta terra;
Que ela possa estar livre para sempre das doenças e da guerra;
Que haja ricas colheitas e férteis campos;
Que todos se deleitem com correção.

“Que todos os que viram meu rosto e ouviram minha voz,
E todos os que conheceram a minha história, e a guardaram no coração,
E todos os que apenas ouviram o meu nome e a minha história,
Me encontrem no Reino da Felicidade.

“Que todos aqueles que estudam a minha vida,
E a imitam, e se dedicam à meditação;
E, também, todo aquele que transcrever, narrar ou ouvir a minha história,
Ou lê-la e venerá-la,
Ou tomá-la como regra de conduta,
Me encontre no Reino da Felicidade.

“Que todo aquele que, nos tempos futuros,
Tiver o desejo de meditar,
Em virtude das minhas austeridades,
Se liberte de todos os impedimentos e erros.²²

“Sobre os que suportam penúrias pela devoção
Recaia eterno merecimento;
Aos que conduzem os outros ao Caminho,
Deve-se infinita gratidão;
Sobre os que ouvem a história de minha vida,
Recaia graça infinita:
Pelo poder deste merecimento, gratidão e graça infinitos,
Que todo ser, ao ouvir [minha história], alcance a Libertação,
E o [Verdadeiro] Sucesso, logo que [a] contemple.

21. Ou *Ngön-gah* (sâns. *Amarāvātī*); ver p. 36, n. 9.

22. Na *Dhyāna* (ou Meditação), há muitos perigos sutis; a não ser que seja guiado por um experiente *Guru*, tal como Milarepa aqui se torna de todos os que o seguem e veneram, o iniciante poderá se deparar com muitos obstáculos e erros, que lhe impedirão o progresso espiritual no Caminho.

“Que os locais de minha morada, e os objetos dos lugares onde fiquei,
E todas as coisas que foram minhas
Tragam paz e felicidade onde quer que estejam.

“A terra, a água, o fogo e o ar,
E os espaços etéreos que eles preenchem —
Que eu seja capaz de abarcá-los.

“E que os *Devas*, os *Nāgas* e os Espíritos das Oito Ordens,
E todos os gênios e os espíritos locais,
Se abstenham de qualquer dano;
Mas que cada um deles realize suas vontades de acordo com o *Dharma*.

“Que toda criatura viva, até mesmo um inseto,
Não fique amarrada à vida *sangsrīca*;
E que eu tenha forças para salvá-los.”

Ao ouvir tais palavras, os discípulos leigos exibiram grande alegria, pois agora achavam que Jetsün não pretendia morrer; os de Nyanam e Tingri eram os mais ansiosos para obter sua graça e suas bênçãos, e ouvir seus discursos religiosos.

Assim que a congregação se dispersou, voltando todos para suas casas, os arco-fris celestes e os outros fenômenos desapareceram automaticamente.

Então o povo de Brin pediu ardentemente a Jetsün, por intermédio de Shiwa-Wöd-Repa e dos outros discípulos avançados, que fizesse uma pregação. Assim, Jetsün se dirigiu para um eremitério que havia sido construído no topo de uma rocha conhecida como “Venenosa-ao-Toque”, pois acreditava-se que a rocha era o domicílio do maligno Espírito-Serpente de Brin, tendo sido o eremitério aí construído para que o Espírito-Serpente pudesse ser subjugado [graças aos eremitas que por lá demorassem]; e nesse local continuou Jetsün sua pregação aos discípulos leigos de Brin. Quando terminou seus sermões, ele lhes disse: “Os que têm dúvidas a esclarecer, ou dificuldades a elucidar a respeito dos ensinamentos especiais recebidos devem apresentá-las, pois não sei se viverei por mais tempo.”

Os discípulos reunidos juntaram então as oferendas para realizar um *pūjā*, e tendo realizado o *pūjā* ouviram a conclusão dos ensinamentos especiais [quando Jetsün deu as explicações e fez esclarecimentos sobre as dificuldades]. Então, Bri-Gom-Repa e Seban-Repa, dirigindo-se a Jetsün, perguntaram: “Ó Jetsün, pelo que acabaste de dizer, tememos que pretendas passar ao *Nirvāṇa*. Terá a tua vida chegado ao fim?” Respondeu Jetsün: “Minha vida e meu poder de converter os outros chegaram ao fim. Por conseguinte, devo experimentar agora a consequência de ter nascido.”

Poucos dias depois, Jetsün mostrou alguns sinais de doença, e Ngan-Dzong-Repa iniciou os preparativos para a realização de oferendas propiciatórias na adoração dos *Gurus*, dos *Devas* e das *Dākinīs*, em nome dos discípulos; ao mesmo tempo, suplicou a Jetsün que tomasse algum remédio. Ele estava prestes a pedir aos leigos e discípulos que completassem os necessários preparativos mas disse Jetsün: “É de regra que a doença que atinge um *yogī* seja vista como uma exortação

para perseverar na devoção, e ele não deveria ter nenhuma súplica especial oferecida para a sua recuperação. Deveria, porém, utilizar a enfermidade como uma ajuda para progredir no Caminho, sempre pronto para encontrar o sofrimento e mesmo a morte. Quanto a mim, Milarepa, por graça do meu gracioso *Guru*, Marpa, completei todos os ritos especiais para dominar as doenças, de acordo com o seu método particular; e agora não preciso nem de forças nem de mediadores. Consegui transformar meus inimigos²³ em afetuosos amigos; portanto, não preciso de preces ou de oferendas expiatórias. Não preciso também de exorcismos ou ritos propiciatórios contra qualquer demônio; transformei os maus augúrios e os maus pressentimentos em Divindades Guardiãs da Fé,²⁴ que executarão as quatro espécies de cerimônias. As Doenças oriundas dos Cinco Venenos, eu as transmudei na Beatitude das Cinco Sabedorias Divinas;²⁵ portanto, não preciso dos remédios compostos das seis principais especiarias.²⁶ É chegada a hora de o corpo visível, ilusório, físico, a forma mental do Corpo Divino [o *Dharma-Kāya*], mergulhar nos Reinos da Luz Espiritual; e, para isso, os ritos de consagração não são necessários. As pessoas mundanas que acumularam mau *Karma* durante a existência e que precipitaram a colheita, como resultado das dores do nascimento, da velhice, das doenças e da morte neste mundo, procuram em vão evitar ou minorar a intensidade e a angústia que desses males provêm, por meio de cerimônias propiciatórias e de tratamento médico. Nem o poder ou a autoridade dos reis, nem o valor do herói, nem a forma encantadora da beldade, nem a riqueza dos afortunados, nem a rapidez do covarde, nem o oratório de um hábil advogado, poderá repelir ou retardar por um instante o Decreto do Tempo. Não existem meios ou métodos, sejam eles pacíficos, nobres, fascinantes ou severos,²⁷ que possam subornar ou parar a execução desse inalterável Decreto. Se alguém teme realmente esses sofrimentos, busca sinceramente impedir o seu retorno, e quer de fato atingir um estado de beatitude eterna, eu-tenho o rito secreto para a sua realização.”

Tendo Jetsün assim falado, alguns discípulos lhes pediram para que ensinasse esse ritual [ou ciência]; e disse ele: “Assim seja. Todos os empreendimentos mundanos têm um único e inevitável fim, que é o sofrimento: as aquisições terminam em dispersão; as construções, em destruição; os encontros, em separação; os nascimentos, em morte. Sabendo isso, deveríamos, em primeiro lugar, renunciar à aquisição e à acumulação, e à construção e ao encontro; e, fiéis às ordens de um eminente *Guru*, procurar realizar a Verdade [que não tem nascimento ou morte]. Esse é o melhor ritual [ou ciência]. Tenho, no entanto, o meu último testamento a comunicar. E isto, não vos esqueçais, eu o farei depois.”

23. Trata-se das interrupções e infortúnios que surgem enquanto se segue a vida religiosa.

24. Isto é, as Realizações da Verdade, nascidas da vida religiosa.

25. Ver p. 29, n. 19.

26. A saber, açafrão, cardamomo, cravo-da-índia, noz-moscada, sândalo e arruda seca (cf. 115, n. 30).

27. Trata-se dos quatro métodos divinos para conduzir os seres humanos a trilhar o Caminho da Emancipação.

Shiwa-Wöd-Repa e Ngan-Dzong-Repa dirigiram-se novamente a Jetsün, nestas palavras: “Ó Jetsün, se recobrasses a saúde, poderias continuar a fazer o Bem para muitas criaturas sencientes. Portanto, mesmo se não quiseses concordar totalmente com nossas preces, para que não nos lamentemos depois, nós te pedimos que concordes em realizar uma eficaz cerimônia tântrica de reverência para o teu restabelecimento; e, ao mesmo tempo, toma algum remédio.”

Respondeu Jetsün: “Se a minha hora não tivesse chegado, eu faria o que me pedis. Mas, se alguém condescendesse em realizar um rito tântrico para o prolongamento de sua própria vida, sem ter como justificativa a intenção altruísta de servir aos outros, seria esse um comportamento tão impróprio para com as Divindades como pedir a um rei para realizar o trabalho servil de limpeza; e tal ato acarreta a sua própria penalidade. Portanto, eu vos conjuro a jamais realizar os sagrados ritos tântricos com vistas ao sucesso nos objetivos mundanos; embora as pessoas egoístas [que nada sabem] não devam ser criticadas por fazê-lo. Passei minha vida na prática incessante das Verdades Tântricas Superiores, a fim de beneficiar todos os seres sencientes; isso servirá para os ritos religiosos agora [por afastar o mal]. Graças a essa devoção, minha mente não sabe como sair do firme Assento da Verdade [no *Samādhi*]; isto bastará para os ritos por uma longa vida, pois os remédios de Marpa erradicaram as próprias raízes das enfermidades dos Cinco Venenos [isto é, a Luxúria, a Ira, a Brutalidade, o Egoísmo, a Inveja]; isso servirá como tratamento médico. Quanto a vós, o fato de serdes devotos, ou de terdes adotado a carreira religiosa, não bastará; deveis, além disso, utilizar os sofrimentos e as atribulações como ajuda no Caminho. Se nosso tempo ainda não chegou, e se alguma má interrupção ameaça a nossa vida, não há mal em recorrer ao tratamento médico e aos rituais [de cura pela fé] para a nossa recuperação, desde que tal nos assista no Caminho. Os males recentes podem ser evitados pelo exercício da grande força da cadeia correlativa e interdependente que [deles] resulta; e mesmo esses males podem ser transmutados em bênção nessas ocasiões. Foi assim que, nos tempos antigos, o Buddha, pensando no bem dos seus discípulos menos desenvolvidos, deixou que seu pulso fosse sentido pelo médico Jīvaka Kumāra, e tomou os remédios prescritos. Mas quando Sua hora chegou, mesmo Ele, o Senhor Buddha, passou ao *Nirvāṇa*. Assim também a minha hora é chegada, e não recorrerei ao tratamento médico ou a qualquer espécie de cerimônia para a minha cura.”

Assim, não permitiu Jetsün que se fizesse qualquer coisa por ele. Pediram-lhe, então, os dois discípulos mais adiantados que lhes desse as instruções, nas seguintes palavras: “Se Jetsün está realmente passando para o outro reino, então, para o nosso bem, como deverão as cerimônias fúnebres ser realizadas, como deverão os ossos e as relíquias ser honrosamente preservados, e como deverão as *stūpas* e os *tsha-tshas* serem construídos? Além disso, quem deverá ser escolhido como teu sucessor? E como deverão ser realizadas as cerimônias de aniversário [do teu passamento]? Que discípulo deverá seguir este ou aquele ramo da prática religiosa, tal como a audição da instrução, o raciocínio ou a meditação [solitária]? Para todos esses assuntos, solicitamos tuas instruções verbais.”

Respondeu Jetsün: “Pelo generoso favor de Marpa, realizei todos os deveres do *Sangsāra*, e [dele] consegui a Libertação. Os três princípios da minha personalidade [isto é, corpo, fala e mente] tendo sido transmutados no Corpo da Verdade, não é certo que deixarei um cadáver. Não haverá necessidade, portanto, de *stūpas*

ou de *tsha-tshas* de argila. Como não possuo nenhum mosteiro ou templo, não preciso escolher alguém para a minha sucessão. As montanhas áridas e desertas, os picos das montanhas e os outros retiros solitários pertencem a vós, e podeis ocupá-los. Podeis proteger todos os seres dos Seis *Lokas* como vossos filhos e seguidores. Em vez de erigir *stūpas*, cultivai a afeição por todas as partes do *Dharma*, e desfraldai a Vitoriosa Bandeira da Devoção; e, no lugar dos *tsha-tshas*, que haja repetições diárias da quádrupla oração. Para as cerimônias periódicas [em memória do meu passamento], ofereci-me ardente prece oriunda dos recessos mais íntimos dos vossos corações. Quanto ao método de adquirir conhecimento prático, se descobrires que determinada prática aumenta vossas más paixões e tende ao egoísmo, abandonai-a, embora pareça virtuosa; e se alguma linha de ação se contrapuser às Cinco Más Paixões, e beneficiar os seres sencientes, sabeis que se trata do verdadeiro e sagrado *Dharma*, e prossegui nela, embora pareça pecaminosa para aqueles que se apegam às convencionalidades mundanas.

“Se, depois de ter ouvido estes conselhos, alguém não conseguir segui-los e, ao contrário, infringi-los e espezinhá-los em desafio à Lei [Divina], por mais douto que possa ser, ele só estará ansioso por um lugar no Inferno inferior. A vida é curta, e a hora da morte, incerta; portanto, aplicai-vos à meditação. Evitai fazer o mal, e adquiri mérito da melhor maneira que puderdes, mesmo ao preço da vossa própria vida. Em suma, o conselho pode ser assim resumido: Agi de modo a não terdes motivo de vergonha; e segui essa regra. Se assim agirdes, podeis estar certos de jamais desobedecer aos preceitos dos Buddhas Supremos, não obstante todas as regras conflitantes que se possam encontrar nos textos. Aqui está a regra concernente à audição e ao raciocínio. Satisfeito ficará o coração deste velho se agirdes de acordo, pois se meu coração ficar satisfeito, então vossos deveres serão cumpridos, seja para com o *Sangsāra*, seja para com o *Nirvāṇa*. Nenhum outro método, por mais agradável que possa ser do ponto de vista mundano, conseguirá me dar satisfação.” Então, como desenvolvimento, Jetsūn cantou este hino, concernente às coisas proveitosas:

“Aos Pés de Marpa, o Tradutor, eu me curvo!

“Ó meus discípulos, aqui reunidos na fé,
Ouvi este meu testamento final,
Do velho Milarepa, o Pai [Espiritual] —
Eu, o *Yogi*, Milarepa,
Que pela Gentileza e pelo Favor de Marpa de Lhobrak,²⁸
Cumpri com sucesso todos os meus deveres.

“Se vós, meus *śiṣhyas* e meus seguidores,
Obedecerdes às minhas ordens, fazei como aqui vos ordeno;
E, assim, nesta mesma existência prestareis
Um grande serviço aos outros e a vós mesmos,
Regozijando a mim e aos Supremos Buddhas;

28. *Lhobrak* significa “Rocha do Sul”.

Fora este, todos os outros atos são inúteis,
Para vós e para os demais, e desagradáveis para mim.

“Não sendo o *Guru* de uma linha [apostólica] ininterrupta,
O que se ganha em receber a Iniciação?”²⁹

“Não estando o *Dharma* unido à nossa natureza,
O que se ganha em conhecer mecanicamente os *Tantras*?”³⁰

“Sem a renúncia aos objetivos mundanos,
O que se ganha em meditar sobre os Ensinamentos Escolhidos?”

“Sem harmonizar o corpo, a fala e a mente com a Doutrina,
O que se ganha em celebrar os ritos religiosos?”

“Se a raiva não for vencida por seu antídoto,”³¹
O que se ganha em meditar sobre a tolerância?

“Sem que se abandone toda a afeição, todos os gostos e desgostos,
O que se ganha em fazer oferendas?”

“Sem a renúncia ao egoísmo, do fundo do coração,
O que se ganha em dar esmolas?”

“Não se reconhecendo os seres dos Seis *Lokas* como pais,”³²
O que se ganha em ocupar um assento hierárquico?”

“Não havendo puro amor e veneração dentro do nosso coração,
O que se ganha em construir *stūpas*?”

“Não havendo a habilidade de meditar por todas as quatro divisões do dia,
O que se ganha em moldar *tsha-tshas*?”

“Não provindo a prece do íntimo do coração,
O que se ganha em honrar os aniversários?”

“Não se retendo nos ouvidos os Ensinamentos Secretos,”³³
O que se ganha em suportar a dor?”

“Não se devotando fé e amor ao Santo vivo,
O que se ganha em contemplar suas relíquias ou sua imagem?”

29. Isto é, a Iniciação é indigna, a menos que conferida por um mestre a quem a Tradição Esotérica foi transmitida com tal perfeição e com tal poder psíquico (ou “ondas de graça”) como só ocorre através de uma sucessão apostólica ininterrupta de mestres. Os Ensinamentos Murmurados ao Ouvido não podem ser obtidos de alguém que nunca os recebeu.

30. O sentido desse trecho é: sem o espírito da Doutrina, inútil se torna a letra dos *Tantras*.

31. O antídoto é o Amor.

32. Ver p. 152, n. 17.

33. Ou “Ensinamentos Especialmente Seleccionados”; isto é, as Doutrinas Esotéricas, Murmuradas ao Ouvido.

“Não se enraizando o remorso e o arrependimento,
O que se ganha em dizer: ‘Renunciai e arrependei-vos.’

“Se não se medita com amor pelos outros,
O que se ganha em dizer: ‘Ó pobres [criaturas sencientes]’?

“Não se dominando os maus desejos,
O que se ganha em prestar serviço aqui e ali?³⁴

“A não ser que todas as palavras do *Guru* sejam observadas [e obedecidas]
como sensatas,
O que se ganha em ter multidões de *shishyas*?

“Todas as ações que não produzem nenhum benefício,
Só podem causar o mal; rejeitai-as com tranquilidade.

“O *yogī* que cumpriu sua missão
Não precisa encarregar-se de novos deveres.”

Esta canção comoveu profundamente o coração dos discípulos.

Então, Jetsün começou a manifestar os sintomas de uma séria enfermidade. Exatamente nessa ocasião, o *Geshé* Tsaphuwa se apresentou com uma pequena quantidade de comida e *chhang*, aparentemente para presentear a Jetsün, mas na verdade para ver [por si mesmo] como ele estava. Tsaphuwa disse a Jetsün: “Uma pessoa tão santa como Jetsün não deveria deixar-se abater por uma doença tão séria; mas já que esta se instalou, ela deveria ser distribuída por todos os teus discípulos; ou, se fosse possível transferi-la, poderia então ser transferida a uma pessoa como eu; mas como isto também é impossível, o que se poderá fazer?”

Jetsün sorriu e disse: “Não há de fato nenhuma razão para essa doença me afligir, mas eu não tive escolha neste assunto, como talvez bem o saibas. Falando de modo geral, a enfermidade de um *yogī* e a de uma pessoa comum não têm o mesmo caráter; para o primeiro, ela pode parecer acidental. Mas, neste exemplo particular, minha enfermidade é para mim um adorno.”

Tendo assim falado, Jetsün cantou este hino:

“A Roda do Nascimento e da Morte e a Libertação são vistas
[ou compreendidas] no Reino da Clara Luz;
Quando as mãos atingem sua postura natural,³⁵
O Grande *Mudrā* depõe sobre elas o seu selo.³⁶

34. Ou seja, intermitentemente – entre os dois acessos da mundanidade. O serviço ao mundo deve ser contínuo, como o fluxo de um rio calmo e profundo.

35. Esta postura, atingida por meio da prática da *Yoga*, simboliza, como em Milarepa, a renúncia bodhisáttvica aos trabalhos e aos objetivos, bem como a dedicação da vida à realização do desenvolvimento espiritual de todas as criaturas sencientes.

36. A Doutrina do Grande *Mudrā* (ou Símbolo) produziu em Milarepa o seu fruto, que é a Realização da Verdade.

Há portanto [em mim] a grandeza da indiferença
E a coragem que não conhece obstáculos.

“As enfermidades, os maus espíritos, os pecados
Não podem senão me embelezar grandiosamente;
Eles repousam em mim, na forma de nervos, humores e sêmen.
Os dons eu uso para adornar os sinais da minha perfeição;
Possam os pecados dos maus pensamentos serem expiados.³⁷
Esta doença, que de mim se apoderou,
Eu a posso transferir, mas não preciso fazê-lo.”

O *Geshé* pensou: “Jetsün suspeita que eu o fiz envenenar, mas não tem certeza disso. Quanto à transferência da enfermidade, estou certo de que ele não poderia fazer tal coisa, mesmo se tivesse boas razões para agir assim.” E então, disse: “Ó Jetsün, quero conhecer a causa de tua doença. Se foi causada por espíritos malignos, estes podem ser exorcizados; se for apenas orgânica, oriunda da desigualdade dos humores físicos, estes podem ser equilibrados e corrigidos; mas não lhe conheço a causa. Contudo, se a puderes transferir, transfere-a, eu te peço, a mim.”

Respondeu Jetsün: “Um certo ser senciente ficou possuído por um dos maus espíritos mais malignos, e esse espírito era o Demônio do Egoísmo. Foi esse o demônio que causou a minha doença, perturbando a harmonia da minha constituição. O demônio não pode ser exorcizado, e a doença não pode ser curada. Se eu te transferisse a doença, não a poderias suportar sequer por um momento, de modo que não a transferirei.”

Pensou o *Geshé*: “Ah! Incapaz de admitir sua incapacidade de transferir a doença, ele pretende que não quer transferi-la.” Então disse o *Geshé*, com muita insistência [a Jetsün]: “Eu te peço, transfere-a!”

Replicou Jetsün: “Muito bem, então, eu não a transferirei para ti, mas para aquela porta; poderás assim observar-lhe a força.” Assim dizendo, Jetsün a transferiu para a porta da sala de meditação, e a porta começou a emitir sons de rachadura e quebra; a porta latejou, vibrou, e parecia estar prestes a se esfarelar. Simultaneamente, Jetsün parecia estar livre de dores.

O *Geshé* pensou novamente: “Trata-se, sem dúvida, de uma ilusão mágica”; e disse: “Maravilhoso! Eu te peço, transfere-a para mim.”

Disse Jetsün: “Pois bem, eu te mostrarei um pouco da sua força, ó *Geshé*.” E Jetsün retirou a dor da porta e a transferiu para Tsaphuwa, dizendo-lhe que aquela era apenas metade da dor, perguntando-lhe o que pensava da sua intensidade, ou se ela era suportável.

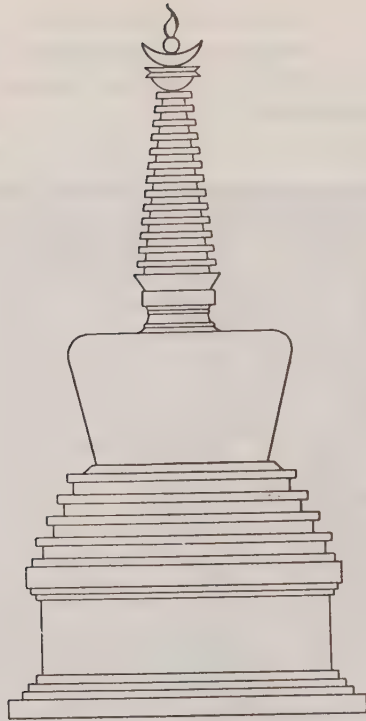
O *Geshé* se viu invadido por uma dor tal que quase perdeu os sentidos. Então, tendo sentido a intensidade e a angústia da dor a que Jetsün se sujeitava, arrependeu-se profunda e sinceramente do seu pecado; e, colocando os pés de

37. Esta estrofe refere-se aos donativos do *Geshé* a Milarepa e aos maus pensamentos do *Geshé* para com ele.



MILAREPA EXIBE SEUS PODERES OCULTOS

Descrito às pp. XXIV e 203



O CH'ORTEN TIBETANO

Ch'orten (*Mch'od-rten*), literalmente, "receptáculo de oferendas", sânscr. *Dhâtugarbha*; corresponde ao *Chaitya* e ao *Stûpa* (ou *Tôpe*) do Budismo indiano e ao *Dâgaba* do Budismo cingalês. Miniaturas de *Ch'ortens*, ou *Chaityas*, de metal, pedra, madeira ou argila foram encontradas como ornamento de altares lamaístas, muitas vezes contendo relíquias; cf. pp. 67, 194, 210, 219-27. Nas regiões do Lamaísmo, pequenos *Chaityas* (sânscr. *Dharma-sharîra*) fúnebres de argila costumam ser depositados em prateleiras ou em nichos especialmente preparados de *Ch'ortens*; cf. pp. 130, n. 3, 132, 194. Quanto aos outros usos dos *Ch'ortens*, ver *O Livro Tibetano dos Mortos*, p. 125, n. 27; e também L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet*, pp. 262-64. Exotericamente, o *Ch'orten* simboliza os cinco elementos em que se decompõe o corpo humano depois da morte. A base quadrada simboliza a solidez da Terra e o Elemento Terra; a porção globular, a gota d'água, o Elemento Água; a flecha, triangular como uma chama, o Elemento Fogo; o crescente, parecido com a abóbada emborcada do céu, o Elemento Ar; o círculo afilado, adelgaçando-se em chama para o espaço, o Elemento Éter: cf. p. 98, n. 10. Esotericamente, simboliza o Caminho da Iluminação desde a Terra (sua base) progressivamente, através dos Treze Céus Bodhisat (os treze segmentos em forma de degraus de sua flecha) ao *Nirvâna* Informe, Incrariado, Além-Natureza — para além do reino do Éter (o último dos elementos *sangsáricos*), para onde a chama (conhecida como o *Jyotiḥ*, ou Luz Sagrada de Buddha) aponta e se perde no Vazio.

Jetsün sobre sua cabeça e derramando profusas lágrimas, lamentou: “Ó Jetsün, Sagrado Senhor, como disseste, quem te trouxe esta doença foi esta criatura, obsedada pelo egoísmo e pela inveja. Aceita, eu te peço, todos os meus bens materiais, móveis e imóveis; e perdoa este meu crime, para que o seu mau *Karma* não possa me arrebatá-lo.”

Tendo essas palavras sido pronunciadas num espírito de sincero remorso, viu Jetsün que o arrependimento era realmente fervoroso, e de bom grado lhe concedeu o perdão. Retomando a dor, respondeu: “Durante toda a minha vida, jamais possuí uma casa ou uma propriedade;³⁸ e agora, em meu leito de morte, quando não preciso de nenhum bem, o que faria eu com bens mundanos? Fica com as tuas oferendas, e procura não transgredir os preceitos do *Dharma*. Quanto à tua presente transgressão, eu peço com fervor que nenhum mau *Karma* te arrebate e que possas escapar aos seus sofrimentos.” Jetsün, então, cantou este hino:

“Obediência aos Pés do Perfeito Marpa!

“Mesmo os Cinco Odiosos Pecados, ilimitados quanto às más conseqüências,
Quando alvo de rápido arrependimento, podem ser neutralizados.
Possa a virtude do meu mérito e do meu quinhão de Felicidade,
Juntamente com a de todos os Buddhas do passado, do presente e do futuro,
Apagar o mau *Karma* de todos os seres sencientes:
Possa também o teu quinhão de misérias
Ser posto sobre mim e desse modo neutralizado.”³⁹

“Piedade tenho por aquele que injúria
Seu *Guru*, seu preceptor ou seus pais;
E possa o mau *Karma* assim originado
Ser partilhado por mim e totalmente digerido.

“Possas tu repelir as viciosas companhias
E em todos os estados futuros do ser
Encontrar virtuosos camaradas;
Que ninguém faça para ti, por má intenção, algo
Que esgote o teu suprimento de mérito.

“Possa toda criatura senciente encontrar para sempre
A bondade e a nobreza recíprocas da mente *bodhisattvica*.”

Tendo Jetsün cantado este hino, o *Geshé* sentiu-se grandemente confortado. No fervor de sua alegria e de sua fé, ele jurou que doravante evitaria todos os feitos

38. Milarepa, devido à sua renúncia ao mundo, não tomou posse da casa em ruínas e da terra a que tinha direito por herança depois da morte da mãe; portanto, jamais possuiu qualquer bem mundano.

39. Ou, literalmente: “Serem partilhadas por mim e depois digeridas”, como no quarto verso seguinte.

impiedosos e que se entregaria por inteiro à devoção religiosa até sua morte; e disse [a Jetsün]: “Os maus atos que no passado tentei cometer derivavam do meu amor à riqueza e aos bens. Doravante, não desejo casas, riquezas, nem bens materiais. Por isso, mesmo que Jetsün não precise dos meus bens, eles poderão servir para assistir e manter os teus discípulos e seguidores que estão empenhados nos estudos devocionais. Eu te suplico que os aceites.”

A despeito do fervor dessa súplica, Jetsün recusou-se a aceitar os bens do *Geshé*; mas, depois, os discípulos os receberam e os utilizaram para custear as despesas das cerimônias fúnebres de Jetsün, bem como dos festivais periódicos instituídos depois para comemorar o seu passamento, e que continuam a ser celebrados até hoje. E, posteriormente, o próprio Tsaphuwa se tornou um fervoroso devoto.

Disse então Jetsün: “Como fruto de minha estada neste lugar, um renitente pecador foi convertido pelo arrependimento e levado com êxito à Libertação. Tendo se cumprido aqui a minha missão, não mais precisa o *yogī* permanecer numa morada mundana. Pois, morrer um *yogī* numa aldeia é como morrer um rei na casa de um camponês. Devo morrer em Chūbar.”

Replicou Seban-Repa: “Devido à tua doença, seria muito cansativo para ti tentar enfrentar uma viagem a pé. Nós te levaremos num palanquim, ó Senhor.”

Respondeu Jetsün: “Para mim, não há realidade, seja na doença, seja na morte. Manifestei aqui os fenômenos da doença; manifestarei os fenômenos da morte em Chūbar. Para isso não preciso do palanquim. Alguns dos Repas mais jovens [isto é, os discípulos de Jetsün] podem ir à nossa frente para Chūbar.”

Assim, alguns dos discípulos mais jovens saíram à frente, mas descobriram que Jetsün já havia alcançado a Caverna de Brilho (Língua de Iaque). Os discípulos mais velhos, que seguiram depois, escoltaram e guardaram um outro Jetsün. Um outro Jetsün ainda, estava na “Rocha Venenosa ao Toque”, manifestando os fenômenos da doença. Enquanto um Jetsün estava sendo escoltado e assistido pelos seguidores devotos na viagem a Chūbar, outro estava pregando aos que se haviam reunido para um sermão final, na Rocha Vermelha. Além disso, para todos os que ficaram em casa e fizeram oferendas religiosas de despedida, apareceu um Jetsün.

Assim, os que foram à frente para Chūbar disseram que Jetsün os havia precedido, ao passo que os discípulos mais velhos que haviam ido com Jetsün diziam que o haviam escoltado. E cada grupo que chegava afirmava ter estado com Jetsün. Outros afirmaram que naquele mesmo dia Jetsün havia estado com eles na Rocha Vermelha; alguns disseram que ele os visitara em suas casas nesse dia; e os que lhe tinham levado oferendas sustentavam que ele havia estado em suas casas ao mesmo tempo. Assim, todos pretendiam que Jetsün havia sido o seu honrado conviva e alvo das devoções e venerações e não chegaram a nenhum acordo. Finalmente, em uníssono, apresentaram a questão ao próprio Jetsün, e ele disse: “Todos estais certos. Eu estive com todos.”⁴⁰

40. O *Yogī* Perfeito possui o poder de reproduzir infindavelmente o seu corpo físico fenomênico, um desses corpos num lugar ou num mundo, e outro em outro. O Editor possui um dos tratados *yóguicos* concernente à aquisição desse poder.

Em seguida, Jetsün deitou-se na Caverna de Brilhe, em Chūbar; e sua doença ainda se manifestava. Nessa ocasião, alguns fenômenos como a sensação de êxtase e a visão do arco-íris, que haviam acompanhado seus sermões anteriores, encheram toda a região, e os picos das montanhas tornaram-se gloriosos, e por toda parte havia uma sensação de bom augúrio. Todos estavam certos de que Jetsün havia decidido partir para o outro mundo.

Então, os discípulos principais, Shiwa-Wöd-Repa, o Mestre de Ngan-Dzong,⁴¹ e Seban-Repa, perguntaram a Jetsün a que Reino ele pretendia ir, e se poderiam dirigir [-lhe] suas orações. Perguntaram-lhe também se ele tinha alguma última injunção ou ordem a comunicar; e cada um pediu uma instrução especial sobre a linha de devoção que deveria adotar.

Respondeu-lhes Jetsün: “Quanto ao lugar ou a direção a que deveréis dirigir vossas preces [eu vos ordeno] que o façais de acordo com vossas crenças e vossa fé. Em qualquer lugar que orardes com sinceridade e fervor, lá estarei, à frente de cada um de vós,⁴² e realizarei vossos desejos. Portanto, orai com fervor e com fé. Por ora, pretendo ir ao Reino da Felicidade [ou seja, a *Ngön-gah*], onde reina o *Bhagavān Akṣhobhya*. E minha última ordem ou vontade, para quando eu, Milarepa, estiver morto, é esta: A Rechung, que, como prevejo, logo chegará, dai-lhe o meu bastão de bambu e esta roupa de algodão, que, como vede, são os meus únicos bens; eles lhe servirão como uma espécie de talismã de sucesso em sua meditação sobre o controle dos Ares Vitais.⁴³ Enquanto Rechung não chegar, ninguém deverá tocar em meu corpo. O chapéu do Mestre Maitrī e este bastão negro de *agaru* propiciarão o êxito na manutenção da Fé por meio da profunda meditação e da elevada aspiração; fazei com que eles sejam entregues a Shiwa-Wöd. E esta taça feita de crânio, eu a dou a Ngan-Dzong-Tönpa. A Seban-Repa, dou este sílex e este metal. Esta colher de osso, dou a Bri-Gom-Repa. Aos outros discípulos, deixo este meu manto, para que eles o dividam entre si. Do ponto de vista mundano, essas coisas são de pouco valor, mas cada uma leva consigo uma bênção espiritual.

“Ouí agora meu testamento principal, acerca do qual ninguém, exceto os meus discípulos principais e os seguidores leigos de ambos os sexos, deverá ser informado: Todo o ouro que eu, Milarepa, acumulei durante a minha vida repousa aqui, sob a terra; nele estão as instruções escritas sobre como deveis distribuí-lo entre todos vós. Após minha partida, não deixeis de procurá-lo, e agi de acordo com as instruções que nele se encontram.

“Quanto a como deveis conduzir os ensinamentos religiosos na prática da vossa vida diária, tende em mente o seguinte: Há dentre vós alguns que têm orgulho da sua aparente santidade, mas que, no coração, estão realmente empenhados em adquirir nome e fama neste mundo; eles dispensam centenas de coisas necessárias

41. Isto é, Ngan-Dzong-Repa.

42. Cf. *Mateus* (XVIII, 20): “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei eu, no meio deles.”

43. Isto é, o controle das forças psicofísicas do corpo humano, com vistas ao desenvolvimento psíquico e ao sucesso na *Yoga* (cf. p. 145).

e desnecessárias na caridade, esperando, assim, colher um bom retorno. Embora desagradável às Divindades dotadas de visão divina, isto é cultivado pelos seres de visão turva. A hipocrisia de assim buscar os ricos frutos deste mundo, enquanto no exterior parecem pios e devotos, porque são incapazes de enfrentar o sarcasmo do mundo [que por outro lado poderia conhecer o apego], é como partilhar de delicadas comidas misturadas com acônito mortal. Portanto, não bebei do veneno do desejo de fama e de nome mundanos, mas, rejeitando todas as cadeias dos deveres deste mundo, que só levam a esse desejo, dedicai-vos à sincera e ardente devoção.”

Os discípulos lhe perguntaram se poderiam empenhar-se em deveres mundanos em pequena escala, para o benefício dos outros, e Jetsün disse: “Se não houver nenhum interesse próprio vinculado a tais deveres, é permitido.⁴⁴ Mas esse [desapego] é muito raro; as obras realizadas para o bem dos outros raramente têm êxito, se não forem totalmente isentas de auto-interesse. Mesmo sem buscar o benefício dos outros, é com dificuldade que as obras feitas em interesse próprio [ou com egoísmo] têm êxito. É como se um homem que estivesse se afogando tentasse salvar um outro nas mesmas condições. Não se deve procurar servir os demais sem antes ter realizado a Verdade em sua plenitude; caso contrário, seria como um cego que conduz outro cego.⁴⁵ Enquanto durar o céu, haverá seres sencientes a quem servir; e para todos chegará a oportunidade de tal serviço. Enquanto isso não ocorrer, eu exorto a cada um de vós a ter uma única deliberação, a saber: atingir o Budado para o bem de todas as coisas vivas.

“Sede humildes e mansos. Vesti farrapos. Resignai-vos à miséria no que toca à comida e à roupa. Renunciai a todos os pensamentos de adquirir renome mundano. Suportai a dor física e o fardo mental. Ganhareis, assim, o conhecimento por meio da experiência. Para que o vosso estudo e vossa penitência sejam dirigidos para o reto caminho, é necessário manter esses preceitos em vossos corações.”

Tendo assim falado, Jetsün cantou este hino:

“Obediência aos Pés do Senhor Marpa, o Tradutor!

“Se vós, que quereis ser devotos e alcançar a Sabedoria,
Não conseguirdes um sábio *Guru*, e a ele servir,
Embora tenhais fé e mansidão, pequena será a Graça.

“Se não obtiverdes a Iniciação profunda e mística,
As palavras dos *Tantras* servirão apenas como cadeias.

“Se não tiverdes as Escrituras *Tânicas* como vossas testemunhas,
As práticas dos ritos serão apenas armadilhas.

44. Tal é também o supremo ensinamento do *Bhagavad Gītā*, segundo o qual todos os atos no mundo devem ser feitos desinteressadamente, sendo os frutos deles resultantes dedicados ao bem de todos os seres.

45. Proclamar, como o faz o ignorante, “Eu creio”, leva apenas à dúvida e à confusão mental; o Mestre deve encher-se da força divina oriunda do *Conhecimento* da Verdade, e sua mensagem deve ser: “Eu sei”.

“Se não meditardes sobre os Ensinamentos Escolhidos,
A mera renúncia à vida mundana será apenas uma vã autotortura.

“Se não subjugardes as más paixões por seu antídoto,
As meras pregações verbais serão apenas sons vazios.

“Se não conhecerdes os Métodos Sutis e o Caminho,
A mera perseverança só dará um pequeno fruto.

“Se não conhecerdes o Segredo e os Métodos Sutis,
O mero exercício do zelo tomará longo o Caminho.

“Se não adquirirdes um grande mérito,
E se trabalhardes apenas para vós, o ser *sangsárico* continuará.

“Se não devotardes à Religião todos os vossos bens mundanos,
Muita meditação não conquistará grande Conhecimento.

“Se não adquirirdes a alegria em vós mesmos,
As acumulações apenas enriquecerão aos outros.

“Se não obtiverdes a Luz da Paz Interior,
O mero conforto e o prazer externo tornar-se-ão uma fonte de sofrimento.

“Se não suprimirdes o Demônio da Ambição,
O desejo da fama levará à ruína e aos litígios.

“O desejo de agradar excita as Cinco Paixões Venenosas;
A cobiça do ganho nos separa dos nossos mais queridos amigos;
A exaltação própria é a humilhação dos outros.

“Conservai vossa paz e não haverá nenhum litígio;
Mantende-vos em Estado de Alerta e a distração se dissipará;
Ficai a sós e encontrareis um amigo;
Ocupai o último lugar e alcançareis o mais alto;
Apressai-vos lentamente e chegareis logo;
Renunciai a todos os objetivos mundanos e alcançareis o objetivo mais alto.

“Se trilhades o Caminho Secreto, encontrareis o caminho mais curto;
Se realizardes a Vacuidade, a Compaixão despertará em vossos corações;
Se perderdes a diferenciação entre vós e os outros, sereis capazes de servir
aos demais;
E quando a serviço dos outros alcançardes o sucesso, então me encontrareis;
E, encontrando-me, alcançareis o Budado.

“Por mim, pelo Buddha e pela Fraternidade dos meus discípulos,
Orai fervorosamente, sem distinguir um do outro.”

Assim cantou Jetsün. E então disse: “Vendo que não mais continuarei a viver, observai meus ensinamentos e segui-me.”

Tendo dito isto, Jetsün mergulhou no estado de quietude do *Samādhi*. E assim morreu Jetsün, com a idade de oitenta e quatro anos,⁴⁶ no décimo quarto dia do último dos três meses do inverno do Ano do Coelho de Madeira [A.D. 1135],⁴⁷ na aurora.

Durante seu passamento, Jetsün exibiu o processo de mergulhar o corpo físico no Reino da Eterna Verdade;⁴⁸ os *Devas* e as *Ḍākinīs* manifestaram fenômenos muito maiores e mais maravilhosos do que nunca, e muitas pessoas, lá reunidas, contemplaram os fenômenos. O céu sem nuvens parecia palpável em suas cores prismáticas, distribuídas num fundo de desenhos geometricamente dispostos, em cujo centro havia lótus de várias cores, alguns de oito e outros de quatro pétalas. Sobre as pétalas havia *maṇḍalas* maravilhosamente desenhadas [ou desenhos místicos circulares], mais belas do que as que o mais hábil artista humano jamais poderia fazer. O firmamento continha muitas nuvens maravilhosamente tingidas, que assumiam a forma de pára-sóis [reais] e bandeiras, cortinas e tapeçarias, e vários outros objetos de adoração. Flores choviam profusamente. Nuvens de cores variadas adornavam os picos das montanhas e assumiam a forma de *stūpas*, cada qual com seu topo voltado para Chūbar. Ouvia-se música de encantadora melodia, acompanhando os salmos celestes em louvor do Santo que partira. E um delicioso perfume, mais fragrante do que todas as essências terrestres, impregnava o ar, de tal modo que todos o sentiam. Os seres celestiais, *Devas* e *Ḍākinīs*, que traziam muitas oferendas, foram vistos por muitas pessoas, como se viessem dar boas-vindas a Jetsün. Mais maravilhoso, ainda, foi o fato de os seres humanos, ao verem as formas nuas dos *Devas*, não sentirem vergonha, nem os seres celestes pareceram afetados pelo desagradável odor emitido pelos seres humanos.⁴⁹ Deuses e homens se encontraram e conversaram livremente uns com os outros, às vezes trocando saudações, de modo que, no devido tempo, foram transportados para a Idade de Ouro [ou o Sat-Yuga].⁵⁰

O povo de Nyanam, sabendo do passamento de Jetsün, veio a Chūbar e propôs aos discípulos e leigos de Brin que eles, de Nyanam, deveriam ter o privilégio de cremar o corpo de Jetsün em sua aldeia, mas a proposta foi rejeitada. Em seguida, o povo de Nyanam solicitou que a cremação fosse retardada, até que pudessem trazer todos os fiéis de Brin, para que eles pudessem ver pela última vez o seu *Guru* morto. Tendo sido aceito esse pedido, voltaram a Brin e retornaram

46. “O Senhor Buddha Gautama entrou também no *Pari-Nirvāṇa* em Seu octagésimo quarto aniversário.” (Sri Nissanka.)

47. Trata-se do quadragésimo nono ano do ciclo de sessenta anos descrito na p. 42, n. 25.

48. O *Dharma-Kāya*.

49. As impuras emanções áuricas dos seres humanos que não foram purgados são extremamente desagradáveis às divindades puras.

50. “Manifestações divinas similares ocorreram no passamento do Senhor Buddha Gautama. Cf. *O Livro da Grande Morte (Mahā-Parinibbāṇa Suttanta)*, do Cânone Páli.” (Sri Nissanka.)

com uma grande multidão de homens, dispostos a obter à força os restos do seu *Guru*. Um conflito parecia iminente, mas os discípulos principais intervieram, e disseram: “Ó povo de Nyanam e de Brin! Todos vós acreditáveis em Jetsün, e fostes seus seguidores. Visto que o passamento de Jetsün se deu em Chubar, não é apropriado que o seu corpo seja cremado em Nyanam. Os que são de Nyanam podem permanecer aqui até que a cremação seja realizada, e receberão a devida partilha das relíquias das cinzas de Jetsün.” Mas as pessoas de Nyanam, acreditando que eram mais numerosas e poderosas, estavam prontas para levar o cadáver à força, quando um *Devā* apareceu nos céus e, com a voz de Jetsün, cantou este hino:

“Ó discípulos aqui reunidos!
Ó leigos que disputais um cadáver!
Ouvi meu julgamento:
Sou um seguidor *Devā* de Jetsün,
E vim fazer a paz entre vós, através do meu conselho.
Milarepa, o melhor dos homens,
Mergulhou sua mente no Incrariado *Dharma-Kāya*;
E como não há nenhuma forma real, exceto a mente,
Enquanto a forma terrestre de Jetsün está [igualmente] mergulhando
no *Dharma-Kāya*,
Se não obtiverdes as Verdadeiras Relíquias,
É tolo disputar um cadáver.
Só os ignorantes disputariam o corpo de Milarepa;
Não é pelo litígio que o conseguireis.
Orai com mansidão e tende fé;
Se orardes do fundo do coração,
Embora o *Dharma-Kāya* não tenha princípio,
Pela graça oriunda dos bons desejos brilha o Desobstruído.⁵¹
E assim obtereis uma parte das Relíquias,
Cada qual de acordo com seus merecimentos.”

Tendo assim cantado, o *Devā* se dissipou como um arco-íris, e os discípulos leigos se sentiram tão felizes como se tivessem contemplado mais uma vez seu amado *Guru*. Cessaram as disputas e começaram a orar.

Então, os discípulos principais e o povo de Brin viram que possuíam um cadáver de Jetsün, e que o povo de Nyanam possuía outro. E este tomou o seu cadáver e o cremou na Caverna Düt-dül de Lapchi, na rocha chamada “Ovo da Água”, tendo essa cremação sido acompanhada também de muitos fenômenos. Arco-íris coloriam os céus; choveram flores; os perfumes celestes encheram o ar; e melodias celestiais soaram por toda parte, em Lapchi e em Chubar.

Em Chubar, o cadáver foi guardado pelos principais discípulos e leigos. Ofereceram eles ininterruptas e fervorosas orações, até que, depois do sexto dia,

51. Isto é, a Graça (ou Misericórdia) Divina, concedida pelo *Dharma-Kāya*.

o cadáver emitiu um halo de glória radiante, igual ao dos seres divinos, não sendo maior do que o corpo de uma criança de oito anos.

Disseram, então, os discípulos principais: “Rechung não chega; se adiarmos ainda mais a cremação, nada restará do corpo; e assim se perdermos o nosso quinhão das relíquias, não teremos nenhum objeto para venerar ou reverenciar. Devemos realizar a cremação imediatamente.”

Todos concordaram e, depois de todos terem tido a oportunidade de olhar pela última vez a face de Jetsün, ergueu-se uma pira funerária sobre um penedo, no qual, como de um púlpito, Jetsün havia pregado, na base da Caverna de Brilhe. O cadáver foi levado para lá com grande pompa. O diagrama da *maṇḍala* foi desenhado em cores.⁵² Embora as oferendas fúnebres dos seres celestiais fossem muito numerosas, as que os seguidores terrenos traziam foram depostas modestamente e com toda a habilidade. Ao mesmo tempo, tentou-se pôr fogo à pira funerária antes do poente, e mesmo durante a noite, mas a pira não acendia.⁵³ Surgiram, então, cinco *Dākinīs* em meio a uma nuvem aureolada de arco-íris, que cantaram em coro o seguinte hino:

“Rom!⁵⁴ Tendo o fogo da Força Vital
Sido contemplado [por Ele],
Que poder tem o fogo [deste mundo] sobre Ele?
Para Ele que longamente se empenhou na devoção,
Meditando sobre o Seu corpo orgânico como uma forma divina,
Que necessidade tem de deixar um cadáver carnal?
Para o *Yogī* que tem a perfeita *Maṇḍala* Divina
Bem-definida no Seu próprio corpo,
Que necessidade tem da *Maṇḍala* desenhada no chão?
Para Ele que manteve sempre ardente
A Lâmpada da Mente, com o Alento Vital,
Que necessidade há de vossas insignificantes lâmpadas [mundanas]?
Para Ele que se alimenta de Puro Elixir,
Que necessidade há de bolos de cereal?⁵⁵
Para Ele que traja o Manto da Castidade,
Imaculado pela Dupla Corrupção,⁵⁶
Que necessidade há de que Lhe consagrem o Pote Sagrado?⁵⁷

52. Esta é a *maṇḍala* fúnebre, desenhada no solo com terra colorida ou outra substância, de modo que a pira funerária, como o pericápio de um lótus, ocupe o centro. Como no Sikkim, ela é de ordinário a *maṇḍala* do Dhyānī Buddha Amitābha que, sendo o Ente de Luz Infinita, simboliza o Fogo que purifica.

53. “De igual modo, a pira funerária do Senhor Buddha Gautama não poderia ser mantida até que Kāshyapa chegasse, sete dias depois.” (Sri Nissanka.)

54. Ou “*Rang*”, o *Bīja* (ou “Semente”) *Mantra* do Elemento Fogo.

55. Referência às costumeiras oferendas de comida na pira funerária, ofertadas ao espírito do morto.

56. Ou, “a Sombra Dupla”, que é a Ilusão e o *Karma*, descrita na p. 26, n. 5.

57. Ou seja, o Pote Sagrado cheio de água lustral.

“Os céus estão repletos de nuvens de fumaça
De incenso, e de perfumes de oferendas celestiais;
Não precisais oferecer hoje o vosso incenso.

“As Quatro Ordens das *Ḍākinīs* estão cantando,
E Ordens mais altas das *Ḍākinīs* fazem a sua oferenda;
Que ritos celebrareis hoje então?

“Os Senhores da Sabedoria cercam agora a pira,
E os Heróis rivalizam em suas reverências;
Não precisais hoje tocar a forma sagrada.

“A relíquia mortal do Homem que compreendeu a Mesmidade
Não precisa de rituais comuns; deixai-o em paz.

“Aquilo que é reverenciado tanto por deuses como por homens
Não precisa de um dono; portanto, reverenciai e orai.

“Aos votos sagrados, prestados por *Devas* e por *Gurus*,
Não é preciso acrescentar recomendações.

“Diante desse tesouro de gemas e jóias sem preço
Não digais ‘É meu’, mas praticai a meditação.

“Em relação às palavras secretas e profundas dos *Gurus* e dos *Buddhas*,
Não vos entregueis a tolas conversas, mas ficai em silêncio.

“Os Sagrados Ensinamentos Escolhidos, exalando do alento dos Anjos,
São maculados pela impiedade; portanto, buscai a solidão.

“A vida que escolhestes é interrompida por muitos obstáculos;
Realizai vossos ritos em segredo.

“Dos conselhos dados por vosso extraordinário *Guru*
Brotará uma bênção; rejeitai as dúvidas.

“A história do vosso Mestre *Jetsūn*
Não precisa de louvores formais.

“Dos hinos cantados pelas Divinas *Ḍākinīs*
Uma dádiva virá; observai-a com humildade e fé.

“Os descendentes espirituais de Milarepa
Produzirão muitos santos *yogīs*, ó vós de elevado destino.

“O povo e o gado desta região
Não serão atingidos por doenças, ó seres celestes e terrenos.

“A nenhum dos seres aqui reunidos
Caberá o nascimento nos Mundos Infelizes, ó vós da raça humana.

“Para a *Maṇḍala* da Mesmidade,
As aparências externas e a mente são a mesma coisa; destruí, então, a vossa
teoria da dualidade.

“Às palavras finais que Jetsün pronunciou antes de Seu passamento
Concedei a maior atenção e obedecei aos Seus preceitos;
de grande importância são eles.

“Possam todos aqueles que praticarem o *Dharma* Sagrado;
Ele a todos dá Paz e Felicidade.”

Terminado esse hino, Ngan-Dzong-Tönpa disse: “A ordem de que ninguém
deve tocar os restos do Senhor até a chegada de Rechung e o sentido do hino
das *Dākinīs* estão de acordo. Mas, como não há nenhuma certeza de que Rechung
venha, mesmo se adiarmos a cremação do corpo sagrado, parece provável que
ele desaparecerá sem nos deixar qualquer relíquia substancial.”

Disse, então, Shiwa-Wöd-Repa: “A ordem de Jetsün, a canção das *Dākinīs*
e o fato de que a pira se recusa acender, tudo coincide. Rechung chegará em breve,
com certeza. Entrementes, devotemo-nos à oração.” E assim todos continuaram
a rezar.

Nesse meio tempo, Rechung estava no Mosteiro de Loro-Döl; e, uma noite,
pouco depois da meia-noite, enquanto dormia num estado de superconsciência sem
trevas, ele teve o seguinte sonho ou visão clarividente: em Chūbar, ele contemplava
uma radiosa *chaitya* (relicário) de cristal, cuja glória enchia os céus. Ele estava
prestes a ser levado embora por uma multidão de *Dākinīs*, ajudadas por seus
irmãos de Fé e por discípulos leigos de Jetsün, em companhia de numerosos outros
seres humanos e uma hoste de seres celestiais. Os céus pareciam abarrotados por
essa multidão, e todos cantavam e ofereciam oblações. As oferendas eram inimagi-
navelmente magníficas e numerosas. Ele também estava curvado sobre o *chaitya*.
Depois ele viu Jetsün sair do *chaitya*, e ouviu-o dizer: “Meu filho Rechung, embora
não tenhas vindo quando te pedi, é um prazer reencontrar-te; alegre, de fato, é esse
encontro do pai com o filho. Mas, como não é certo que nos encontremos de novo,
procuremos apreciar melhor este raro prazer e conversar sobre temas adequados.” E
passava afetuosamente a mão sobre a cabeça de Rechung, acariciando-a gentilmente;
e Rechung se encheu de tal alegria e afeição e profunda fé como jamais sentira por
Jetsün. Nesse ponto do sonho, ele acordou; e recordando tudo o que Jetsün lhe
havia dito anteriormente, ocorreu-lhe o seguinte pensamento: “Terá o meu *Guru*
morrido?” Quando esse pensamento lhe atravessou a mente, um sentimento de
profunda fé nele surgiu, de modo que orou; e, dominado por um indomável desejo,
decidiu-se a encontrar imediatamente Jetsün, embora aquele não fosse o momento
preciso que Jetsün havia indicado. Então, duas *Dākinīs* lhe apareceram nos céus, e
disseram: “Rechung, se não te apressares para ver o teu *Guru*, breve ele partirá para
os Reinos Sagrados, e não o verás mais nesta existência. Vai sem demora.” Pronun-
ciadas essas palavras, o céu se encheu com a glória dos arco-íris.

Muito impressionado com a visão, e ardendo de desejo de ver o seu *Guru*, Rechung imediatamente se levantou e se pôs a caminho. Os galos de Loro-Döl haviam começado a cantar.

Exercitando sua fé no seu *Guru* e seu conhecimento sobre o controle do processo de respiração, Rechung atravessou numa manhã uma distância que os viajantes montados em asnos levam dois meses para percorrer. Pelo poder derivado da suspensão da respiração, ele viajou com a velocidade de uma flecha; e no poente alcançou o topo do Passo entre Tingri e Brin, chamado Pozele. Enquanto aí descansava por um curto espaço de tempo, a notável claridade do céu e a incomum exibição de arco-íris, bem como de outros fenômenos maravilhosos que iluminavam os picos das montanhas e todo o firmamento, despertaram-lhe simultaneamente alegria e tristeza. Ele contemplava o topo de Jovō-Rabzang, belamente iluminado pelo fulgor do arco-íris. Contemplava também as nuvens em forma de tendas, e, oriundas do meio delas, inúmeras hostes de seres celestiais, de deuses e deusas, todos portando incontáveis oferendas e curvando-se e prestando profunda obediência na direção de Lapchi com a mais fervorosa oração. Nisso, Rechung sentiu uma grande apreensão, e perguntou às Divindades o significado de todos os sinais e de suas próprias ações.

Algumas deusas responderam: “Apressa-te, ó homem. Tens vivido com os olhos e os ouvidos tapados? Estes sinais se manifestam porque Jetsün Mila-Zhadpa-Dorje,⁵⁸ que habita a Terra e é venerado tanto pelos deuses como pelos homens, está agora partindo para os Reinos Mais Sagrados e Mais Puros. É por isso que estes seres celestiais que veneram o Sagrado *Dharma* [ou a Fé Branca] estão prestando esta homenagem a Jetsün, enquanto todos os seres humanos reunidos em Chūbar também lhe prestam oferendas.”

Ao ouvir isto, Rechung sentiu como se seu coração tivesse sido arrancado do seu corpo, e correu o mais rápido que podia. Quando se aproximava de Chūbar, de um penedo, de forma semelhante à base de um *chaitya*, ele viu Jetsün à sua espera, e este o cumprimentou muito cordialmente, e disse: “Então o meu filho Rechung por fim chegou?” Nisso, Jetsün passou a mão sobre a cabeça de Rechung, afagando-a ternamente, como Rechung o tinha visto fazer no sonho.

Jubiloso com o pensamento de que Jetsün não havia morrido, Rechung colocou os pés de Jetsün sobre a coroa de sua cabeça e orou fervorosamente. Respondendo a todas as perguntas de Rechung, disse Jetsün: “Meu filho Rechung, fica calmo; eu vou preparar uma recepção para ti.” E partiu; e em poucos instantes não mais se deixou ver.

Ao chegar a Chūbar, Rechung viu, na caverna em que Jetsün havia morado, todos os discípulos e leigos reunidos em torno do corpo de Jetsün, chorando e realizando vários atos de veneração. Alguns dos discípulos mais recentes de Jetsün não conheciam Rechung, e não o deixaram aproximar-se do corpo. Grandeemente aflito com isso, Rechung, em sua agonia, ofereceu ao seu *Guru* este hino, sobre os Sete Ramos da Oferenda:

58. Zhadpa-Dorje é uma forma abreviada do nome iniciático de Milarepa.

“Ó Senhor, Encarnação dos Buddhas Eternos,
Refúgio de todas as Criaturas Sencientes,
Do fundo do Teu Grande Amor e Sabedoria
Ouves o lamento do Teu Infeliz Suplicante,
Rechung-Dorje-Tagpa?

“A Ti, na miséria e no pesar, eu grito;
Se Teu Amor e Tua Sabedoria não se empenharem
Para proteger Teu Filho, para que se empenhariam, ó Senhor?

“Desejando contemplar meu Pai, corri aos Teus Pés:
Teu Infeliz Filho não teve a sorte de ver o Teu Rosto;
Exerce Tua Bondade, concede Tua Graça, ó Pai.

“Onisciente e dotado de Amor,
A Ti, ó Senhor, ó Buddha do passado, do presente e do futuro,
Eu, o mendicante, oro muito humildemente.

“Obediente às Tuas Ordens, eu Te reverencio;
Esquece, eu Te peço, os meus pecados de atos ímpios e minha heresia.

“Estou cheio de alegre admiração pelos Teus Grandes e Nobres Feitos,
E peço que continues a girar para sempre a Roda
Do Profundo e Místico *Dharma*.

“Todas as virtudes que conquistei, pela meditação e pela devoção,
Eu as dedico, ó Jetsün, à Tua Felicidade;
Que minha dedicação seja aceita
E que eu possa ver o Teu Rosto.

“Eu fui outrora, ó *Guru*, o Teu Favorito,
E agora, ai de mim!, não tenho nem mesmo força para contemplar o Teu
Corpo.
Embora eu não possa ver a Tua Forma Atual,
Possa eu ser abençoado com a contemplação do Teu Rosto.

“E ao ver o Teu Rosto,
Na realidade ou em visão clarividente,
Possa eu obter os Ensinamentos Raros e Preciosos,
Essenciais para a superação das dúvidas e das críticas, quando se estuda
os Duplos Ensinamentos.⁵⁹

“Se tu, ó Senhor Onisciente, não tiveres a mercê
De responder ao apelo de Teu Filho, por quem o farias?

59. Isto é, os ensinamentos concernentes ao *Sangsāra* e os concernentes ao *Nirvāṇa*.

“Ó Pai, não recolhas o Teu Bastão de Graça,⁶⁰
Mas olha-me graciosamente dos Reinos Invisíveis.
De mim, Rechung, o Teu Tolo Suplicante,
Tem piedade, ó Conhecedor dos Três Tempos.

“Sobre mim, Rechung, embriagado com o veneno das Cinco Paixões,
Põe a Tua vigilância, ó Pai, dotado dos Cinco Atributos da Sabedoria Divina.

“Tem compaixão de todos os seres sencientes em geral,
E, em particular, tem compaixão de mim, Rechung.”

Assim que Rechung começou a dar vazão a essa fervorosa e triste prece, e sua clara voz alcançou o cadáver, a cor deste, que havia desaparecido, tornou-se cada vez mais brilhante, e a pira funerária imediatamente se acendeu. Ao mesmo tempo, Shiwa-Wöd-Repa, Ngan-Dzong-Tönpa, Seban-Repa, e outros irmãos na Fé, assim como as discípulas leigas, vieram dar-lhe as boas-vindas. Mas ele se sentiu tão magoado por ter sido impedido pelos novos discípulos de se aproximar do corpo de Jetsün, que não se moveu até terminar o seu hino de súplica. Tão grande era a força e a sinceridade da fé de Rechung que Jetsün, que já havia mergulhado no estado da Luz Clara, reanimou seu cadáver⁶¹ e dirigiu estas palavras aos discípulos admitidos mais recentemente: “Ó jovens discípulos, não agi assim; um leão é mais valioso do que cem tigres. Esse [leão] é o meu filho Rechung. Permite que ele se aproxime de mim.” E disse a Rechung: “E tu, meu filho Rechung, não te preocupes, e aproxima-te do teu Pai.”

De início, todos os presentes ficaram cheios de espanto e comoção; depois, esse sentimento deu lugar a uma onda de alegria. O próprio Rechung agarrou-se a Jetsün e caiu em prantos; e tão dominado ficou ele pelo excesso de alegria e dor alternadas, que por um instante ficou sem sentidos.

Quando Rechung recobrou a consciência, encontrou todos os discípulos e seguidores sentados ao redor da entrada da casa de cremação.⁶² Entrementes, Jetsün havia se elevado ao Corpo Indestrutível,⁶³ no qual mergulham tanto o

60. Como os cristãos, que acreditam na graça salvadora de Deus, também os budistas tibetanos acreditam que as ondas de graça são emanadas de um Buddha, um Bodhisattva ou *Guru* Celestial, num mundo celeste, e de um Grande *Yogi* ainda na forma carnal, para um devoto ou discípulo na Terra. Essas ondas de graças são, metaforicamente, um “gancho de graça”, para segurar e, assim, impedir o devoto de cair na ilusão da Ignorância (ou existência *sangsárica*), firmando-o no Caminho da Emancipação.

61. “Jetsün não expirou no sentido leigo da palavra, mas permaneceu no transe *Nirodha-Samāpatti*, podendo assim reanimar o seu corpo. Assim também, quando o Senhor Buddha Gautama estava aparentemente morto, apenas o Venerável Anuruddha, o maior dos discípulos e possuidor do Olho Celestial, seguiu a Consciência Nirvânica do Mestre aos Céus e voltou à Terra, até que ele finalmente se perdesse no *Nirvāṇa*.” (Sri Nissanka.)

62. Sabemos, aqui, que a pira funerária estava dentro de uma casa de cremação, talvez especialmente erigida para a ocasião.

63. Ou “o *Vajra-Kāya*” (“Corpo Imutável ou Indestrutível”).

corpo espiritual quanto o corpo fenomênico. As chamas da pira funerária assumiram a forma de um lótus de oito pétalas e, no meio dele, como os estames da flor, sentava-se Jetsün, com um dos joelhos semi-erguido e a mão direita estendida na atitude de pregação dominando as chamas. “Ouvi”, disse ele, “o último testamento deste velho.” Então, como uma resposta à prece de Rechung, e também como os seus ensinamentos finais aos seus discípulos, com a mão esquerda colocada sobre a face, Jetsün cantou esse hino final a respeito dos Seis Mandamentos Essenciais do meio da pira funerária, numa voz divina que provinha do Corpo Indestrutível:

“Ó Rechung, meu filho, tão querido como o meu próprio coração,
Ouve este hino, o meu último testamento de preceitos:

“No Oceano *Sangsárico*, dos Três *Lokas*,
O réu é o corpo físico impermanente;
Ocupado em sua ansiosa busca de comida e roupa,
Ele não encontra alívio nas obras mundanas:
Renuncia, ó Rechung, a todas as coisas mundanas.

“Em meio à Cidade de Formas Físicas Impermanentes,
O grande réu é a mente irreal;
Submissa à forma da carne e do sangue,
Ela jamais tem tempo para compreender a natureza da Realidade:⁶⁴
Discerne, ó Rechung, a verdadeira natureza da Mente.

“Na fronteira do Intelecto e da Matéria,
O grande réu é o conhecimento inato [ou criado];
Em sua prevenção contra os acidentes fortuitos [ou destrutivos],⁶⁵
Ele jamais tem tempo para compreender a verdadeira natureza do
Conhecimento [ou da Verdade] Inato:
Guarda, ó Rechung, a segura fortaleza do Inato [ou do Incriado].⁶⁶

“Na fronteira desta e da futura vida,
O grande réu é a consciência [autocriada ou criada];
Ela busca uma forma que não tem,
E jamais encontra tempo para compreender a Verdade:
Descobre, ó Rechung, a natureza da Verdade Eterna.

64. Literalmente, “o *Dharma-Dhātu*” (“a Semente ou a Potencialidade da Verdade”).

65. O conhecimento oriundo da experiência de um universo sensual (como o ego pessoal) tem sempre o temor, quando desprovido do Conhecimento Correto, de que algum acidente desfavorável possa acarretar a sua destruição.

66. O conhecimento mundano ou *sangsárico* (como o ego pessoal), por ser composto de impressões do sentido, é, como os fenômenos de onde provém, transitório e ilusório e, por ser criado (ou nascido do eu), é irreal. O Verdadeiro Conhecimento está além do *Sangsāra* (a Roda do Nascimento e da Morte), além do reino dos fenômenos, das aparências, das coisas, e além do transitório e do ilusório; e, por não ter começo (ou criação), é Inato ou Incriado.

“Na Cidade da Ilusão dos Seis *Lokas*,
O principal fator é o pecado e a turvação oriundos do mau *Karma*;
O ser segue assim as injunções do gostar e do não-gostar,
E jamais encontra tempo para conhecer a Equanimidade:⁶⁷
Evita, ó Rechung, o gostar e o não-gostar.

“Numa certa região invisível dos Céus,
O Buddha Perfeito, versado nos argumentos sutis,
Propôs muitas sutis e profundas Verdades Aparentes;
E aí não se tem tempo para conhecer as Verdades Reais.⁶⁸
Evita, ó Rechung, os argumentos sutis.

“*Gurus, Devas, Dākinīs* —
Reúne-os e reverencia-os;
O objetivo da aspiração, a meditação e a prática —
Combina-as, e ganha o Conhecimento da Experiência;
Esta vida, a próxima vida e a vida intermediária [no *Bar-do*]⁶⁹ —
Olha-as como uma só, e acostuma-te a elas [como unas].⁷⁰

“Tais são os meus últimos Preceitos Seletos,
E o fim do meu Testamento;
Essa é a Verdade, ó Rechung;
Obtém dela o Conhecimento Prático, ó meu filho.”

Tendo pronunciado essas palavras, Jetsün caiu novamente em transe na Luz Clara. A pira funerária assumiu a forma de uma espaçosa *Vihāra* (Mansão) de forma quadrada, com quatro entradas, com pedestais para a subida e outros adornos, e, ainda, aureolada por um glorioso arco-íris de cortinas radiantes e ondeantes de luz colorida. Cúpulas e domos surgiram, cobertos por bandeiras e estandartes,

67. Ou “a Não-Dualidade” — a Verdade que, em última análise, todos os opostos são no fundo a mesma coisa.

68. As Verdades Científicas que tratam exclusivamente da Natureza, ou *Sangsāra*, são Verdades aparentes, porque aquilo em que se baseiam, a saber, o conhecimento dos Fenômenos, é em si irreal, porquanto os Fenômenos são irrealis. A Verdade Real diz respeito à Vacuidade, ao *Dharma-Kāya*, ao *Nirvāṇa*. Como se sugere nesta estrofe, os budistas do Norte acreditam que o Buddha ensinava — de acordo com a necessidade ou capacidade dos Seus ouvintes — vários tipos de doutrinas, nenhuma das quais, contudo, está em conflito com as outras. De igual maneira, os budistas tântricos afirmam que o Buddha ensinava o Tantrismo como uma doutrina mais adequada a uma espécie de seres humanos, e o *Dharma*, mais conhecido, como mais adequado a outra categoria.

69. O *Bar-do* (“Intermediário”) é o Estado Intermédio que se instala entre a morte e o renascimento, conforme *O Livro Tibetano dos Mortos*.

70. A existência deve ser vista como um fluxo ininterrupto de vida, sujeito a incessantes transições e mudanças. A vida na forma carnal sobre a Terra, a vida no corpo sutil *post-mortem* nos Mundos Celestes, nos Infernos, ou no Estado Intermidiário, e a vida que parece nascer através das portas do ventre são, na realidade, uma só.

pára-sóis [reais] e flâmulas e vários ornamentos. As próprias chamas, na base, assumiram as formas de flores de lótus de oito pétalas, que desabrocharam e se transformaram em diversos desenhos, como o dos oito emblemas auspiciosos,⁷¹ e [formaram] no alto as sete insígnias reais.⁷² Mesmo as chispas assumiram as formas de uma deusa que carrega vários objetos de oferenda e adoração. A crepitação das chamas soou como melodiosos acordes de instrumentos musicais, como violinos, flautas e pandeiros. A fumaça exalou um doce aroma de diversas espécies de incenso, e seus turbilhões assumiram várias cores irisadas e as formas de pára-sóis e bandeiras [reais]. O céu diretamente acima da pira funerária estava repleto de seres angélicos, que portavam taças de néctar, e que as derramavam em cascatas. Outros traziam comida, bebida, ungüentos e perfumes celestiais, com que se regalavam os seres humanos ali reunidos.

Embora os discípulos contemplassem a mesma pira funerária, o cadáver aparecia a um como Gaypa-Dorje, a outro como Dēmchog, a um terceiro como Sang-dü, e a outro, ainda, como Dorje-Pa-mo.⁷³ E todos eles ouviam as *Dākinīs* cantando o seguinte hino:

“Por causa da partida dessa Gema de Benesses, ó Senhor,
Alguns choram e outros desmaiam, devido à excessiva dor.
Ao mesmo tempo, num dia de aflição como este,
As chamas se incendeiam [sem ajuda],
Assumindo a forma das flores de lótus de oito pétalas,
E dos Oito Emblemas Auspiciosos e das Sete Preciosas Insígnias,
E de vários outros belos objetos de oferenda religiosa.
Os sons emitidos pelas chamas
Produzem melodias como as de conchas, címbalos,
Harpas e flautas e timbales,
Tambores duplos, tamboretes e pandeiros.
E das chispas meteóricas, emitidas pelas chamas,
Surgem várias deusas dos conclaves externos, internos e esotéricos,
Que espargem oferendas arranjadas com muito gosto.
A fumaça assume várias cores irisadas,
E as formas ornamentais de bandeiras e pára-sóis [reais],
Os Oito Emblemas Auspiciosos, a *Svastika*, e o Diagrama da Boa-Sorte.

“Várias deusas, de formas encantadoras,
Retiraram da pira funerária os ossos carbonizados e as cinzas

71. Nomeados na p. 27, n. 6.

72. Que são: (1) A Casa, ou Palácio Precioso; (2) Os Trajes Reais Preciosos; (3) As Botas Adornadas Preciosas; (4) A Presa de Elefante Preciosa; (5) Os Brincos da Rainha Preciosos; (6) Os Brincos do Rei Preciosos; e (7) A Jóia Preciosa.

73. Os nomes sânscritos dessas quatro divindades tutelares tântricas da seita Kargyütpa (e de outras seitas do Budismo setentrional) são, respectivamente: Hé-Vajra, Shamvara, Guhya-Kāla e Vajra-Vārahī.

Daquele que agora entregou seu corpo terreno ao elemento etéreo;
Está terminada a cremação da sua forma.

“O *Guru*, por ser o *Dharma-Kāya*, é semelhante à vastidão dos céus,
Sobre cuja face se junta a Nuvem de Bons Desejos do *Sambhoga-Kāya*;
Dele caem as chuvas floridas do *Nirmāṇa-Kāya*,⁷⁴
As quais, espalhando-se incessantemente sobre a Terra,
Nutrem e amadurecem a Colheita dos Seres Salvos.⁷⁵

“O que é da natureza do Incriado,
O *Dharma-Dhātu*, o Inato, a Vacuidade,
O *Shūnyatā*, não tem começo, e jamais cessa [de ser];
O nascimento e a morte também têm a Natureza da Vacuidade:⁷⁶
Sendo esta a Verdade Real, evita as dúvidas e os erros [sobre Ela].”

Quando este hino foi concluído, a noite já baixava; e a pira funerária já se tinha consumido, de modo que a casa de cremação estava outra vez vazia. Mas quando os discípulos vieram contemplá-la, alguns viram uma grande *chaitya* de luz, outros viram Gaypa-Dorje, Dēmchog, Sang-dü e Dorje-Pa-mo. Outros, ainda, viram várias insígnias religiosas, tais como um *dorje* e um sino, um vaso de água-benta, ao passo que outros viram diferentes letras formando *bīja-mantras*.⁷⁷ Alguns viram também a casa de cremação repleta de fulgor, como uma massa de ouro reluzente; [nela], alguns viram um lago de água, outros, uma fogueira, e outros nada viram.

Os discípulos abriram então a porta da casa de cremação [para que as cinzas pudessem esfriar mais rapidamente]; e, muito ansiosos pelas preciosas relíquias de fôrmas e virtudes maravilhosas, todos dormiram [aquela noite] com as cabeças voltadas para a casa de cremação. Bem cedo, na manhã seguinte, Rechung sonhou que cinco *Ḍākinīs*, vestidas como *yoginīs* celestiais, em trajes de seda e enfeitadas com ossos e adornos de valor, cercadas por muitas belas servas de várias cores, isto é, amarelas, vermelhas, verdes e azuis, prestavam adoração diante da pira funerária, fazendo muitas oblações. As cinco *Ḍākinīs* principais retiravam uma esfera de Luz do interior da casa de cremação. Por um momento, ele ficou fasci-

74. Esses três versos resumem concisamente a Doutrina dos Três Corpos (sâns. *Tri-Kāya*); ver p. 30, n. 22.

75. Assim como as emanções do Sol sustentam toda a manifestação física sobre a Terra, assim as forças espirituais, disseminadas entre a raça humana pelos Compassivos, oriundas do Estado Além-Natureza, só tornam possível a Evolução Suprema e a Última Libertação da Natureza (o *Saṅgsāra*). A Iluminação implica a compreensão desse ponto.

76. A Vacuidade, a *Shūnyatā*, sendo o Primordial, o Incriado, ao qual nenhum conceito da limitada compreensão humana pode ser aplicado, é a Fonte Última do *Saṅgsāra*, da Natureza; e como a morte e o nascimento são em si apenas um par de opostos ilusórios naturais, meras aparências fenomênicas tecidas na Tela do Tempo, elas também, na análise última da Mente Supramundana Iluminada, pertencem à Mesmidade, ao Além-Natureza.

77. Isto é, os *mantras* seminais (*bīja*), ou *mantras* fundamentais.

nado com tal visão. Depois, ocorreu-lhe subitamente que as *Ḍākinīs* poderiam realmente estar retirando as relíquias e as cinzas. Ele então foi verificar, e as *Ḍākinīs* fugiram. Chamando seus irmãos na Fé, entrou no interior da casa de cremação; e então viu que as cinzas e os ossos tinham sido completamente retirados. Rechung ficou muito triste; e, dirigindo-se às *Ḍākinīs*, pediu-lhes uma parte das relíquias, para benefício dos seres humanos. Em resposta, elas disseram: “Vós, ó discípulos principais, já obtivestes a melhor de todas as relíquias, pois ganhastes as Verdades, por meio das quais encontrastes o *Dharma-Kāya* em vossas próprias mentes. Se isso não for suficiente, e se precisardes de mais, pedi então ardentemente a Jetsün, e ele provavelmente vos dará alguma coisa. Quanto ao resto da humanidade que deu tanto valor a Jetsün quanto a um pirilampo, embora ele fosse igual ao Sol e à Lua, não merece nenhuma relíquia; elas são de nossa propriedade especial.” Tendo dito isto, as *Ḍākinīs* permaneceram suspensas no céu. E os discípulos, reconhecendo a verdade do que elas haviam dito, começaram a orar:

“Ó Senhor, quando estiveste aos Pés do Teu *Guru*,
Deve ter cumprido suas ordens fielmente e com submissão,
E assim obtiveste todos os Ensinamentos Escolhidos, plenos de Verdades
Sutis;

Dá-nos graciosamente [uma parte] de Tuas Relíquias Sagradas,
Para beneficiar e servir como objetos à fé dos Destinados,
E ajudar a todos os seres sencientes em seu crescimento [psíquico].

“Ó Senhor, quando estiveste nas montanhas solitárias,
Meditaste com grande zelo e determinação,
E assim obtiveste miraculosas realizações [ou *siddhi*],
E isto Te tornou famoso em todos os reinos da Terra;
Dá-nos graciosamente [uma parte] de Tuas Relíquias Sagradas,
Para servir como objetos de veneração e fé
A todos que Te contemplaram ou ouviram o Teu Nome.

“Ó Senhor, quando moraste com Teus Discípulos,
Foste gracioso e gentil com todos,
De Ti irradiaram a Sábedoria e a Presciência;
Teus discípulos Te ajudaram, em Tua Gentileza e Compaixão, a assistir a
todas as criaturas;
Dá-nos graciosamente [uma parte] de Tuas Relíquias Sagradas,
Para servir como objetos de veneração e fé
A todos os Teus Seguidores Favorecidos pelo *Karma*.

“Ó Senhor, quando entre muitos presidiste,
Espargiste o leite da simpatia e do amor,
E a todos salvaste, colocando-os no Caminho,
Com especial afeição pelos que mais sofrem.
Dá-nos graciosamente [uma parte] de Tuas Relíquias Sagradas,
Para servir como objetos de veneração e fé
Aqueles que não têm zelo e energia [como os Teus].

“Ó Senhor, quando deixaste o Corpo Ilusório,
 Comprovaste a obtenção do Estado Divino dos Santos Perfeitos;
 Transformaste todo o Universo no Corpo da Verdade,⁷⁸
 E Te tornaste o Senhor de todas as Sagradas *Ḍākinīs*;
 Ó Senhor, concede, com a Tua Graça [uma parte] de Tuas Sagradas
 Relíquias,
 Para servir como objetos de veneração e de fé
 A todos os Teus *Shiṣhyas* aqui reunidos.”

Quando terminaram de cantar esta triste oração, da Esfera de Luz que estava nas mãos das *Ḍākinīs* desceu uma brilhante relíquia semelhante a um orbe, do tamanho de um ovo. Num raio de luz, ela desceu diretamente sobre a pira funerária. Todos os discípulos estenderam as mãos ansiosamente, cada qual pedindo-a para si. Mas a relíquia retornou ao firmamento, e foi absorvida na Esfera de Luz que as *Ḍākinīs* ainda tinham em suas mãos. Então, a Esfera de Luz se dividiu, tomando-se uma parte um trono de lótus, sustentado por leões, em cuja superfície repousava um disco solar e lunar,⁷⁹ e a outra um *chaitya* de cristal, claro e transparente, de cerca de um côvado de altura. O *chaitya* emitia brilhantes raios de cinco cores.⁸⁰ A ponta de cada raio era adornada com a imagem de um dos Buddhas da Série dos Mil e Dois Buddhas;⁸¹ esses raios com tais Buddhas cercavam o *chaitya*. As quatro fileiras na base [do *chaitya*] eram ocupadas [por imagens] das Divindades Tutelares das Quatro Classes do Panteão Tântrico,⁸² na ordem correta. O interior do *chaitya* era ocupado por uma imagem de Jetsūn, com cerca de um palmo de altura, cercada pelas imagens das *Ḍākinīs* curvadas em adoração. Duas *Ḍākinīs*, que guardavam o *chaitya* e lhe ofereciam presentes, cantaram o seguinte hino:

“Ó Filhos, Deva-Kyong, e Shiwa-Wöd,
 Ngan-Dzong-Tōnpa, e outros,
 Discípulos de grande destino, vestidos de algodão branco,

78. Isto é, o *Sangsāra* e o *Nirvāṇa* foram reunidos em Jetsūn na compensação da Mente do *Dharma-Kāya*.

79. O trono de lótus, o leão, o Sol e a Lua simbolizam a Glorificação ou Entronização de um Buddha.

80. Esses raios de cinco cores, que correspondem às cinco cores do halo do Buddha e da bandeira budista, são azul, branco, vermelho, amarelo e púrpura.

81. Trata-se da conhecida Série, tal como as publicadas nos livros tibetanos, dos Mil e Dois Buddhas. Elas provavelmente assim se incorporaram como resultado das influências dos tratados ritualísticos hindus, que contêm os Mil Nomes de Vishnu.

82. Trata-se das Divindades Tutelares associadas às quatro divisões do *Vajra-Yāna* (“O Caminho do Relâmpago”), representadas pelas quatro classes de *Tantras*: *Kriyā-Tantra*, (2) *Caryā-Tantra*, (3) *Yoga-Tantra* e (4) *Anuttara-Tantra*, consistindo as duas primeiras nos *Tantras* Inferiores, e as duas últimas nos *Tantras* Superiores.

A primeira das quatro classes de *Tantras* contém instruções quanto ao ritual; a segunda, instruções relativas à conduta do *sādhaka* na vida; a terceira concerne à *Yoga*; e a quarta descreve o significado magistral ou esotérico de todas as coisas, constituindo a porta do *Adiyoga*.

Por causa da verdadeira fé e do grande fervor religioso,
Invocastes o Nome de vosso Pai espiritual,
Pedindo uma relíquia como objeto de veneração e de fé.

“Pelo poder da fé e do zelo mostrados por essa oração,
Um Objeto que encerra em si todas as virtudes do *Tri-Kāya*,
E que, se apenas visto, salva os seres da Roda do Nascimento e da Morte,
E que, se alvo da fé, concede o Budado,
O *Dharma-Kāya* — cujo símbolo é uma simples esfera —
Produziu, para ser essa relíquia, da forma de um ovo,
Um objeto de veneração para todos os seres sencientes.
Propriedade pessoal ela não pode ser, embora todos queiram agarrá-la;
Possuída por seres vulgares, para onde iria ela?
Mas, se novamente orardes com fervor,
Sua Graça e sua Bênção não diminuirão:
Essa é a Sagrada Promessa de todos os Buddhas.

“As Divindades Tutelares Mãe-e-Pai, Dēmchog em união,
Adornadas com ornamentos sepulcrais de ossos [humanos],
Cercadas pelas hostes de Heróis e de *yoginīs*,⁸³
Enchem todos os céus com seus perfeitos conclaves;
Essas Divindades Divinas, que personificam a Sabedoria *Sambhoga-Kāya*,
Espargem rapidamente seus poderes e seus dons [espirituais];
E se orardes com fervor para elas,
Sua Graça e sua Bênção não diminuirão:
Essa é a Sagrada Promessa de todas as *Dākinīs*.

“Em virtude da Bondade do Buddha, o Eu do *Dharma-Kāya*,
Vários fenômenos foram concedidos —
Um *Chaitya* de cristal, da altura de um côvado,
Ornado com mil [e duas] imagens de Buddhas feitas de pedra,
E as Quatro Ordens das Divindades Tântricas
Foram produzidos miraculosamente;
E se orardes com fervor do modo adequado,
A virtude dessa Bondade não diminuirá:
Essa é a Sagrada Promessa de todas as *Dharma-pālas*.⁸⁴

“O *Guru*, que é inseparavelmente a Encarnação do *Tri-Kāya*,
Manifesta-Se em todas as formas pelo poder sobrenatural;
O que Ele manifesta
Nesta pequena e maravilhosa obra de arte é maravilhoso;

83. “Essas *yoginīs* são, num sentido material, as *Shaktis* dos *Vīra-sādhakas*. Num sentido sutil, são as Deusas *Kuṇḍalinī*. Num sentido ainda mais sutil, são as Forças que operam na Natureza, superiores à *Shakti* Suprema transcendente.” (Sj. Atal Bihari Ghosh.)

84. As *Dharma-pālas* são as Protetoras Espirituais do *Dharma* ou Fé.

Se para ele orardes com plena, fervorosa e ardente prece,
Orando do fundo de vossos corações,
A dádiva de suas graciosas bênçãos não diminuirá:
Podeis confiar na Sagrada promessa de todos os Grandes *Yogīs*.

“Se mantiverdes firmemente a Fé Sagrada,
A virtude dessa Fé concederá sua dádiva.

“Se podeis apegar-vos às Solidões,
As *Mātrikās*⁸⁵ e as *Dākinīs* vos cercarão com certeza.

“E se em vossa prática religiosa fordes sinceros,
Um sinal de rápido sucesso na *Yoga* será revelado.

“Se em vós não tendes nenhum desejo de conforto,
Um sinal se dará de que vossas más paixões foram extirpadas.

“Se não vos apegais ao eu e aos bens mundanos,
Mostrar-se-á que os maus espíritos e *Mārā* estão controlados.

“Se entre vós não existirem diferenças de casta e de credo,
Mostrar-se-á que vossos Caminhos [ou Objetivos]⁸⁶ estão totalmente corretos.

“Se puderdes ver o *Sangsāra* e o *Nirvāṇa* como a Vacuidade,
Um sinal se dará de que vossa Meditação também é correta.

- “Se o zelo e a energia fluírem [espontaneamente] de vossos corações,
Um sinal se dará de que a Boa Fé é correta.

“Se de vosso *Guru* obtiverdes o sermão profético,
Um sinal se dará de que a Boa Fé é correta.

“Se tiverdes a força de servir a todos os seres sencientes,
Um sinal se dará de que o Resultado é correto.

“Se o *Guru* e o *Shiṣhya* concordam em seus corações,
Um sinal se dará de que seu Relacionamento é correto.

“Se receberdes bons augúrios e dádivas divinas,
Um sinal se dará de que vossos Pensamentos são corretos.

85. As *Mātrikās* são as Deusas Mães.

86. Aqui, como nos dísticos seguintes, a referência é ao Nobre Caminho Óctuplo; ver p. 102, n. 6.

“A Boa Fé e a Fé Recíproca, a Experiência e a Satisfação —
Que elas sirvam como vossa parte das Relíquias.”

Tendo cantado esse hino, as *Ḍākinīs* mantiveram ainda o *chaitya* suspenso nos céus, para que os discípulos principais pudessem ter uma boa visão dele. Elas então o colocaram sobre um trono feito de metais e pedras preciosas, a fim de transportá-lo para outra parte. Quando estavam prontas para partir, Shiwa-Wöd-Repa suplicou às *Ḍākinīs* para que deixassem o *chaitya* aos cuidados dos discípulos, como um objeto de veneração para todos os seres humanos, com o seguinte hino:

“Ó Pai, Tu que assumiste a forma humana, para servir aos outros,
Yogī Divino, da Ordem dos *Sambhoga-Kāyas*,
Difunde-te por todos os Reinos Invisíveis donde nasce a Verdade;⁸⁷
A Ti, ó Senhor, a Própria Realidade,⁸⁸ oramos,
Para que a nós, Teus *Shiṣhyas*, possas conceder
O *Chaitya*, que as *Ḍākinīs* agora seguram em suas mãos.

“Ó Senhor, quando encontraste outros Perfeitos *Yogīs*,
Eras como um cesto cheio de ouro;
Imaculado e inestimável *Yogī* eras, então, ó Senhor;
Ó Mestre da Vida Ascética, a Ti oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ḍākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando serviste ao Teu *Guru*,
Eras como um velo sobre dóceis ovelhas,
Um *Yogī* preparado para servir, e útil a todos;
Ó Senhor Compassivo, a Ti oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ḍākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando renunciaste aos objetivos mundanos,
Eras como o Rei dos Sábios *Rishis*,
Um *Yogī* de imutável resolução;
Ó Senhor de Poderosa Coragem, a Ti oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ḍākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando meditaste sobre os ensinamentos de Teu *Guru*,
Eras como uma tigresa que se alimenta de carne humana,
Um *Yogī* liberto de todas as dúvidas;
Ó Tu, de Poderosa Perseverança, a Ti oramos:

87. Literalmente, “Reinos Invisíveis do *Dharma-Dhātu*”.

88. Literalmente, “o *Dharma-Kāya*”.

Concede-nos o *Chaitya* que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando vivias no deserto,
Eras como um impecável bloco de ferro,
Um *Yogī* para sempre imutável;
A Ti, que renunciaste às vãs aparências, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando mostraste os sinais de Teus miraculosos *Siddhi*,
Eras como um leão ou um elefante,
Um *Yogī* destemido e forte de espírito;
A Ti, que não tens Medo, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando obtiveste o Ardor Psíquico e a [verdadeira]
Experiência,⁸⁹
Eras como o disco lunar na Lua cheia,
E emitiste os Teus Raios sobre todo o mundo;
A Ti, que renunciaste a todos os desejos, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando protegiste os *Shiṣhyas*, a ti destinados,
Eras como o encontro entre o espelho e o Sol.
Criaste, ó *Yogī*, Mestres de *Siddhi*;
A Ti, ó Benigno, oramos:
Concede-nos o *Chaitya*, que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando os bens mundanos Te couberam,
Caíste como gotas de mercúrio sobre a terra,
Limpas de qualquer vulgar cobiça, ó *Yogī*;
A Ti, ó Perfeito, oramos:
Concede-nos o *Chaitya*, que as *Ākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando presidiste às grandes congregações,
Eras como o Sol que nasce para o mundo;
A tudo iluminaste, ó *Yogī*;
A Ti, o Sábio, o Amável, oramos:

89. Isto é, a Compreensão da Verdade oriunda da *Yoga*.

Concede-nos o *Chaitya*, que as *Dākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando pelas pessoas do Mundo foste contemplado,
Foi como o encontro de uma mãe com o seu filho;
Ó *Yogī*, tudo fizeste para o bem delas;
A Ti, ó Afetuoso, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Dākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando para os Reinos Divinos partiste,
Eras como um baú de tesouros;
Ó *Yogī*, Tu que realizas todos os desejos,
A Ti, ó Excelente, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Dākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando profetizavas,
Foi como o levar da mão à boca [na canção irrepreensível];
Ó *Yogī*, nunca incorreste em erro;
A Ti, que conheces os Três Tempos, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Dākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.

“Ó Senhor, quando concedeste uma dádiva,
Foste como um pai que presenteia ao filho;
Ó *Yogī*, nada ocultas ou refreias;
A Ti, ó Gracioso, oramos:
Concede-nos o *Chaitya* que as *Dākinīs* agora sustentam,
A nós, Teus *Shiṣhyas* e Teus Seguidores na Terra.”

Quando essa canção chegou ao fim, a forma de Jetsün, que estava no *Chaitya*, deu a Shiwa-Wöd-Repa uma resposta na forma de um salmo, que assinala as diferenças entre as coisas aparentemente similares:

“Ó tu, de poderoso destino e fé,
Que oras por mim com profundo fervor,
Ouve-me, ó meu excelente discípulo vestido de alvo algodão.

“Do onipresente *Dharma-Kāya* por mim compreendido —
Sendo sua verdadeira natureza a Vacuidade —
Ninguém pode dizer: ‘Eu o possuo’, ou ‘Eu o perdi’:
Quando no Espaço o corpo mortal foi absorvido,
Uma relíquia oval e de valor permaneceu;
E esta se transformou num *Chaitya* de gloriosa radiância —
Um campo em que todos os seres sencientes deveriam trabalhar
pelo mérito.

Num Reino Divino ela ficará para sempre,
Guardada pelas *Dākinīs* das Cinco Ordens;
Pelos seres celestiais e pelas *Dākinīs* será reverenciada;
Se no mundo humano fosse deixada, aos poucos desapareceria.

“E vós, meus filhos espirituais e meus seguidores, tivestes vosso quinhão de relíquias —
O Conhecimento que vos fez compreender o *Dharma-Kāya* em vossas próprias mentes;
Das relíquias e das cinzas esta é a mais sagrada.
Quando procurardes a Compreensão desse Conhecimento,
Conhecereis as Similaridades que conduzem ao Erro;
Não as esqueçais, mas mantende-as em vossos corações,
E apegai-vos ao Certo, abandonando o Errado: —

“O serviço de um perfeito *Guru*
E o serviço de uma pessoa de boa fortuna
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“A verdadeira alvorada da Vacuidade na mente,
E as obsessões ilusórias da consciência
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“O conhecimento do Estado Puro e Genuíno, pela meditação,
E o apego ao Estado Tranquilo, oriundo do transe extático da Quietude
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“A Maré da Profundidade e da Intuição,
E de outras profundas convicções de que ‘Isto parece certo’,
‘Aquilo parece verdadeiro’
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“A clara percepção da Mente Imutável⁹⁰
E o nobre impulso para servir os demais
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“A dádiva espiritual que brilha sobre nós como resultado das Causas Interligadas
E o mérito temporal que produz muitos bens mundanos
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

90. Isto é, o estado *yóguico* de mente; a mente em sua condição natural, não modificada pela atividade mundana.

“A tutela espiritual e os preceitos proféticos das *Mātrikās* e das *Dākinīs* guardiãs

E as tentações dos espíritos e elementais enganosos
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“As boas obras ordenadas pelas *Dākinīs* guardiãs

E as interrupções e as tentações criadas por *Mārā*
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“O Orbe do *Dharma-Kāya* [imaculado],

E o orbe da relíquia feito de terra
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“A Flor Encarnada do Reino *Nirmāṇa-Kāya*

E a Flor Celeste de um Paraíso Sensual
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“Um *Chaitya* que os deuses produzem miraculosamente

E um *Chaitya* que os demônios podem tornar manifesto
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“O Glorioso Halo, que simboliza o universo fenomênico,

E o arco-íris oriundo de causas naturais e [comuns]
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“A verdadeira fé, que resulta das Conexões *Kármicas* do passado,⁹¹

E a fé produzida por métodos artificiais
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“A verdadeira fé, que vibra nos recessos do coração

E a fé convencional, nascida de um sentimento de vergonha e da obrigação
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“A devoção sincera aos estudos religiosos

E a falsa devoção, para a satisfação do *Guru*
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não as confundais.

“O sucesso real, que se pode realizar,

E o sucesso nominal, de que muito se fala,
Parecem iguais, mas tende cuidado, e não os confundais.

“Este *Chaitya*, que pertence às Divinas *Mātrikās* e às *Dākinīs*,

Simboliza o Reino dos Buddhas do Passado, do Presente e do Futuro;
Ele é uma sala congregacional para os Heróis e para as *Yoginīs*;

91. Isto é, nas vidas passadas.

E, para o teu *Guru Jetsün*, é um lugar de meditação,
Situado agora em Ngön-gah [o Paraíso Oriental],
Onde todas as *Ḍākinīs* se reúnem,
No Reino da Felicidade,
Onde o Bhagavān Shamvara,
Lokeshvara e a Deusa Tārā se encontram.
Nesse Reino abençoado e feliz,
Formam as hostes das Divinas *Ḍākinīs* uma hospitaleira procissão.

“Se pelo *Chaitya* oraes com fervor,
Com devoção, sinceridade e profusas lágrimas,
E oferendas, em adoração e veneração,
Semeando flores de aguda inteligência,
Espargindo sobre ele a água-benta de um puro coração,
Protegido e entrincheirado pela fé imutável,
E ungido pelo poder da Sabedoria Individual,
Sob o *Chaitya* curva a tua cabeça.”

Enquanto se cantava esse hino, as *Ḍākinīs* transportaram o *chaitya* através dos céus e o mantiveram diretamente acima dos discípulos principais, para que ele espargisse os seus raios de luz sobre suas cabeças, conferindo-lhes assim o seu poder. Muitos viram a forma de Jetsün emanando do *chaitya*. E no céu surgiram [as Divindades Tântricas] Gaypa-Dorje, Dēmchog, Sang-dü e Dorje-Pa-mo, cercadas de inúmeras hostes, que, após terem rodeado a Divindade Principal, nela mergulharam.

Por fim, todo o conclave se transformou num orbe de luz, que se dirigiu para o Oriente. O *chaitya* foi envolvido em várias dobras de seda pelas *Ḍākinīs*, e cuidadosamente colocado numa cesta de metais preciosos; e então foi transportado para o Leste, em meio a uma salva de música celeste tangida por vários instrumentos. Alguns viram Jetsün nas vestes de um Buddha *Shambhoga-Kāya*, montado num Leão, que tinha cada uma de suas patas sustentada por uma *Ḍākinī* de uma cor e ordem [a saber, branco, amarelo, vermelho e cinza]. O laço era segurado pelo próprio Dorje-Pa-mo. Muitos Heróis, *yoginīs* e *Ḍākinīs* seguravam sobre ele bandeiras, pára-sóis [reais], e outros ornamentos e objetos de adoração, ao passo que muitos seres celestiais traziam em suas mãos vários instrumentos musicais. Alguns, ainda, viram uma *Ḍākinī* branca segurando o *chaitya* voltado para o Leste, sob um toldo de seda branca. Assim, diferentes espectadores viram diferentes fenômenos.

Os discípulos e todos os seguidores ficaram profundamente abatidos por não receberem uma parte das relíquias; e choraram ruidosamente, ainda, pedindo por elas. Em resposta, uma voz dos céus, semelhante à de Jetsün, embora nenhum corpo fosse visível, disse: “Ó filhos, não vos perturbeis. Como uma relíquia substancial, encontrareis no Penedo de Amolika quatro letras [miraculosamente] produzidas. Podeis, no entanto, olhá-las reverentemente, e com fé. Ide e procurai por elas, sob o penedo.”

Tendo procurado à volta do penedo no qual a cremação havia sido realizada, eles descobriram o local de onde as letras eram visíveis. Cessou, assim, o seu pesar

por terem perdido o seu quinhão das relíquias. Ainda hoje se pode ver essa maravilhosa relíquia de pedra — um objeto de veneração e maravilha para todos — no Mosteiro de Lapchi-Chübar.

Os mais eminentes discípulos de Jetsün, embora lamentando a inevitável separação de seu *Guru*, buscaram conforto na esperança e na crença de que em qualquer reino onde Jetsün tivesse obtido o Budado eles tinham a certeza de estar entre seus primeiros seguidores. Eles se sentiram seguros também de que a vida de Jetsün e os seus exemplos haviam instilado um novo espírito e um novo impulso no mundo religioso, assim como em todos os seres sencientes em geral. Além disso, todos compreenderam que os ensinamentos especiais e os *mantras* recebidos, que deveriam ser aperfeiçoados por cada um deles, eram capazes de servir a eles próprios e aos demais.

Todos concordaram então em que deveriam olhar por baixo da casa, como havia pedido Jetsün no seu testamento. A julgar pela vida de Jetsün, ninguém esperava que ele tivesse acumulado algum ouro, mas, como ele fizera uma menção especial a isso, resolveram fazer o que ele lhes ordenara.

Ao cavar a terra, descobriram um pedaço quadrado de fino algodão branco, que Jetsün havia trajado. Enrolado nele havia uma faca, cujo cabo era uma sovela, cujas costas eram feitas como um fuzil para acender o fogo e cuja lâmina era muito boa para cortar. E junto à faca havia um torrão de açúcar marrom e um pequeno manuscrito, com as seguintes palavras: “O tecido e o açúcar, se cortados com esta faca, jamais se acabarão. Cortai muitas tiras do tecido e muitos pedaços do açúcar e distribuí-os entre o povo. Todos os que experimentarem desse açúcar e tocarem este tecido serão salvos dos estados inferiores da existência. Esses foram o alimento e as vestes de Milarepa quando estava no *Samādhi*, e foram abençoados por todos os Buddhas e Santos anteriores. Todo ser senciente que ouvir o nome de Milarepa, mesmo que por uma única vez, não renascerá num estado inferior de existência durante sete existências, e por sete existências recordarão as vidas passadas. Tais coisas foram profetizadas pelos Santos e Buddhas do passado. Todo aquele que disser que Milarepa possuía ouro guardado, que sua boca se encha de impurezas.”

Esta última passagem provocou alegria em todos os discípulos, a despeito da tristeza que sentiam. Na base do manuscrito, eles leram os seguintes versos:

“O alimento que eu, o *Yogī*, como,
Enquanto permaneço no *Samādhi*,
Possui uma dádiva de dupla virtude;
E aqueles que têm a sorte de prová-lo
Fecham firmemente a porta do renascimento no *Preta-Loka*.

“Uma tira deste tecido de algodão branco,⁹²
Vestida sobre o corpo ou sobre o pescoço,
Enquanto se medita sobre o Ardor Vital,
Fechará as portas dos Infernos de calor e de frio.

92. O traje de algodão branco, com que se vestem os *yogīs* Kargyütpas, simboliza o Intelecto Espiritual.

“E os que comem desta comida de graça
Estão salvos dos Três Mundos Inferiores.

“Os que estabeleceram vínculos religiosos comigo
Não renascerão nos estados inferiores,
E ganharão, passo a passo, o objetivo no Caminho do *Bodhi*.

“Aqueles que apenas ouviram o meu nome,
E que por isso se voltaram para a fé,
Durante sete existências recordarão seus nomes e castas anteriores.

“Para mim, Milarepa, o Enérgico,
O universo se transmutou em ouro;
Nenhuma necessidade tenho de guardar ouro em pacotes ou bolsas.

“Ordeno a meus filhos espirituais e a meus seguidores que sigam
meus preceitos;
E assim obterão os mesmos resultados,
Favorecidos por seus bens e objetivos.”

Por essa razão, cortaram o açúcar em inúmeros pedaços, e cada pedaço era tão grande quanto o pedaço original; no entanto, este não diminuía. Assim também, o tecido foi cortado em muitos pedaços e [juntamente com o açúcar] distribuído a todas as pessoas lá reunidas. E os que sofriam de doenças e de outras misérias foram curados pela ingestão do pedaço de açúcar e pelo uso da peça de tecido como talismã. Os de má disposição, ou escravizados às más paixões, foram convertidos em seguidores fiéis, fervorosos, inteligentes e compassivos; de modo que escaparam de cair nos estados inferiores da existência. E o açúcar e o tecido duraram uma existência para cada um dos receptores, sem chegar ao fim.

No dia da cerimônia fúnebre, uma chuva de flores, de cores variadas, algumas com quatro ou cinco cores, caiu em grande profusão. Muitas flores desceram quase até o alcance das mãos, e daí subiram e desapareceram. As que caíram no chão eram extremamente belas, mas se macularam quando tocadas por mãos humanas. Algumas flores de três cores, e outras, de duas, eram tão finas e tão delicadas quanto as asas de uma abelha. No Vale de Chūbar, as flores celestiais encheram o solo até a altura do tornozelo, e em outros lugares foram suficientes o bastante para dar uma nova coloração à terra. Então, assim que as cerimônias fúnebres terminaram, os vários fenômenos cessaram e as cores irisadas nos céus gradualmente se dissiparam.

Em todos os aniversários do funeral, o céu se mostrou gloriosamente claro e houve arco-íris e chuvas de flores, e um perfume celeste encheu o ar, e melodias celestes soaram por toda parte, como no dia da morte de Jetsün.

Os maravilhosos benefícios que daí decorreram fluíram por sobre toda a Terra e são numerosos demais para serem descritos em detalhe. Assim, por exemplo, as flores desabrocharam mesmo no inverno; o mundo desfrutou de abundantes colheitas; e nenhuma guerra ou epidemia devastou a Terra.

Quando o Grande Senhor dos *yogīs* passou para os Reinos mais Puros,

aqueles que são mencionados no Apêndice ficaram para comprovar esta história escrita de sua vida.

Por mercê de sua poderosa graça e de seus bons desejos, ele deixou santamente atrás de si discípulos tão numerosos quanto as estrelas no céu. O número dos que jamais retornaram à existência *sangsárica*⁹³ foi igual ao dos grãos de areia sobre a Terra. Foi incontável o número de homens e mulheres que entraram no caminho do *Arhant*.⁹⁴

Assim, a Fé budista tornou-se tão brilhante quanto o Sol, e todos os seres sencientes foram salvos da dor, tornando-se felizes para todo o sempre.

Este é o Décimo Segundo [e último] Capítulo da Biografia de Jetsün.

93. Ou “aqueles que foram não-retornantes” (ou *anāgāmis*).

94. O primeiro passo no Caminho ao Estado de *Arhant* chama-se, em sânscrito, *Srotāpatti*, ou “O que Penetra na Corrente”; aquele que assume esse passo chama-se *Sotāpanno*, ou “Aquele que Penetrou na Corrente” (ou “Caminho”).

APÊNDICE

Concernente aos discípulos de Jetsün

Dentre os *śiṣhyas* [ou discípulos], colocados sob a tutela das *Ḍākinīs*, por meio de sonhos, ao tempo em que Jetsün encontrou Shiwa-Wöd-Repa, o discípulo que, como o Sol, brilhou sobre todos os outros foi o Incomparável Dvagpo-Rinpoch'e;¹ e o discípulo destinado a ser o de menor glória, como a Lua, foi Rechung-Dorje-Tagpa, de Gungthang; e os de iguais constelações foram Ngan-Dzong-Tönpa-Byang-Chub-Gyalpo, de Chim-Lung (também conhecido como Ngan-Dzong-Tönpa); Shiwa-Wöd-Repa, de Gyal-Tom-mad; Seban-Repa, de Do-ta; Khyira-Repa de Nyi-shang; Bri-Gom-Repa, de Müs; e Sangyay-Kyap-Repa de Ragma. Esses foram os oito discípulos principais.² Seguem-se os treze discípulos menores:³ Shan-Gom, San-Gom, Me-Gom, Tsa-Phu, Khar-Chüng, Rong-Chüng e Stag-Gom-Repa-Dorje-Wangchuk; e [também] aqueles que eram *Repas*:⁴ Jo-Gom-Repa-Dharma-Wangchuk, Dampa-Gya-Phüpa, Likor-Charüwa, Lotön-Gedün, Kyo-Tön-Shākya-Guna, e Dretön-Trashibar.

Desses [vinte e um discípulos], Dvagpo-Rinpoch'e e os cinco últimos discípulos menores eram *yogīs* e *bhikṣhus*.⁵

Dentre as discípulas, havia Cho-nga Rechungma; Sale-Wöd, de Nyanam; Paldar-Büm, de Chüng; e Peta-Gön-Kyit, a própria irmã de Jetsün.⁶

Contam-se também vinte e cinco *yogīs* e *yoginīs* que fizeram considerável progresso no Caminho.

Há também uma centena de *anāgāmis*, incluindo Dziwo-Repa (o Discípulo

1. Outra forma deste nome é Dvagpo-Lharje também conhecido como Je-Gampo-pa. (Ver p. 6.)

2. Literalmente, “filhos do coração”.

3. Literalmente, “filhos aparentados”.

4. Isto é, estavam tão acostumados ao frio, que trajavam apenas um fino manto de algodão. (Ver p. 33, n. 4.)

5. Isto é, receberam totalmente a ordenação sacerdotal.

6. Uma das grandes glórias do Budismo consiste no fato de que os Padres e Santos da Igreja budista sempre estenderam à mulher o consolo da igualdade religiosa com o homem. No início, o Buddha hesitou em permitir que as mulheres entrassem no *Śaṅgha*, não porque as considerava moralmente inferiores aos homens, mas porque temia o perigo universal do sexo entre os seres humanos. Depois, contudo, talvez um tanto relutantemente, permitiu o estabelecimento da Ordem de Freiras Budistas (*Bhikṣuṇī-Śaṅgha*); e, como sugerem os *Hinos das Irmãs*, a mulher partilhava com o homem a glória de manter e propagar os Ensinamentos do Iluminado.

Vaqueiro), que compreendeu a Verdade; e cento e oito Grandes, que conseguiram excelente experiência e conhecimento por meio da meditação.

Além disso, contam-se também mil *sādhus* e *sādhunīs* e *yogīs* e *yoginīs* que, renunciando à vida mundana, viveram exemplares vidas de piedade.

Além desses, há inúmeros discípulos leigos de ambos os sexos, que, tendo ouvido Jetsün, estabeleceram um relacionamento religioso com ele e, assim, fecharam para sempre a porta do caminho para os estados inferiores da existência.

Isto quanto aos discípulos humanos.

Dentre os discípulos não-humanos, de ordens superiores e de ordens inferiores à humanidade, houve Cinco Deusas [ou Fadas] Irmãs, conhecidas como as Cinco Irmãs de Durgā, e a Ogra da Rocha de Lingwa. São incontáveis os seres espirituais que se dedicaram à proteção da Fé budista.⁷

Todos os discípulos humanos que acompanharam as cerimônias fúnebres de seu Senhor Jetsün retiraram-se imediatamente, cada qual para a sua caverna ou retiro particular, e passaram a vida em meditação e devoção, conforme Jetsün havia ordenado.

Rechung dedicou-se a entregar os artigos [ou relíquias que Jetsün havia legado em seu leito de morte] a Dvagpo-Rinpoch'e [o maior de todos os discípulos]; e, quando estava a caminho da Província de Ü, encontrou Dvagpo-Rinpoch'e em Yarlung-Phushar. Este, embora falecido, havia se lembrado da ordem de Jetsün; e aí Rechung lhe entregou o chapéu e o bastão *Agaru* de Maitrī, e lhe narrou todas as últimas notícias, em face das quais Gampopa, ou Dvagpo-Rinpoch'e, desmaiou por alguns instantes.

Ao voltar a si, Gampopa dirigiu ardentes preces ao *Guru* [Jetsün]; e estas foram registradas na própria história biográfica [de Jetsün] escrita por Gampopa.⁸ Ele então convidou Rechung à sua morada, e dele recebeu o completo *Karṇa Tantra*⁹ de Dēmchog.

Quando Rechung transmitiu a Gampopa essa parte das relíquias que Gampopa havia herdado, e lhe comunicou todos os ensinamentos religiosos que era necessário comunicar, pôs-se a caminho, e dirigiu-se ao Mosteiro de Loro-Döl, onde tomou assento em profunda meditação para o resto da vida. E Rechung foi trasladado fisicamente ao Reino Divino [tendo o seu corpo físico se tornado etéreo, não deixou ele nenhum cadáver sobre a Terra].

Da mesma forma, Shiwa-Wöd-Repa, Khyira-Repa e as quatro discípulas irmãs, e Paldar-Büm, e Sale-Wöd transmutaram seus corpos físicos em corpos etéreos, e adentraram os Reinos Superiores.

Os outros discípulos morreram de maneira normal, deixando seus corpos em benefício do mundo e das criaturas sencientes.

7. Literalmente, “o Lado Branco”, em oposição ao Lado Negro (ou Magia Negra) das religiões não-emancipadoras.

8. Nossa versão é que se trata de Rechung, o segundo dentre os discípulos.

9. Isto é, os ensinamentos esotéricos, que são sempre transmitidos oralmente, chamados de “Verdades Murmuradas ao Ouvido”. Proíbe-se aos *Gurus*, os guardiães dessas doutrinas secretas, que as ponham por escrito, para que os não-iniciados e os indignos não tenham acesso a elas.

Realizou, portanto, o piedoso Jetsün-Milarepa três ações mundanas e nove ações de devoção religiosa, perfazendo o total de doze ações, cada qual repleta de extraordinários acontecimentos. E com a última ação ocorreu o maior de todos os grandes sucessos que pode caber a um homem mortal, a saber, a obtenção, numa única existência, do Corpo Quádruplo e da Sabedoria Quíntupla do Onisciente e Onipresente Portador do Cetro do Poder Espiritual (*Vajra-Dhara*); e, com ele, o poder de atravessar todos os Santos Reinos de Buddha, e desenvolver, assim salvo, todos os seres sencientes, que são incontáveis e que habitam mundos tão infinitos quanto o espaço celeste.¹⁰

Assim termina a história do Grande *Yogī* de nome Mila-Zhadpa-Dorje, o Guia da Libertação e da Onisciência, o Propiciador da Beatitude do *Nirvāṇa* a todos os seres *sangsáricos*, para todo o sempre, no banquete beatífico da dádiva das bênçãos eternamente crescentes.

10. A concepção de uma pluralidade de mundos habitados tem sido sustentada por povos orientais há milhares de anos; no entanto, mesmo quando essa passagem foi escrita — há pouco mais de oito séculos —, a teoria de que a Terra é o centro do universo e o único mundo, ou pelo menos o único mundo habitado, ainda era sustentada pelos doutos da Europa, assim como pela Igreja Cristã.

COLOFÃO

O brilho benéfico da Jóia da História,
Desse Senhor entre os homens, Jetsün-Mila,
Fez brilhar como o Sol a fé de Buddha,
E preencheu as esperanças e expectativas de todos os seres sencientes.
Possa ela então ser a melhor das oferendas em veneração a todos os Buddhas
e Santos.

Esta *História*, ou *Biografia*, foi embelezada, do início ao fim, com rica
linguagem;
Possa ela então ser uma festa de prazer para todos os estudiosos e amantes
da literatura.

Suas palavras arrepiam todos os pêlos do corpo, em fé e humildade;
Possa ela então ser uma festa de prazer para todos os devotos sinceramente
ligados à religião.

A simples audição desta *História* move à fé, a despeito de cada um;
Possa ela então ser uma festa de prazer para todos os que têm um alto destino
e são dotados de bom *Karma*.

O simples pensar nesta *História* desliga-nos do apego ao mundo;
Possa ela então ser uma festa de prazer para todos os que lutam por obter
a onisciência numa única vida.

Pelo simples tocar nesta *História* o duplo objetivo¹ é alcançado;
Possa ela então ser uma festa de prazer para os que preservam a fé e servem
aos outros.

Através do estudo e da prática desta *História* a dinastia dos *Gurus* será plena-
mente satisfeita;
Possa ela então ser uma festa de prazer para os que preservam a glória da
Dinastia dos *Gurus* vivendo de acordo com seus mandamentos.

1. Isto é, os objetivos pessoais e os objetivos dos outros que buscam a libertação da existência *sangsárica*, ou da interminável roda da morte e do nascimento nos mundos de sofrimento.

Em virtude da graça desta *História*, toda criatura senciente encontra alívio para toda dor;
Possa ela então ser uma festa de prazer para todas as criaturas sencientes dos Três Planos [ou do universo].

[Assinado e datado]: Durṭöd-ñyul-vai-naljor-rüpahi-gyenchan [ou 'O *Yogī* que usa ornamentos de ossos e que frequenta cemitérios'].²

No ano de Phurbu, mês do meio do outono, no oitavo dia, na Sagrada Peregrinação a Lapchi-Kang.³

2. Este título refere-se ao devoto (ou *yogī*) que renunciou ao mundo. A frequência aos cemitérios é uma parte das práticas *yóguicas*, e visa a inculcar no devoto a natureza transitória da existência *sangsárica*. Os ornamentos também, por serem feitos de ossos de seres humanos, servem ao mesmo fim, além de serem simbólicos; cf. p. XXII. O nome real do autor é o do segundo dos discípulos de Jetsün, a saber, Rechung-Dorje-Tagpa.

3. Devido a esse topônimo, parece que a *História* foi escrita ou completada quando Rechung estava em peregrinação a Lapchi-Kang (o Monte Everest), lugar santificado pela meditação de Jetsün, ou então quando Rechung fixou aí o seu eremitério.

ÍNDICE ANALÍTICO

- Akṣhobhya, 29n, 31n, 34n, 35-6, 203
 Alma, hipótese da, 30n
 Alucinação, 103n: *ver* Ilusão
 Amitābha, 29n, 34n, 108n, 208n
 Amogha-Siddhi, 30n, 34n
Anāgāmi [s], 187n, 230n, 231
Anthropos, 8
 Ares (sânsr. *Vāyu*), 145, 161, 203
Arhant, 16n-8, 82, 188n
 estado de, 16, 16n
 Arte Negra, 32, 38, 49ss, 64, 81
Āsana [s], 150n
 Ascetismo, 84n
 Astrologia, XXIIn, 60n, 166
Asura [s], 31n
 Atīsha, 6
 Augúrios, 99, 108, 109, 187, 193, 221
 Aura, XXI, 206n
 Avalokiteshvara, 30n, 108n
Avatāra [s], 38n, 104, 111, 124n, 174:
 ver Encarnação.

 Bandeira da Vitória, XXIV, 27n, 66-7, 195
Bar-do (estado intermediário), 107n, 112n,
 115, 215n
 Batismo, cerimônia de, 42, 46
Bhagavad-Gītā, 38n, 84n, 204n
Bhikṣhu [s], 16n, 231
Bhikṣhunī, 231n
 Bodhisattva [s], 28n, 31, 36, 96, 173
 corpos de, 30n, 124n
 deveres de, 29n, 142n, 147n
 olhos de, 188n, 213n
 renúncia de, 197n
 voto de, 14n, 96, 186
 “Bonés Amarelos”, 3, 4n: *ver* Ge-Lug-pas
 “Bonés Vermelhos”, 4, 10: *ver* Ning-ma-pa
 Brahmā, 25, 112n, 160n
 qualidades de, 147n
Brahma-daṇḍa, 27n, 158n

Brahma-randhra, 115n
Brahmavidyā, 119n
 Brâmanes e “Não matarás”, 86n
 Buda, 2, 8, 28n, 31n, 36-7, 73n, 87, 107n,
 110n, 121
 Ādi, XX, XXIV, 6, 8, 31n, 36n, 104n
 céus de, 31, 36n, 104n, 233
 consciência *nirvânica* de, 213n
 corpo de, 30n
 dinastia de, 16
 doença e morte de, 194, 206n
 doze feitos de, 37n, 146n
 entronização de, 219n
 estado de, 4n
 halo de, 219n
 pira funerária de, 208n
 postura de, XX
 promessas de, 96
 Samādhi de, 130n
 séries de, 219
 signo de, 173
 uṣṇiṣṣa de, XXIV
 Budado (ou estado de Buda), XXn, XXIIn,
 XXIV, 29n, 30n, 38n, 112n, 125n,
 139n, 142, 144, 146, 149, 152, 157n,
 173-74, 190, 204, 205, 220, 228
 Budismo e Cristianismo, 30n
 cosmologia de, 158n, 233n
 embriaguez e, 49n, 142n
 escolas tibetanas, 3-5
 esotérico, 31n, 33n: *ver* Ensinaamentos
 esotéricos
 evolução e, 152n
 gnosticismo e, 8-9
 milagres e, 159n
 mulher e, 152n, 231n

 Calor, vital (ou Ardor), 33n, 97n, 106n,
 114n, 115, 127n, 140, 145, 223, 228

- Caminho, 2-3, 15, 25n, 28, 30n, 63, 92n,
102-04, 120, 127, 141, 144-45, 150,
155n, 156, 190, 191, 193, 205, 218, 231
Bodhi, da, 14n, 28n, 103, 229
da esquerda e da direita, 50n, 64n
emancipação, da, 65, 175, 178, 180,
193n
Estado de *Arhant*, ao, 16-8, 230n
iluminação, da, 4n
Mahāyāna, da, 139
mantra, do, 30n, 173
obstáculos no, 193, 155, 191n, 193,
194
óctuplo, 17, 25n, 101n, 102n, 221n
secreto, 205
Vajra, 5, 27-8, 33n, 91n, 102, 104,
179n, 219n
vida no, 62
- Centros, psíquicos, 27n, 29n, 96n, 125n,
126n, 155n, 158n, 160n
- Cerimônias fúnebres, 154n
- Céu
Akanishṭha, 36n
Amarāvātī, 36n
de Ngön-gah, 36n, 191n, 203, 227
Og-min, 36n, 104n
Tushita, 188
- Chaitya*, 210, 217, 219ss: *ver Ch'orten*,
Stūpa e Relicário
simbolismo de, 226
- Chenrazee, 30n: *ver Avalokiteshvara*
- Chhang*, 46n, 83, 90
- China e Tibete, 1, 5
- Ch'orten*, 200: *ver Chaitya, Stūpa* e
Relicário
- Ciências ocultas, XXIV, 4, 10, 26n, 28n,
30n, 54n, 63, 69n, 76n, 97n, 109n,
119-21
- Cinco perfeições, 31n
- Cinco sabedorias divinas, 29n, 31n, 193,
213
- Cinco venenos, 146n, 193, 194, 205, 213
- Clarividência, 96n, 114, 185, 210, 212
- Confúcio, 22
- Conhecimento (sânsr. *Jñāna*), 6
- Cosmologia, 158n, 233n
- Cristianismo, animismo no, 30n
ascetismo do, 9
concílio da Igreja e, 9
cosmologia e, 233n
credos e anátemas do, 9
danação e, 112n
enterro e, 154n
estimulantes e, 142n
Lamaísmo e, 72n
- símbolo do peixe e, XXIn
- Yoga* e, 87n
- Cristo (*Christos*), XXIn, 2, 8-9, 38n, 107n
- Cronologia tibetana, 42n, 182n
- Ḍākinī* [s], 3, 26n, 37n, 59, 90, 97, 103n,
106-07, 121, 123-24, 126, 144, 179-80,
192, 206, 208ss, 217ss, 231
hinos das, 209, 216, 219
- Dēmchog, 96n, 121, 216-17, 220, 227
Maṇḍala, 75, 96n, 97n
Tantra, 76n, 96n, 97n, 232
- Demônio, XXIn, 39-40, 143, 171, 178, 180,
193, 198, 205, 226
- Deus, 30n
santos e, 13
- Deuses, 31n, 187-89, 206: *ver Deva*
existência de, 103n
Gahdan, 163
guardiões, 183
Himalaia, do, 13-4
- Deva* [s], 31n, 90, 103n, 124, 192, 206ss:
ver Deuses
hino de, 207
- Dhammapada*, 22
- Dharma*, XXII, 31, 34, 39, 64-5, 71, 73n,
139, 158, 173, 187, 192, 195, 196, 210
- Dharma-Dhātu*, 29n, 214n, 217, 222n
- Dharma-Kāya*, XXI, 29n, 30n, 100, 123,
155, 155n, 183n, 184, 187, 189, 193,
206n, 207, 215n, 217-18, 222n, 225
simbolismo do, 220, 222n, 226
- Dharma-pala* [s], 126n, 220
- Dharma-Rāja*, 61n
- Dhyāna*: *ver Meditação*
- Dhyānī Buddhas, XX, XXI, XXIII, XXIV,
29n, 31n, 34n, 115
- Dī-Kung-pa, 10
- Divindades *kārmicas*, 55
- Divindades tântricas, 220, 227
ensinamentos, XXIn, 7n, 215n
místicos, 73
preceitos, 6n, 160n
ritos, 194
verdades, 194
yogīs, 130n
- Dorje*, 66: *ver Vajra*
simbolismo do, XX, 33
- Dorje-Chang, XX, XXIII, 6, 7, 31n, 101,
104, 110, 123, 133, 145, 157, 173: *ver*
Vajra-Dhara
- Dorje-Pa-mo, 79n, 216-17, 227
- Doze *Nidānas*, 12, 16n, 101n
- Druidas, 5
- Dug-pa, 10
- Durgā(Kālī), 37n, 126n, 175n, 232

Ego, doutrina do, 26n, 28, 30n, 103, 150, 183, 214n
 Elementais, 29, 163n, 226
 Elementos, 192
 simbolismo dos, XXI, 98, 154n, 155n, 200
 Elixir, 66, 98, 208
 Encarnação, XXI, 38n, 59, 124n, 173, 179, 226: *ver Avatāra*
 Ensinaamentos *Drong-jug*, 106, 107, 107n
 Ensinaamentos esotéricos, XX, XXI, 76n, 91
 128, 146n, 158n, 178n, 196n
 transmissão dos, 6, 8, 26n, 91, 119n, 196n, 232n
 Eremita, 12-5, 16, 133, 135, 144, 148, 164
 bengali, 13
 cristão, 9, 14
 do Himalaia, 7, 16
 gnóstico, 9
 Guru, 14
 Kargyūtpa, 7, 97n
 tibetano, 16
 Eremitério, 7, 175ss, 184, 195, 236n
 Escolasticismo, 1
 Espírito [s] (tib. *Bhūta*), 39, 90, 134, 147-49, 151, 180, 192, 198, 221
 Everest, Monte, 7, 37n, 159n, 164, 165n, 236
 Exorcismo, XXIn, 39, 40n, 41, 193, 198
 de tempestade, 41n, 86n
 Êxtase (iluminação), 26, 26n, 29n, 103, 107n, 115n, 130n, 155, 156n, 189, 225: *ver Samādhi*

 Fadas, 26n, 34, 178, 232
 Fantasma (sânsr. *Preta*), 31n, 129, 143, 173
 Feitiçaria: *ver Arte Negra*
 Feiticeiro, 5, 64-6, 73, 77, 140, 141: *ver Arte Negra*
 Filósofos árabes, 1
 Fita, apresentação de, 54n, 59, 84, 89

 Gampopa, XXII, XXIII, 6-7, 231n, 232
 Gaṇapati, 177
 Gaypa-Dorje, 80, 87, 114, 121, 126, 216-17, 227
 Ge-lug-pas, 3, 6
 Gnosticismo, 8-9
 Godavari, 121
 Graça, ondas de, XXIII, 7-8, 72n, 101, 188, 207n
 gancho de, 213n
 Grande Perfeição, doutrina da, 3, 65, 133

Grande Símbolo (sânsr. *Mahā-Mudrā*), 3, 7, 106, 145, 197n
Gur-Bum, XV, 13, 181
Guru [s], XX-XXIII, 34, 49n, 50n, 53n, 63-4n, 66, 70, 72n, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 87-8, 90, 94, 96n, 97, 99ss, 102, 107, 109n, 116, 119, 120n, 126, 128n, 133, 142, 157n, 160n, 165, 172, 174, 179, 182, 191n, 193, 204, 218, 222, 225
 culto do, 37-8, 203, 211
 divino, XX, 6
 hindu e tibetano, 6
 Kargyūtpa, XX-XXIII
 linear, 6-7n, 26n, 27n, 196, 235
 manifestação de, 36
 Norbu, 14
 oração ao, 218-19
 ordem de lótus, XXI, XXII
 ordem *Vajra*, XXII
 serviço de, 225
 shishya e, 50n, 221, 222
 simbolismo do, 217, 220
 supremo, XXIV

Heruka, XXn, XXI
Hinayāna, 102
 Hino (ou canção)
 anseio pelo lar, de, 118
 aparentemente coisas semelhantes, sobre, 224
 auto-recriminação, de, 145
 bons votos, final de, 190
 coisas úteis, sobre, 195
 confortos yóguicos, sobre, 150
 Dākinīs, das, 209, 216, 219
 Damema, de, 126
 Deva, de, 206
 discípulos, de, 218, 222
 doença dos *yogīs*, sobre, 197
 donzelas, para as, 162-63
 Geshé, para o, 183
 Guru, para o, 10, 104, 117, 123
 ilusório, 133
 impermanência, sobre, 160
 interdependência, sobre, 156
 Irmãs, das, 231n
 Marpa, de, 111, 120, 123
 Milarepa, de, XV
 mundanidade, sobre, 166
 perdão, de, 201
 pesaroso, 136
 preceitos finais, sobre, 214
 preceitos yóguicos, sobre, 204
 raças dos *yogīs*, sobre, 160
 Rechung, de, 212

- resolução firme, de, 131
 sabedoria yóguica, sobre, 142
 satisfações yóguicas, sobre, 153
 deuses, sobre ver os, 188
 sonho profético, sobre, 110
 roupa e açúcar, sobre, 228-29
 tia, para a, 170
 Tranqüilo, O, 22
 vergonha, de, 168
 vida no caminho, sobre, 62
 visita de Peta, sobre, 151
 votos yóguicos, sobre, 144
 zelo yóguico, sobre, 140
- Iluminação, XXn, 6, 28n, 30n, 38n, 112n, 115n, 122, 133n, 139, 144n, 147n: *ver*
 Budado
 estágios da, 4n
 qualidade de Cristo na, 9
 símbolos da, XXIV
 Ilusão, 26, 103n, 140, 198, 208n
 dualidade como, 28n
 ego e, 28
 Índia, XXI, XXIn, 68, 71, 76, 89, 106-07, 119, 178, 179
 civilização da, 1, 2
 cultura da, 2
 Indra, 25, 36n, 159n
 Iniciação, 7-9, 16n, 66, 75-7, 80, 85, 87, 89, 91, 94ss, 96n, 102, 104, 112, 116, 119, 157, 173, 178, 180, 187, 196, 204
 Invocação, 39, 70, 96n
 Islão, cultura do, 2
- Jainistas e “Não matarás”, 86n
Jetsün-Kahbum, 2, 2n, 18-21
 divisões de, 32
 lugar na literatura, 20-1
 texto e tradução de, 18-20
 virtudes de, 235-36
 Juramento, 40, 72, 140
- Kah-dam-pas, 3, 6
Kah-gyur, 76n
 Kailāsa, Monte, 13, 37n, 121, 175n, 178n
 Kali-Yuga, 13, 162
 Kargyütpa, XX, XXII, XXIII, 2, 4, 10, 26n, 27n, 36n, 76n, 86n, 97n, 98, 106n, 109, 111, 114, 116, 119, 126, 133, 138, 188
 comunidades, 8
 eremitas, 12
 percepção mística, 8
 seitas dissidentes, 9-10
 sucessão apostólica, 5-7
- Karma*, XIX, 12, 26, 38, 55, 133, 142, 180, 185, 186, 208n
 absolvição de, 186n, 187, 188, 193, 201
 bom, 66, 156n, 190
 conexões de, 226
 espelho de, XXII
 Lei do, 141, 169, 172-74, 187
 mau, 49n, 64, 77, 162, 186n, 187, 188, 193, 201, 215
 Karma-pa, 10-1
 Kṛishṇa, 21, 38
Kuṇḍalinī: *ver* *Yoga Kuṇḍalinī*
 Kusulipas, 6
- Lalita-Vistara*, 121
 Lāma, Bari-Lotsawa, 164, 165, 168
 Dalai, 3, 108n, 154n
 Dawa-Samdup, XIII, 18, 22
 Tashi, 108n, 154
 Tsaphuwa, 182ss
 Urgya, de, 11n
 Lang-Dar-ma, 11n
 Levitação, 28
 Libertação, 65, 68-9, 71-2: *ver*
 Budado
Loka[s], 31n, 66, 153n, 157n, 195, 196, 214-15, 228
 os três, miseráveis, 173n, 229
 Lokeshvara, 227
 Lugares sagrados, 29n, 96-7
- Mādhyamika, 3, 4n
 Magia, XXI, 5, 10, 40, 49, 50n, 51-2, 53n, 69n, 71, 75, 129, 138, 140, 198: *ver*
 Arte Negra
Mahā-Mudrā: *ver* Grande Símbolo
Mahā-Puruṣa, 179
 Mahāyāna, 102, 139
 filosofia, 2
 Maitrī, 86n, 116, 203, 232
 Maldição, 56, 61, 71, 129, 147
Maṇḍala, XXIV, 76, 80, 87, 91, 96n, 119, 206, 208n, 210
Mantra, 8, 30n, 96n, 97n, 121, 208n, 217, 228
 ciência do, XXIn, 30n
Mārā, XXIV, 107n, 118, 145, 180, 221, 226
 Marpa, XXII, 2, 6, 9-10, 36, 38, 66-8, 84n, 87-8, 90ss
 dávivas finais de, 115
 Gurus de, 6
 hinos de, 111, 120, 123
 interpretação de sonhos por, 111
 Naropa e, 108
 transmissão esotérica de, 119

Mātrikā[s], 221n, 226
 Maung Tun Kyaing, 108n,
Māyā, XXIn, 12, 26n, 29n, 107n
 Meditação (sânsr. *Dhyāna*), 1n, 6, 34, 66,
 79n, 87, 87n, 89, 97n, 99, 102-06n,
 112n, 113n, 114-16, 120, 121-22, 128n,
 130, 133, 135, 136ss, 173-74, 175n,
 191n, 194, 196, 203, 232: *ver Sādhanā*
 e *Samādhi*
 Buddhas de, XX: *ver* Dhiānī Buddhas
 cemitérios, em, 38n, 130n, 236n
 corpo, sobre o, 208
 correta, 221, 225
 estágios de, 26n
 faixas de, XXII, XXIII, 150n
Guru, sobre o, 128n, 183: *ver Guru*
 Mente, primordial, 28n, 29n, 100
Bodhi, 152
 ciência de, XII, 28, 29n, 30n, 38n, 103n,
 104n, 107n, 145, 155n, 184n, 187,
 207, 214, 218, 219n, 225n
 Meru, Monte, 158n
 Milarepa, ações de, 233
 ânsia pelo lar de, 118
 Arte Negra e, 2, 38, 49-62, 129, 132
 batismo de, 42
 caçadores e, 147-49
 cavernas de, 175-77
 Clã de, 38-9
 confortos yóguicos de, 150
 conhecimento espiritual de, 101-06, 156,
 183
 conselhos finais de, 195, 203
 conversão de, 2-3, 64
 cremação de, 207-08, 215
 desânimo de, 92
 despedida de Marpa, e, 122, 127
 discípulos de, 33, 98, 175ss, 186-87,
 190, 230-32
 discurso sobre a ação correta, 204; sobre
 a doença, 192-93, 198; sobre o
Karma, 172, 173-74; sobre a leitura
 de livros, 182-84; sobre a morte,
 193; sobre a vergonha, 165, 168-69
 educação de, 47, 49n, 52, 79
 encarnação de, 173-74
 ensinamento *Drong-jug* e, 107
 envenenamento de, 185
 eremitérios de, 7, 175ss, 192
 escritos de, 180
 estado de *Arhant* de, 16
 fama de, XV, 179
 fraude de, 88
Geshé e, 182ss
Gurus de, 52, 54, 62, 66ss, 84, 160
 herói da humanidade, como, 21-2

hinos de: *ver* Hino
 ideal social de, 2
 iniciação de, 65-6, 87, 95-7, 114-15,
 119-21
 linhagem de, 38-42
 Marpa e, 66-9, 70ss
 meditação de, 99ss, 128, 130ss
 mensagem da mãe para, 57-9
 morte de, 206
 morte do pai de, 43-5
 mundanidade e, 166-67
 nascimento de, 42
 Ngogdun e, 84ss
 nomes de, 32, 33n, 38n, 40, 42-3, 71,
 96, 97, 111n, 150, 163, 195, 211,
 229, 233, 235
 nudez de, 165, 168
 orientação de *Gurus*, 99ss
 patrimônio, perda de, e, 45-7
 Peta e, 150-56, 164ss
 poderes ocultos de, XXIV, 26-31, 121,
 145, 155-56, 157-59, 185-86, 198, 229,
 232
 preceitos de, 21, 204-05, 214-15, 225-27
 privação de, 45-8, 53, 162, 164
 provação e penitência de, 70-93
 raça yóguica de, 160
 reformas de, 10, 84n
 relíquias de, 217ss
 renúncia de, 130ss
 ressurreição de, 213
 ritos tântricos sobre, 194ss
 satisfações yóguicas de, 153
 Sócrates da Ásia, como, 21
 sonho de Rechung com, 34-6
 sonho profético de, 110
 testes de, 71ss.
 tia e, 136ss, 139ss, 169-72
 traduções de, 19n
 transmissão esotérica para, 119, 128
 tratamento médico e, 194
 vacilação de, 83
 viagens de, 177-78
 vingança de, 55-6
 votos de, 144, 168
yogī, como: *ver* *Yogī*, Milarepa, o
Zesay e, 138, 153, 155-56
 Mistérios, 119: *ver* Iniciação
Mudrā, XXIV

Nāgas, 163n, 192
 Naropa, XXI, XXII, 6, 10, 36, 38, 66-7, 68,
 70-1, 74, 78, 79, 83-5, 86, 91-2, 95, 106,
 108n, 108-09, 111, 115, 119-20, 144
 Ņingma[pa], 4, 10, 39, 65, 133

Nepal, 3, 5, 13, 34, 42n, 57n
Nervos, psíquicos, 158n
Nirmāṇa-Kāya, 30n, 124n, 217, 226
Nirvāṇa, XXI, 1, 8, 15, 25, 26n, 27n, 28n,
30n, 31n, 36n, 91, 95, 101n, 104n, 106,
107n, 112n, 124n, 155-56, 182ss, 184n,
186n, 189-90, 192, 195, 213n, 215n, 221

Öd-sal (Luz clara), 106, 114-15, 176, 197,
215

Oito emblemas gloriosos, 27n, 216

Oito objetivos mundanos, 165n, 172, 177,
183

Ordem *Vajra*, XXII

Padma Sambhava, XX, 4, 4n, 6, 10, 11,
173n

Paṇḍitas, 6

Pāramitā, as seis, XXII

Patanjali, 104n

Pedra, lançamento de tempestade de, 51,
58-60, 66, 71, 77, 85-6, 129

Peixe dourado, XXI, 27n

Peregrinação, 7, 29n, 57, 121, 178n

Personalidade

quádrupla, 31n

tríplice, 169n

Pho-wa (Transferência de consciência),
107n, 114-115

Pistis Sophia, 8, 8n

Plêiades (tib. Mindook), 58

Pöd, 50n

Poderes ocultos, XXI, 26-31, 37n, 39, 49ss,
121, 144n, 157-59, 179-80

Prajñā-Pāramitā, 1, 8, 82, 88n

Preta[s]: ver Fantasma

Preta-Loka, 228

Provérbio, 39, 45-6, 55, 77, 172, 185, 186

Ratna-Sambhava, 29n, 34n

Realidade, 26n, 29n, 30n, 101n, 112n, 214,
222

Rechung, 2-3, 6, 21, 25, 33ss, 211, 231-32,
236n

hino de Jetsün para, 214

hino para Jetsün, 212

introdução de, 25

premonição de, 210-11

Reencarnação, 7, 11n, 108n: ver
Renascimento

Refúgios, 73n

Relicário, 67n, 132: ver *Stūpa*

Religião Bön, 5, 180

Relíquia, 115, 194, 207-08, 217ss, 227, 232
de pedra, 228

Renascimento, 5, 9, 13, 14, 29n, 38n, 101n,
107n, 119n, 144, 152, 187n, 228-29

Ressurreição, 108n, 213

Rishis, 13, 16, 159n

Roda da Lei, XXIV, 27n, 31

Sabedoria, flamas da, XXIV

olhos da (sâns. *ūrṇā*), XXIV, 1, 188n

Sādhana, 74, 120n, 125n: ver Meditação

Sādhus e *Sādhunīs*, 232

Sa-kya-pa, 5, 11

Samādhi, XXII, 130, 143, 149, 150, 161n,
189n, 194, 206, 228

Sambhoga-Kāya, XX, 30n, 124, 217, 222,
227

sabedoria, 220

Sam-bhota, 5

Sam-yé, 4

Sang-dü, 126, 216-17, 227

Sangsāra, XXI, 26n, 28n, 29n, 30n, 31n,
101n, 104n, 107n, 142, 156, 183, 189,
215, 217n, 221

Saturnino da Antióquia, 8

Sat-yuga, 206

Sautrāntika, 4n

Seis doutrinas, 106n, 119n

Seitas, lamaístas, 11

Sete insígnias reais, 216n

Shakti, 8, 126n, 158n, 220n

Shamvara: ver Dēmchog

Shangkarāchārya, *Guru* de, 108n

Shinje (sâns. *Dharma-Rāja*), 61n

Shishya (*Chela*: discípulo), 90, 109, 157n,
195, 197

orientação do, 109n, 115-16, 119

teste do, 2, 70n, 77-8, 85, 91, 95, 97-8

Shiva, 175n

Shūnyatā, XX, 29n, 104n, 217n: ver Vazio

Siddha, 4n, 108n

Siddhi, 125n, 144n, 159, 179, 218, 223
lógico, XXI-XXII

Sinais fenomenais, 3, 187-88, 192, 202-03,
206ss, 210-11, 215ss, 220, 226-30

Song-tsen Gam-po, 7

Sonhos, 34-7, 63, 66-7, 95, 97, 106, 106n,
107, 109ss, 117, 119n, 129, 138, 140,
145, 158, 210, 211, 231

símbolo dos, 118-19

Sophia (Sabedoria), 8

Stūpa, 67n, 130n, 132, 194, 196, 206:

ver *Ch'orten*

Sufis, XIII, 9, 14, 18

Sukhāvātī, XXI, XXII

Tak-nyi (Análise dupla), 84n
Ta-lung-pa, 10, 11
Tantra, 97, 115, 158n, 196, 204
 Anuttara, 33n, 219n
 Caryā, 219n
 Ḍākinī Karṇa, 109n, 128n, 178n, 232
 Dēmchog: ver *Dēmchog*
 deusas de, 37n
 Kriyā, 219n
 Kūlārṇava, 92n, 96n
 Nityāṣṭoḍashikārṇava, 119n
 quatro classes de, 219n
 Rāja, 7n, 79n
 Yoga, 33n, 219n
Tārā, deusa, 179, 227
Tāranātha, 11n
Ta-wa (Penetração mística), 7
 Telepatia, XXIII, 29n, 30n, 72
 Tempestade, taxa de, 86
Tertöns, 11n
 Tilopa, XXI, XXII, 6, 10, 36, 38, 119
 Ti-song De-tsen, 4, 5, 11n
 Titãs, 31n
 Tranquilo, O, 22
 Transe, XXII, 213n, 215, 225
 Transmigração, 40
Tri-Kāya, 30n, 124n, 183n, 217n, 220
 Trindade, 102n, 113, 123, 165
 Trombeta, de chifre de carneiro, XXIn
 Tseringma, 175n, 179
Tsha-tsha, 130n, 132, 194-96
 Tsong-khapa, 3, 10, 84n
Tūm-mo: ver Calor vital

 Udumvara, florescimento da, 85n
 Ü e Tsang, 50n, 53, 57, 71, 118, 122, 163
 Universidade de Nālanda, 4
Upaniṣhad, Bṛihadāraṇyaka, 183n

Vaibhāṣhika, 4n
 Vairochana, 29n, 34n
Vajra: ver *Dorje*
Vajra-Dhara, XXIV, 6, 31n, 157n, 179n,
 233: ver *Dorje-Chang*
Vajra-Kāya, 213n
Vajra-Sattva, 29n, 31n
Vajra-Vārāhī: ver *Dorje-Pa-mo*
Vajra-Yoginī, 178n
 Vampiros, 41n
 Vazio (ou Vácuo), XX, 4n, 29n, 30n, 100,
 104, 107n, 124n, 156, 172, 189, 205,
 215n, 217n, 221, 224-25: ver *Shūnyāta*
 Verdade (sānsr. *Dharma*), 28n, 61n, 69,
 112n, 120, 131, 149, 173-74, 187, 190,
 194, 214-15: ver Realidade
 descoberta da, 21

Verdades (Ensinaamentos), 26, 63, 71-2,
 77-9, 86, 90, 95, 97, 100, 120
 científicas, 215n,
 místicas, 74-5, 91, 94, 96, 107, 112-13,
 114, 119, 122, 125n, 163, 173-74,
 214-15, 218
 realização das, 6n, 14, 18, 30n, 79n, 98,
 112, 123, 131, 183, 190, 193, 193n,
 197n, 204
 Visão, cinco tipos de, 188n
 Voto, de Bodhisattva, 14n
 Ge-nyen, de, 96
 Guru, de, 209
 yogī, de, 7, 145-47, 167, 186

Yama-Rāja, 61n
Yoga, 34, 65, 97n, 104n, 106n, 107n, 113n,
 125n, 189n
 Ādi, 3-4n, 219n
 Āsana, em, XXII, XXIV, 150n
 ciência de, 203n
 cuidado do corpo em, 156
 exercícios, XXII, 4n, 145, 155, 160n,
 161n
 Hatha, 97n
 Indra e, 159
 Kuṇḍalinī, 27n, 115n, 126n, 128n,
 155n, 156n, 158n, 220n
 Mantra, XXIn, 97n
 Rāja, 97n
 sonhos de, 119n
 sucesso em, 221
 Tantra, XXII, 33n, 219n
 Yogāchāra, 4n
Yogī, XIII, 7, 28n, 29, 30n, 33, 36n, 67,
 86n, 87n, 96n, 97n, 104n, 106n, 108n,
 116n, 121, 130n, 150, 177n, 190,
 231-33
 alimentação do, 228
 ascetismo do, 14n
 carruagem do, VI
 cemitério-meditação de, 130n, 236n
 conforto do, 150
 credo, 12-5, 184
 Dharma-Bodhi, 179
 deveres de, 14, 197, 222-24
 doença e, 192-94, 197-98
 faixa de meditação do, XXII, 150n
 função do, 14, 161n, 208
 Herukapa, XXn
 hibernação do, 144n
 Himalaia, do, 12-5
 ideal do, 14
 leigo e, 157n
 meditação de: ver Meditação e *Samādhi*

Yogī (cont.)

mentalidade igual a, XXI
meta do, 14
Milarepa, o, XXIII, 12-3, 20, 25, 161-62,
195, 197, 222-24, 233
morte do, 202, 206ss, 229, 232
mundanidade e, 166
nudez e, 165, 168-69
ornamentos do, XXII
pensamentos e, 169n
permanência do, 202

poder do, 29n, 30n, 33n, 37n, 202n,
220, 222-23: *ver Siddhi*
posturas de, XXII, XXIII: *ver Āsana[s]*
questões do, 12
raça de, 160
reino do, 13
Rishis e, 16
satisfações do, 153
Tiphoo, 179
Yoginis, 34, 217, 220n, 226-27, 231-32
Yūm, 8, 114

Leia também

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

Compilação e coordenação

W. Y. Evans-Wentz

O Bardo Thödol, apropriadamente intitulado por seu organizador, W. Y. Evans-Wentz, O livro tibetano dos mortos, pertence a essa categoria de escritos que não interessam apenas aos estudiosos do Budismo Mahayana, mas também e especialmente — pelo fato de possuir um profundo humanismo e uma compreensão ainda mais profunda dos segredos da psique humana — ao leitor comum que procura ampliar seus conhecimentos da vida.

Durante anos, desde que foi publicado pela primeira vez, o Bardo Thödol tem sido meu companheiro constante e a ele devo não apenas muitas idéias e descobertas estimulantes, mas também muitos esclarecimentos fundamentais. Ao contrário do livro egípcio dos mortos, que sempre nos induz a falar demais ou muito pouco, o Bardo Thödol nos oferece uma filosofia inteligível, endereçada a seres humanos, mais do que a deuses ou a selvagens primitivos. Sua filosofia contém a quintessência da crítica psicológica budista; nessa qualidade, podemos realmente dizer que ele é de uma superioridade sem par.

.....

-O livro não é um cerimonial fúnebre, mas um conjunto de instruções para os mortos, um guia através dos cambiantes fenômenos do reino do Bardo, esse estado de existência que continua por 49 dias após a morte até a próxima reencarnação.

.....

O Bardo Thödol é, então, conforme observa igualmente o Dr. Evans-Wentz, um processo de iniciação cujo propósito é o de restaurar na alma a divindade que ela perdeu ao nascer. [...] O livro descreve um caminho de iniciação em sentido inverso, a qual, diferentemente das expectativas escatológicas da Cristandade, prepara a alma para uma descida à existência física.

.....

Esse tratado dos mortos é tão detalhado e tão adaptado às aparentes modificações na condição do morto que qualquer leitor sério ver-se-á propenso a perguntar se esses velhos sábios lamas não teriam, afinal de contas, apreendido algo da quarta dimensão e levantado o véu de um dos maiores segredos da vida.

C. G. Jung
"Comentário Psicológico"

EDITORA PENSAMENTO

O LIVRO EGÍPCIO DOS MORTOS

E. A. Wallis Budge

Livro dos Mortos é o título pelo qual são conhecidos os poemas, fórmulas mágicas, litanias e hinos religiosos transcritos nos rolos de papiro encontrados dentro dos túmulos egípcios ou colocados nos sarcófagos junto dos corpos mumificados.

O costume de colocar junto do morto textos fúnebres de teor religioso é antiqüíssimo. Esses textos representam crenças pertencentes a vários períodos da longa vida da nação egípcia, objetivando beneficiar o morto. Destinavam-se a dar-lhe o poder de gozar a vida eterna, fornecer-lhe tudo o de que precisasse no Outro Mundo, assegurar-lhe a vitória sobre os inimigos, proporcionar-lhe o dom de conciliar as boas-graças de seres amistosos no Além-túmulo, ir aonde quisesse, quando e como quisesse, preservar intactos seus restos mumificados e, finalmente, permitir que sua alma atingisse o reino do divino Osíris, o vencedor da morte, que restitui a vida a homens e mulheres.

O egípcio piedoso, rei ou lavrador, rainha ou escrava, vivia com os ensinamentos do *Livro dos Mortos* diante dos olhos, era sepultado de acordo com suas instruções e baseava toda a sua espiritualidade e felicidade eternas na eficácia de seus hinos, orações e palavras de poder, que condensavam toda a doutrina da religião egípcia acerca de uma vida após a morte.

A presente edição segue fielmente a edição preparada por Sir Ernest Alfred Thompson Wallis, conservador das antiguidades egípcias e assírias do Museu Britânico e um dos mais conhecidos egiptólogos ingleses. Além de uma esclarecedora introdução e das notas explicativas, o texto foi enriquecido com a reprodução de mais de quatrocentas vinhetas tiradas dos melhores papiros.

EDITORA PENSAMENTO

Richard Wilhelm

I CHING

O Livro das Mutações

Prólogo de C. G. Jung

Depois de amplamente divulgada em alemão, inglês, francês, italiano e espanhol, aparece pela primeira vez em português a mais abalizada tradução deste clássico da sabedoria oriental — o *I Ching*, ou *Livro das Mutações* —, segundo a versão realizada e comentada pelo sinólogo alemão Richard Wilhelm.

Tendo como mestre e mentor o venerável sábio Lao Nai Haiüan, que lhe possibilitou o acesso direto aos textos escritos em chinês arcaico, Richard Wilhelm pôde captar o significado vivo do texto original, outorgando à sua versão uma profundidade de perspectiva que nunca poderia provir de um conhecimento puramente acadêmico da filosofia chinesa.

Utilizado como oráculo desde a mais remota antiguidade, o *I Ching*, considerado o mais antigo livro chinês, é também o mais moderno, pela notável influência que vem exercendo, de uns anos para cá, na ciência, na psicologia e na literatura do Ocidente, devido não só ao fato de sua filosofia coincidir, de maneira assombrosa, com as concepções mais atuais do mundo, como também por sua função como instrumento na exploração do inconsciente individual e coletivo.

C. G. Jung, o grande psicólogo e psiquiatra suíço, autor do prefácio da edição inglesa, incluído nesta versão, e um dos principais responsáveis pelo ressurgimento do interesse do mundo ocidental pelo *I Ching*, resume da seguinte forma a atitude com a qual o leitor ocidental deve se aproximar deste *Livro dos Oráculos*:

“O I Ching não oferece provas nem resultados; não faz alarde de si nem é de fácil abordagem. Como se fora uma parte da natureza, espera até que o descubramos. Não oferece nem fatos nem poder, mas, para os amantes do autoconhecimento e da sabedoria — se é que existem —, parece ser o livro indicado. Para alguns, seu espírito parecerá tão claro como o dia; para outros, sombrio como o crepúsculo; para outros ainda, escuro como a noite. Aqueles a quem ele não agrada não têm por que usá-lo, e quem se opuser a ele não é obrigado a achá-lo verdadeiro. Deixem-no ir pelo mundo para benefício dos que forem capazes de discernir sua significação.”

EDITORA PENSAMENTO

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 63-3141

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-3722

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP
Fone 270-3033

CIÊNCIA HINDU-YOGUE
DA RESPIRAÇÃO
Yogue Ramacháraca

QUATORZE LIÇÕES
DE FILOSOFIA YOGUE
Yogue Ramacháraca

A LUZ DA ÁSIA
Edwin Arnold

YOGA SIMPLIFICADA
PARA A MULHER
Dra. Sitadevi Yogendra

YOGA: CIÊNCIA DA VIDA
ESPIRITUAL
Annie Besant

OS MESTRES
Annie Besant

O HOMEM E SEUS CORPOS
Annie Besant

GUIA PARA O CONHECIMENTO
DE SI MESMO
Angela Maria La Sala Batà

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENTO
Rua Dr. Mário Vicente, 374 — Fone: 63-3141
04270 São Paulo, SP

MILAREPA — HISTÓRIA DE UM YOGĪ TIBETANO

W. Y. Evans-Wentz (org.)

No Budismo Tibetano, todos estão de acordo em ter o grande *yogī* Milarepa em alto conceito e estima e em considerá-lo o protótipo de tudo aquilo que um grande santo deveria ser.

Na vida de Milarepa estão exemplificados os ensinamentos de todos os grandes *yogīs* da Índia, incluindo o maior que a História já conheceu — Gautama, o Buda — e são traçados também notáveis paralelos entre seus ensinamentos e aqueles dados por outro grande Mestre da vida no Sermão da Montanha.

Ao traduzir este livro do original tibetano, o Lâma Kazi Dawa-Samdup, *guru* do dr. Evans-Wentz durante muitos anos, concretizou o seu desejo de revelar aos ocidentais um dos maiores mestres do Oriente, numa biografia em grande parte escrita segundo palavras ditadas pelo próprio Milarepa e, em parte, de acordo com a narração de um seu discípulo, Rechung.

O dr. Evans-Wentz — a cuja iniciativa os leitores do Ocidente devem a publicação de obras básicas da religião e filosofia orientais, como *O livro tibetano dos mortos*, *O livro tibetano da grande liberação* e *A ioga tibetana e as doutrinas secretas* — contribuiu grandemente para o enriquecimento deste volume com uma esclarecedora introdução e com valiosas notas explicativas.

EDITORA PENSAMENTO